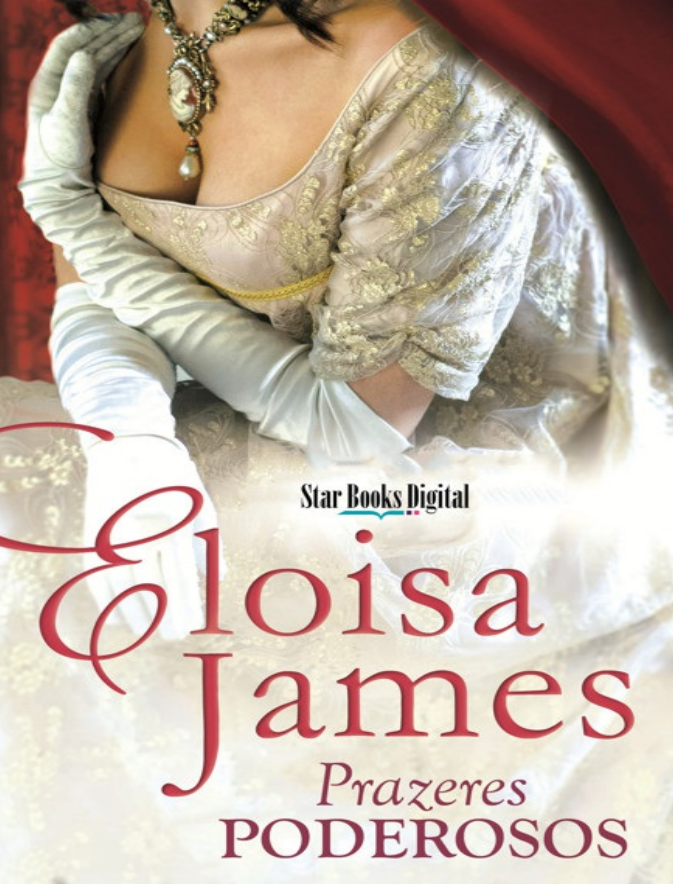




Star Books Digital

Eloisa James

Prazeres
PODEROSOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização



Kent, Inglaterra, abril 1798.

Para Charlotte faltava uma semana para fazer dezessete anos quando sua vida deu um giro de cento e oitenta graus; sempre haveria um “antes” e um “depois”.

O “antes” era quando estava com Julia Brentorton, sua melhor amiga do colégio. Tinham passado juntas os anos de internato e tinham sobrevivido à monotonia das aulas que faziam que todos os dias parecessem iguais: latim, música, baile, educação artística, comportamento e normas sociais com lady Sipperstein. A verdade era que esse último curso tinha sido o mais fastidioso de todos.

— Julia — Reprendia lady Sipperstein aparecendo repentinamente atrás delas — Cruze os tornozelos quando se sentar em um sofá... Suba de novo as escadas, Charlotte, e desta vez faça sem mover os quadris. Você rebola de uma forma totalmente inadequada.

Lady Sipperstein era uma dama temível cujo impressionante seio sobressaía como se fosse à proa de um navio. Sabia exatamente o grau de inclinação que devia ter uma reverência conforme se tratasse de uma duquesa ou do rei, e o repetia a suas alunas como se elas fossem ver-se obrigadas a fazê-lo todos os dias.

Do mesmo modo as bombardeava com um montão de normas.

— Aos criados despede do mesmo modo que os meninos: com firmeza, rapidez e mantendo a distância. Os presentes para os doentes dependem do lugar onde vivam, se viverem em sua propriedade devem dizer à cozinheira que faça uma gelatina de medula e a dão vocês mesmas junto com um pouco de fruta. Se viverem no povoado ordene a algum criado que leve um frango sem cozinhar. E, naturalmente, antes de entrar na casa devem assegurar-se de que a enfermidade não é contagiosa. Devem mostrar-se compassivas, mas não inconscientes.

As aulas supunham frequentemente uma hora de intermináveis pergunta.

— Julia! Se um laço entrar no salão do café da manhã com uma bochecha inchada que deve fazer?

— Mando para sua casa — Assegurou Julia.

— Não. Primeiro deve fazer averiguações. O inchaço pode ser consequência de uma dor de dente, mas também pode ser o resultado de uma briga de bêbados. Se se tratar deste último deve o despedir. Julia O que faria se fosse dor de dente?

— Bem... Digo que vá ver o médico — Balbuciou a aludida.

— Falso! Deve ordenar ao mordomo que atribua um trabalho afastado dos donos da casa. Não terá que consentir aos criados.

Para Charlotte o momento mais agradável do dia era a aula de desenho. Sentia-se

completamente feliz na sala de aula pintada de branco onde havia doze cavaletes. Sempre pintavam o mesmo: duas laranjas e um limão. Ou duas maçãs e uma pêra. Mas para Charlotte dava o mesmo. Entretanto Julia não opinava o mesmo; imitava a perfeição a voz maravilhada da senhorita Frollip quando preparava uma nova natureza morta.

— Hoje uma cabaçal!

A Julia adorava as aulas de dança, mas não porque gostasse de dançar, mas sim pelo senhor Luskie. Este era um homem mais peludo, pai de família, robusto e afável; em resumo, segundo as professoras, não representava nenhum perigo para as juvenzinhas. Mas Julia adorava e acreditava ver algum tipo de mensagem na forma em que o lhe apertava a mão quando a dirigia dançando a equipe.

— Adoro-o — Murmurava a Charlotte pelas noites.

Esta franzia o cenho.

— Escute Julia, é um pouco... Enfim, não é...

Era difícil dizê-lo. Era um homem vulgar, mas não podia dizer a Julia sem que esta se sentisse insultada. Charlotte se sentia incômoda com as confissões apaixonadas de sua amiga e esperava que não estivesse pensando em... E o senhor Luskie seguro que tampouco. Entretanto Julia era tão formosa! Sua pele parecia de pêssego, suave e perfumada. Atravaria-se o senhor Luskie a...?

Uma das governantas de Charlotte tinha uma firme opinião sobre os homens:

— Todos querem uma só coisa, pequena. Uma só coisa, não esqueça nunca, a não ser se encontrará arruinada para sempre.

Charlotte assentia perguntando-se de que podia tratar-se.

De modo que na escuridão da noite, dizia a sua amiga:

— Não é tão bonito Julia. Viu quão corada tem as bochechas?

— Isso não é certo!

— É sim!

— Como o notou? — Resmungava Julia molesta.

Por fim chegou o fim de curso e as famílias foram procurar às alunas. A algumas delas as foram procurar seus pais e a outras simplesmente algum criado. A partir de agora as preparariam, arrumariam-nas, “disfarçariam-nas” como dizia Julia, para que fossem apresentadas em sociedade. Iam entrar na espiral das recepções, dos bailes e a busca de um marido.

Em qualidade de filha de um duque, Charlotte era invejada, sua apresentação seria esplêndida. Sua irmã Violetta foi apresentada no salão de baile completamente decorado com lírios brancos. Entretanto a ela não a iludia muito essa perspectiva.

Sua mãe chegou à casa de lady Chatterton na limusine ducal acompanhada de quatro lacaios com libre^[1]. A duquesa se sentia sempre muito intimidada diante a ideia de ter que entrevistar-se com lady Sipperstein. Pobrezinha, pensou Charlotte, devia estar completamente aterrorizada.

Quando por fim passou o mau momento, Charlotte e sua mãe se refugiaram na

limusine e a duquesa dedicou a sua filha um travesso sorriso enquanto se apoiava nas almofadas de cetim.

— Graças a Deus já terminou Charlotte. Já não me verei obrigada nunca mais a ver lady Sipperstein. Está contente de seu último desenho? Acredito que eram laranjas.

A duquesa era uma boa mãe e se interessava nos progressos de todos seus filhos.

— Mostrarei quando chegarmos em casa.

Charlotte sabia que sua mãe, como sempre, se mostraria admirada, encantada e nada objetiva.

— Perfeito! — Exclamou Adelaide — O enviarei imediatamente a Saxony. Com duas ou três aquarelas mais toda a parede do vestibulo ficará coberta.

Charlotte franziu ligeiramente o cenho. Seus pais pareciam considerar suas pinturas como se fossem elementos de decoração. Cada novo quadro se enviava ao melhor emoldurador; Saxony Pai & Filho, emolduradores da Coroa; e Saxony pai em pessoa escolhia o marco antes de envia-lo de volta à mansão. Quando chegava o penduravam ao final da longa, longa fileira de frutas e verduras que decorava o comprido, comprido corredor desta asa.

— Agora, Charlotte — Disse Adelaide com firmeza — Temos que prepara-la para apresentação em sociedade. Inteirei-me que lady Riddleford, a mãe de Isabel, já reservou para sua filha nos dia dezanove de agosto que é justamente a data que eu desejava para celebrar o baile em sua honra, querida. De modo que temos que escolher outra; estava pensando que fosse na semana anterior O que te parece?

Charlotte não respondeu já que seguia pensando em sua pintura. Adelaide, acostumada às “ausências” de sua filha, não se zangou.

Quando Charlotte estava no que seu irmão Horace chamava “o horta” (a longa, longa fileira de pinturas desta ala), podia ver a evolução de seu trabalho. A senhorita Frollip lhe tinha ensinado a desenhar as laranjas muito redondas e maçãs de um vermelho não muito uniforme. A arte da cor era tão difícil! No caso das laranjas, por exemplo, por muito que misturasse amarelo, azul e marrom, nunca conseguia dar com a cor laranja que tinha na mente. Precisava descobrir o tom exato, com um pouco de marrom ao final, uma gota de azul, tonalidades que evocassem o sol e o calor.

Mas não teve muito tempo para pintar desde que voltou para sua casa, pelo contrário teve que suportar horas intermináveis de provas e passou dias inteiros escutando os projetos de sua mãe.

— Querida — Anunciou esta um dia — Delphiniums!

Charlotte abriu os olhos com assombro

— Perdão?

— Delphiniums, isso é o que necessitamos para seu baile. Sabe que para o baile de Violet foram lírios brancos porque por causa de seu nome não queria pôr flores de cores, mas os delphiniums são de uma cor azul muito pálida e isso realçará seu cabelo.

Nesse momento estavam de moda as loiras de cabelo encaracolado e olhos azuis, entretanto Charlotte tinha um cabelo negro como um corvo o qual desesperava a sua

mãe. Certamente, tinha os olhos verdes, mas sua pele era muito pálida; evidentemente podiam lhe frisar o cabelo e tinha uma cutis perfeita, mas não entrava na categoria das delicadas e travessas debutantes.

A duquesa suspirou. Quando Charlotte estava feliz era a mais formosa de suas filhas, de modo que seria suficiente com que o dia do baile fosse feliz.

Por fim terminaram as provas e as costureiras começaram a costurar as últimas pérolas no vestido da noite do baile; outros dezessete vestidos, como correspondia à filha de um duque; estavam já guardados em suas capas e pendurados em um armário. O salão de baile tinha sido encerado, os candelabros brilhavam e a polícia de Londres tinha sido avisada da importância dos convidados. Em resumo: os Caverstill estavam preparados para apresentar em sociedade a mais nova de suas filhas. A duquesa era tímida, mas todos a adoravam, por nada do mundo perderiam um acontecimento assim.

Todos os jovens que foram convidados aceitaram o convite; dandis, cortesãos, galãs e vivedores. Dizia-se que Charlotte era tão formosa como suas duas irmãs mais velhas e, além disso, tinha um enorme dote.

Entretanto o baile seria dentro de duas semanas e Charlotte pediu permissão para visitar sua amiga Julia que estava no campo. A duquesa não viu nenhum inconveniente em que o fizesse.

— Não devem vê-la em público — Disse, entretanto a sua filha — Este é um momento muito delicado para você.

Adelaide suspeitou que possivelmente a sua filha desse completamente o mesmo o baile em sua honra, mas afastou rapidamente esse pensamento. Gostava de falar de sua roupa e tinha passado uns momentos encantadores escolhendo as sedas mais apropriadas. Tinha tanto talento no que a cores se referia! A duquesa sentiu uma quebra de onda de carinho por sua filha mais nova quem nunca lhe tinha causado nenhum problema. Era uma criatura razoável, tranquila e sensata.

De modo que Charlotte foi à propriedade de lorde Brentorton na limusine ducal acompanhada de um só laçao e foi recebida por uma Julia cujos olhos brilhavam de alegria. Tinha vários vestidos que queria mostrar a sua amiga, sem pérolas e menos luxuosos mais muito formosos de todos os modos. E estava apaixonada.

— É maravilhoso Charlotte. Eu o adoro. Não se parece em nada o velho senhor Luskie. É bonito, realmente bonito, já o vera. Nada de bochechas ruborizadas.

Charlotte franziu o cenho.

— Quem é?

Os olhos de Julia se fizeram sonhadores.

— Chama-se Christopher, tem o cabelo encaracolado... Asseguro-te que parece um Adônis.

— Mas quem é? — Repetiu Charlotte notando que sua amiga evitava olhá-la nos olhos e esboçava um vago sorriso — Julia!

Sua amiga era tão tola quando se tratava de homens! Poucas semanas antes dizia ter o coração quebrado porque não voltaria a ver o senhor Luskie.

— Nunca mais estarei entre seus braços, Charlotte — Tinha soluçado com o nariz afundado no travesseiro — Nunca voltaremos a dançar juntos...

Charlotte tinha se emocionado e perguntou se não teria sido muito dura ao insistir na barriga e a incipiente calvície do professor de música.

Julia agachou à cabeça.

— É um homem de Deus — Disse ao fim em voz baixa.

— Como?

— É... Bom é o vigário.

— Um vigário? Julia!

— Tem cachos loiros Charlotte; é... é... Parece um quadro.

Agora que já tinha confessado o pior, e sem fazer caso da expressão reprovadora de sua amiga, começou a cantar os louvores do eleito de seu coração. Era jovem, mais atraente que qualquer outro homem incluído o vendedor de lavanda que às vezes ia ao pensionato e que tinha sido eleito por todas as alunas como o homem mais formoso do país.

— Inclusive você gostará Charlotte, porque só tem qualidades. E é magro. Recorda que dizia que o pobre senhor Luskie estava um pouco gordo? Seria maravilhoso que fizesse seu retrato — Falou dirigindo um olhar interrogador a sua amiga — Acho que não vai seguir pintando frutas agora que já abandonamos o colégio. Por que não pintar ao Christopher?

— Está louca! Não vou fazer o retrato de um homem ao que nem sequer conheço a minha mãe teria uma apoplexia.

O vigário em efeito era mais atraente que o vendedor de lavanda, reconheceu Charlotte na missa do domingo. Julia o olhava com tal devoção que teve que lhe dar várias cotoveladas para lhe recordar que estavam ali para rezar. De fato era quase muito atraente e seu rosto tinha uma expressão travessa similar a de Horace quando o expulsaram de Oxford.

Quando saíram da igreja, Charlotte o viu piscar um olho para Julia acompanhado de um sorriso cúmplice. E quando os pais de Julia deram a volta, deslizou uma nota na sua mão.

No caminho de volta, enquanto falava com os Brentorton, Charlotte tinha a mente em outra parte. Julia estava se arriscando muito, se descobrissem que um homem lhe escrevia notas, não encontraria marido.

Quando chegaram ao castelo, agarrou a Julia pela mão com firmeza e a arrastou até seu dormitório. Fechou a porta ao entrar e se apoiou nela estendendo a mão sem dizer uma só palavra.

Julia a olhou com rebeldia e depois, com um suspiro, deixou-se cair sobre a cama e tirou o papel do sutiã.

— Não é nada — Assegurou — Nada absolutamente o vê?

Lançou a parte de papel e Charlotte o agarrou no ar. Só havia seis palavras rabiscadas com tinta azul.

Stuart Hall, sábado às nove.

— Deus meu Julia não irá se encontrar com ele, não?

Charlotte se deixou escorregar ao longo da porta até que esteve sentada no chão.

— O que é Stuart Hall? — Perguntou.

— Não é nada de mal — Respondeu Julia — Não se trata de um encontro, é um baile de máscaras que há todos os sábados de noite e falei com o Christopher...

— Christopher!

— O reverendo Colby se o preferir, mas eu não gosto de seu sobrenome. De todas as formas não é nada grave Charlotte. É um baile ao que assistem comerciantes e serventes. Christopher; o senhor Colby diz que as pessoas de nossa classe social não sabe o que é a vida. A nós, as debutantes, chama-nos flores de estufa. Educam-nos afastadas do mundo e depois nos vendem ao melhor preço. Também diz que esse baile é completamente honesto e que todo mundo usa máscara, de modo que ninguém nos verá a cara e...

— Nos?

— Tem que vir comigo. Se por desgraça mamãe descobrir, ficaria menos furiosa ao saber que você estava comigo.

— Não teria coragem! — Respondeu Charlotte.

— Se dá conta? Somos como cordeiros que se entregam ao melhor pastor e...

— Mas de que está falando Julia? — Irritou-se Charlotte — O que tem que ver ser um cordeiro assistindo a um baile às escondidas?

Julia não o recordava já muito bem, entretanto lhe pareceu algo evidente quando Christopher o explicou.

— Bem — Contestou — Vamos nos casar sem ter conhecido nada da vida real. Charlotte — Continuou modificando de tática — Não acha que seria divertido? Não há nada de errado em assistir a um baile acompanhadas por um vigário.

Um brilho de rebeldia prendeu subitamente no cérebro de Charlotte. Depois de tudo ninguém se incomodou em perguntar a ela queria ser apresentada em sociedade nem se desejava casar. Certamente ela desejava encontrar marido e para isso era necessário ser apresentada. De modo que essas ideias não a levariam a nenhuma parte.

— Eu não irei se você não for — Continuou Julia em voz baixa — Nos limitaremos a olhar.

Charlotte esboçou um sorriso e Julia conteve um grito de vitória.

— Me prometa que não me abandonará para ir dançar com seu vigário — Disse muito séria.

— Juro Charlotte! Agora vamos ao apartamento de cobertura procurar os trajes; deveria haver ao menos um par de fantasias.

Charlotte tentou se tranquilizar mais a excitação de sua amiga era contagiosa.

— Este é um bom momento para ir rebuscar no sótão — Declarou Julia ficando em pé de um salto — Aos domingos meus pais vão visitar os granjeiros até o meio-dia.

As duas subiram ao imenso sótão que havia debaixo os telhados, os raios de sol caíam sobre o chão de pinheiro, os móveis quebrados e baús com roupa velha. Charlotte se deteve um instante para contemplar o pó que flutuava no ar enquanto Julia se precipitava sobre os baús. Não demorou em tirar duas enormes capas negras com capuz que as tapariam da cabeça aos pés. Procurou também umas máscaras e deu um grito de alegria quando descobriu duas em um canto.

— Shhh, Julia! — Disse Charlotte nervosa.

— Não se preocupe ninguém pode nos ouvir.

— E se um dos criados vir ver o que acontece?

— Charlotte é muito inocente! Bastaria comprar seu silêncio, naturalmente.

De fato, essa mesma noite, Julia subornou a sua donzela para que limpasse em segredo as fantasias.

Quando os voltaram a trazer no sábado, recém-lavadas e engomadas, a aventura pareceu transformar-se em algo inevitável.

Entre risadas, Julia encheu de talco o cabelo de Charlotte como era a moda de vinte anos antes.

— Olhe! — Exclamou — Se parece com o retrato de minha mãe que está no patamar. Ninguém poderia te reconhecer; com a máscara só se vê o cabelo e um pedacinho da face. Parece-te que levamos muitos póis?

A Julia, em efeito, tinha dito que não.

— Ao menos — Acrescentou alegremente — Não teremos que temer que nos convidem a dançar; os homens comecem a espirrar assim que se aproximem de nós.

Depois de tudo, não era tão terrível, disse Charlotte; dariam uma volta e voltariam para casa. Não lhes custaria nenhum esforço escapar já que esta ala, onde estava o quarto de Julia, contava com uma escada de serviço, mas os criados dormiam na ala oposta.

Às nove, o vigário as esperava no final do caminho. Saudou galantemente a Charlotte e lhe confessou que tinha visitado a capela dos Calverstill quando esteve em Oxford. Julia saltou da carruagem de aluguel e Charlotte, apesar de ter um mau pressentimento, seguiu-a e se sentou no poeirento assento.

O senhor Colby tirou uma garrafa de champanha de uma cesta e a desenvolveu com gesto grandioso. Charlotte se perguntou se as pessoas bebiam sempre antes de ir dançar. Deu um pequeno gole ao tempo que o veículo começava a ganhar velocidade.

Julia só deixava de tagarelar quando dirigia olhares de adoração a seu herói. A este último o silêncio de Charlotte devia lhe parecer uma grosseria, de modo que aproveitou uma breve interrupção de sua amiga para fazer ao vigário uma pergunta que tinha ouvido frequentemente a sua mãe: Como estão suas ovelhas? As mais pobres delas conseguiam viver decentemente?

— Estamos em uma região privilegiada — Disse cortesmente — O pai da senhorita Brentorton é muito generoso com os paroquianos.

Julia mostrou seu interesse no tema e Charlotte relaxou. Ao final estava sendo que a aventura não era tão má e inclusive poderia contar algum dia a sua mãe e ririam juntas.

Para quando chegou a Stuart Hall, um impressionante edifício com grandes janelas, já estava completamente tranquila. No interior da casa havia grande quantidade de gente e todos usavam máscara.

Chegaram ao salão de baile e se colocaram em um canto, entre uma estátua de Narcisista e as portas que davam ao jardim. O senhor Colby as abandonou um momento para voltar com três copos de limonada.

— Parece-me que esta bebida leva álcool — Disse Julia depois de molhar os lábios.

— Não acho — Respondeu o senhor Colby — Mas neste lugar não podem permitir o luxo de ter os melhores limões como acontece em sua casa.

Tanto Julia como Charlotte se sentiram um pouco envergonhadas ao pensar nos deliciosos limões que tinham tomado ao longo de suas vidas e o beberam tudo de um gole.

— Dançamos? — Propôs o senhor Colby a Julia antes de voltar-se educadamente para Charlotte — Aqui você está segura, e nós não estaremos longe. Estão tocando uma valsa, que era a dança preferida de minha mãe, e eu gostaria de dançar em sua memória.

Parecia estar tão aflito ao falar de sua mãe, que sem dúvida devia ter morrido para pouco tempo, que Charlotte assentiu embora tivesse feito prometer a Julia que não a deixaria sozinha sob nenhum pretexto. Esta se precipitou aos braços do senhor Colby e ambos desapareceram entre as pessoas.

Charlotte pensou distraidamente que não vestia suas roupas de vigário. Logo se perguntou onde podia ter aprendido a dançar a valsa sua mãe quando se tratava de uma dança completamente nova; além disso, custava imaginar à mãe de um vigário dançando.

Um pouco coibida ao encontrar-se sozinha, dedicou-se a observar aos convidados e se deu conta então de que a festa não era exatamente o que ela tinha imaginado. Um bom número de mulheres tirou as máscaras e seus vestidos eram... Reveladores. Por exemplo, havia uma disfarçada da Maria Antonieta com uma alta peruca, mas seu vestido era tão decotado que os scios ameaçavam sair ao menor gesto. Charlotte ruborizou; o acompanhante da dama estava rindo a gargalhadas e ela pensou que isto não se parecia em nada aos bailes que conhecia.

Entretanto essa era precisamente a razão de sua presença nesse lugar, já que o senhor Colby havia dito que as debutantes eram flores de estufa que não sabiam nada da vida real. Possivelmente era assim como se comportava as pessoas quando não se encontrava em um baile de debutantes.

Procurou de novo com o olhar a Maria Antonieta e a viu subir as escadas. A verdade era que parecia encontrar-se mal já que pareceu que seu acompanhante a levava para o banheiro de mulheres. Logo atraíu sua atenção um homem que se afastava para deixar passar o casal. Era um homem alto, mais alto que o duque e usava uma fantasia de cor verde escura em vez de negro como outros homens. Era arrogante e aristocrático e parecia muito atraente sob a máscara que tampava uma parte do rosto. Tinha uns largos ombros e seu negro cabelo estava infestado de mechas.

Uma formosa garota, disfarçada de Cleópatra, deteve-se ao seu lado. Ele lhe acariciou a bochecha com os dedos e Charlotte tocou sua própria bochecha instintivamente sem deixar de olhar. Os olhos dele pareciam escuros e as sobrancelhas

pareciam dois pontos de interrogação como as de Dr. Charlotte a quem sempre diziam que parecia estar sempre fazendo uma pergunta. Mas as sobrancelhas dele davam outra sensação, davam um aspecto... Perigoso. Ficou sem fôlego ao ver pela primeira vez em sua vida um homem ao que tivesse gostado... Do que? Beijar decidiu. Sim, gostaria de muito beijá-lo, repetiu com um delicioso estremecimento. Embora, segundo os sermões de lady Sipperstein, os beijos estivessem reservados aos prometidos e inclusive a estes, não sem antes ter assinado todos os papéis do compromisso.

De repente o desconhecido da fantasia verde se voltou e desceu as escadas acompanhando Cleópatra até a pista de dança. Charlotte ficou nas pontas dos pés, mas apesar disso os perdeu de vista. Depois, com o coração pulsando grosseiramente, viu-o quando o resto dos casais se moveu.

— Pelo amor de Deus! — Repreendeu a si mesma em voz alta sorrindo ao mesmo tempo.

Estava se comportando como Julia, apaixonando pelo primeiro homem atraente que aparecia diante dela. E, além disso, onde estava sua amiga? A orquestra havia tocado já duas ou três peças desde que se separaram e se sentiu zangada. Como Julia se atrevia a abandoná-la em meio dessa gente que não sabia comportar-se apropriadamente? Fixou-se em um homem que agarrava a seu par pelos ombros nus e a beijava no meio da pista.

Charlotte se voltou. O salão estava forrado com um papel corrente de cor azul e com pequenas estrelas douradas, notou vagamente, as janelas tinham cortinas de veludo marrom... Terminou a limonada.

De repente levou um empurrão nas costas e se viu lançada contra a parede que havia atrás da estátua. Deveria ter podido conservar o equilíbrio, mas a cabeça dava voltas e caiu para frente. A pessoa que a tinha empurrado caiu pesadamente sobre ela.

— Ai! — Gritou.

Um segundo depois umas longas mãos a punham em pé e sacudiam sua fantasia. Ela olhou com os olhos muito abertos. Era o homem das escadas.

Os olhos dele se encontraram com os seus e ficou petrificada.

— Obrigada — Disse ela esforçando-se em sorrir.

Ele continuava sem mover-se e lhe deu um tombo o coração. Seu olhar era muito intenso e seus olhos, negros e profundos como a obsidiana, pensou aturdida, e com vontade de rir. Deu-se conta de que era mais jovem do que acreditou a princípio e muito mais atraente. Ele olhava fixamente a boca dela e ela mordeu o lábio hipnotizada por seu olhar.

Então, sem dizer uma só palavra, Ele a agarrou pela cintura e a atraiu para si.

Charlotte abriu a boca para protestar, mas os quentes lábios dele se apoderaram dos seus. Ela foi incapaz de afastar-se nem sequer quando ele recuou ligeiramente para desenhar o contorno de sua boca com a ponta da língua. Foi ela, ela! Quem voltou a aproximar-se do com um rogo silencioso.

Estavam tampados pela estátua de Narcisista e ele levantou a máscara. Ele já não usava a sua e a luz acentuava seus traços; brilhavam os olhos como se estivesse diante uma guloseima muito desejada. Ela umedeceu os lábios.

Entretanto seguia sem poder mover-se, de fato não tinha desejo de ir nem de falar, só esperava. As grandes mãos dele deslizaram por suas costas e acabaram em suas nádegas. Como empurrada por uma força sobrenatural levantou a vista para ele para que a voltasse a beijar.

Quando suas bocas se separaram ela notou a língua dele em sua orelha fazendo-a estremecer.

— Uma encantadora orelhinha — Murmurou antes de voltar a apoderar-se de seus lábios.

Apertou-a contra seu musculoso corpo e Charlotte acreditou que as pernas não a sustentariam.

Quando pensou mais tarde, disse-se que não poderia ter protestado nem que tivesse querido fazê-lo. Seu próprio corpo já não lhe pertencia.

Ele passou um braço por debaixo dos joelhos e outro pelas costas para levantá-la e levá-la ao jardim. Ela se apoiou contra ele enquanto seu coração pulsava freneticamente.

Ele a olhava com seus escuros olhos rodeados de longas pestanas e ela se viu assaltada por um absurdo desejo de beijar as pálpebras.

Ele já a estava beijando de novo e ela ouviu a si mesma emitir um suave gemido. Ele a tombou na suave grama que cheirava a flores e a grama recém-cortada e ficou sobre ela, poderoso e forte. Ela colocou suas mãos entre o cabelo dele e o atraiu para si.

Ele abriu a fantasia e inclinou a cabeça para colher com sua boca seu seio através do tecido do vestido, ela não pôde conter um gemido que era quase um grito de prazer.

A boca dele a queimava aonde tocava, ela se arqueou instintivamente para ele enquanto ele murmurava algo que ela não chegou a entender. Os lábios que percorriam seu corpo estavam mostrando uma languidez cuja existência nem sequer tinha suscitado.

Quando ele se incorporou um pouco lhe acariciou o cabelo.

— Quer... — Sussurrou ele.

— Por favor — Respondeu ela sem fôlego oferecendo sua boca.

Ele deslizou um joelho entre suas pernas sem deixar de beijá-la. Ela era incapaz de pensar quando de repente sentiu uma aguda dor que a fez gritar.

— Meu deus! — Exclamou furioso afastando-se.

Charlotte voltou a si imediatamente.

Alex McDonnough Foakes, futuro conde de Sheffield e de Downes, olhou a jovem estava diante dele com assombro. Ela era virgem! E o estava olhando completamente pálida com os lábios ainda inchados por causa de seus beijos. Uns maravilhosos lábios de cor vermelhos escuros e sabor de mel.

Sem pensar voltou a se inclinar para ela para beijá-la de novo.

Esta jovem criada era muito formosa, e muito apaixonada embora fosse virgem. Ele nunca havia sentido um desejo tão intenso.

Agarrou o pequeno rosto triangular entre suas mãos e beijou suas pálpebras. Ela

fez uma profunda inspiração e o som que produziu pareceu tão doce que não pôde como deveria ter feito, afastar-se e confrontar a desagradável verdade: tinha roubado a virgindade de uma mulher.

Em vez disso, começou a acariciá-la de novo, subiu as compridas meias de seda até chegar à suave pele das coxas e ela se arqueou outra vez. Com os olhos muito abertos, ela olhava as folhas que havia por cima de sua cabeça, esquecida de toda dor.

Alex a olhava fascinado. Ela tinha um aristocrático narizinho e umas sobrancelhas preciosas. Olhou nos olhos e o não pôde conter o desejo. Deslizou-se de novo entre suas pernas.

Mas antes que pudesse penetrá-la de novo ela se debateu.

Imediatamente, Alex rodou a um lado.

Charlotte, tremula, tentava voltar a pensar. Seu coração pulsava tão forte como se acabasse de correr vários quilômetros; levantou-se, tropeçando por causa da dor que sentia e fechou o sutiã.

Mas, entretanto não pôde evitar olhá-lo de relance. Era evidente que só tinha uns anos mais que seu irmão Horace e Horace tinha vinte e cinco. Ele enquanto isso olhava educadamente a outro lado enquanto ela arrumava a roupa.

Apesar da vontade que tinha de voltar a jogar-se em seus braços, ela tinha que voltar para a casa. De modo que pôs suavemente a mão no braço murmurando com essa educação que era tão natural nela:

— Eu... Adeus. Obrigado.

Nem sequer se deu conta de quão chocante era agradecer a um homem por havê-la desvirginado já que era quão pior podia acontecer a uma jovem.

Ele se virou para ouvir sua voz, mas ela já tinha desaparecido sem olhar atrás se misturando entre a multidão. Ele a seguiu com uma maldição; precisava falar com ela, mas não pôde encontrá-la em meio de todos os fantasiados que enchiam o salão.

Suspirou, pensando que não podia ter se evaporado desse modo; certamente teria ido reunir-se com suas amigas. Como um ladrão cheio de remorsos, tentando compensar seu delito, buscou-a. Tinha que encontrá-la. Dividiu mentalmente o salão em quatro partes e revisou cuidadosamente cada um deles. Não teve êxito.

Ela tinha ido e nem sequer teve a oportunidade de desculpar-se. Mas não era só isso; desejava voltar a vê-la com uma intensidade que roçava a loucura. Desejava esse inocente corpo, queria fazer amor de novo, uma e outra vez.

Curiosamente, ela falava como uma dama e tinha o aspecto de ser uma dama. Mas, naturalmente, uma dama não teria vindo ao baile do sábado de noite. Sem dúvida se tratava de uma prostituta mais ardilosa que as outras. Mas se era isso em que estava pensando ao dar de presente assim sua posse mais valiosa?

Alex abandonou o baile de muito mau humor.

Essa noite despertou sobressaltado, completamente desorientado, como se não conhecesse seu dormitório. Ela tinha aparecido em sonhos. Ele a tinha sustentado em seus braços e a tinha acariciado.

Ela tinha apropriado de sua mente e se negava a sair.

Nas semanas seguintes alimentou a esperança de receber uma nota de seu protetor, ou de seus pais em caso de que ela fosse uma criada e não uma rameira; reclamando uma reparação. Se fosse uma mulher honrada encontraria uma casinha em Londres. Mas ninguém disse nada.

Voltou para baile no seguinte sábado, para desgosto de seu irmão Patrick quem se aborreceu muito na semana anterior, mas ela não estava ali. Também foi a vários bailes da alta sociedade sem encontrar nem rastro da jovem de olhos verdes.

Tudo teria sido mais fácil se tivesse sabido de que cor tinha o cabelo, mas essa noite ela usava muito talco em cima. Pensando em sua pele, extremamente pálida, determinou, depois de muito pensar, que devia ser ruiva.

E sua fantasia tinha conservado durante semanas um aroma de lavanda; de modo que começou a procurar uma moça, ruiva e que cheirava a lavanda.

Charlotte, com o cabelo da cor azeviche e cheirando a flor de laranja, nunca cruzou em seu caminho.

A verdade abriu caminho na mente de Charlotte lentamente. Correu ao salão de baile onde, graças a Deus, em seguida encontrou Julia e ao senhor Colby ao lado da estátua de Narcisista, sem notar todas de formas a expressão de contrariedade de sua amiga. Não teve que dizer nada: Julia a fez atravessar o salão em direção à saída. Curiosamente não disseram nada no caminho de volta, mas Charlotte não se deu conta dada a comoção que sentia.

Uma vez na mansão, Julia se lançou em uma tagarelice. Contou que o senhor Colby tinha tentado beijá-la! E ela não tinha tido mais remédio que lhe pisar para que a soltasse.

Charlotte desabada em uma cadeira limitava-se a assentir de vez em quando, o qual acabou por preocupar a sua amiga.

— Encontra-se bem? — Perguntou Julia ao notar sua palidez e seus olhos tristes.

— Acredito que vou vomitar — Respondeu Charlotte.

E o fez nesse mesmo momento, sobre o tapete do quarto de Julia. Esta, que não tinha nenhum desejo de dormir com esse desagradável aroma, decidiu dormir no quarto de Charlotte.

Julia emitiu um pequeno grito ao ver sangue nas coxas do Charlotte quando esta se despiu.

— Está indisposta. Tem panos?

Charlotte sacudiu a cabeça e, enquanto sua amiga ia procurar os panos, lavou-se com cuidado.

Ele a tinha desonrado, pensou. Ou seja, que “desonrada” significava estar destrocada por dentro, trocada para sempre. E de repente se deu conta de que nunca poderia casar-se.

Tentou tranquilizar-se e inclusive conseguiu sorrir quando Julia voltou.

Depois colocou sua camisola de cambraia e se tombou feita uma bola na cama. Ao fim dormiu, para despertar pouco depois chorando.

No dia seguinte ficou na cama enquanto Julia tomava uma xícara de chocolate e falava ao mesmo tempo. Felizmente, como de costume, não esperava que Charlotte respondesse.

— Custa-me acreditar na maldade do senhor Colby — Se indignou por enésima vez. “Christopher” tinha sido definitivamente substituído pelo senhor Colby”.

— Que tenha sido capaz de tentar tomar tantas liberdades comigo! Pode imaginar isso?

Sacudiu a sua amiga para chamar sua atenção.

— Isto é importante Charlotte! Não só tentou me beijar, sabe, além disso, pôs sua mão em meu... Seio. Meu seio Charlotte! Estive a ponto de ficar desonrada.

Ao ver que Charlotte permanecia em silêncio se inclinou para ela preocupada.

— Encontra-se bem? Esta muito calada. Poderia pedir a mamãe... Ela tem remédios para as regras dolorosas. Quer?

Charlotte sacudiu a cabeça.

— Não é necessário.

Julia emitiu um suspiro que derretia o coração.

— Se não tivesse pisado nesse momento, quem sabe o que poderia ter acontecido. Certamente tivesse podido vencer minha resistência.

Afogou uma gargalhada.

— Mas sabe uma coisa? Seus lábios eram úmidos e foi bastante desagradável. Não sei o que me passou pela cabeça para beijar um vigário.

Charlotte não podia mais. E a ela o que tinha passado pela cabeça? Ao menos Julia conhecia senhor Colby e inclusive estava apaixonada por ele; entretanto ela não tinha perdido a razão.

Um desconhecido, um perfeito desconhecido, saído de nenhuma parte, tinha-a beijado e ela tinha caído em seus braços como se tivesse estado esperando toda sua vida. Sentia-se dividida entre a culpa e a ira. Esse homem devia pensar que ela... Não, era melhor não pensar, disse tampando com as mãos as ardentes bochechas.

Não pôde chorar livremente até às duas da tarde; Julia tinha saído a montar a cavalo com seus pais e ela sumiu no desespero pensando no marido que nunca teria, pelos filhos dos que se veria privada e também pelo feito de que era uma mulher perdida. Teria que se manter-se separada dos homens já que não podia desonrar-se publicamente, seus pais não poderiam suportar.

Ao fim saiu da cama e chamou para que lhe preparassem um banho. Depois despediu da donzela por temor a que ainda ficasse algum sinal da perda de sua virgindade. Mas já não sangrava.

Estava descansando na água morna quando recordou suas aquarelas. Já que nunca poderia ter nem um marido nem filhos, se consagraria por inteiro a seus quadros. A meta de sua vida seria a pintura.

Esta ideia a tranquilizou um pouco.



Igual aconteceu com a vida de Charlotte, na de sua mãe também houve um antes e um depois. Quando a jovem voltou para Althermale Square no dia seguinte, não disse nada, limitou-se a olhar à duquesa com uma seriedade que Adelaide não sabia muito bem se sacudi-la ou começar a chorar. Perguntava-se que podia ter acontecido com sua filha, não parecia ela mesma, comportava-se de forma áspera e mal-humorada.

Na realidade Adelaide estava muito esgotada para saber como comportar-se com esta nova Charlotte. A organização da festa tinha levado semanas e os sorvetes supunham um problema já que ela os encarregou de uma delicada cor malva e os tinham mandado de uma viva cor violeta. O laçao encarregado de limpar o candelabro de cristal do teto tinha quebrado dezessete pendentés antes que se dessem conta de que estava completamente bêbado; o vestido que havia pedido, de veludo azul bordado com flores de lis, era horroroso, tinha umas mangas muito curtas e estreitas que a faziam parecer uma matrona, de modo que teve que pagar quatro vezes mais a Madame Flancot para que fizesse um conjunto de brocado rosa em uma só noite.

Para cúmulo, a véspera da grande noite, Charlotte declarou que ela não assistiria a nenhum baile incluído o que se celebrava em sua honra. Adelaide a contemplou por um momento alucinada e depois se dirigiu a Marie, a donzela de sua filha.

— Vá procurar a Violet, por favor, Marie. Depois pode ir.

Marie desapareceu assombrada, pensando que sua ama tinha perdido a cabeça. Como podia alguém renunciar a colocar um vestido tão bonito?

Uns minutos depois, entrou Violet no quarto de sua irmã com a despreocupação de uma mulher que tinha sido apresentada na sociedade dois anos antes e a que logo ia pedir em matrimônio o marquês de Blass.

Tentou mostrar-se persuasiva.

— Olhe Charlotte, eu também estava morta de medo. Mamãe tinha enchido tudo de flores de lis; o qual ficava precioso, mamãe se apressou a acrescentar, mas o aroma enjoava. Quando desci as escadas pela tarde, comecei a espirrar e a suar e nos assustamos. Depois Campion sugeriu que bebesse um pouco de uísque, fiquei um pouco alegre, mas deixei de espirrar.

Charlotte se limitou a olhar a sua irmã com expressão desventurada. Não havia tornado a chorar desde que saiu da casa de Julia, mas seguia estando à beira do pranto. Seus sentimentos oscilavam entre a vontade de voltar a ver esse homem e a cólera contra si mesma.

Violet se sentou a seu lado na cama.

— Não se preocupe Charlotte, sabe que é a mais bonita das três, sempre foi e será a rainha do baile. Não é provável que fique sentada.

Charlotte negou com a cabeça pensando que não tinha sentido que assistisse ao baile quando não podia casar-se. De modo que o melhor era começar imediatamente com sua nova vida.

— Está perdendo tempo Violet — Disse a esta completamente bloqueada. — Entretanto, Charlotte, deve-me uma explicação depois de todo o esforço que tenho feito. Se me houvesse dito faz quatro meses que não queria que se celebrasse este baile, teríamos falado tranquilamente, mas agora te exijo uma explicação, a não ser chamarei o seu pai — Adelaide, sentada entre a penteadeira, olhava-a fixamente. Charlotte baixou a vista para suas mãos que se retorcia com nervosismo. Tinha calor e estava enjoada. Fora do quarto ouviu os operários levando algo para o jantar em sua honra.

— De acordo mamãe — Disse por fim.

— De acordo o que? — Perguntou secamente sua mãe.

— Vou dizer lhe a razão — Respondeu ela sem levantar a vista — Fui a um baile no Kent. Em segredo. Não foi culpa de Julia, eu desejava ir. Era um baile de máscaras e enchi o cabelo de talco, de modo que ninguém me reconheceu.

Violett tinha ficado imóvel e sua mãe a contemplava horrorizada, muito afetada para perguntar por que Charlotte fazia caso omissos das normas que ela tinha inculcado a suas três filhas durante anos.

— E que aconteceu? — Perguntou depois de um comprido silêncio.

Charlotte se atreveu a olhá-la por fim.

— Conheci um homem — Disse com voz tremula — Conheci um homem e... O acompanhei ao jardim.

O desespero de sua filha comoveu a duquesa a qual se sentou a seu lado na cama para abraçá-la.

— Não passa nada querida — Murmurou lhe beijando o cabelo como quando era pequena.

Charlotte não tentou soltar-se, sua face estava meio tampada por uma mecha de sedoso cabelo.

— E então que aconteceu? — Perguntou Violett — O que fizeram no jardim? Beijou-te? Foi agradável?

Sua mãe a fulminou com o olhar.

— Basta Violet!

Esta ficou calada. Estava a ponto de dizer que ela tinha beijado o marquês na semana anterior e que tinha gostado de muito a experiência. A menos que... Abriu os olhos com assombro. A menos que Charlotte tivesse deixado que esse homem se tomasse algumas liberdades. Abriu a boca, mas sua mãe lhe ordenou guardar silêncio com um imperioso olhar.

Adelaide tentou ordenar suas ideias. Ao contrário de Violett, tinha uma ideia bastante precisa do que tinha podido acontecer. Charlotte, sua garotinha, tinha sido violada, disse com o coração em um punho. Abraçou-a com mais força.

Depois esclareceu garganta, apoiou as mãos nos ombros de Charlotte e a olhou nos

olhos.

— Esta bem carinho? Quer que chame o doutor Pargeter?

Charlotte empalideceu e sacudiu energicamente a cabeça. Adelaide ficou em silêncio uns minutos. Precisava saber mais, mas não diante de Violet.

-Violett... — Começou procurando em vão uma desculpa válida — Violett, eu gostaria que fosse ao seu dormitório. Não discuta — Disse com firmeza ao ver que sua filha tentava protestar — Me reunirei contigo em seguida e falaremos de tudo isto. Enquanto isso ninguém deve inteirar-se e, sobretudo Alicia.

Alicia era a donzela de Violet. Esta saiu a contra gosto da habitação segura de poder inteirar-se dos detalhes mais tarde; sua mãe sempre acabava por ceder quando a pressionava.

Uma vez a sós com a Adelaide, Charlotte começou a soluçar e a dizer incoerências.

— Mamãe, estava com um homem... No jardim. Beijei-o. Não acreditei que... Beijou-me.

Fechou a garganta e apoiou a testa no ombro de sua mãe, sem saber como continuar.

— Fui com ele, mamãe por fim — Sai ao jardim com ele, atrás das árvores e ele me levantou a saia do vestido. Estou tão... Tão... Não o detive.

Adelaide a escutava enquanto acariciava seu braço. Era pior e de uma vez menos preocupante do que se temia. Pelo menos sua filha não tinha sido violada; entretanto tinha quebrado todas as normas da alta sociedade com uma despreocupação que lhe dava pânico. Atrás das árvores! Qualquer pessoa poderia ter visto!

— Como se chama?

— Não sei!

— Não sabe — A duquesa quem estava tendo dificuldades para digerir a informação — Ao menos não seria um dos criados dos Brentorton não?

Charlotte tragou saliva com esforço.

— Poderia sê-lo mamãe — Disse chorando com mais força.

Com voz entrecortada contou tudo: o baile, o vigário, a estátua de Narcisista, a asquerosa limonada, o homem fantasiado de verde, uns cabelos negros com fios de prata...

Adelaide se perguntou quem podia ser esse homem. A descrição de Charlotte era muito vaga e em Londres havia muitos cavalheiros. Caso que se tratasse de um cavalheiro. Certamente seu comportamento não falava em seu favor, mas tampouco Charlotte se comportou como uma jovem pertencente a uma família da aristocracia.

Uma vaga lembrança tentava abrir-se caminho em sua memória, algo que tinha que ver com um jovem com o cabelo cor com mechas brancas, mas não conseguia recordar todos os detalhes. Decidiu enviar a alguém a Kent para averiguar algo sobre o baile de máscaras.

Quando Charlotte terminou sua confissão e secou as lágrimas, Adelaide se dirigiu a

ela com toda a autoridade da que era capaz.

— Agora vamos esquecer deste incidente. Não vai atirar sua vida pela amurada por um momento de inconsciência; todos nos comportamos mal em um momento ou outro de nossas vidas.

Olhou atentamente os inocentes olhos de sua filha. Bom, já não tão inocentes, retificou. Não ia ser nada fácil, sempre acreditou que Charlotte era insensível ao atrativo dos homens.

— A verdade é que seu pai e eu fizemos o mesmo antes de nos casar. Nem sequer estávamos comprometidos.

Um brilho de interesse iluminou o olhar da jovem

— De verdade?

— De verdade. Entretanto não foi no jardim. Foi em... Não, não te direi onde foi só que foi tão incômodo que seu jardim e quase igual de arriscado. Acredite-me querida, todos fazem tolices. Você teve sorte, ninguém sabe e se ninguém souber então é que não aconteceu nada. Entendeu bem Charlotte? — Concluiu sacudindo ligeiramente a sua filha — Não aconteceu nada.

Charlotte já não entendia nada como sua mãe podia dizer algo assim? Ela sentia o contato desse homem sobre seu corpo continuamente. Estremeceu.

— Mas mamãe... — Murmurou incômoda — Havia... Enfim, eu... Eu sangrei e...

Ficou estupefata para ouvir que Adelaida respondia categoricamente:

— A virgindade é um estado físico, mas sobre tudo mental. Quando te acontecer de novo — Espero que desta vez já casada volte a doer. Não sangrará na noite de núpcias, mas há muitas mulheres que não sangram nunca.

Levantou-se.

— Assistirá a seu baile de debutante e divertirá porque é minha filha e não te eduquei como uma chorona. Cometeu um engano, mas saiu bem; nunca mais deve pensar nisso.

Se, era absolutamente necessário que enviasse a alguém ao Kent, por exemplo, a Campion que era extremamente discreto. E também devia assegurar-se de que sua filha não estivesse grávida.

-É formosa, jovem e encantadora — Continuou, lhe acariciando o rosto — Se apaixonará, casará e te parecerá que é a primeira vez. Esquece tudo isto.

Tinha que esquecer, repetiu-se obedientemente Charlotte de noite em sua cama e depois na manhã do baile e mais tarde quando Mary colocou cuidadosamente as dobras do vestido branco bordado e adornado com diminutos laços de cor rosa muito pálido.

A mansão fervia de atividade; tinham tirado os móveis dos salões para que houvesse espaço para os quinhentos convidados. Os delphiniums enchiam os enormes vasos até os degraus da escada que levava a salão de baile assim como a improvisada passarela que conduzia à loja que tinham posto no jardim.

— Há muito azul — Fez notar Charlotte com um fio de voz.

No salão de baile, os ramos refletiam no parquet encerado.

— Já verá querida, quando o salão esteja cheio e se acendam os candelabros, ficará precioso. Agora vá ver se o monsieur Pommier tiver terminado de pentear a Violetta. Contigo estará aproximadamente uma hora e se lembre de que jantaremos as oito porque os convidados comecessem a chegar às nove e meia.

Charlotte subiu lentamente ao primeiro andar sem saber como poderia esquecer o que tinha acontecido. Ainda agora podia notar os firmes lábios do homem sobre os seus e estremecia ao recordar suas longas mãos em suas costas. Por que não lhe disse nada? Que estúpida! Deveria ter dito: “Por favor, senhor pode me dizer como se chama”? Reginald? Donald? Ou possivelmente Jim o caçador furtivo?

Afogueu uma gargalhada. Sua mãe tinha razão; não devia pensar mais.

Entretanto não podia evitar ter esperanças de que se tratasse de um aristocrata, um cavalheiro. Possivelmente assistisse a seu baile e então cruzariam seus olhares através do salão como a vez anterior. E possivelmente abriria caminho entre a gente para chegar até ela e lhe fazer uma reverência.

Brilharam os olhos de antecipação diante a ideia.

O baile que celebrou a duquesa de Calverstill para a apresentação de sua filha foi um triunfo indisputável. Das oito e meia se empelotavam os olheiros nas ruas adjacentes com a esperança de poder ver alguém importante e inclusive alguma cabeça coroada.

As onze esteve claro para todos que era o êxito da temporada. Tudo o que era alguém importante em Londres estava presente e as intrigas se multiplicavam fazendo que a festa fosse ainda mais interessante.

A temível lady Pulôver tinha decretado que os delphiniums eram uma maravilhosa ideia e ela e suas amigas, as patrocinadoras do Almack's, o salão de baile de moda, autorizaram a Charlotte ir quando desejasse a seu sarau.

O baile se prolongou até o amanhecer, muito tempo depois do jantar que se serve na loja que tinham levantado no jardim.

Quanto a Charlotte; Adelaide se precaveu de que não tinha desfrutado mais ao menos tinha sobrevivido. Deu-se conta de que toda a noite esteve procurando a alguém com o olhar, como se o convidado de honra não tivesse chegado ainda, e ao final se desfez em pranto no salão reservado às damas.

Entretanto era muito formosa, tranquilizou-se a duquesa. Muitas jovens, em sua apresentação, adoeciam dos nervos e se sua filha parecia estar muito emocionada ninguém podia reprovar. Felizmente ninguém se deu conta de que rainha da festa se retirou aos seus aposentos.

Por volta das duas da madrugada, Adelaide, que estava dançando uma equipe, viu dois jovens cavalheiros apoiados no passamanes da escada, que estavam contemplando o salão de baile. Deteve-se em seco e seu par, o honorável Silvestre Bredbeck falhou um passo.

— Sylvester quem são esses cavalheiros? — Perguntou.

— Não são olheiros, querida — A tranquilizou.

Adelaide confiava por completo no julgamento de seu velho amigo.

— Acredito que o da esquerda é o herdeiro de Sheffie. É um pouco mais alto que seu irmão. Vejamos... Parece-me que o herdeiro se chama Alexander e seu irmão Patrick. São gêmeos como pode ver, mas Alexander nasceu cinco minutos antes que seu irmão o qual supõe dois milhões de libras.

A mente de Adelaide não parava de pensar. É obvio, Sheffie era o conde de Sheffield e Downes, um muito bom amigo de Silvestre. Mas seus dois filhos tinham ambos o cabelo negro com fios prateados. O que devia fazer?

Possivelmente devesse desculpar-se e subir correndo dizer a Charlotte que se voltasse a vestir e descesse com ela. Mas depois recordou que sua filha tinha os olhos avermelhados pelo pranto, e se depois fosse que nenhum dos dois era “o” se sentiria terrivelmente decepcionada.

Os dois homens olhavam o salão atentamente. Está procurando-a, pensou Adelaide; está aqui por ela, mas, Qual dos dois é?

Os gêmeos pareciam exatamente iguais, mas esperava que Charlotte fosse capaz de distingui-los.

Ao final desceram os degraus e abandonaram a sala de baile, evidentemente porque não a tinham encontrado. A Adelaide esse detalhe pareceu muito interessante e se alegrou de não ter subido para procurar sua filha; depois de tudo só era o princípio da Temporada. O ano de sua apresentação a mesma Adelaide tinha assistido a cinquenta bailes e a sessenta e três jantares; seria surpreendente que Charlotte não se encontrasse com esses jovens qualquer outro dia.

Arrastou a seu par fora da pista de baile.

-Sylvester, meu amigo, eu gostaria de falar com você enquanto bebemos um suco.

Sylvester não se fez de rogado.

— Meu maior desejo é me sentar a seu lado Sua Graça — Disse alegremente.

Surpreendeu-se ao ver que a conversa virava unicamente em torno do futuro conde de Sheffield e de seu irmão. Apesar de tudo, não se fez de rogar para contar que tinha ouvido rumores que falavam de seu mau comportamento em Oxford e de uma briga no Vauxhall dois anos antes por culpa de uma dama algo ligeira de cascos. Entretanto mal mencionou outros rumores.

Entretanto disse o suficiente como para que a duquesa se convencesse de que Charlotte não era primeira a que Alexander (ou Patrick) tivesse tirado a virgindade. Entendeu então porque nunca os tinha visto. Os gêmeos não pareciam gostar das festas da alta sociedade. De modo que se convenceu de que um dos dois tinha ido a sua casa com a esperança de voltar a ver sua filha.

Apesar de tudo continuavam sendo uns cavalheiros pertenciam à nobreza e seu pai era amigo de seu marido Marcel. Se um dos dois era o responsável pelo estado de Charlotte, Marcel faria todo o necessário para que pedisse sua mão imediatamente.

— Ouvi — Continuou Sylvester — Que Sheffie tinha a intenção de separá-los já que juntos são incontroláveis. Fala de mandar um deles a Europa e ao outro ao Oriente. Dito isto, seria melhor que não enviasse a seu herdeiro a sulcar os mares com todos

esses piratas... Parece-me que Sheffie não está aqui esta noite.

— Não — Respondeu Adelaide distraída — Teve um ataque de gota.

A música se deteve e o novo par de dança da duquesa, sir Walter Mitford, apareceu a seu lado como por arte de magia.

Silvestre se inclinou com uma careta enquanto o outro levava a Adelaide à pista de baile. Permaneceu pensativo perguntando-se de onde vinha o súbito interesse da duquesa pelos dois gêmeos. Cheirava algum tipo de escândalo. Mas não podia ser, pensou simplesmente Adelaide era mãe de três filhas e o herdeiro Foakes seria um excelente candidato para qualquer delas.

A duquesa por sua parte também estava pensando enquanto dançava e decidiu deixar que as coisas seguissem seu curso e não dizer nada ao Charlotte do futuro conde. Tinham que ir ao Almack's no dia seguinte e seguro que os gêmeos não estariam ali, mas quatro dias depois o príncipe herdeiro dava uma festa a qual assistiria todo Londres; possivelmente os irmãos Foakes chegassem tarde a julgar por sua atitude de esta noite, mas ela se encarregaria de fazer que Charlotte ficasse até o amanhecer se era necessário.

Tendo solucionado o problema a seu gosto, afastou o assunto de sua mente e dedicou toda sua atenção ao baile.

Mas não foi a única vez que viu Alexander e ao Patrick essa noite. Ao redor de uma hora depois se encontrou com a tia de seu marido, Margaret, uma temível viúva de oitenta anos. Esta aceitou de bom grau que Charlotte se retirou sem despedir-se dela, mas exigiu ver seu sobrinho, de modo que Adelaide foi buscá-lo. O salão de baile estava esvaziando pouco a pouco, mas o resto dos salões estavam ainda cheios.

Ao final de um corredor se encontrava o salão verde, no qual tinham deixado o piano de cauda, que era muito pesado para movê-lo. Marcel não estava ali, mas estavam os dois filhos do conde de Sheffield.

Ao mesmo tempo em que se detinha na entrada se ouviu uma voz de barítono. Um dos gêmeos, sentado diante do piano, estava cantando. Escutou por um momento encantada, as meninas estavam obrigadas a aprender música, mas era muito estranho que os meninos o fizessem, entretanto este tinha uma magnífica voz.

Um dos irmãos estava apoiado em uma coluna enquanto que o outro estava rodeado de um grupinho de jovens debutantes que se livraram habilmente de seus acompanhantes o qual não era nada apropriado.

De repente as jovens romperam a rir e Adelaide prestou atenção à letra da canção.

A carícia de sua mão atíça o fogo que arde em mim

E jura que morreria por ela contente

Então lhe reanima com um beijo

E a grita: Não posso, mas não posso mais!

Nunca um simples mortal teve um prazer, mas intenso.

Adelaide ficou estupefata. O muito impertinente estava corrompendo a essas meninas. Entrou com decisão passando por diante do outro gêmeo quem levantou o

olhar para ela.

— Patrick — Disse este — Temos visitas. E inclusive creio — Disse separando-se agilmente da coluna — Que se trata de nossa anfitriã em pessoa.

As jovens se voltaram e a pequena Bárbara Lewnstown ficou escarlate.

— Estão vocês sozinhas senhoritas — Constatou Adelaide com reprovação — Onde está sua mãe Bárbara?

— Bem... Com a mãe de Sissy — Respondeu fracamente assinalando a Cecília Commonweal. Mas não passa nada, Sua Graça. São meus primos.

A duquesa olhou severamente ao pianista que girou sobre o tamborete antes de levantar olhando-a com seus olhos de veludo. Esse era Patrick, de modo que era o mais jovem dos dois. Deus Santo os dois eram assombrosamente atraentes!

Inclinou-se e beijou galantemente a mão da duquesa com os olhos brilhando sob o cabelo negro e prata. Apesar de si mesma Adelaide estremeceu de prazer.

— Posso cantar algo para você Sua Graça? — Propôs — Muito mais apropriado naturalmente.

Esquecendo à tia Margaret, que devia estar impaciente dando golpes com sua bengala no chão, a duquesa aceitou com um sorriso.

Patrick se voltou a sentar e pôs suas elegantes e finas mãos sobre o teclado.

Jovenzinhas, vocês que são formosas e alegres,

Já que o tempo passa rapidamente,

Passem suas horas de ócio, suas horas de ócio,

Nos jardins, os bosques, perto dos riachos,

Conversando tranquilamente

E com prazeres inocentes, todos os prazeres inocentes.

Insistiu picaramente nos “prazeres inocentes” com sua profunda voz e nem sequer Adelaide pôde evitar tornar-se a rir.

— Já basta! — Disse sem embargo — voltamos ao salão de baile, jovenzinhas.

Ao tempo que empurrava às três debutantes para a porta, surpreendeu o olhar lânguido que a senhorita Isabelle Riddleford lançava por cima de seu ombro. Por qual dos dois se sentia atraída?

Alexander as olhava, com o cenho ligeiramente franzido e Adelaide captou seu sombrio olhar ao tempo que desejava que o sedutor de Charlotte fosse seu irmão menor. O maior parecia muito sombrio; a duquesa tinha uma amiga cujo marido tinha um caráter difícil e a compadecia de todo coração.

— A ela não vi — Disse no dia seguinte Peter Medley a um de seus amigos no clube.

— Eu a vi — Respondeu Justin — Não tem nada de especial. É bastante menos alegre que sua irmã. Sabe que os gêmeos Foakes se apresentaram mais tarde à festa? Parece ser que Alex bateu em três guardas antes que levassem os dois à polícia.

Peter o olhou com ceticismo. Desde quando conhecia seu amigo o bastante ao

futuro conde para chamá-lo pelo seu nome?

— Quem te disse isso?

— O velho Beckley — Respondeu Justin assinalando para um canto onde Beckley estava rodeado de alguns homens aos que se via divertidos e surpreendidos de uma vez.

Desse modo os planos da duquesa quanto ao baile do príncipe ficaram em nada. Quatro dias mais tarde se soube que Woodleigh Foakes tinha mandado seus filhos para fora da Inglaterra. Como havia dito Silvestre, Alexander iria a Itália e o “suplente” como as pessoas chamavam Patrick, dirigiria-se à Índia. Não se esperava que voltassem antes de dois anos.

Durante várias semanas Adelaida se atormentou com o remorso. Não deixava de perguntar se teria que ter subido a procurar Charlotte no dia de seu baile e que teria acontecido se tivesse encontrado frente ao homem que tinha arrebatado sua virgindade. Mas depois seu legendário sentido comum se impôs. Depois de tudo havia mais gente com o cabelo negro com fios prateados na Inglaterra.

Logo Campion trouxe o relatório de um detetive particular sobre o baile dos sábados à noite em Kent ao qual chamavam o baile dos operários. O dito baile assistiam muitos cavalheiros, mas também outras pessoas, incluídas algumas prostitutas. A Adelaida deram náuseas, mas tinha que render-se à evidência: era possível que a sua filha tivesse sido seduzida por um laçao.

Além disso, a duquesa tinha outros problemas. O baile tinha sido um êxito mais Charlotte ficava durante horas trancada em seu quarto se queixando. Não saía a menos que a ameaçassem castigando com o pior dos castigos: tirar seus pincéis. Então se mantinha em um canto, separada do resto das jovens de sua idade e se aborrecia de forma evidente. Seu olhar deixava gelados aos possíveis pretendentes e aterrorizava a quão valentes a convidavam a dançar lhes perguntando sua opinião sobre a política na França.

Ao cabo de um tempo, Adelaida esqueceu os olhos de veludo de Alexander e a enfeitiçadora voz de Patrick. Sem dúvida Charlotte também se esqueceu de sua desgraça. Em todo caso mãe e filha não voltaram a falar do tema. Passavam o tempo brigando; Charlotte negando-se a participar das festas e recepções ou comportando-se com altivez quando por fim se dignava sair.

Adelaida não podia entender que os olhos de sua filha todos os homens empalideciam já que os comparava ao homem misterioso. Charlotte por sua parte não entendia a angústia de sua mãe diante a ideia de que ficasse solteira. Continuava pintando flores e isso era suficiente.

Para ela o futuro estava muito claro: não se casaria com nenhum desses jovens insignificantes e provavelmente não se casaria jamais, o qual parecia muito bem. Para que perder o tempo em estúpidos bailes e bebendo limonada vestida com roupas muito rodeadas?

Passou um ano e depois outro. Estranha vez pensava já no atraente homem do jardim; e quando o fazia, só recordava um agradável interlúdio que a tinha convertido em uma mulher e tinha ensinado o que realmente desejava fazer com sua vida.



Londres, Inglaterra, maio de 1801.

Quando Charlotte fez vinte anos, sua família abandonou toda esperança de vê-la casada. Nas três temporadas seguintes a de sua saída do pensionato, tinha tido um êxito considerável, embora fosse necessário lhe suplicar que participasse das festas e reuniões habituais para uma jovem da aristocracia.

Quando concordava a assistir um baile não passava despercebida. Do desventurado ano de sua apresentação em sociedade, reuniram-se ao seu redor certo número de jovens cavalheiros que apreciavam sua acordada inteligência. Admiravam-se também sua beleza, cuidavam-se muito de dizê-lo já que o mais inocente dos galanteios; como por exemplo comparar seus olhos a duas estrelas; só obtinha um olhar gelado.

— Não entendo — Disse uma noite o conde de Slaslow a um amigo enquanto os dois olhavam Charlotte dançar na pista de dança de Almack's — Quando debutou não me pareceu grande coisa, mas...

— Sei Braddon — Respondeu David Marlowe escolha mais jovem de um magistrado e que estava destinado à Igreja — Sei, ignora os cumprimentos, excita sua curiosidade e então estás perdido... Mulheres! — Terminou com desgosto.

Era evidente que ela estava jogando de gato e rato com Braddon.

Em efeito, ninguém tivesse podido ignorar Braddon que era o melhor partido da temporada com a única exceção do duque de Siskind quem era imensamente rico, mas muito velho. Todo mundo sabia que Siskind procurava era uma preceptora para seus oito filhos.

Entretanto Charlotte acabava de negar-se a dançar pela segunda vez com Braddon; estava dançando de novo com esse velho enganador que era Silvestre Bredbeck e estava rindo a gargalhadas.

— Por que não lhe escreve um poema ou um algo parecido? — Sugeriu David.

— Já o fiz — Grunhiu Braddon — Não me saiu muito mal. Inspirei-me em um dos velhos livros de minha biblioteca. Dizia que cada mecha de seu cabelo tinha pérolas e se não recordo mal, que seus olhos eram como chãos estrelados a e seus dentes pareciam cristal.

— Pérolas na cabeça — Repetiu David sem muito entusiasmo — Sei... O que respondeu?

— Pôs-se a rir — Disse Braddon indignado cruzando os braços sobre o peito — Riu e disse obrigado, depois, um pouco mais tarde, sentou-se sem dar-se conta em cima da poesia.

Lançou um olhar assassino a David que se atreveu a sorrir.

— Wilkins o tinha copiado cuidadosamente em um pergaminho e lhe pôs uma fita com uma flor. Mas ela se levantou para saudar alguém e depois se sentou em cima. Nem sequer pareceu lamentar!

David olhou Charlotte com interesse. Uma mulher que desdenhava os esforços literários do conde de Slaslow por mediócras que fossem, era muito diferente das outras damas, todas elas cortadas pelo mesmo padrão, que frequentavam Almack's.

— A verdade — Confiou Braddon baixando a voz — É que não me importaria me casar com ela. Minha mãe me persegue como uma fúria de uma tragédia grega, se entender o que quero dizer. Dá-me um sermão cada manhã e minha irmã Marge faz o mesmo.

Em certo modo David se alegrava de ser o filho mais novo, não tinha nenhuma possibilidade de fazer um bom matrimônio já que carecia de fortuna; mas ao menos era livre. Se esse dia estava no Almack's era porque estava passando uns dias com seu amigo.

— Então prossiga — Contestou — Sabe montar a cavalo irá bem, e suponho que é assim.

Braddon só vivia para seus estábulos.

— Cavalgo maravilhosamente bem — Confirmou.

— Então porque não o pergunta?

— Você acha que deveria fazê-lo? — Perguntou Braddon um pouco angustiado.

— Estou seguro. Inclusive poderia falar com seu pai agora mesmo; acredito que está na sala de jogo.

— Não, prefiro passar por sua casa amanhã pela manhã. Falarei com seu pai e nos poremos de acordo na data das bodas.

Assim foi como Charlotte conquistou o melhor partido da temporada. E se livrou dele com a mesma rapidez.

Quando seu pai a chamou para que falasse com o conde de Slaslow, explicou muito amavelmente que apreciava muito mais que o certamente seria mas feliz com a senhorita Bárbara Lewnstown quem compartilhava sua afeição pelos cavalos. O desventurado pretendente, decepcionado, não demorou em ir embora.

A duquesa não saiu de seus aposentos durante três dias inteiros e se negou a dirigir a palavra a sua filha durante duas semanas.

Depois Charlotte recebeu ao menos oito propostas de matrimônio, das quais só duas foram feitas por homens com fama de caçadores de dotes. Os outros seis só viviam por seus olhos verdes e seus estranhos sorrisos.

Todos correram a mesma sorte que Braddon.

Não, Charlotte provavelmente não se casaria nunca, reconheceram por fim os duques uma quinta-feira de noite, deitados em sua cama de matrimônio.

— É por sua pintura — Gemeu Adelaida — OH, Marcel, vai ficar solteirona! Sinto-me tão desventurada — Disse rompendo a chorar.

— Vamos — Disse o duque nervoso — Violet se casou bastante tarde, não perca a esperança.

Marcel era um homem tranquilo que devia seu nome francês a sua romântica mãe. Isso lhe tinha causado alguns problemas em 1797 quando a França ameaçou invadindo a Inglaterra.

Estreitou a sua esposa contra si.

— Acredito que deveríamos deixá-la um pouco tranquila. Que importância tem que prefira pintar a sair?

A duquesa moveu a cabeça contra o ombro de seu marido. Marcel era um homem encantador, mas não tinha nem ideia dos vexames que tinha que suportar diariamente uma mulher solteira. Já se falava o suficientemente mal de Charlotte.

— Mas quando nós já não estejamos Onde viverá? Horace herdará esta casa e a propriedade do campo. Quererá formar uma família. Acha que quererá ter a sua irmã com a reputação que tem de que só lhe interessa sua pintura?

— Escuta — A tranquilizou seu marido — Duas irmãs já estão casadas. O marido de Winnie nunca carecerá de meios e o marquês de Violett tampouco. Vou dar de presente a Charlotte a propriedade de Gales, a que herdei de tia Beatrice. Proporciona uma pequena renda, entre isso e seu dote poderá viver bem.

Adelaide pensou. Sua filha mais velha Winnifred, casou-se com o Austen Saddlesford um riquíssimo americano com o qual vivia feliz em Boston. Violett estava casada com o marquês de Blass. Nenhuma das duas carecia de recursos. Quanto a Horace, que herdaria todas as propriedades ligadas ao título, não daria muita importância a essa parte em concreto da herança.

— É maravilhoso Marcel! — Exclamou agradecida esfregando o rosto contra ele como um gato.

A temporada de 1801 começou de forma diferente para Charlotte. Seu pai deu de presente às terras do Gales.

— Seria melhor que se familiarizasse com a responsabilidade que te espera enquanto eu estou ainda aqui para aconselhá-la — Disse assinando os documentos da doação.

O senhor Jennings, o notário da família, estremeceu interiormente. Não gostava de muito que uma mulher se convertesse em proprietária e temia os problemas que daria ao quando o duque morresse.

Charlotte, por sua parte, estava encantada. Possuía uma casa! Em suas terras viviam vinte e três pessoas e estas se encarregavam das manter, além disso, havia um rebanho de umas trezentas ovelhas que pastavam em seus prados.

Começou a ler os informes do administrador e a interessar-se pelo que diziam os periódicos para estar a par da situação econômica. Quando os trabalhadores destruíram os teares nos Cotswolds sentiu medo se por acaso a revolta chegava a Gales.

Prometeu a si mesma que iria visitá-lo assim que o fosse possível. Já se imaginava irados protestos de sua mãe: “Tanto barro, uma viagem tão longa!” Possivelmente no outono... Devidamente acompanhada, é obvio.

A temporada se desenvolveu de forma mais agradável a partir de então, porque Adelaide parecia ter perdoado Charlotte pela atitude desta para seus pretendentes. Já não a olhava com pena e as duas conseguiam falar sem brigar.

Uma noite, encontrou-se com a sala de jantar vazia.

— Onde estão meus pais Campion? — Perguntou magoad.

— Acredito que a duquesa assiste a uma festa no campo que celebra lady Bridgeplate e não sei onde está seu pai — Respondeu o mordomo ajudando-a a sentar-se.

— O que temos de jantar hoje? — Perguntou Charlotte distraída.

O homem relaxou, adorava falar de gastronomia e lamentava a falta de apetite que caracterizava a família.

— Caranguejo, frango picante e morangos com creme — Anunciou com orgulho.

— Perfeito.

Olhou o prato que Campion acabava de pôr diante dela. A vida solitária era muito... Solitária. Possivelmente devesse pensar em encontrar uma dama de companhia. Uma mulher mais velha com um boné engomado e os lábios franzidos... Não. Duas solteironas juntas era muito e seria uma chateação.

Perguntou se não teria cometido um engano. Depois de oito petições de mão se deu conta que seus pretendentes não despertavam nela os mesmos sentimentos. Quando o conde de Slaslow a beijou não sentiu nada. Ficou impávida com a boca fechada e o só chegou a esmagar seus lábios contra os dentes dela. Então foi quando renunciou e a soltou pesaroso.

Pelo contrário, quando William Holland; um barão sem dinheiro, conhecido caçador de dotes; abraçou-a gostou de seu beijo. Inclusive experimentou uma estranha sensação, mas nada comparável à paixão que a tinha dominado o dia do baile de máscaras.

Passados três anos, já não recordava muito bem o rosto do laçao; já que tinha decidido que se tratava de um laçao; que tinha arrebatado sua virgindade. Entretanto se recordava ainda sua reação e cada vez se sentia, mas indulgente consigo mesma pelo que tinha acontecido.

Campion entrou com o seguinte prato, mas Charlotte não gostava de jantar sozinha já que se deprimia.

Pelo contrário, não podia pintar se não estava sozinha na grande oficina que sua mãe tinha cedido para seu uso, uma habitação que desfrutava de uma grande luminosidade durante todo o dia. Gostava de estar aí, colocar o blusão e começar a misturar as cores.

Tinha começado a fazer cópias. Desprendia um após o outro os quadros que havia na casa e os levava a sua oficina onde os conservava um ou dois meses. Inclusive chegou a guardar o único Rembrandt que tinha o duque, durante seis meses.

— Por que o faz querida? — Perguntou uma vez sua mãe quando ela copiava pela terceira vez ao robusto antepassado isabelino, sir Vigilant Calverstill — Acha que o olhar

é igual? No quadro parece um... Porco.

Charlotte sorriu com afeto.

— Olhe mamãe, tinha um problema com seus olhos de modo que decidi que deste modo ficavam melhor com sua corpulência. Devia ser um homem ansioso. Adquiriu multidão de bens não é assim?

— Mas porque os cópia? Poderia pintar seus próprios quadros. Frutas como antes por exemplo. A mim gostava muito, e as aquarelas com violetas que pintou para as bodas de sua irmã eram preciosas. Senti-me muito orgulhosa de você.

— Escuta mamãe, assim que tenha terminado com sir Vigilant, prometo que pintarei um enorme buquê de flores para seu dormitório.

— Sabe o que eu gostaria de Charlotte? Que pintasse um quadro para sua tia avó Margaret. Já não sai muito frequentemente de sua cama e... Já sei! Adoraria que pintasse um vaso com margaridas.

Adelaide foi imediatamente a pedir a Champion que enviasse a alguém a comprar margaridas ao mercado de flores.

— Ainda não terminou que pintar sir Vigilant, mas se tiver as margaridas em sua sala, irá se ambientando. Encarregue o Fred que vá, o será o encarregado de que tenhamos margaridas frescas cada manhã durante várias semanas. Tanto tempo como é necessário.

Champion sorriu à duquesa. Se ocuparia ele mesmo das margaridas e deixaria todo o resto; a duquesa não devia preocupar-se.

Ao cabo de um tempo toda a casa começou a girar ao redor das obras de Charlotte, a qual não se dava conta de nada. Quando o trabalho lhe saía bem se encerrava durante horas em sua oficina e depois descia as escadas dançando feliz.

Todo mundo se beneficiava de seu bom humor. Sempre notava quando um criado tinha dor de dente, por exemplo, e o enviava a descansar. Interessava-se pelas sobrinhas da governanta, a senhora Simpkin, que eram um pouco travessas. Não se esquecia tampouco de perguntar pelo único filho de Champion que tinha estado recebendo aulas de cozinha na França e tinha encontrado um bom trabalho em Londres.

Mas quando seu trabalho não ia como ela desejava, se um nariz ou uma orelha não se pareciam com as originais, então toda a casa sofria as consequências. As donzelas passavam por diante da oficina nas pontas dos pés e o pó se acumulava porque os criados não se atreviam nem sequer a limpar. Uma noite, uma criada tinha ido substituir as velas por volta das onze e foi duramente repreendida.

Champion tirou da mesa o prato de frango que Charlotte não havia tocado.

Lenoir, o cozinheiro, tinha trabalhado para nada; mas nunca se inteiraria. Quando a família jantava na intimidade, Champion se encarregava o mesmo de tirar a mesa e as bandejas chegavam vazias à cozinha. Era o único modo que o mordomo tinha encontrado para não ferir a suscetibilidade de Lenoir, e sabia positivamente que os lacaiois, Fred e Cecil, nunca confessariam ter desfrutado de pato à laranja e outras delícias similares.

Charlotte subiu a suas habitações a contra gosto. Poderia haver-se vestido para ir

ao encontro de sua mãe na reunião, mas teria parecido algo estranho. Além disso, e se a duquesa tinha trocado de opinião e estava em outro lugar, o qual entrava no possível? Então Charlotte chegaria sem acompanhante o qual não diria nada a favor de sua reputação.

Abriu o armário para olhar sua roupa. Não tinha saído muito ultimamente, seus vestidos não estavam exatamente passados de moda, mas tampouco era a última moda. Pior ainda, todos eram de tons bolo, as cores da juventude e a inocência.

Entretanto ela já não era nenhuma juvenzinha de modo que por que seguir vestindo desse modo? Tirou os vestidos com uma violência quase selvagem e os jogou em cima da cama.

Quando Marie, a donzela, entrou uns minutos depois, surpreendeu-se ao ver toda essa roupa amontoada em cima da colcha e a sua senhora olhando com satisfação os três ou quatro vestidos de dia que ficavam no armário.

— Meu deus! — Exclamou perguntando se Charlotte não teria perdido a cabeça.

Era uma mulher muito estranha e se perguntou se não estaria pensando em unir-se a quão emigrantes partiam para a América.

— Decidi trocar tudo — Anunciou Charlotte sem voltar — E amanhã mesmo irei ver Madame Brigitte para encarregar roupa nova. Quero que tudo seja novo, da cabeça aos pés.

Marie pensou que sua senhora estava pensando em encontrar um amante já que não um marido; já que toda mulher necessitava de um homem. Em qualquer caso era o que sempre dizia a seu amante, Cecil, quando se encontravam no pequeno quarto dela. Campion e a senhora Simpkin não estavam inteirados de sua relação, mas a Mary dava igual ter seu consentimento. Cecil e ela não tinham dinheiro suficiente para se casar, mas não via porque tinham que privar do prazer que compartilhavam.

Sorriu ao recordá-lo.

— E seu cabelo madame? Quer que chame monsieur Pommier?

— Boa ideia Marie.

Charlotte se sentou na cama sem preocupar-se das saias que estava esmagando, e se olhou no espelho da penteadeira.

Tirou a fita que segurava seu cabelo.

— Quero um penteado completamente diferente. Possivelmente lhe diga que me corte o cabelo.

— Lady Charlotte, não acredito que... Aos homens gostam de cabelo comprido.

Quando Marie ficava nervosa se notava o acento francês. Seus pais tinham emigrado dez anos antes quando ela sozinha era uma menina e às vezes sua língua materna saía sem dar-se conta.

— O cabelo curto... É a nova moda não é? — Prosseguiu — Certamente lady Marion Lamb o cortou e Pearl Clotswild, a herdeira americana, mas...

Marie era uma assídua leitora das revistas de moda e sabia que o cabelo curto era uma extravagância.

Entretanto se aproximou de Charlotte e recolheu seu cabelo para trás.

— É possível — Disse ao fim.

A verdade era que o rosto de Charlotte ficava realçado com o cabelo para trás. Por volta de três anos que era sua donzela e nunca a tinha visto dedicar mais de dez minutos a seu penteado, de modo que se tinha resignado a recolhê-lo com uma simples fita, mas isso não para que ressaltassem seus olhos verdes.

— Veremos o que pensa monsieur Pommier — Concluiu prudentemente.

Sentia uma grande admiração por este último já que tinha sido o cabeleireiro de Luis XIV e se livrou pelos cabelos da guilhotina. Depois tinha penteado à imperatriz Josefina. Todos os ingleses odiavam Napoleão, mas Marie não estava totalmente de acordo com eles. Para ela, Josefina era um modelo de feminilidade e beleza. Sob seu ponto de vista seu marido carecia de importância.

— Quanto madame Brigitte — Continuou — Não seria melhor ir ver Antonin Careme? Madame Brigitte cria vestidos perfeitos para as juvenzinhas, mas...

— Tem razão! — Exclamou alegremente Charlotte.

Ela já não era e nunca voltaria a ser uma juvenzinha.

— Vejo é que já é hora de que mude de estilo. O outro dia vi uma dama no parque que usava um desses vestidos de cintura alta sem espartilho. Reconheço que não assentava muito bem para ela, mas me parece que a nova moda que chega da França pelo geral fica muito bem. A ti que parece?

Marie começou a dar palmadas.

— Sim lady Charlotte! É absolutamente necessário que vá ver monsieur Careme. Além disso, tem você um corpo que não necessitará de espartilho. Possivelmente possa encarregar algo em lamê dourado; sempre acreditei que ficaria perfeitamente.

Charlotte sorriu.

— Nunca mais usarei um vestido de cor rosa, nem franzidos, nem volantes, nem bordados, nem cintas.

— Maravilhoso!

— Agora, Marie, se importaria liberar de toda essa roupa? Faz o que queira com ela.

Os olhos da jovem donzela brilharam de prazer. Ela certamente não ficaria com essa roupa, mas poderia conseguir uma bonita soma que possivelmente permitisse casar-se com Cecil.

— Obrigado milady — Disse inclinando-se em uma profunda reverência.

Saiu do quarto cambaleando ligeiramente sob o peso dos vestidos, e sem ver apenas por culpa das amplas anáguas.

Foram necessárias três viagens antes que Charlotte ficasse sozinha no quarto.

Então começou a passear de um lado a outro franzindo o cenho, logo agarrou as figurinhas de porcelana que havia em cima da lareira e as quinquilharias que havia na mesinha de noite e as deixou cuidadosamente na penteadeira. Apesar de todo o

dormitório seguia parecendo o de uma juvenzinha sonhadora.

Disse que isso também teria que mudar, mas podia esperar o dia seguinte para fazê-lo. Procuraria uma cor mais fria, possivelmente azul. HorrORIZAVA o azul desde dia de seu baile de apresentação mais possivelmente estava equivocada.

Meteu-se na cama sem voltar a pensar na terceira versão de sir Vigilant que a esperava em sua oficina. Em vez disso dormiu e começou a sonhar.

Sonhou que estava dançando uma valsa com um homem de cabelo negro mesclado de prata vestido com um caftán de seda azul que a olhava com adoração.

Ele inclinava a cabeça e a beijava. Era maravilhoso e era o único homem no mundo que a enchia.

Charlotte se removeu na cama até que despertou com o coração pulsando com força. Ficou uns minutos com os olhos abertos na escuridão. A partir de manhã, decidiu, tentaria saber se William Holland tinha encontrado uma esposa. Era estranho começar a procurar marido tão tarde, mas não era algo impossível, bastaria encontrar alguém inteligente já que ela agora tinha uma fortuna pessoal.

Inteligente e dotado de outra qualidade indefinível... Uma qualidade que possuía seu “lacaio”.

Com um suspiro se tampou com os lençóis e se voltou a dormir.



A partir do dia seguinte a duquesa, encantada, acompanhou a sua filha a ver monsieur Antonin Careme. Enquanto Charlotte encarregava dúzias de vestidos de corte alto, tão livres que se adivinhavam as formas de seu corpo, Adelaida, sentada em uma confortável poltrona, assistia às provas com satisfação.

Monsieur Careme também estava encantado. Charlotte era encantadora e iam tirar suas criações das mãos assim que essa perfeita mulher as exibisse em alguns bailes.

Adelaida conteve um sorriso quando ouviu o preço de um vestido particularmente elegante que estava escolhendo Charlotte. O alfaiate teve a astúcia de rebaixá-lo na metade, pensou. Sem espartilho, o corpo de sua filha deixava ver sua perfeição e os homens iam ficar boquiabertos de admiração. As mulheres encarregariam os mesmos vestidos com a esperança de obter os mesmos resultados.

— Não parece que o scio pode sair do sutiã Antonin? — Perguntou ela apesar de tudo, um pouco preocupada.

— É óbvio que não.

Charlotte estava diante do espelho de três faces com um formoso vestido branco cujo único adorno era umas longas fitas negras que caíam sobre a interminável saia. A parte de cima tinha sido reduzida ao mínimo e a duquesa se perguntou o que pensaria Marcel. Esclareceu garganta.

— Tem que comprá-lo Charlotte, vai criar uma nova moda.

— Oh si! — Exclamou alegremente a aludida — Fico com ele monsieur Careme.

A seus quarenta e cinco anos, Adelaida se considerava muito velha para usar algo assim, mas se deixou convencer para comprar alguns vestidos adornados com motivos gregos, coisa que causaria furor nessa temporada.

Monsieur Careme lhe disse que eram feitos de forma que chegado o caso se pudessem usar com um ligeiro espartilho. A duquesa se sentiu mais tranquila já que não tinha nenhum desejo de passear meio nua como Charlotte.

Sorriu ao recordar as advertências de algumas impertinentes que diziam que sua filha mais nova ficaria solteira porque era muito puritana. Assim que a vissem com novos vestidos que deixavam entrever seu perfeito corpo, não se atreveriam a voltar a insinuar algo assim.

Nessa mesma tarde, monsieur Pommier se apresentou na mansão e antes de dar-se conta, Charlotte viu como caíam seus cabelos formando cachos no chão.

— Olhe, você está preciosa — Exclamou o cabeleireiro encantado antes de beijar seus próprios dedos — Tenho umas tesouras de ouro.

O cabelo de Charlotte estava colocado artisticamente e ela notava a cabeça mais leve,

como se fosse um globo a ponto de sair voando. Com esse penteado seus lábios pareciam mais grossos e suas maçãs do rosto mais altas.

— Você esta mais formosa que nunca, lady Charlotte — Acrescentou Marie entusiasmada — Este penteado vai causar furor.

Charlotte sorriu a sua imagem no espelho enquanto monsieur Pommier explicava à donzela como pôr uma fita na cabeça de sua senhora; mas, acrescentou dando-se importância. Só ele poderia pentear Charlotte para os acontecimentos importantes. Estava sobrecarregado de trabalho por culpa do baile do duque de Clarence que teria lugar no dia seguinte, entretanto faria uma exceção e viria a Calverstill House às quatro.

— Não quero que ninguém danifique minha criação — Declarou olhando muito sério a Marie quem protestou em sua língua natal.

Charlotte, divertida, deu-se conta de que monsieur Pommier não respondia no mesmo idioma. De fato, quando deixava que penetrassem lacunas palavras estrangeiras na conversa, não todas eram francesas, é mais era tão exuberante ao falar como um italiano.

Mas isso carecia de importância, embora viesse do Polo Sul, suas tesouras realmente eram de ouro. Pela primeira vez em sua vida se sentia formosa, realmente formosa, desejável e elegante. Por que deveria envergonhar-se?

Tinha vontade de ir ao baile do duque de Clarence.

Essa foi a razão pela qual, quando Alexander McDonnough Foakes, o novo conde de Sheffield e de Downes, foi a seu clube a noite de sua volta a Londres, depois de passar três anos na Itália, ouviu falar de uma deliciosa herdeira chamada Charlotte. Dois jovens estavam a ponto de bater-se em duelo por discutir sobre a qual dos dois preferia ela e Braddon Chatwin, seu velho amigo, parecia desesperado cada vez que falava dela.

Ambos se sentaram em umas cômodas poltronas ao lado de uma das lareiras. Alexander escutava seu amigo sem prestar muita atenção enquanto este contava suas penas. Tinha pedido a mão da jovem em questão e ela tinha recusado; entretanto, na noite anterior, ela tinha dançado duas vezes com... Deus! Nem sequer queria pensá-lo. Dava igual com que pretendente o tinha feito.

— Abandona a partida Braddon. É completamente tola se negar a casar-se com um conde.

— E você que saberá Alex? — Respondeu Braddon — Você sempre teve sorte com as mulheres.

Calou-se de repente. Acabava de dar um fora. Ultimamente Alex não tinha sorte com as mulheres.

Tossiu e mudou de tema.

— De modo que retornasse.

— Sim — Respondeu Alex sem levantar os olhos de seu copo — Sabe que meu pai morreu faz oito meses e então foi impossível voltar, mas agora eu... A propriedade necessita que alguém que dela se ocupe.

Fixou Braddon seu desconcertante escuro olhar e acrescentou:

— Acabei sentindo falta da Inglaterra. Itália é um país estupendo, mas quando minha esposa Maria morreu, decidi voltar.

Braddon não entendia nada.

— Mas... Eu acreditava... Tínhamos ouvido dizer que Maria pediu a anulação do casamento.

— Assim foi. Voltou-se a casar e morreu faz um mês de escarlatina.

— Continuaram em contato?

— Não. Fez que me chamassem em seu leito de morte.

Alex levantou os olhos.

— Mas já basta de tudo isto. Não me disse algo de um baile esta noite?

Seu amigo esboçou um sorriso.

— Sim, mas não pode ir com essa roupa. Além disso, porque quer ir? Sempre odiou este tipo de coisas.

— Assistirei pela mesma razão que você Braddon; para procurar esposa.

Levantou-se.

— Por quê? — Perguntou Braddon.

Alexander já se dirigia à saída.

— Tenho uma filha — Disse por cima do ombro — E necessita uma mãe. Vem tenho a carruagem na porta; passaremos por minha casa para me trocar e aproveitaremos para jantar.

Aniquilado, Braddon o seguiu como um autômato. Tinha uma filha? Toda Londres sabia que sua mulher tinha pedido a anulação alegando impotência por parte de Alex que nunca negou. Nunca poderia encontrar esposa. Bom, sim; havia muitas mulheres dispostas a casar-se com um conde como sabia muito bem.

Entretanto não entendia nada. Se Alex era impotente como era possível que fosse pai? E se tinha uma filha por que razão tinha sido anulado seu matrimônio?

A cabeça não parava de dar voltas.

A limusine, ainda com braçadeiras de luto negros embora já fizesse oito meses da morte do pai de Alex, deteve-se o chegar a Sheffield House. Braddon seguiu seu amigo ao interior da casa. Não podia seguir perguntando sem falar de sua impotência e não haveria mudado no tema por nada do mundo.

Pensou de repente que seria um pouco incômodo levar Alex ao baile de lady Prestlefield já que ela cuidava muito as formas. Não tinha negado a entrada a sua casa a lady Gwenth Manisse porque estava apaixonada por um homem casado?

Mas Alex era conde. E além não estava divorciado, de modo que não podia lhe fazer o vazio com o pretexto de que estava... Doente de algum modo.

Sem dúvida seria melhor fingir que não conhecia as causas da anulação. Decididamente, estava perdido, e decidiu perguntar a algum de seus amigos, mas

inteligentes que ele, que explicasse algo. Tomava cuidado e não falava de mulheres durante o jantar; nem sequer da encantadora cantora que conheceu na ópera; tudo iria muito melhor. De repente relaxou: podiam falar de cavalos.

Braddon tinha uma grande facilidade para se separar de sua mente todo aquilo que o incomodava, para grande desespero de sua mãe, de seus tutores e de todos os que tinham alguma relação com o como era o caso de seu secretário pessoal, seu administrador e seu mordomo. E gostou tão do jantar que nem sequer se deu conta de que estava aborrecendo Alex com a descrição de cada cavalo de seus estábulos.

Depois de jantar, Alex subiu para trocar-se. Primeiro entrou nas pontas dos pés no quarto contíguo ao seu para admirar à garotinha que dormia no berço. Estava deitada de lado com a bochecha apoiada em uma mão. Assim adormecida, parecia um anjo e não o pequeno demônio que tinha transtornado sua vida no transcurso do último mês.

Acariciou com um dedo a sobrancelha, tão parecida com a sua e sentiu que o dominava a ira. Como tinha podido Maria manter à menina afastada dele? Perdeu todo um ano da vida de Pippa. Suspirando agasalhou à pequena.

Pippa sorriu sem despertar. Nunca tinha tido pesadelos ao contrário do que pensou o médico. Só durante o dia se dava conta do muito que sentia falta da sua mãe.

— Vai ao diabo Maria! — Murmurou.

Se o tivesse sabido! Mas apesar de tudo tinha morrido. Pouco a pouco, Pippa a esqueceria. Ao menos Maria teve a prudência de lhe avisar quando soube que ia morrer. E agora Pippa estava ali e estava segura.

Indinou-se para beijá-la na testa.

-Não se preocupe carinho. Estarei ao seu lado quando despertar.

Chegaram a Prestlefield House justo depois das onze quando a festa estava em pleno apogeu.

Os temores de Braddon demonstraram ser demasiado já que lady Prestlefield já não estava recebendo os convidados e quando chegaram ao salão de baile a viram dançando uma dança folclórica endiabrada.

O mordomo se encheu de orgulho ao acompanhar não só a um conde, e sim dois, com voz estrondosa anunciou:

-O conde de Sheffield e de Downes! O conde de Slaslow!

Todos os olhares se dirigiram por volta dos dois homens que entravam no salão de baile. Os convidados pensavam nos rumores que tinham chegado da Itália e morriam por ter mais informação.

Charlotte não ouviu o anúncio porque nesse momento estava no balcão. Desde que por volta de ao redor de um mês que tinha trocado o guarda-roupa, sua vida tinha dado um giro. Agora a todos parecia formosa e ela mesma se sentia formosa. Isso se manifestava em um comportamento algo amalucado. De fato, tinha abandonado a ideia de encontrar um marido já que se divertia muito paquerando.

Estava apoiada na balaustrada enquanto sorria com paquera ao barão Holland cujos olhos brilhavam divertidos. Ele estava diante ela, a poucos centímetros de distância e

apoiava as mãos na barra de ferro forjado. Ela deu uns leves golpes com o leque no torso.

— Não tão perto Will!

— O que aconteceu? Nem sequer a estou tocando — Protestou— Mas acredito que tem um inseto na face — Continuou esboçando um sorriso.

— De verdade? Que tipo de inseto?

— Algo abjeto — Sussurrou ele — Quer que o mate?

— Não sei — Disse ela sorrindo.

— Vejamos as coisas de outra maneira. Seus lábios seriam o mel e os meus a abelha.

Ela nunca soube onde ele queria chegar com essa metáfora, já que foram subitamente interrompidos por lady Sophie York, a filha da marquesa de Brandenburg quem afastou a um lado o Holland.

— Charlotte — Disse — Sua mãe vem por volta daqui atravessando o salão de baile como se estivesse abrindo as águas do mar Vermelho. Seria melhor que entrasse para tranquiliza-la. Eu ficarei uns minutos com o Will e você pode dizer que tinha saído um momento para tomar ar.

Charlotte fez uma careta.

— Obrigado Sophie — Disse antes de precipitar-se ao interior.

Sophie levantou para Will um olhar cheio de inocência e embora ele estivesse molesto não posso evitar sorrir ao vê-la tão delicada e perfeita.

— Oh Will! — Murmurou — Me diga que os lábios de Charlotte têm a doçura do mel igual aos meus...

Ele começava já conhecê-la e em seguida intuiu a armadilha.

— Vamos você já sabe como é isto Sophie. Eu a adorava, mas quando vi Charlotte, tão alta, tão atrevida, tão escultural, pareceu-me que as mulheres baixinhas...

Interrompeu-se quando ela deu uma cotovelada no seu estômago.

— Sophie!

Ele a abraçou e a olhou aos olhos.

— Seus lábios são mais doces que o mel das abelhas da Tasmânia.

Ela soprou.

— Possivelmente a abelha seja eu Will. Já lhe piquei não?

Ele riu com ela. A nova moda recém-chegada da França adorava e Sophie, embora fosse baixa estava maravilhosamente proporcionada. Gostava de tê-la assim contra ele. Seus olhos se obscureceram.

— Oh, não Will! — Protestou ela o empurrando — Já nos beijamos em Kensington recorda? Não me diga que tinha esquecido — anuiu com uma encantadora careta.

Will sentiu que o desejo o dominava, nunca tinha conhecido a duas mulheres mais atraentes que Charlotte e Sophie. Mas esta última já estava voltando para salão de baile não sem antes lhe dedicar uma piscada maliciosa.

O barão permaneceu um instante apoiado no balcão. Se Charlotte e Sophie eram tão encantadas por que se sentia tão inexperiente quando estavam juntas? E como ia decidir com qual delas casar-se? Qualquer das duas iria bem, as teria desejado embora tivessem sido pobres, o qual felizmente não eram, recordou-se alegremente.

Sophie se deteve assim que transpassou a cortina de brocado. Charlotte estava falando com sua mãe e algumas matronas. Sophie sorriu; sua amiga necessitava de ajuda de novo.

— Charlotte — Disse com sua mais suave enquanto se aproximava.

— Me desculpe mamãe.

— Sinto-me um pouco deshabbillé^[2] — Se queixou Sophie empregando a propósito uma palavra em Frances — Faz muito calor não lhe parece Sua Graça?

Adelaide não pôde evitar sorrir, embora não estivesse muito contente com a recente amizade que unia às duas jovens. Sophie estava cheia de vida embora nunca transpassasse os limites; mas parecia muito diferente da séria Charlotte. Bom “séria” era muito dizer. A duquesa já não estava segura de saber como era realmente sua filha. Estas últimas semanas, Charlotte se tinha convertido na menina mimada de Londres. Ela que só tinha tido oito propostas de matrimônio em três anos, acabava de receber outras tantas em tão só uma semana.

— Sophie — A provocou Charlotte — Não deveria dizer deshabbillé. Isso não quer dizer meio vestida mamãe?

Adelaide assentiu. Este tipo de comentários era justo o que a incomodava em Sophie. A jovem falava um francês impecável já que sua mãe era francesa ao igual a sua preceptora em que estava pensando para utilizar essa palavra? Francamente seu senso de humor era quando menos... Ousado.

As duas amigas eram inseparáveis desde algum tempo. As pessoas se acostumaram a vê-las juntas no Hyde Park à morena Charlotte e à loira Sophie. O mais estranho de tudo é que Charlotte estava fazendo o retrato de Sophie, seu primeiro retrato do natural. Adelaide reconheceu para se que estava um pouco ciumenta.

De repente se sobressaltou.

— Oh não! Cera! — Exclamou.

As outras mulheres deram um salto para trás. Encontravam-se sob um abajur que gotejava.

— Charlotte e Sophie — Disse autoritariamente — Vamos nos retirar uns minutos. Venham.

A duas a seguiram comprovando que em efeito tinha uma mancha de cera nas costas do vestido. A teria que dar a uma donzela para que o limpasse com uma prancha.

— Então — murmurou Sophie sorrindo às pessoas que cruzavam com ela — Seus lábios são de mel? E abandonou a uma abelha no balcão?

— Não me diga — gemeu Charlotte — Que vai chatear de novo uma maravilhosa paquera. Eu gostava de muito essa história da abelha...

— Eu não estou chateando nada — Protestou Sophie — a mim pareceu que Will era

uma abelha encantadora. E não me acuse de romper seu idílio com Reginald a semana passada; limitei-me a te perguntar quantas vezes se pôs bem o cabelo postigo quando sentou a seu lado. Olhe esse é o indicador de seu desejo. Quando sua mulher tenha enxaqueca aprenderá a desconfiar se lhe vê triturar sua peruca.

Charlotte explodiu em gargalhadas, meio encantada e meio surpreendida Como se atrevia Sophie a falar de coisas tão pouco apropriadas?

— Então suponho que não deixará de tocar o cabelo cada vez que está contigo.

— É obvio. Não teria uma grande opinião de meus encantos se não se colocasse bem a peruca cada dois minutos. Possivelmente uma de nós devesse tomar a sério, é mais bem bonito.

Subiram as escadas, coisa que era difícil devido à grande quantidade de gente que estava ali parada.

— Evidentemente só é um barão — Continuou Sophie.

— Mas tem uma testa muito bonita.

Lorde Reginald tinha um rosto magro e alargado que lhe tivesse gostado de pintar agora que tinha começado a fazer retratos. Entretanto não podia fazê-lo se não casasse com ele. As mulheres como Deus manda não passavam várias horas a sós em um lugar com um homem embora este não tivesse permitido trocar de postura. E se dava o caso de que não gostava do suficiente sua testa para casar-se com ele.

— Sabe para quem seria perfeito? — Exclamou Sophie — Para sua amiga Julia.

— Sophie! Julia está casada.

Em efeito, Julia fazia um bom matrimônio o mesmo ano de sua apresentação e Charlotte não podia evitar pensar nessa primeira temporada sem sentir-se um pouco humilhada. Enquanto ela se mantinha afastada, Julia tinha arrojado aos braços de um militar que estava muito bem situado para chegar a ser almirante. Agora viviam em Gibraltar.

— Por que pensa na Julia em concreto? — Perguntou apesar de tudo.

— Porque o Reginald adora escutar a outros como terá notado. Aprecia-nos, não só porque somos formosas, mas sim porque falamos sem esforço. E Julia é mais charlatã que nós duas juntas não?

Charlotte conteve uma gargalhada. A realidade era que Julia poderia ter mantido uma conversa com um muro de tijolos. Mas Sophie havia a tornado a surpreender. Sim, sabia que era atraente e Sophie era muito formosa, mas não era correto falar assim. Era muito observadora e não duvidava nunca em dizer em voz alta sua opinião.

Chegaram ao salão reservado às damas onde se encontrava Adelaide dando as costas a uma donzela que começou a desabotoá-los perto de cem botões de seu vestido. Charlotte gemeu para si ao pensar que teriam que estar ali quase duas horas.

— Podem me ajudar? — Perguntou a duquesa — Sophie, me segure a bolsa, por favor.

Sophie obedeceu e se sentou com a ridícula bolsa da duquesa nos joelhos. Tinha havido alguns roubos recentemente, no transcurso de várias festas deste tipo e Adelaide

não queria correr riscos.

— Charlotte, querida quer descer e dizer a Sissy que estou aqui? Prometi a sua mãe que a vigiaria e não quero que deixe que a acompanhe qualquer para jantar. Prudente ficará furiosa se John Mason é de novo seu par.

— Certo mamãe — Charlotte sem nenhum entusiasmo.

Cecilia Commonweal, chamada Sissy, era um problema. A ninguém gostava muito dela e tinha um gosto horroroso em matéria de homens. Em uma sala cheia de cavalheiros ela escolhia infalivelmente o mais pobre. E como a mãe de Sissy, amiga da infância de Adelaide, tinha fraco o coração e não saía muito, Charlotte tinha passado várias festas com uma Sissy mal-humorada a que tinham resgatado de um admirador inaceitável.

Voltou a descer as escadas olhando por cima com a esperança de ver Sissy, mas não a viu no salão de baile. Certamente estaria beijando a alguém em um balcão, pensou Charlotte com desprezo esquecendo que ela se comportou do mesmo modo dez minutos antes.

Estava quase no final das escadas quando escorregou e se chocou contra uma pessoa que estava diante dela. O homem soltou uma exclamação de surpresa ao mesmo tempo em que Charlotte caía pesadamente sobre os degraus de mármore. Encheram seus olhos de lágrimas.

O homem contra o que tinha chocado deu a volta e se agachou a seu lado. Charlotte levantou a vista e ia dizer “sinto muito” quando as palavras lhe engasgaram.

Ele era ainda mais atraente do que recordava e também mais impressionante. Não se lembrava de que tivesse os ombros tão largos, mas os olhos seguiam tendo a suavidade do veludo e seus cachos negros e prateado caíam sobre a testa seguindo a moda da França.

Foi repentinamente consciente de que o estava olhando fixamente e se ruborizou. O homem a contemplava com o cenho ligeiramente franzido. Ela procurou desesperadamente algo que dizer e acabou soltando de repente:

— O que você está fazendo aqui?

Sentiu-se estúpida. Evidentemente não era um laçao. Usava um traje de festa, além disso, como tinha podido ela pensar nem por um segundo que fosse um criado? Desprendia uma autoridade que delatava uma educação de cavalheiro.

Ele levantou as sobrancelhas.

— E onde deveria estar? — Respondeu ainda agachado.

Ela avermelhou de novo.

— Em um baile de máscaras por exemplo. Daquela vez fui eu quem chocou com você.

De que estava falando essa mulher? Perguntou-se Alex. Maldita fosse sua sorte, acabava de encontrar à única mulher interessante da noite e resultava que não estava em seus cabais. Baixou o olhar para seu decote. Ela tinha os seios mais bonitos que tinha visto em sua vida: redondos, brancos, perfeitos. Deu-se conta de que ao redor deles

alguém dizia algo sobre ir procurar ajuda.

Ajudou-a levantar-se.

-Suas costas estão bem? — Perguntou fazendo caso omissivo do comentário sobre os bailes de máscaras.

De pé parecia ainda mais atraente, sua estatura era a ideal e sua boca estava muito perto da sua. Levou-a à parte e lhe acariciou as costas.

Imediatamente lhe invadiu o desejo. Pensou que estava muito tempo sem fazer amor.

Charlotte olhou aos olhos.

— ... Se lembra de mim?

Olhou-a atentamente intrigado. Ela tinha um rosto triangular rodeado de cachos escuros, um nariz pequeno, umas maçãs do rosto altas e a boca de cor vermelha cereja. Uma fugaz lembrança passou por sua memória, mas...

— Nunca antes a tinha visto — Disse com um sorriso. Não teria esquecido a uma beleza assim.

Charlotte ficou boquiaberta. Esse homem lhe tinha arrebatado a virgindade e não conservava nenhuma lembrança? Era algo habitual nele?

Alex a agarrou pelo braço para acompanhá-la ao salão.

— Você deve conhecer meu irmão; somos gêmeos; você não é a primeira que nos confunde — Disse com uma piscada peralta.

O coração de Charlotte deu um salto.

— Você tem um irmão gêmeo?

— Sim — Respondeu alegremente Alex contente de ter resolvido o enigma.

A mulher não estava louca, simplesmente o tinha confundido com Patrick.

— Nem sequer nossa mãe distinguia às vezes — Concluiu.

Charlotte o olhou atentamente. Ela sabia perfeitamente quem ele era. Bom, não quem era, mas sim que era ele. Recordava a covinha na bochecha direita e a forma de seus lábios. Entretanto ele não parecia estar fingindo: não a recordava. O coração deu um tombo.

Começou a andar mais devagar ao dar-se conta de que não sabia onde a estava levando. Ela tinha que subir para reunir-se com sua mãe. Soltou brandamente o braço e se deteve.

— Obrigado por me ajudar, senhor. Sinto muito ter me chocado com você.

Sem esperar uma resposta por parte dele, precipitou-se para as escadas.

Alex ficou aí plantado, desconcertado por essa repentina fuga e perguntando-se quem era ela.

Uma voz atrás dele lhe obrigou a dar a volta.

— Bom O que te parece? — Perguntou Braddon — Não te parece maravilhosa nossa deliciosa herdeira?

— Certamente que sim — Respondeu Alex compreendendo então de quem se tratava — De fato vou me casar com ela. Como disse que se chamava?



Alex dormiu profundamente com os braços cruzados atrás da cabeça, completamente quieto. Era uma das poucas maneiras de lhe distinguir de seu irmão. Patrick dormia em uma confusão de lençóis e passava a noite dando voltas na cama, até o ponto de que quando era pequeno, frequentemente acabava no chão. Quanto a Alex, inclusive de bebê dormia como uma ratazana, fazendo que sua mãe fosse o ver várias vezes nas pontas dos pés para assegurar-se de que seguia respirando.

Despertou as oito com um raio de sol na cama. Permaneceu um momento com os olhos fechados enquanto recordava a festa da noite anterior.

Quando Charlotte saiu do salão se viu imediatamente rodeada de homens que lhe reprovavam que os tivesse abandonado e a viu como se defendia de seus avanços. Que formosa era!

Ela soube todo o tempo que o estava ali e que a estava olhando, e estava ardendo interiormente. Agora podia notar suas mãos quando lhe acariciou as costas embora em não o tivesse notado no momento. Invadiram-na as lembranças. Desejava que a acariciasse e que a voltasse a tocar como o tinha feito três anos antes, e ao mesmo tempo experimentava uma profunda humilhação ao pensar que tinha esquecido tudo, que nem sequer sabia com quem tinha estado nessa noite fatal. Custava pensar, rasgada como estava entre a ira e o desejo.

Apesar de tudo, seus admiradores não tinham notado nada; dedicou a Will Holland um sorriso tão provocador que ele imediatamente renunciou a sua ideia de casar-se com Sophie York. A quem desejava era Charlotte. Inclinou-se sobre sua mão lhe rogando que o acompanhasse durante o jantar, a menos que depois dançasse com ele. Já tinham dançado duas vezes, uma terceira vez equivaleria quase ao anúncio de seu compromisso, de modo que Charlotte negou com a cabeça sorrindo.

Embora ela não fosse capaz de esquecer os jardins de Stuart Hall, Alex em troca não lhe dedicou um só pensamento a seu encontro com a jovem prostituta enquanto olhava à encantadora filha de um duque que paquerava com seus admiradores. Suas lembranças daquela noite eram, entretanto muito precisas: um comprido cabelo, uma pele tão branca que só podia pertencer a uma ruiva, uns pequenos seios redondos e olhos velados. Charlotte tinha curtos cachos de cor escura, um olhar vibrante de vida e inteligência e uns generosos seios. Não tinha nada em comum entre a mulher de sua lembrança e a filha do duque, caso que ao Alex lhe tivesse ocorrido fazer a comparação.

Sentiu-se estúpido de repente por estar contemplando como um colegial à rainha da sociedade londrina e se estirou, furioso consigo mesmo. Sabia onde vivia o duque de Calverstill, de modo que não tinha porque misturar-se com os admiradores que rodeavam a sua filha.

Arrastou a um recalcitrante Braddon e chamou a sua carruagem. Ao final da noite,

passada em uma casa de jogo, era seiscentas libras mais rico.

Às três da manhã a luz dos candelabros tornava tênue na Velvet Room do Brooks. A sala estava estofada de veludo escuro para que os jogadores não pudessem distinguir o dia da noite, para que estivessem encerrados em um lugar fora do tempo. De todas as formas Alex já tinha ganho muito dinheiro e estava cansado e um pouco aborrecido.

Tinha jogado uma olhada à sala, cheia de aristocratas sentados em poltronas ao redor das mesas de jogo. Só o criado que se encarregava de trocar de forma regular as velas dos candelabros parecia estar em forma. Os jogadores já se desfeito de suas engomadas gravatas e tinham um aspecto cansado e enfebrecido enquanto atiravam os jogos de dados ou olhavam fixamente suas cartas.

— Bem milorde — Disse um jovem com forte sotaque que estava sentado no outro extremo da mesa — A noite esta sendo proveitosa.

Alex cruzou seu olhar com o de Lucien Blanc, um marquês francês que vivia na Inglaterra e que tinha jogado uma fortuna perdendo tudo.

Este se inclinou para frente apoiando as mãos na mesa.

— Tem você tanta... Sorte — Disse brandamente.

— Espero senhor — Respondeu Alex com ligeireza — Que não você tenha intenção de me insultar. Reconhecerei de boa vontade, se assim o desejar, que meus lucros se devem à boa sorte.

Houve um pequeno silêncio. Os olhos de Blanc lançavam raios.

— Milorde, antes apostaria por minha boa sorte no jogo que pelo seu... No amor.

Novo silêncio. Os que estavam nas mesas vizinhas escutavam com interesse. Todos sabiam que os filhos gêmeos do falecido conde de Sheffield tinham sido tirados da Inglaterra por sua propensão a arrumar seus problemas a murros. Alexander parecia ter maturado, mas ninguém poderia deixar acontecer um insulto como esse sem reagir de algum modo.

Alex permanecia completamente tranquilo. Acostumou-se às brincadeiras de mau gosto que seguiram à anulação de seu matrimônio. Entretanto acreditou as haver deixado para trás de si ao abandonar a Itália.

Apoiou também as mãos na toalha de mesa verde e se inclinou para frente. Os dois homens estavam a uma distância de poucos centímetros. Sorriu.

— Está você por acaso tão ciumento de meu êxito com as mulheres para arriscar a vida?

Lucien fazia algo terrível e se sentia doente. Com a paixão do jogo tinha apostado uma joia que sempre levava com ele: um anel que sua esposa lhe tinha dado no dia de suas bodas.

Fazendo caso omissa da ameaça de Alex, continuou com voz rouca:

— Sou um estúpido porque deixei que ganhasse o anel de minha esposa. Tenho que recuperá-lo. Quer jogar de novo comigo?

Parecia estar desesperado. Alex tirou do bolso o anel gravado com uma safira.

— O que tem escrito? — Perguntou fazendo brilhar o anel sob a luz.

O anel devia valer umas mil libras, pensou.

— “Toujours tienne” — Respondeu Blanc em francês.

— Sempre seu — Alex disse para benefício de outros jogadores quem guardava um profundo silêncio. Depois se voltou para o Blanc.

— Quanto tempo faz que vive na Inglaterra?

Blanc tragou saliva com esforço.

— Oito anos milorde.

Sua esposa não estava com ele; pode que tivesse sido uma vítima da guilhotina na época da revolução. Alex fez que o anel saltasse na palma de sua mão antes de pô-lo diante do marquês.

— Toma amigo, aqui o tem.

Recolheu o resto de seus lucros enquanto as conversas voltavam a começar e se dispunha a deixar a sala quando uma mão lhe agarrou do braço.

Tratava-se do Blanc quem tinha rodeado a mesa para unir-se a ele.

— Sou um estúpido — Repetiu — E lhe estarei agradecido por isso toda minha vida. Mas não me falta o dinheiro. Deixe-me que lhe pague o anel.

Alex se deu conta de que o homem era mais jovem do que tinha acreditado no princípio. Era alto e magro e estava completamente vestido de negro.

— Não — Disse brevemente.

O outro estava rígido como um pau. Deus Santo, o orgulho francês! Disse Alex. Entretanto o homem lhe caía bem.

— Uma taça de conhaque? — Ofereceu.

Blanc relaxou.

— De acordo milorde — Suspirou — Acho que as estupidezes não se podem comprar.

Instalados na biblioteca, os dois homens não falaram nem de amor nem de mulheres, nem de joias; limitaram-se a falar de política de forma amistosa. Como imigrante Blanc estava interessado pela situação da Inglaterra e a ameaça de um levantamento de camponeses.

— Pergunto-me se teríamos podido evitar a revolução na França. Se tivéssemos tido máquinas para o trigo, como vocês estão começando a utilizar aqui, possivelmente isso tivesse acalmado a ira dos camponeses.

— Pelo isso eu sei — Replicou Alex cortesmente — Não foi porque escasseasse o trigo mais sim porque o povo não tinha nenhum direito. Dito de outro modo, a comida estava reservada aos ricos.

— É certo — Reconheceu Blanc. Assim disse a meu pai. Estávamos muito seguros de nós mesmos e isso era um grave engano. Meu irmão se deu conta do perigo e comprou terras na Inglaterra. Por isso não estou arruinado ao contrário que a maioria de meus compatriotas que também emigraram. Meu irmão era muito inteligente; durante

vários anos veio periodicamente a Inglaterra levando com ele cada vez um pouco da fortuna familiar.

Alex compreendeu que seu irmão também tinha morrido.

— Gosta da esgrima? — Perguntou para trocar de tema.

— Muito! — Exclamou Lucien cujo rosto se iluminou.

— Quer que pratiquemos um pouco amanhã? Antes de ir da Itália estava começando a aprender a forma francesa e eu adoraria praticar um pouco.

— Será uma hora — Respondeu Lucien — Amanhã no Breedhaven?

Alex pensou em Pippa a qual não podia levar a ambiente exclusivamente masculino do Breedhaven.

— Preferiria que nos encontrássemos em minha casa, no Sheffield House, se não se incomodar.

Lucien pareceu assombrado.

— Como queira milorde — Respondeu, entretanto.

Levantou-se. Era tão alto como Alex e disse que seriam um bom par. Estreitaram-se a mão calorosamente.

— Até amanhã — Disse Lucien — Não voltarei a apostar meu anel outra vez. Poucos homens teriam sido tão indulgentes e o agradeço sinceramente, milorde.

— Me chame Alex.

Este tinha esquecido o incidente do anel com o prazer de falar com um homem culto. O pobre Braddon se tornou um pouco pesado com os anos, pensou enquanto ia o buscar à mesa de jogo na qual estava ganhando quinze libras depois de ter perdido duzentas. Estava bêbado e cambaleou enquanto se dirigia para a porta.

Maldição! Tinha só trinta anos, um menos que Alex é que não podia suportar o álcool um pouco melhor?

Perguntava se a vida de sociedade era tão aborrecida três anos antes, mas nessa época Patrick estava ao seu lado. Apesar de tudo que raios faziam pelas noites? Jogavam, bebiam e procuravam briga.

As lembranças de Alex foram interrompidas por uns passinhos hesitantes.

— Papai! — Gritou uma alegre voz de menina.

Pippa entrou no dormitório e ele a pegou nos braços. Rindo, ela brincou com o pelo escuro de seu peito. Ele deveria começar a colocar uma camisola, pensou, já que lhe encantava ir a sua cama pelas manhãs para brincar.

— Para! — Disse com uma severidade fingida.

Ela se aconchegou na curva de seu braço.

— Tate! — Impacientou-se ela — Eu tate!

Alex puxou o cordão. Odiava beber chocolate na cama, mas para sua filha era um ritual.

Keating chegou com uma bandeja na qual levava dois bules meio cheios de

chocolate. Quando Pippa e Alex voltaram da Itália e ele conseguiu saber o que queria dizer “tate”, tinham servido chocolate muito quente em xícaras de fina porcelana. Mas depois de alguns desgraçados acidentes, Alex se resignou a tomar chocolate temperado em bules de louça.

A pequena bebeu cantarolando sua canção de cada manhã, certamente uma melodia italiana da qual ele não entendia nenhuma palavra já que a menina ainda falava muito mal. Quão único sabia dizer bem era a palavra “papai”.

De repente a menina se esticou e atirou o chocolate em cima dos lençóis.

— Não, não, papai! Não!

Estava-a dominando o pânico e tremia todo o corpo. Alex pegou o bule e o deixou em cima da mesinha de noite, depois a apertou com força contra ele murmurando brandamente ao ouvido:

— Está tudo bem Pippa. Não aconteceu nada. Se acalme. Papai não te abandonará nunca. Prometi isso não se lembra?

Levantando os olhos, viu na porta à babá da Pippa que tinha sido contratada a véspera.

— Milorde! — Exclamou Virginia Lyons paralisada.

Alex levantou as sobrancelhas

— Sim?

— O que está fazendo lady Philippa aqui, milorde?

— Por que não deveria estar comigo? Não me incomoda.

Virginia não sabia como responder, para ela era muito evidente.

— Os meninos só devem estar com seus pais quando é apropriado e em um lugar apropriado, em caso contrário devem ficar na creche.

— Ela grita quando está na creche. Eu expliquei ontem. Grita tão forte que a ouço do porão e sua habitação está no segundo piso. Não quero que grite.

A senhorita Virginia estava completamente corada e ele subiu os lençóis.

— Lady Philippa deve vir comigo. Não é correto que esteja na habitação de um homem e...

— Embora eu aceite a presença de minha filha em meu dormitório — A cortou Alex — Não tenho intenção alguma de estender esse privilégio ao todo o pessoal. Por favor, nos deixe. Nos reuniremos com você na creche depois de tomar o café da manhã.

Dirigiu seu mais encantador sorriso à babá e esta desapareceu ao fim a beira do colapso.

— Não fomos muito amáveis — Murmurou Alex a sua filha ao ouvido.

A pequena, notando que o perigo já tinha passado; para ela todas as babás eram uma ameaça; começou a cantarolar alegremente. Alex fez que terminasse o chocolate, depois bebeu o seu que já estava completamente frio fazendo uma careta.

— Vem Pippa — Disse.

Keating apareceu como por arte de magia nesse momento, com uma banheira cheia de água quente.

Alex despiu a sua filha e a meteu na banheira ensaboando-a calmamente. Depois a entregou a Keating que a estava esperando com uma toalha. Pippa se comportou bastante bem, quer dizer só gritou três ou quatro vezes e não eram os gritos de terror que assustavam a todo mundo, e sim pequenos gemidos. Keating a levou ao quarto ao lado para vesti-la enquanto Alex se lavava rapidamente.

Era uma pena que Keating não pudesse dedicar todo seu tempo a Pippa, pensou. Ouvia-a tagarelar enquanto o mordomo cantava uma canção de marinheiros; bastante atrevida para seus inocentes ouvidos, mas felizmente ela não entendia a letra.

Suspirou. Já era hora de ir ver a senhorita Virginia. A última babá só ficou dois dias, cansada, conforme disse dos gritos da menina. Sugeriu ao Alex que enviasse a Pippa a um hospital especializado em enfermidades mentais e ao deu vontade de jogá-la sem esperar a que fizesse as malas.

Pippa entrou de novo em seu quarto com um grande sorriso.

— Papai! Papai!

Devia ter ao redor de um ano. Maria morreu tão rapidamente que não lhe deu tempo para dizer a data do nascimento de sua filha. A única forma de sabê-lo tivesse sido ficando em contato com o sacerdote, ou melhor, ex-sacerdote, com o que Maria se casou depois de fazer que anulassem seu casamento com ele. Mas não se decidia a fazê-lo. Além disso, naquele tempo só desejava levar a menina a Inglaterra para que a visse um médico.

Mas depois de quatro dias com seu pai, Pippa deixou de choramingar para que a soltasse, e um belo dia o olhou dizendo. “Papai”. Após só gritava quando ele não estava com ela ou na sala do lado. Assim que a menor menção dele de sair, ela perfurava os ouvidos de todos os habitantes da casa com uns penetrantes gritos, ou se atirava ao chão presa de um ataque de nervos. Alguns médicos o aconselharam que a internasse em uma instituição e outros que com o tempo acabaria curando-se.

Realmente necessitava de uma esposa. Banhar a uma menina ou contratar a uma babá não era trabalhos para um homem. Além disso, era evidente de que não conseguia fazê-lo bem já que a senhorita Virginia era quinta em duas semanas.

Pegou à pequena nos braços e subiu à creche.

Às duas da tarde desse mesmo dia, Calverstill House estava muito tranquilo. Os duques estavam vendo uma exposição de mármore italianos. Charlotte, que tinha estado pintando toda a manhã, estava se banhando e esperava a chegada do barão Holland dentro de meia hora para que a acompanhasse a um piquenique. Todos os empregados tinham seguido com um discreto interesse as frequentes visitas do barão, embora não a todos gostava.

A senhora Simpkin, a governanta, era uma de suas incondicionais fãs.

— É tão... Romântico! — dizia — É um verdadeiro cavalheiro. E se vê tão bem!

— Essa não é a questão, senhora Simpkin — Respondia seriamente Campion — O importante é saber se merece o apelativo de cavalheiro. Por que acredita que não tem

fortuna própria? Sem dúvida porque joga. E deixaria de jogar quando tivesse o dinheiro de lady Charlotte? Ao contrário!

— Não podemos estar seguros de que jogue — objetava ela — Pode que perdesse sua herança em um incêndio.

— Não é muito provável que assim fosse senhora Simpkin. Se tivesse produzido uma desgraça assim nos teríamos informado, e não é o caso. Ou seja, que joga.

Quando bateram na porta essa tarde, Campion foi abrir decidido a intimidar ao laçao do barão. Mas se encontrou frente a um tradicional laçao vestido com libre. Campion sabia reconhecer os criados das pessoas importantes e este era um deles com toda segurança.

— Em que posso lhe ajudar?

— O conde de Sheffield quer convidar lady Charlotte a um piquenique.

Campion olhou a elegante carruagem que estava esperando diante da casa; poderia ter respondido que lady Charlotte já estava comprometida e se despedir do laçao. Mas possivelmente devesse transmitir a mensagem; depois de tudo se tratava de um conde, e isso não se via todos os dias.

— Vou ver se lady Charlotte está disponível — Disse fechando a pesada porta de entrada.

O laçao voltou para seu lugar na traseira da carruagem de Alex. O silêncio caiu em Albermale Square, mas cinco minutos depois, a porta da carruagem se abriu bruscamente e saiu Alex com a Pippa em cima do ombro. Subiu os degraus da entrada e chamou com força à porta.

Campion não estava em seu lugar e em seu lugar abriu uma jovem donzela, Lily, quem depois de ver o conde se inclinou em uma profunda reverência e se precipitou ao piso superior.

— Lady Charlotte, ele está aqui, em baixo, no salão verde — Balbuciou.

Charlotte, sentada diante o espelho enquanto Marie dava os últimos retoques ao penteado, levantou os olhos surpreendida. Usava um vestido de seda rosa que deixava ao descoberto seus braços e Marie estava trancando uma fita da mesma cor nos cachos. Tinha uma ligeira ideia de quem podia ser o conde de Sheffield e uma parte dela queria ir correndo a vê-lo, mas se comprometeu com Will Holland.

Quanto a Marie, tremiam as mãos de excitação. Os ecos de sociedade tinham falado comprido e entendido sobre o retorno da Itália do atraente conde.

Campion agarrou a jovem donzela e a sacudiu: os criados não deviam mostrar seus sentimentos pelo que acontecia na casa de seus senhores, ele havia dito mil vezes.

É obvio, nunca acontecia nada emocionante em Calverstill House, entretanto Campion exortava regularmente aos que estavam sob sua autoridade no caso disso.

Lily Fez uma reverência.

— O conde está abaixo, o fiz passar para o salão verde — Disse mais tranquila — E não está sozinho, há uma menina pequena com ele.

Charlotte se levantou com o coração em um punho. Não podia estar casado! Sentiu

uma terrível dor.

Desceu as escadas e se deteve na entrada do salão verde. Era ele. Estava de costas mais ela teria reconhecido seus largos ombros entre um milhão. Olhou-o atentamente, da elegante jaqueta cinza até a calça ajustada e as botas... Ao lado das quais estava a menina mais encantadora que tinha visto em sua vida. Uma carinha com covinhas que a olhava com curiosidade e cujas sobrancelhas eram idênticas às de seu pai.

Charlotte lhe sorriu, mas a pequena ficou séria de repente e deu um estridente alarido. Charlotte recuou instintivamente enquanto Alex dava a volta. Levantou a Pippa em braços e lhe deu uns tapinhas nas costas.

— Shhh, não é uma babá, é lady Charlotte. Se acalme.

Ela esclareceu voz sem saber que dizer. Em realidade esse homem nunca tinha sido apresentado a ela, acabava de conhecer seu nome pelo mordomo. As aulas de lady Sipperstein não previam uma situação como essa.

Alex a olhou com um sorriso que fez que aparecessem umas pequenas rugas em seus olhos. A Charlotte a invadiu uma quebra de onda de calor.

Ele avançou um passo com a pequena ainda em braços e se inclinou respeitosamente o que a Pippa pareceu terrivelmente divertido.

— Posso lhe apresentar lady Pippa McDonnough Foakes, filha de Alexander Foakes, conde de Sheffield e de Downes? — Disse solenemente.

Charlotte conteve um sorriso.

— Lady Pippa — Disse com uma reverência.

A menina soprou.

— Me escute Pippa — Continuou — Você está diante de lady Charlotte Daicheston, filha do duque de Calverstill.

A risada da menina era contagiosa e Charlotte não pôde manter-se séria por mais tempo.

— Vou te deixar no chão Pippa. Já vê que lady Charlotte não é uma preceptora de modo que não quero te ouvir gritar de novo.

Pippa pareceu entendê-la já que subiu em silêncio a um sofá e começou a puxar dos adornos de uma das almofadas.

Alex se aproximou de Charlotte quem se ruborizou. Pulsava o coração tão forte que temeu que se notasse através do fino sutiã.

— Sabe — Disse ele em tom de conversa — Que é você a primeira mulher a que sempre estou desejando beijar?

Ela devolveu o olhar. Não pensava comportar-se como a tola e estúpida muda que tinha sido em seu primeiro encontro.

Dedicou um gelado sorriso.

— Me atreverei a dizer que esse desejo não é recíproco?

— De verdade?

Sem avisar, ele se inclinou para roçar seus lábios e inconscientemente lhe ofereceu

sua boca fazendo que o beijo se intensificasse fazendo-se mais exigente. Abandonou-se por um momento. Se não tivesse sido porque as grandes mãos dele a seguravam dos braços, teria desmaiado.

Entretanto não demorou em voltar a si e se soltou furiosa. Alex a olhava maravilhado. Essa mulher o comovia como nenhuma outra.

— Devo pedir a seu mordomo que nos apresente de maneira oficial ou basta com uma queda nas escadas?

Charlotte mordeu os lábios para não tornar a rir.

— Milorde... — Começou sendo interrompida pela chegada de Campion.

— O barão Holland — Anunciou muito sério.

Meu Deus! Pensou Charlotte; mas já Alex exclamava em voz alta:

— Will!

Precipitou-se por volta do recém-chegado e os dois homens se deram um caloroso abraço. Charlotte olhou a Pippa intrigada para ver gritava cada vez que via um rosto novo, mas a menina olhou com indiferença a Will e continuou maltratando as almofadas.

Alex surpreendeu seu olhar e explicou:

— Distingue entre homens e mulheres. É às mulheres às que não pode suportar, bom, ao menos de momento — Se apressou a acrescentar.

Will Holland não entendia nada. Seu carro estava esperando fora com as coisas para o piquenique, e em seu bolso escondia um delicado anel de ouro e diamantes que tinha pertencido a sua mãe e que esperava entregar a Charlotte. Entretanto a encontrava com um de seus velhos amigos, ao que acreditava na Itália, e com uma menina pequena como única acompanhante. E tinha o aspecto de... Ter sido beijada, com a boca inchada e as bochechas ruborizadas. Entrecerrou os olhos com suspeita. Por todos os diabos, não tinha nenhum desejo de competir com o conde!

Entretanto, tinha ouvido dizer, como todo mundo em Londres, que a primeira mulher de Alexander tinha anulado o matrimônio alegando impotência. Pareceu difícil de acreditar, já que recordava muito bem as cálidas noites passadas nos bordéis da cidade com Alex e Patrick. Inclusive recordou que uma vez se equivocou de porta podendo comprovar que Alex estava muito longe de ser impotente.

— Lady Charlotte — Disse amavelmente estendendo uma mão — Está pronta para nosso piquenique?

— Meu Deus! — Exclamou Alex fingindo tristeza — Eu vim pelo mesmo motivo. Lady Charlotte estava explicando precisamente que estava confusa e que infelizmente aceitou dois convites.

Ela conteve um sorriso e dirigiu a Alex um olhar de recriminação.

— Acredito que aceitarei o convite do barão Holland já que foi o primeiro.

— Ah não! Protestou Alex — Will e nós somos velhos amigos não é Will?

Este assentiu.

— Então iremos todos juntos — Decretou Alex — Tenho dois carros aí fora com mais comida da que necessitamos e uma babá para a Pippa. Por que não nos encontramos no Hyde Park perto da estátua da Eva? Charlotte poderia ir contigo, Will.

Will voltou a assentir com a cabeça dando voltas. Por que demônios deviam ir juntos ao piquenique? E se Alex começava a querer a mão de Charlotte por que deixava que fosse com ele no carro? Devia saber que em uma carruagem a intimidade era perfeita.

Charlotte por sua parte estava furiosa, sentia-se manipulada. Depois de seu apaixonado beijo, Alex sabia que não ia gostar muito da presença de Will. E evidentemente contava com isso. Bem, ela se encarregaria de lhe dar uma lição, pensou com rancor.

Desse modo, uma vez no veículo, assim que Will passou um braço pelos ombros, lhe ofereceu seus lábios e ele tomou com uma delicada sensualidade.

O beijo lhe pareceu agradável mais não à fez perder a cabeça e quando ele a apertou mais contra ele, ela não sentiu nada.

Will notou que ela não respondia e se endireitou sorrindo.

— Seria melhor que nos limitássemos a manter uma educada conversa como as pessoas civilizadas que somos. Sabe que vi sua amiga Cecilia ontem, no Panteão Bazaar? Estava comprando pelo menos quatorze plumas de avestruz tintas de violeta gritão.

Charlotte não pôde evitar tornar-se a rir.

— As plumas estão na moda — Disse sem encontrar outra forma de defender Sissy e seu duvidoso gosto.

O trajeto lhe apreciou terrivelmente longo mais o que não sabia é que Will tinha ordenado ao chofer que desse duas voltas ao parque antes de deter-se já que esperava aproveitar esse tempo beijando apaixonadamente a sua futura esposa.

Entretanto não falou de matrimônio na carruagem do barão; Charlotte e ele estiveram falando da nova moda e das últimas extravagâncias do príncipe herdeiro.

O anel de diamantes que pertenceu a sua mãe permaneceu nas profundidades do bolso de Will.



Quando por fim se detiveram, Charlotte deu uma rápida olhada ao redor antes de descer a vista fingindo não sentir nenhum interesse por onde estava o conde de Sheffield. Evidentemente sua carruagem não tinha chegado ainda e Will recuperou a esperança, pensando que talvez Alex estivesse dando uma oportunidade ao fim e ao cabo.

Conduziu a sua companheira para o lago rodeado de salgueiros deixando que o lacaio se ocupasse de preparar o piquenique. Charlotte tentava concentrar sua atenção no que ele estava dizendo, mas sua mente estava longe. Desejava ver Alex e se desprezava por descer a um homem que nem sequer a recordava.

— Charlotte — Repetiu Will pacientemente pela segunda vez — O que te parece o dos talões dourados do príncipe?

Confusa, levantou o olhar para ele.

— Bem... Os talões dourados do príncipe?

— Sim.

— Sinto muito, não sei de que está falando.

— Já sei — Disse Will fazendo um forçando sorriso — Inventei uma história completamente inverossímil enquanto você assentia amavelmente.

— Oh!

Sentados em um banco contemplaram em silêncio a dois cisnes que nadavam agilmente sob os ramos dos salgueiros chorões.

A Charlotte teria gostado de estar em sua oficina terminando o retrato de Sophie. Tinha colocado a sua amiga (de maneira um pouco ridícula tinha que admitir) em um campo de jacintos selvagens e não terminava nunca de pintar o fundo de pequenas flores azuis. Entretanto, embora isso às vezes a aborrecia, ao menos em seu santuário não estava exposta ao desejo nem à humilhação.

Em vez disso, encontrava-se em um piquenique acompanhada de um atraente homem que parecia estar enamorado dela e ela não conseguia pôr em ordem suas ideias. Os cachos loiros e os olhos azuis de Will a deixavam indiferente mais só pensando que logo veria o Alex estremecia até a ponta dos dedos dos pés.

Will a agarrou pelos ombros para fazer que o olhasse.

— Charlotte — Disse muito sério — Gostaria que me fizesse a honra de ser minha esposa.

Ela titubeou. Tinha recusado muitas propostas de matrimônio mais de repente não encontrava as palavras adequadas.

Will, sem esperar a resposta, inclinou-se para beijá-la; Charlotte saiu de seu

estupor. Estava irritada. O que acontecia com os homens que acreditavam que podiam pôr seus lábios sobre os dela quando lhes vinha em vontade? Soltou-se e ficou em pé de um salto.

— Barão Holland — Disse tranquilamente — Já falamos disso e recusei me casar com você.

Will ficou quieto olhando-a. Isso tinha sido antes, pensou, antes que cortasse o cabelo e que trocasse de roupa, antes que se convertesse em uma mulher irresistível.

Mas como podia dizer a uma mulher que desta vez era sincero sem dar a entender que antes o que lhe atraía era sua fortuna?

Levantou-se e segurou suas mãos.

— Charlotte, eu...

Não pôde terminar porque o olhar dela o evitou enquanto um radiante sorriso iluminava seu rosto. Will, ao principiou se surpreendeu e depois se virou com resignação. Um grupo de pessoas elegantes se aproximava deles conversando alegremente, e entre eles se encontrava Alexander Foakes com sua pequena filha no ombro.

Charlotte estava ligeiramente ruborizada e parecia haver-se esquecido da presença de Will.

O barão baixou a cabeça; não era estúpido e via que ela estava escapando das mãos. A menos que... Teria ouvido ela falar da impotência do conde? Por um momento imaginou a si mesmo dizendo para logo consolá-la entre seus braços. Tolices! Como podia falar de algo assim com uma mulher de sua categoria? O mais provável é que não entendesse nada e além o odiaria.

Olhou para Alex; de todas as formas era muito incrível.

Encolheu o coração dolorosamente; acostumou-se de tal forma a ser um caçador de dotes que já se esqueceu de que podia sofrer. Voltou a olhar para Charlotte. Seu sorriso, seu olhar... Inclusive embora seus pais não aceitassem Alex (que pais aceitariam por genro a um homem incapaz de lhes proporcionar herdeiros?) estava seguro de que não lhe pertenceria nunca.

Alex por sua parte se deu conta em seguida do cabelo um pouco revolto e o rubor de Charlotte e o invadiu uma quebra de onda de ira. Como tinha se atrevido Will a tocá-la? E como se atreveu ela a deixar que outro homem a tocasse?

Pippa, ao notar que seu pai se esticava começou a chorar agarrando-se a seu cabelo.

— Shh, Pippa.

— Papai, papai — Soluçava ela.

— Senhor! — Suspirou Alex fazendo um gesto a seus amigos antes de voltar-se para o barão — Quer fazer as honras em meu lugar Will? Vou levar a esta senhorita para dar uma volta.

Charlotte, desconcertada, viu-o desaparecer por um atalho. Ia assim, sem nenhuma explicação? Ela não era uma mulher fácil, disposta a cair entre seus braços assim que ele estalasse os dedos!

— Em verdade — Estava dizendo o barão Holland a uma encantada jovem que acabava de unir-se a eles — Estou encantado de fazer as honras como diz Alex, mas acredito que nunca tinha tido o prazer de conhecê-la.

O homem que acompanhava a jovem saudou com elegância.

— Até recentemente eu era o marquês de Valcombray, mas agora simplesmente sou Lucien Blanc, e esta é minha irmã Daphne.

Daphne fez uma reverência; era muito jovem, apenas maior de dezesseis anos, mas usava o cabelo recolhido, o qual indicava que já tinha sido apresentada na corte. Com seu delicado rosto pareceu a Charlotte tipicamente francesa. Seus cabelos de cor loira platino brilhavam sob o sol, usava um conjunto precioso da sombrinha até os sapatos rosa.

Will se inclinou cortesmente.

— Barão Holland — Se apresentou — E esta é lady Charlotte Daicheston, a filha do duque de Calverstill. Encantado de conhecê-los — Acrescentou levando a mão de Daphne aos lábios.

— E se voltássemos para os carros? — Sugeriu Lucien — Acho que colocaram ali as coisas do piquenique.

Charlotte se deu conta da ironia da situação. Era ridículo, estava no parque com um pretendente rejeitado, que em vez de estar deprimido parecia estar disposto a dedicar-se a Daphne, e com um possível pretendente, caso que pudesse se chamasse assim o Alex, que não estava interessado nela; e se por acaso fosse pouco havia um terceiro homem que lhe era completamente desconhecido.

— Senhor — Disse a Lucien — Já que nosso anfitrião desapareceu não seria melhor seguir seu exemplo? Eu por minha parte estaria encantada de passear um pouco antes de comer.

Alex pensou que enfrentava um adversário de sua altura quando viu um bom momento depois, que os outros chegavam alegremente ao lugar do piquenique. Seu laço tinha colocado uma hora antes a toalha, os guardanapos e o faqueiro de prata com seu escudo. O champanha se esquentava lentamente em um cubo que ao princípio estava cheio de gelo agora derretido.

Ele estava sentado na erva olhando Charlotte a qual se aproximava devagar com o rosto voltado para Lucien. Tinham-no pego em sua própria armadilha e isso o impulsionou a agir. Levantou-se com um sorriso de boas-vindas.

— Bom já estamos outra vez de bom humor e os estávamos esperando.

Assinalou a Pippa que estava arrancando grama e a Charlotte entraram vontades de rir.

Todos se colocaram em silêncio

— Bem! — Exclamou alegremente Will — Minha ligeira colação foi substituída por um banquete digno de um rei.

Charlotte não sabia muito bem porque se sentou ao lado de Alex, esquecendo como a tinha tratado anteriormente. Não pensava voltar a fazer o papel de tola; entretanto

quando o lhe roçou o braço, estremeceu.

— Milorde?

— Só queria lhe dar uma fruta — Disse ele apoiando-se em um cotovelo.

— Bem... Onde está sua filha?

O conde rodou a um lado e Charlotte pôde ver a Pippa atrás dele.

— É normal que coma grama?

— Certamente que não — Admitiu ele — Pippa, deixa de comer grama.

Voltou a pegar o morango que tinha dado a Charlotte.

— Melhor comer este disse entregando o morango a sua filha quem a esmagou alegremente na face.

— Por todos os céus! — disse Charlotte — Parece necessitar muita atenção não tem babá?

— Sim — Respondeu — Está ali.

Assinalou com a cabeça a quão criados estavam um pouco mais longe sentados em uns bancos. A única mulher que havia entre eles levava o impecável uniforme das preceptoras.

— Por que não está com a Pippa?

— A Pippa não gosta muito dela; parece que não sei escolher às babás; teve cinco nas últimas semanas mais nenhuma ela parece gostar muito — demonstrarci.

Levantou a menina para pô-la entre eles. Assim que Pippa viu Charlotte começou a dar gritos com toda a força de seus pequenos pulmões. Alex voltou a pô-la atrás dele e, assim que deixou de ver Charlotte, começou a arrancar grama de novo. E a comê-la.

— Por quê? — Perguntou Charlotte.

— Sua mãe esteve gravemente doente durante três ou quatro semanas, não sei exatamente; Pippa ficou aos cuidados de uma série de babás que em seguida se foram porque temiam contagiar-se da escarlatina de Maria.

— Pobre pequena! E agora tem medo das mulheres?

— Exato. De modo que já vê, temo que a única solução seja que me case. Minha filha odeia às babás, acredito que a única forma de que se acostume às mulheres é me casar com uma.

Brilhavam os olhos.

— O que lhe parece?

— Não lhe parece uma solução muito drástica? — Perguntou ela muito séria.

Alex encolheu os ombros.

— Já sabe como é isso. Chega um momento, na vida de todo homem, quando sente o sorvete fôlego da velhice, a tumba que...

— Basta, por favor! — Protestou Charlotte torcendo-se a rir — Tem você Quantos anos? Trinta e cinco?

-Trinta e um, mas tenho que casar-me — Insistiu Alex aproximando-se um pouco mais — Minha tia Henrietta me repete isso constantemente. Já verá — Disse fazendo cócegas com uma folha — O futuro do título de conde de Sheffield e de Downes em minhas mãos.

Charlotte mordeu os lábios para não rir.

— E seu irmão? — Murmurou ela já que estavam tão perto um do outro que não precisavam falar em voz alta.

— Por desgraça Patrick esta na Índia. Não, devo me casar... Pelo bem da linhagem, é obvio.

— Grande sacrifício! Alegro-me de não ser um homem. Não seria capaz de me decidir a fazer algo assim.

— De verdade? Nem sequer se fosse necessário?

— Como é possível que seja necessário? Tenho minhas próprias rendas e meu irmão garante a continuidade do sobrenome. Confesso — continuou ela com um brilho travesso nos olhos — Que vejo que ficarei solteira; mas posso lhe recomendar a algumas mulheres encantadoras. Depois de tudo não é você muito exigente sempre e quando a dama tenha instinto maternal. Por exemplo, lady Doctorow; não é especialmente formosa, mas só as más línguas se atrevem a dizer que esta gorda. Em todo caso tem muito instinto maternal e, como já tem cinco filhos, adorará a Pippa.

— Não — Grunhiu Alex — Minha esposa não deve ter filhos próprios.

— Mas...

Charlotte foi interrompida por Daphne Blanc.

— A menina ficou adormecida com o nariz metido em uma planta — Anunciou.

Todos olharam à pequena quem em efeito, tinha a bochecha em cima de um prato cheio de gelado e restos de erva e morango ao redor da boca. Charlotte lhe encolheu o coração.

Alexander a pegou nos braços e procurou um guardanapo limpo para limpar sua face. Já que não o encontrava, colocou a Pippa nos joelhos de Charlotte.

— Quer segurá-la um momento? — Perguntou com seu mais encantador sorriso — Vou ver se a babá não caiu no lago.

De onde ela estava Charlotte podia ver que a babá estava aproveitando o tempo paquerando com os quatro lacaios do conde e o criado do barão.

Graças a Deus, Pippa não despertou. Alex, não estava brincando, realmente necessitava uma mãe para sua filha. Por desgraça parecia ter escolhido Charlotte. Por um momento esteve tentada de pôr à menina a um lado, mas... Estava dormindo tão a gosto com a cabeça apoiada em um de seus joelhos... De modo que ela não se moveu dividida entre a indignação e a ternura.

Alex estava entretenido muito com os criados e notou que outros a estava olhando de maneira estranha.

-Vai danificar o vestido — Disse Daphne com seu forte sotaque francês — É do Antonin Careme não é? Este conde não se distingue precisamente por suas boas

manceiras.

Will estava pensativo, perguntava se não acabava de produzir uma fissura entre Charlotte e seu atraente amigo da qual pudesse aproveitar-se. Mas não, disse suspirando, era melhor dedicar-se a cortejar a Daphne e esquecer-se de ter algum dia à encantadora senhorita Calverstill em sua cama.

Charlotte notou que se ruborizava; a manobra de Alex carecia de sutileza, dava a sensação de que estava pondo a prova sua capacidade para converter-se em mãe.

Lucien notou seu embaraço e se aproximou dela.

— Posso? — Disse antes de pegar à pequena adormecida, em seus braços — Vou leva-la para dar um passeio.

Charlotte olhou a Daphne. Esta última tinha de repente os olhos cheios de lágrimas e olhava ao vazio. Will, compreendendo que não queria que outros fossem testemunhas de sua emoção, estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se.

— Vamos também a dar um passeio quer? — Sugeriu.

Partiram na direção oposta.

Alex voltou com um pano úmido na mão, deteve-se surpreso ao não ver sua filha.

— Lucien a levou a dar um passeio — explicou Charlotte.

Ele se deixou cair na grama a seu lado.

— Lucien e Daphne vivem na Inglaterra há anos? — Continuou.

— Acredito que sim.

— Ele estava casado antes?

— Sim.

— Acredito que, além disso, tinha um filho pequeno — Murmurou Charlotte — Por isso Daphne parecia tão triste. É horrível!

Alex permaneceu em silêncio. Ele tinha chegado à mesma conclusão pouco antes, quando Lucien e ele praticaram esgrima na larga galeria onde estavam seus antepassados em Sheffield House. Normalmente seus amigos ignoravam Pippa ou sugeriam que essa menina tão mal educada deveria estar na creche.

Lucien em troca fez um descanso e se ajoelhou ao lado da menina lhe falando com suavidade.

— Hei — Disse a quão criados que recolhessem tudo — Quer que caminhemos um pouco?

Dirigiram-se em silêncio para o lago, ao mesmo lugar onde, um pouco antes, Will tinha pedido a ela sua mão. Mas em vez de sentar-se no banco se deixaram cair sobre a grama. Sem preocupar-se com sujar mais o vestido, Charlotte se sentou no chão rodeando os joelhos com os braços.

Alex se deitou cruzando as mãos por debaixo da cabeça e olhou a Charlotte dissimuladamente. Pôde contemplar a prazer suas magras costas, seu pescoço de cisne e a curva de sua bochecha. Não perdeu o tempo em averiguar porque a desejava tanto; simplesmente a desejava; desejava sentir como se estremecia sob suas mãos. E como

necessitava uma esposa, esse súbito desejo não podia ser mais oportuno. Charlotte seria uma encantadora condessa, uma deliciosa companheira de cama e, cedo ou tarde, se converteria em uma mãe ideal para a Pippa.

— Suponho — Disse levantando para sentar — Que lhe pareceu uma rabugice de minha parte que pusesse a minha filha nos joelhos sem lhe pedir permissão. A verdade é que foi uma grosseria de minha parte. Este vestido vem da França?

Estava tocando um resto de morango que havia sobre o joelho dela.

— Esperava algo melhor de você — Respondeu ela com voz melosa.

Ele se pôs a rir.

— Tocado.

— Em resumo — Continuou — Esqueceu completamente de nosso primeiro encontro, quando você... Não importa. A segunda vez que nos vimos me tocou de forma totalmente inapropriada. E a terceira vez mentiu ao barão Holland, de quem diz ser amigo, e impõe sua presença no piquenique. Se por acaso fosse pouco me põe uma menina cheia de sujeira nos joelhos. De modo que me inclino a pensar que não faz você nada que não se mereça uma crítica e certamente não espero nenhuma cortesia de sua parte.

Alex notou que ela não tinha afastado sua mão do joelho.

— Tem você razão em tudo — Reconheceu.

Subiu um pouco a mão com o passar da coxa e esta vez ela a afastou.

— Chegal

Ele riu.

— Verá, tenho alguns atenuantes. Recentemente que sou pai e não me sinto completamente a gosto nesse papel, sobretudo em público.

— Ao contrário, poucas vezes vi um homem tão relaxado em uma situação como esta.

— Por outro lado — Continuou ele — Não esperava encontrar uma mulher com a que queria me encontrar assim que voltei, de modo que me pegou de surpresa.

— Sei por que deseja casar-se Replicou — Necessita uma babá para que se ocupe de sua filha.

— Você não se parece com nenhuma babá que eu conheça. Onde está sua touca engomada?

Deixou vagar os dedos pelos cachos escuros dela.

— As babás — Insistiu ele deslizando a mão para a base do pescoço — Usam roupas que tampam as clavículas. Converti-me em um perito depois de ter tido em minha casa a cinco delas nas últimas semanas. As babás não permitem nunca aos homens que vejam algo tão encantado como isto...

Sua mão se deteve no bordo do delicioso vale entre seus seios e ela conteve o fôlego. Por um momento a dominou o desejo mais depois se afastou. Isso era o que tinha acontecido três anos antes. Se descuidava a seduziria ali mesmo, na grama a pleno

dia. Mas possivelmente o conde tinha o costume de seduzir às mulheres em qualquer lugar. Desta vez ela não tinha nenhuma intenção de ceder.

— Milorde — Disse com frieza — Peço que controle suas mãos. Algumas mulheres achamos detestáveis os cuidados não desejados.

As pupilas Dr. Alex se escureceram e aproximou seu rosto ao de Charlotte.

— É esse seu caso?

Ela conservou um prudente silêncio. Lentamente, sem deixar de olhá-la, pegou sua mão e a levou aos lábios. Ela baixou as pálpebras para dissimular sua confusão.

— Pode que tenha razão — Disse com um resto de diversão na voz — Minha tia Henrietta não espera que me case com uma mulher que não me deseje.

— Exatamente! — Exclamou Charlotte que voltava a ser proprietária de seus atos e soltou sua mão — Se o que deseje sua tia Henrietta para você: uma mulher apenas saída do convento. Apaixonará por você a primeira vista e é possível que não importe sua avançada idade. Ou ao menos não muito — Se corrigiu com malícia — Depois de tudo é um conde!

— É certo. E seria bom que mostrasse as coroas pintadas em minha carruagem se por acaso ela chegasse a esquecer-se de meu título.

— Boa ideia. Vá você fazendo uma ideia da situação milorde. Os homens com o cabelo branco não podem esperar ter o mesmo êxito que os jovens.

— E o que posso fazer? — Perguntou Alex com um tom estranhamente suave — Se ela eu não gostar tanto como eu a ela? Entende meu problema? Tenho uma grande inclinação pelas mulheres mais amadurecidas, do tipo das que são assíduas aos salões de baile há três ou quatro anos.

Charlotte viu tudo de cor vermelha. Nunca ninguém se atreveu a insinuar que ela fosse uma mulher amadurecida, ou dito de outro modo; uma solteirona.

— O problema é que uma mulher com mais experiência teria muito caráter para aceitar seu oferecimento milorde — Replicou contente de que sua voz não tremesse.

Alex deu um grande suspiro. Pegou de novo sua mão e a levou aos lábios.

— Lamento Charlotte, mas meu coração só suspira por essa mulher de mais idade; deve ter ao menos vinte anos; e estou completamente seguro de não preferir a uma adolescente por muito dócil que esta seja.

Charlotte estava furiosa. Essa conversa era absurda. Ela mal conhecia esse homem e já estavam falando de matrimônio. Se por acaso fosse pouco, ele a estava insultando.

— Estou segura de que assim que tenha feito essa difícil escolha será mais fácil do que acha levá-la a cabo.

Alex emitiu um grunhido. Ao levantar ela o olhar com estranheza, agarrou-a e a pôs de joelhos para atraí-la para ele. Ela deveria ter resistido mais seus sentidos a traíram e lhe ofereceu os lábios como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ele se apoderou de sua boca e ela se sentiu tonta por seu calor e sua virilidade.

Quando ele abandonou seus lábios foi semear todo seu rosto de suaves beijos que a deixaram sem respiração.

Ele estremeceu. Tinha que deter-se; estavam-se beijando onde qualquer podia ver e arruinar a reputação de Charlotte não era a melhor forma de começar uma relação.

De modo que sem dizer uma só palavra se afastou, fê-la dar a volta e a colocou entre suas pernas. Precisava tranquilizar-se. Ela permaneceu tensa por um momento antes de deixar cair contra ele.

Alex apoiou o queixo nos perfumados cabelos dela.

— Dou-te uma semana para aceitar minha proposta — Disse em voz baixa — Depois me verei obrigado a te raptar.

Ela quis protestar mais ele tampou a boca com decisão.

— Não.

Ficaram um momento em silêncio e depois ele notou os pequenos dentes dela lhe mordendo os dedos.

— Deus! — Suspirou — Havia esquecido que vou casar com uma mulher que já perdeu os dentes de leite.

Charlotte não sabia o que dizer; sabia que poderia ter feito amor com esse homem aí mesmo, em pleno dia, em meio do Hyde Park. Não reconhecia a si mesma.

Quando ele a pôs de pé, encontrou ao fim a coragem de enfrentar seu olhar e lhe deu um tombo o coração. A expressão dele não traía nem ironia nem sarcasmo; ele não a estava olhando como se fosse uma mulher fácil mais sim como se fosse um doce néctar do qual nunca se cansaria.

— Sabe que nossas sobrancelhas têm a mesma forma? — Murmurou ele — Acha que é esse parecido o que me tornou louco as duas vezes que nos vimos?

Charlotte mordeu os lábios para não dizer que tinham sido três. Não recorda que me seduziu em um jardim faz três anos? Pensou sem atrever-se a dizê-lo em voz alta.

Ele agarrou seu queixo obrigando-a a levantar a cabeça.

— Vamos nos casar — Disse tranquilamente.

Irritou-se ao ver que ela franzia o cenho.

— Esta comprometida? Esta casada?

Ela negou com a cabeça.

— Então — Continuou ele completamente seguro — Nos casaremos com uma licença especial dentro de uma semana.

— Não — Disse Charlotte.

— Não?

— Não, milorde — Repetiu ela antes de dirigir-se para as carruagens ainda tremendo de desejo mais com a mente limpa.

Alex tratava às mulheres como se fossem peões. Se não tivesse conhecido três anos antes, sem dúvida teria deixado enganar por sua orgulhosa aparência e a suavidade de seus beijos; mas ele tinha desaparecido de sua vida esquecendo-a imediatamente embora tivesse arrebatado sua virgindade. Era evidente que o que para ela tinha sido uma experiência traumática, para ele só tinha sido algo rotineiro; e se agora propunha

matrimônio só era para ter uma babá para sua filha.

Nunca se casaria por uma razão como essa. Por outro lado, ele era um mulherengo que certamente iria procurar outras mulheres assim que lhe desse as costas.

Andavam em silêncio, um ao lado do outro. Se somente não lhe desse um tombo o coração só o olhando! Inclusive neste momento ela tinha vontade de aproximar-se dele, de jogar os braços ao pescoço, de...

E se se casasse com ele? Compartilhariam a mesma cama. Suspirou. Não. Seu pai respeitava e amava a sua mãe e ela devia seguir seu exemplo. Este conde era um homem estranho, um pouco brusco e inclusive algumas vezes mal educado; seria difícil viver com ele. Ela queria um homem que a amasse embora ela não experimentasse um grande desejo por ele. Um matrimônio não podia apoiar-se unicamente no desejo.

Seus amigos já estavam esperando perto dos carros. Pippa parecia estar completamente feliz, estava brincando sob as árvores com um dos lacaios do Alex.

Daphne em troca parecia zangada. As maneiras de conde de Sheffield como anfitrião deixavam muito a desejar, e isso chocava com seu sentido das conveniências. Quanto a lady Charlotte, Daphne se deu conta de que estava mais despeteada que uma hora antes. Nunca poderia entender os nobres britânicos.

Alex, por sua parte, só pensava em Charlotte. Nunca tinha conhecido a uma mulher tão formosa, com seus vermelhos lábios e os cachos em desordem graças a ele. Dissesse ela o que dissesse, seria dele; tinha tudo o que desejava em uma mulher: uma verdadeira suavidade e ao mesmo tempo uma paixão transbordante que nunca tinha visto em uma dama da aristocracia.

Apertou os dentes. Tinha ido muito rápido, isso era tudo. Charlotte era uma encantadora mulher cortejada por meia Londres. Não podia esperar conquistá-la simplesmente dizendo que se casariam dentro de uma semana. Só tinha conseguido assustá-la, tinha que ser mais paciente e mimá-la um pouco.

Acompanhou educadamente Daphne a sua carruagem e com a mesma educação saudou Will quem ia levar Charlotte em seu carro. Fez caso omisso do sorriso gelado que lhe dedicou a jovem. Era evidente que estava fingindo.



No transcurso da seguinte semana toda Londres se divertiu vendo o conde de Sheffield e de Downes perseguindo à formosa lady Charlotte Daicheston, mas ninguém teria podido dizer o que ela pensava. Ria e paquerava com todos seus pretendentes sem mostrar nenhum favoritismo pelo conde. As matronas a viram dançar dois bailes com ele e depois dois com outro conde, Braddon Chatwin. Depois dançou duas vezes com Will Holland e com um homem que poderia ser seu pai, Silvestre Bredbeck.

O que todo mundo se perguntava era se alguém o havia dito. Quer dizer, se não fazia casar Alexander Foakes porque estava a par de sua impotência ou se só estaria agindo por instinto.

A verdade era que ninguém havia dito nada a ela, toda a alta sociedade sabia menos Charlotte. Intrigava o matrimônio anterior de Alex por culpa de alguns retalhos de conversa, mas não tinha uma informação propriamente dita. Por outro lado o tema da impotência não era algo que lhe pudesse passar pela mente em relação ao Alex. Ela inclusive podia testemunhar que não ocorria nada nesse sentido.

Adelaide estava preocupada. Se não tivesse estado virtualmente segura de que Alex era o homem que tinha deflorado a sua filha três anos antes, houvesse dito a verdade rogando; não, ordenando; que deixasse de vê-lo. Mas não sabia o que fazer. Charlotte não havia dito nada e não parecia ter muita vontade de falar do tema.

Quanto ao duque, que não sabia nada do que tinha ocorrido anos atrás a sua filha, opunha-se tenazmente a que Charlotte se casasse com o conde.

— Além disso, tenho intenções de ser extremamente claro com ele — Anunciou a sua mulher — Se cometer a imprudência de me pedir a mão de Charlotte, o direi. Não quero que nenhuma de minhas filhas se case com um frouxo, um...

Interrompeu-se ao recordar que havia algumas expressões que não podiam ser ditas diante uma dama embora fosse sua esposa.

— Entendo-o Marcel — Tranquilizou Adelaide — E é obvio estou de acordo contigo. Entretanto acredito que deveríamos deixar que Charlotte escolhesse a seus pretendentes.

— Suponho que ela não sabe nada.

— Em efeito.

— Bem, pois tem que dizer e ponto. Será um pouco embaraçoso mais ela deve saber que esse homem tem uma... Enfermidade. Maldição! Já lhes explicou algumas coisa a Violet e Winnifred antes de sua noite de núpcias não?

— Sim, mas...

— Terá que fazê-lo Addie. Não podemos permitir que todo mundo zombe de nossa filha. A metade das pessoas acredita que ela só pensa no dinheiro e que não

importa se um homem é... Pouco apto. E não desejo que sigam pensando entende? Sabe quantas pessoas me perguntaram o que se sente ao ter uma filha que é cortejada por um galo sem plumas?

— Um galo sem plumas — Repetiu Adelaide assombrada — Um galo sem plumas... Não está mau.

O duque estava vermelho de indignação.

— Não repita essa expressão Adelaide. Não é adequado. Entende o que quero dizer não? Cada dia põe um nome novo. E me acredite que compadeço dele, mas porque aprecio de verdade. Deu um discurso muito interessante na Câmara dos Lordes o outro dia referindo-se aos protestos dos camponeses. Então ninguém pensou em referir-se a sua enfermidade, me acredite. Apesar de tudo não é um homem ao que ninguém deseje ter na família. Não pode ter filhos Adelaide pensou nisso?

Fulminou a sua mulher com o olhar.

— Eu não estou dizendo que Charlotte deva casar-se com ele Marcel — Protestou a duquesa — Mas não quero falar deste tema com ela. Depois de tudo não demonstra estar interessada nele por que não deixar as coisas como estão de momento?

— Porque corremos o risco de que o consiga em qualquer momento. Deveria ter ouvido o outro dia. Esse homem sabe falar e, além disso, é endiabradamente atraente; o vendo ninguém poderia imaginar que esta doente. Se não fosse por esse problema seria um genro perfeito.

— Já vejo, teme que ela se apaixone por ele.

— Se isso chegasse a acontecer estaríamos com problemas. Já sabe a cabeça dura que é Charlotte. Nem sequer pudemos impedir que Winnifred se casasse com esse americano e é a mais dócil de nossas filhas. Se Charlotte meter na cabeça casar-se com ele, o fará sem preocupar-se com as consequências.

Deixou-se cair na cama.

— Simplesmente se encerrará Addie — Continuou — Poderá pintar durante horas em sua oficina mais isso não a fará feliz.

Atalhou a sua mulher para e concluiu:

— Não estaria bem.

Adelaide se aconchegou contra ele perguntando-se devia lhe falar da desgraçada experiência de sua filha em Kent. Decidiu que não. Se enfureceria e iria diretamente procurar Alexander Foakes. Além disso, estava preocupada com o assunto do outro gêmeo. Se fosse o outro como se chamava? Um nome irlandês, e se era ele quem tinha seduzido a sua filha no jardim? Seria capaz Charlotte de diferenciá-los?

— Há algo que me preocupa Marcel. Sarah Prestlefield me disse que Alexander Foakes tinha uma filha. Inclusive parece ser que segue a todas as partes em vez de ficar com a babá. Tem aproximadamente um ano e esta muito mal educada, não se separa de seu pai nem um momento. Além disso, Sarah diz que é seu vivo retrato. Como é isso possível se o for... Ehhh... Está incapacitado?

— Não sei. Não ouvi falar dessa menina, mas sabe que poderia ser a filha de

qualquer. Acredito que sua mulher morreu, pode que ele a adotasse ou que não seja seu verdadeiro pai.

Houve um breve silêncio.

— Deus que desagradável é tudo isto! — Suspirou ao final a duquesa — A mim agrada muito Marcel. De verdade. Esta completamente seguro? Pode ser que sejam só rumores.

O assentiu com a cabeça.

— Sua primeira mulher, tal Maria Colonna, solicitou a anulação do matrimônio alegando impotência e Alexander não negou. Ela pertencia a uma boa família de Roma, e ali o assunto se considerou como uma desgraça. Ela morreu faz uns meses e ele voltou para a Inglaterra. Com a menina, certamente, embora ninguém me falasse nunca dela.

Adelaide estava tentando pôr em ordem suas ideias. Tinha outro problema: não queria que Charlotte se inteirasse de que Alexander e seu irmão assistiram ao seu baile de apresentação e que ela os tinha visto e não a tinha avisado. Sua filha se zangaria pensando que sua mãe a tinha traído.

Marcel rompeu o silêncio.

— No Brooks se fez aposta sobre se nossa filha se casará com ele ou não.

Preferiu não dizer que havia outras apostas, como se o matrimônio acabaria sendo anulado, se Charlotte tomaria um amante no ano seguinte a suas bodas, se a arrumaria para ficar grávida de outro homem proporcionando assim a Alex um herdeiro que não tinha por força que parecer-se com ele.

— É uma situação muito delicada Addie por que não anima Braddon Chatwin? Ele também é conde e embora não seja um homem brilhante, conheci seu pai muito bem. E era normal.

“Normal” era um grande completo em boca do duque.

— Este Alexander não só é impotente mais sim tem uma filha, o qual é pior. Antes sempre estava metido em problemas, não muito graves, reconheço-o, as habituais tolices da gente jovem. Cafés da manhã com champanha em companhia de algumas cortesãs e esse tipo de coisas. Não era um libertino propriamente dito, mas...

Interrompeu-se ao recordar que Alexander Foakes tinha fama por suas aventuras com mulheres.

— Pode ser que tenha tido um acidente com o cavalo — Resmungou — Mas se este matrimônio se levasse a cabo não encontraríamos com uma filha desventurada cujo nome seria jogado na lama. Nós na Inglaterra não temos um papa que possa arrumar uma situação assim. O escândalo destroçaria sua vida. E isso tampouco seria bom para Horace quando herdar o título.

— Oh Marcel! — Interveio Adelaide um pouco molesta — Creio que está exagerando a importância deste assunto. Não devemos nos preocupar tanto, a final de contas Charlotte só dança com umas quantas vezes.

— Isso é falso — Respondeu ele — Acompanhou a um piquenique, e dizem que passou um momento a sós com ele. São fofocas dos criados, evidentemente, mas o dano

parece. Se isto continua assim sua reputação ficará destruída antes inclusive de que se case com ele.

Adelaida assimilou em silêncio a notícia de um piquenique do qual não estava inteirada.

— Não sei por que — Disse teimosa apesar de tudo — Se ele for impotente por que reprovam Charlotte que passasse um momento com ele? Não tem nada de mal distrair-se com um... Galo depenado.

Marcel a fuzilou com o olhar.

— Não volte a dizer isso ou poderiam te confundir com uma mulher de costumes dissolutos. Além disso, desde quando as fofocas dos criados são lógicas?

— Não só não é lógico mais além disso é ridículo. Como poderia desonrar Charlotte um homem que é impotente?

— O feito é que todo mundo fala disso. As pessoas só estão esperando que ela de um passo em falso. Terá que esclarecer as coisas com ela.

— Certo — Cedeu por fim Adelaida — Falarei com ela. Mas toda esta história é muito estranha querido. Alexander está cortejando Charlotte como se... Caramba; parece tão decidido que eu pensaria que é a união mais romântica do mundo a não ser que ele não tivesse esse problema de...

— Sei, sei.

— Então porque quer casar-se com ela?

Marcel se negava a pensar que Foakes pudesse ser um caçador de dotes; já que tinha três vezes mais dinheiro que ele.

— Talvez pelo prazer da competição — Disse — Lembra-se quando eu te cortejava Addie? Todos esses patifes que rondavam ao seu redor... É obvio não me preocupavam muito, mas quando por fim aceitou se casar comigo, isso fez que o prazer da vitória fosse maior. Havia um cavalheiro... Um jovem mais bem atraente se lembra?

— O cavalheiro Noland — Respondeu ela com um sorriso.

— Esse me preocupou um pouco — Confessou alegremente Marcel — Agora que penso também se faziam apostas no Brooks comigo. Recordo o Glimflabber... Um dia em casa do Paul, gabou-se de ter dançado duas vezes seguidas contigo e me aconselhou que renunciasses a você.

Adelaida o escutava com paciência.

— Foi Glendower, querido, não Glimflabber.

— Foi a mesma noite que me concedeu sua mão Addie e foi maravilhoso ver a cara que pôs Glendower quando se fez o anúncio oficial. Então já não ria. Mas de todas as formas disse que se casava comigo por meu título. Uma maneira como outro qualquer de consolar-se.

Ela se levantou e deu um beijo rápido a seu marido na testa.

— Vou falar com Charlotte agora mesmo.

Marcel lhe agarrou as mãos.

— Addie, diga que recusarei a petição de mão de Foakes se se decidir a fazê-la. Não aceitarei a esse homem como genro.

Eram dez da noite e Charlotte deveria ter estado na cama pensando em suas entrevistas do dia seguinte; entretanto em vez de dirigir-se à habitação de sua filha, Adelaida subiu à oficina.

Charlotte estava ali, imóvel diante do cavalete.

— Posso entrar querida? — Perguntou a duquesa.

Aproximou-se de sua filha.

— É encantador, realmente encantador — Exclamou.

Charlotte tinha terminado o retrato de Sophie York. A jovem estava sentada em cima de uma árvore caída em meio de um claro. O chão a estava estofado de jacintos que se estendiam até os matagais. As dobras de seu vestido estavam perfeitamente reproduzidas, mas sua expressão... Em vez de olhar ao longe como acontecia na maioria dos retratos, Sophie olhava diretamente ao espectador com um sorriso irônico nos lábios. Seu olhar era desafiador. De fato não parecia uma dama possivelmente por seu carnudo lábio inferior, disse-se Adelaida.

— Espero que não mostre esse quadro a Eloisa.

— Não mamãe, tranquila. Guardarei-o e o darei de presente ao marido de Sophie quando se casar. É muito atraente verdade?

Adelaida sorriu.

— É um excelente retrato, Charlotte e é muito parecido com Sophie.

Recordou de repente o motivo de sua visita. Não sabia por que Marcel e ela temiam tanto falar do tema com Charlotte; as mulheres de hoje em dia sabiam muito mais que ela na mesma idade.

Sentou-se no sofá e fez um gesto a sua filha para que se sentasse a seu lado.

— Temos que falar querida.

Charlotte obedeceu a contra gosto. Tinha uma ligeira ideia do que sua mãe queria lhe dizer. Ultimamente a em qualquer lugar que fosse se encontrava com alguém que perguntava sua opinião sobre o conde de Sheffield, e esse excessivo interesse parecia muito estranho. As pessoas pareciam estar fascinadas pelo cortejo que estava fazendo Alex enquanto que não se interessavam muito pelo Braddon Chatwin que também era conde.

Ela por sua parte não podia deixar de pensar em Alex dia e noite; debatia-se perigosamente entre a emoção por sua insistência e o temor a sofrer uma terrível humilhação se aceitasse casar-se com ele. Via a si mesma esquecida em casa enquanto seu marido saía com outras mulheres às que possivelmente inclusive seduzira em seu próprio jardim.

Adelaida não sabia como começar.

— Seu pai e eu nos demos conta — Disse ao fim — De que o conde de Sheffield está interessado em você.

— Em efeito — Murmurou Charlotte.

— Temos... Temos a impressão de que deveria conhecer as circunstâncias de seu primeiro matrimônio.

— De seu primeiro matrimônio?

— Não sabe que já esteve casado?

— Não, inclusive conheço sua filha.

— Oh! Bom, Alexander Foakes esteve casado com uma tal Maria, Maria não sei o que. Ao cabo de um ano de matrimônio esta mulher pediu a anulação à igreja alegando impotência.

Adelaida olhou a sua filha com ansiedade.

— Impotência? E isso o que é?

Isso era o que Adelaida temia; de modo que se lançou a dizer uma série de eufemismos e verdades pela metade que Charlotte teve verdadeiras dificuldades para entender.

— Refere-se a que não tem... Genitais? Isso é mentira.

Adelaida se sobressaltou.

— E você o que sabe? — Perguntou secamente.

— É ele mamãe. Faz três anos, era ele.

— Ah!

Fez-se um silêncio.

— “Impotente” não quer dizer que não exista o órgão em questão Charlotte; só que não funciona corretamente.

Charlotte não tinha nem ideia do que queria dizer sua mãe.

— Não posso fazê-lo! — Exclamou a duquesa com frustração — Está não é uma conversa apropriada.

Seu olhar se posou sobre o retrato e teve uma súbita inspiração.

— Por que não pede a Sophie que lhe explique isso? Lamento muito ser tão torpe querida, mas este tipo de coisas não fazem parte de meu vocabulário. A suas irmãs só o essencial para que não fossem ao matrimônio em uma total ignorância. Minha mãe não me avisou e minha noite de núpcias foi uma verdadeira surpresa.

Sem dúvida, pensou Charlotte recordando a aguda dor que ela sentiu. Depois dessa noite no jardim muitas vezes se perguntou como podiam suportar algo assim as mulheres todas as noites.

— Não se preocupe mamãe — Disse suavemente — Seja qual seja o problema não tem importância, porque decidi não me casar com Alexander. Já disse a ele e quando entender que não vou mudar de opinião buscasse-se a outra para...

Não acabou a frase e Adelaida a olhou preocupada.

— Se realmente foi Alex aquela vez — Disse com uma aliviada dúvida — Quem sabe fosse boa ideia casar-se com ele. Depois de todo ele...

— Não! — Declarou com firmeza Charlotte.

Fez-se um silêncio e logo agarrou com carinho as mãos de sua mãe e a ajudou a levantar-se.

— Tudo está bem mamãe. Pedirei a Sophie que me esclareça isso e enquanto você pode dizer a papai que não tenho intenções de me casar com o Alexander Foakes seja qual seja o problema.

Entretanto estava segura que ele não tinha nenhum problema nesse aspecto e que tudo lhe funcionava normalmente.

Adelaide, já na porta, girou-se.

— Ouviu falar do gêmeo de Alexander?

— Sim.

— Não acha que poderia tê-los confundido? Parecem-se como duas gotas de água, tanto que inclusive os que mais conhecidos os confundem às vezes.

— Como pode pensar algo assim? Sabe o que aconteceu aquela noite e acha que não poderia os diferenciar?

— Mas estava escuro querida, não é certo? E, além disso, faz três anos devia levar uma máscara.

— Não. É impossível — Murmurou Charlotte — Posso recordar a forma de suas maçãs do rosto, a curva de sua mandíbula e inclusive seu aroma.

— Carinho — Suspirou Adelaide abraçando a sua filha.

— Quem não me reconhece é ele mamãe.

A duquesa se esticou; nunca tinha pensado nessa possibilidade. Imaginou-se que Alexander teria reconhecido à formosa jovem cuja virgindade tinha arrebatado e que a cortejava; apesar de sua enfermidade; possivelmente por certo sentido do dever. Mas nunca pensou que ele não pudesse ter reconhecido a sua encantadora e deliciosa filha. Olhou ao Charlotte com assombro.

Inclusive agora, com as lágrimas caindo por suas bochechas, Charlotte era uma das mulheres mais formosas que tinha visto em sua vida. Seu rosto se afinou e seu novo penteado realçava seus olhos, mas pelo resto não tinha mudado nada em três anos; suas sobrancelhas seguiam sendo arqueadas e era impossível não recordar umas sobrancelhas assim.

Uma ira como poucas vezes tinha experiente, dominou a Adelaide.

— Monstro! Condenado caipira! Arrancarei a pele!

Charlotte ficou aniquilada, sua mãe estranha vez mostrava suas emoções, o único dia no que a viu realmente fora de se foi quando o guarda de sua casa de campo bateu em sua mulher estando bêbado; foi vê-lo para lhe dizer que se voltava a ouvir que tinha bebido mais de três copos de cerveja seguidas o despediria imediatamente.

Pôs uma mão no braço.

— Mamãe se tranquilize. Além disso, se pode dizer que me saí bem. Possivelmente devia não tê-lo conhecido faz três anos agora não saberia como resistir ao porque não

saberia que é um...

— Libertino!

— Em todo caso — Continuou Charlotte algo tremula — Ele esqueceu nosso encontro e certamente não quero que saiba quão humilhante isso seria para mim.

Secou as lágrimas que seguiam brotando apesar disso.

— Diz que quer casar-se comigo, mas nem sequer tentou me buscar; sem dúvida só fui uma aventura a mais para ele. Não deixo de me perguntar por que o deixei fazer tudo o que quis. Então me pareceu que era algo mágico, pareceu-me...

Deu-se a volta e apoiou a testa na parede.

— Que estúpida era! Estava enfeitiçada pela luz da lua e desonrada por um homem que nem sequer o recorda. Para ele aquilo não significou nada. Nada para ele, mas tudo para mim.

Seu corpo se sacudia por enormes soluços e se balançava para frente e para trás com as mãos tampando o rosto.

Adelaide, petrificada, não sabia como consolá-la. Voltou a levar até o sofá, e ficaram ali em silêncio até que os soluços de Charlotte se acalmaram.

— Acredito que deveria se casar com ele — Disse a duquesa com calma.

Charlotte levantou a cabeça.

— O que?

— Deveria se casar com ele. Vamos pensar tranquilamente. Até agora reagimos com o coração, mas não com a cabeça. A realidade é que os homens não tomam suas aventuras muito a sério. É obvio seu pai não é um deles — Parou ao ver que Charlotte abria os olhos com assombro — Seu pai é um homem com uma conduta irreprovável, mas muitas de minhas amigas foram... Em resumo, inteiraram-se de que seus maridos as enganavam sem cessar. Minha querida Georgina teve que suportar toda classe de humilhações.

— A mãe da Julia? Mas se seu marido parece ser um bom homem!

— E ele é querida, mas não deixa de ser um homem e poucos deles respeitam os votos matrimoniais. John ama sinceramente a Georgina, mas vê a vida de outro modo. Ao menos não mantém a uma amante oficial e nunca escolhe a uma mulher de nosso entorno para suas aventuras o qual é um alívio. Por que acha que a mãe de Sissy sempre se queixa do coração? Simplesmente porque não pode suportar ver seu marido pavonear-se nos salões de baile levando do braço a quão jovem instalou em uma casinha de Mayfair Street.

— Perdão?

Charlotte não podia acreditar.

— Acredito que se chama Melinda ou um algo igualmente vulgar. Ela afirma que é a viúva de um major, mas todo mundo sabe que Nigel Commonweal passa quase todo o tempo em sua casa; e embora as melhores famílias não a convidam, consegue de todos os modos ir à maioria das grandes festas. Prudente não consegue ignorá-la e não posso reprova-la. Eu tive muita sorte com seu pai, nunca tive que enfrentar a uma humilhação

desse tipo.

— Não quererá dizer que papai também...

— Não, estou segura de que não me engana. Mas pode assegurar de que é a exceção que confirma a regra. O mais importante é que todos esses homens, embora sejam infiéis, não detestam a suas esposas. Simplesmente, para eles o ato sexual não é tão importante como para as mulheres.

— Eu não gosto nada disso mamãe — Se indignou Charlotte.

Sua mãe sorriu.

— A nenhuma mulher gosta. Bom isso não é de tudo certo; algumas mulheres da alta sociedade às vezes...

— Quais?

Este era o tipo de conversa que se interrompia bruscamente quando Charlotte se sentava perto de um grupo de matronas já que como jovem solteira não devia inteirar-se de algumas costure.

— Isso não é importante. Quão único importa é que se Alexander tiver esquecido o que aconteceu nesse jardim, parece, entretanto que te persegue constantemente e possivelmente devesse se casar com ele.

Interrompeu-se franzindo o cenho.

— Mas me esquecia de seu problema.

Charlotte esperou pacientemente, mas a duquesa não parecia disposta a continuar.

— Parece-me muito triste ter que me casar com um homem que sei que me enganará — Disse — Estou segura de que a mãe de Sissy nunca podia imaginar que seu marido teria uma ventura com a viúva de um major.

— Se realmente estiver doente não há perigo de que te aconteça algo assim. Mas por outro lado essa mesma enfermidade não faz do um bom candidato a marido.

Charlotte se mordeu o lábio com perplexidade

— Que enfermidade mamãe?

Adelaide agarrou ar bruscamente.

— Impotência é quando um homem... Quando seu membro está brando em vez de duro. Um homem assim não pode ter filhos entende agora?

Charlotte inclinou a cabeça. Ela tinha uma ideia bastante aproximada do ato sexual, nem tanto por sua própria experiência como pelo espetáculo que tinha presenciado, um ano antes, de um cavalo montando a uma égua.

— Não é correto — Prosseguiu a duquesa — Que Alexander te faça a corte sofrendo essa enfermidade.

— Seu membro é completamente duro, mamãe fracamente — Disse Charlotte — Quero dizer... Dava-me conta e...

Adelaide afastou o olhar.

— Olhe querida, um homem pode parecer apto até o último minuto mais ou

menos. Em todo caso o que sei é que um marido impotente não pode ter filhos.

— Mas ele, entretanto tem uma filha e Pippa se parece muito com ele.

Adelaide suspirou.

— Pode que a menina não seja dele; bom poderia ser filha dele mas não de sua esposa. Pode que a tivesse antes que adoecesse.

— Isso não tem sentido mamãe. Contou-me que Pippa estava um pouco desequilibrada porque quando sua mãe adoeceu a deixou aos cuidados de uma série de babás. E não estava mentindo.

— Não sei querida. Não sei nada dessa menina e seu pai tampouco, mas o certo é que sua esposa obteve a anulação alegando impotência e ele nunca negou. Teve que estar de acordo, do contrário lhe tivessem feito um exame.

— Refere a um exame médico?

— Charlotte tem que esquecer esse homem. Só se fala dele e a mulher que se transforme em sua esposa será o centro da curiosidade de todo o mundo. Imagina? Se ele fosse normal e seu tivesse um filho que por acaso não se parecesse com ele. Que pensariam as pessoas? Não e não. Não sei por que te persegue desse modo. Terá que conformar-se com que o filho de seu irmão seja seu herdeiro.

Charlotte ainda estava digerindo a ideia de que Alex era o centro de todas as conversas de Londres. Encolheu o coração ao pensar no que diziam dele, estaria ele informado? Sim, sem dúvida ele estava, mas não parecia o afetar e tampouco dava a mais mínimo sinal de estar preocupado por sua virilidade. Só de pensar no momento no que ele tinha abraçado se ruborizava.

— Quer casar-se comigo porque sua filha não suporta as babás — Explicou — Foi muito honesto nisso.

A Adelaide deu um tombo o coração ao ver a expressão desventurada de sua filha. Alexander era tão atraente com esse olhar de veludo!

— Seu pai acredita que é possível que tivesse um acidente montando a cavalo.

Charlotte pensou nessa possibilidade. A duquesa esclareceu a garganta.

— Já vê querida, não pode casar com ele, é muito formosa para se converter em uma simples preceptora. Quero que se apaixone e que possa fazer amor, que tenha filhos. Todas vocês, minhas filhas, são minha maior alegria, e me faria muito desventurada que seu nem sequer chegasse a conhecer a mesma felicidade.

Charlotte agachou a cabeça.

— Seria possível que sugerisse a Alexander que devesse falar com seu pai? Marcel saberá como dizer que você nunca se casará com ele e que pode ir-se procurar uma babá a outra parte. Francamente, odeio por querer casar-se contigo só por esse motivo.

— Essa não é a única razão — Protestou Charlotte em voz baixa — E preferiria dizer eu mesma.

— Então terá que ser muito firme Charlotte. Possivelmente seja mais fácil se recordar o que passou faz três anos.

— É possível.

— Estava pensando no que te disse sobre seu pai. Vivemos juntos perto de trinta anos; estou segura de que poderia encontrar um homem que, como ele, tome o matrimônio a sério. Fará-o te amar.

Charlotte sabia no fundo de si mesma que se não se casasse com o Alexander, nunca se casaria, mas não podia dizer a sua mãe. O ponto de vista de seus pais estava muito claro. Não dava muita importância a essa história sobre a impotência, mas sua mãe confirmou o que ela pensava: se Alex já não recordava seu encontro no jardim três anos antes isso era um mau presságio para o futuro. Por outra parte Charlotte não queria encontrar-se na situação da mãe de Sissy, encerrada em sua casa enquanto seu marido se divertia com uma rameira. A simples ideia de que Alex sorrisse para outra mulher gelava o coração.

— Mãe gostaria que me promettesse que nunca dirá a papai o que aconteceu. Sei que não quer ter Alex como genro, mas prefiro dizer eu mesma.

A verdade é que não entendia porque isso era tão importante para ela. Possivelmente porque suspeitava que se o duque falasse com Alex ela não voltaria a vê-lo nunca e essa possibilidade era insuportável. Não sabia como poderia suportar as noites sabendo que não ouviria sua voz em qualquer momento sussurrando coisas ao seu ouvido. Como ia ter desejos de dançar sabendo que nunca mais passaria seu braço ao redor de sua cintura para dançar uma valsa? Para ser completamente honesta, tinha que confessar que desde dia do piquenique só vivia esperando os momentos que compartilhava com ele.

Foi se deitar esgotada depois de prometer a sua mãe que informaria a Alex de sua decisão à primeira oportunidade.

Essa noite, pela primeira vez em toda a semana, Charlotte não sonhou com uns olhos escuros e umas mãos em cima dela. Olhou fixamente o teto até que as primeiras luzes do amanhecer se filtraram através das cortinas.

Então sumiu em um sono profundo.



Charlotte dormiu até às duas da tarde. Sua donzela foi várias vezes nas pontas dos pés perguntando-se se deveria despertá-la, mas a viu tão pálida e parecia tão triste inclusive adormecida que decidiu que sua senhora devia estar doente e que tinha que deixá-la descansar.

Quando Charlotte abriu os olhos, ficou uns minutos sem mover-se repassando a conversa da noite anterior com sua mãe. Por fim se espreguiçou e puxou o cordão para chamar à donzela. À luz do dia a situação não parecia tão grave.

Possivelmente ao final não tivesse que renunciar a Alex definitivamente. Encontraria o modo de dizer que seguiriam vendo-se como amigos, sabendo simplesmente que não se casariam.

Contente por ter encontrado uma solução, moveu alegremente os dedos dos pés. Por que não ia aceitar jantar com ele no próximo baile? Até esse momento as tinha arrumado para que outro homem a acompanhasse antes que chegasse já que tinha o costume de chegar sempre tarde às festas.

Quando apareceu Marie, seguida de um criado curvado pelo peso da banheira cheia de água quente, surpreendeu-se ao ver Charlotte sorrindo e cantando alegremente.

- Vou ao teatro esta noite — Anunciou — Acho que primeiro irei dar um passeio a cavalo e depois passarei pelo Blackwell para ver se encontro uma novela nova.

Normalmente não tinha muito tempo para ler, mas nesse momento acabava de terminar um quadro e não tinha começado com outro. Não sabia que pintar depois do retrato de Sophie. Sonhou por um momento com Alex sentado no sofá de sua oficina. Inclinar-se para ele para corrigir sua postura e ao pensar no que ele faria então a fez avermelhar.

— Depois de ir a livraria — Continuou rapidamente — Eu gostaria de tomar outro banho. Pode ir ver monsieur Pommier para pedir que se encontre comigo hoje?

Dois banhos em um dia! Marie pensava que dois banhos à semana eram suficientes. Além disso, sua mãe havia dito muitas vezes que muita água podia meter-se nos pulmões.

— O que usará esta noite milady? — Perguntou um pouco depois.

Charlotte estava desfrutando de seu banho.

— O vestido branco e preto.

Marie assentiu com a cabeça. Era seu vestido favorito entre todos os que Antonin Careme fez a Charlotte embora ela ainda não o tivesse posto nunca. Se o ia pôr para ir ao teatro essa noite, certamente fosse porque ia acontecer algo importante.

Marie, sempre a par dos ecos de sociedade se inteirou de duas coisas interessantes:

o conde de Sheffield parecia ir aos bailes só para dançar com Charlotte e além disso tinha havido algo escandaloso em seu primeiro matrimônio.

Preparou umas meias transparentes, roupa interior de seda e um traje de equitação de cor vermelha.

— Não, esse não — Disse Charlotte — O cinza, por favor.

Decididamente algo ia acontecer, Marie estava segura disso. O traje cinza, uma recente aquisição era muito favorecedor, tinha uma cor cinza pomba e estava adornado com um galão negro que lhe dava um aspecto algo militar. Era precioso e sem dúvida bastante incômodo. Se Charlotte decidia colocá-lo era forçosamente porque esperava encontrar-se com alguém em especial. Estaria inteirada a duquesa de que sua filha se encontrava com alguém no parque?

Em realidade esse não era o caso, mas Charlotte despertou cheia de excitação e tinha desejos de estar o mais favorecida possível; depois de tudo não havia nada de mal em querer cuidar seu aspecto.

Tirou uma perna da banheira antes de sair de tudo.

— Marie, por favor, envie um dos lacaios a casa de lady Sophie para que pergunte se quiser que nos vejamos no parque. Obrigado.

Marie se apressou a obedecer. Se levasse uma mensagem à zona da servidão teria a oportunidade de ver Cecil e possivelmente inclusive pudesse lhe beijar atrás de uma porta.

Uma vez a sós, Charlotte colocou no corpo um creme ligeiramente perfumado com flor de laranja e depois se olhou no espelho de corpo inteiro. Desde que se tinha despertado ardia o ventre e seu corpo parecia especialmente sensual. Tentou olhar a si mesma como se fosse um homem. Tinha perdido peso ultimamente, mas seus seios pareciam mais voluptuosos, quando os olhava acreditava ver também uma grande mão acariciando-os. Estremeceu e se separou do espelho.

Vestiu-se quase por completo antes que Marie voltasse e depois se sentou para esperar que voltasse perguntando-se que é o que a retinha aí abaixo. Acabou puxando o cordão para chamá-la.

Na zona dos criados, Marie se afastou rapidamente dos braços de Cecil.

— Vá rápido! — Apressou-a.

Lady Sophie vivia a poucas ruas dali de modo que voltaria em seguida.

Marie se precipitou às escadas de serviço e não deixou de correr até que chegou à porta do quarto de Charlotte.

— Perdoe milady — Disse começando a grampear os quase cem botões responsáveis por que o traje ficasse tão ajustado.

— Tudo bem, Marie.

A donzela sorriu. Era consciente da sorte que tinha. Charlotte não era brusca jamais e se estava de mau humor não a maltratava; uma de suas amigas trabalhava em casa de uma jovem a que não tinham proposto matrimônio essa temporada e que lhe atirava frequentemente as escovas, os pentes e inclusive um frasco de creme na face.

Chamaram discretamente à porta e Marie deixou de pentear Charlotte para ir abrir. Era Cecil que já estava de volta.

— Lady Sophie York estará encantada de ir passear com lady Charlotte dentro de uma hora aproximadamente — Anunciou.

Depois disse em voz baixa:

— E o senhor Cecil se sentiria feliz de reunir-se com certa senhorita na lavanderia para dar um passeio a cavalo — Sussurrou.

Marie olhou com fingida indignação antes de voltar a fechar a porta.

Charlotte parecia divertida, entretanto não era possível que tivesse ouvido Cecil.

— Lady Sophie estará no parque dentro de uma hora — Repetiu.

— Obrigado. Era Cecil?

Marie voltou a ocupar-se dos cachos de sua senhora.

— Sim milady.

— É muito arrumado não é? — Perguntou Charlotte com malícia.

— Não sei. Já está pronta milady. Você está preciosa.

Charlotte lhe piscou o olho através do espelho.

Sophie a estava esperando quando a égua de Charlotte se deteve diante do alpendre do marquês de Brandenburg. Desceu agilmente os degraus vestida com um traje escarlate tão ajustado como o de Charlotte e um moço a ajudou a subir à cadeira.

Sophie olhou satisfeita o traje cinza de sua amiga e sua égua negra.

— Meu Deus! Estamos magníficas as duas — Exclamou.

Habitualmente este tipo de observações incomodava a Charlotte mais desta vez não protestou.

— Não seria melhor levar a duas só um moço em vez de um seu e outro meu? — Acrescentou virando-se por volta dos dois homens que as seguiam.

— Por quê?

— Querida — A provocou Sophie — Seus libres não fazem jogo, E quando duas belezas como nós decidem dar um passeio não deveriam seus lacaios ir juntos?

Charlotte a olhou de esguelha.

— Pessoalmente acredito que todos os olhares serão para mim — Declarou sem pudor — E se algum decide olhar a você, não se fixará nos lacaios.

— Oh, Oh! Minha doce Charlotte tem espinhos. Muito bem. Allons e Philippe — Disse Sophie em francês.

O marquês estava muito orgulhoso da origem francesa de sua esposa de modo que não empregava criados que não fossem franceses dizendo que contribuíam a sua casa um toque de refinamento. Sophie, que tinha crescido nesse ambiente, passava sem problemas de um idioma a outro.

As duas jovens se internaram nas ruas de Londres. Os vendedores de laranjas falavam com os dandis lhes aliviando de vez em quando do relógio ou da bolsa. Uns

pequenos corriam entre as carruagens pondo suas vidas em perigo, mas ninguém se preocupava com um menino das ruas.

— Minha mãe está um pouco preocupada com a saída desta noite — Disse Sophie.

— Sim? Mas só se trata de uma obra de Shakespeare, nada do outro mundo.

A marquesa tinha umas ideias muito antiquadas do que era adequado ou não.

— Esse não é o problema. Mas vá aonde vá está o conde e...

— Que conde?

— Sabe muito bem. O conde de Sheffield é óbvio. O tema preferido de todos.

A Charlotte disparou o coração. Sophie tinha tido que guardar cama durante toda a semana por uma forte gripe e não tinha podido falar com ela. Se também ela estava a par da pretendida impotência de Alex então a duquesa tinha razão: todo mundo falava disso.

— Eu não gosto de nada disso! — Grunhiu exaltada — Como pode as pessoas serem tão vulgares?

Sophie a olhou intrigada.

— Então é verdade?

— Como poderia saber? Minha mãe necessitou uma hora inteira para que eu entendesse ao fim do que estava falando.

A governanta de Sophie naturalmente era francesa e não era estranho que lhe falasse dos homens embora a marquesa não estivesse à corrente.

— Pode que pudesse perguntar a ele — Propôs com um brilho diabólico no olhar.

Frente a elas se aproximava Alexander Foakes em pessoa montado em um magnífico cavalo negro. O coração de Charlotte começou a pulsar com força.

— Lady Charlotte, lady Sophie — As saudou detendo-se a altura de Charlotte.

Tirou o chapéu. Com sua jaqueta e suas botas altas parecia o perfeito cavalheiro.

— Milorde — Respondeu ela agachando a cabeça enquanto Sophie lhe oferecia o mais malicioso de seus sorrisos.

Gostava muito desse homem com seus largos ombros e seus olhos de tormenta. Não era para ela porque era muito sério para seu gosto, mas era perfeito para Charlotte. Evidentemente, com a condição de que os rumores resultassem ser falsos.

— Gostaria de unir-se a nós milorde? — Perguntou.

Alex hesitou. Cada vez que via Charlotte o dominava o desejo, inclusive agora só desejava uma coisa: agarrá-la entre seus braços e levá-la onde? É óbvio a sua casa. Charlotte baixou os olhos e suas largas pestanas obscureceram suas maçãs do rosto.

— Lamento-o mais é impossível — Respondeu ele sem deixar de admirar o delicado perfil dela.

Perguntou se tinha escapado um suspiro quando o falou.

Ao ver que Sophie o olhava interrogante explicou:

-Meu mordomo me informou que se não for ver meu alfaiate esta tarde, apresentará a demissão.

Sophie riu.

— Entendem meu dilema não é? — Prosseguiu — Me sentiria completamente desesperado se Keating decidisse me abandonar. Ah a vida do dandi! Terci que passar a tarde na casa de meu alfaiate para encarregar uma jaqueta, necessitarei toda a tarde para pôr outra e necessitarei ao menos duas horas mais para fazer um elegante nó na gravata.

Charlotte não pôde evitar sorrir e o olhar de relance. O traje que usava estava evidentemente feito sob medida, mas em nenhum caso podia qualificar de dandi.

— Por desgraça — Falou ela — Temo que com um pescoço tão pequeno e uma gravata tão simples, em efeito é necessário que vá correndo ao Shultz. Recomendaria que fizesse umas calças de cor amarela limão.

— Senhor! — Exclamou Alex inclinando-se para Charlotte para olhá-la nos olhos — Acho que é você a primeira mulher que se atreve a falar do tema comigo.

Ela avermelhou ligeiramente. Em efeito não era apropriado falar de calças com um homem.

Ele continuou olhando-a com insistência quando o cavalo se encabitou. O obrigando a recuar para que não machucasse a égua de Charlotte.

Esse homem não podia ser impotente, decidiu Sophie. Se o fosse não teria tanta segurança em si mesmo, de modo que ia fazer tudo o que estivesse em sua mão para que sua melhor amiga se casasse com o atraente conde.

— Charlotte e eu estávamos falando da obra de Shakespeare que vamos ver esta noite. O Rei Lear, acredita. Você a viu?

— Conheço-a, mas não vi Kean representando esse papel — Respondeu Alex.

Levantou o chapéu e depois de afirmar que esperava ter o prazer de poder as saudar no teatro se afastou a contra gosto. Charlotte estava muito formosa com esse traje que se acoplava perfeitamente a sua figura. Imaginou a si mesmo a levando à biblioteca, levantando a elegante saia, descobrindo... Seu cavalo voltou a protestar já que inconscientemente puxou as rédeas com as mãos. Apressou o passo. A história do alfaiate tinha sido uma mentira, a realidade era que tinha que estar de retorno em sua casa antes que Pippa despertasse da sesta.

Entregou o cavalo a um moço e se apressou a entrar, escutando com atenção. Não ouviu nenhum grito o qual queria dizer que Pippa estava ainda adormecida. Dirigiu-se a seu escritório encontrando-se com Robert Lowe, seu secretário, bastante desesperado. A mesa de trabalho estava cheia de papéis que se acumulavam desde por volta de dias e lhe estava perseguindo por toda parte para que assinasse.

Alex se sentou para folhear rapidamente a correspondência, passando depois a seu assistente com as instruções pertinentes. De repente se interrompeu assombrado. Sob seus olhos havia um recorte de periódico onde alguém tinha sublinhado um parágrafo.

Ontem de noite, lord F foi surpreendido com lady D.

Se milady continua paquerando com ele

Esperamos que feche as cortinas,

Ou seremos nós quem levantaremos o véu.

— O que é este lixo? — Perguntou secamente ao desventurado secretário.

— Pensei... Pensei. Bom considere que era melhor que você soubesse.

Alex entreceirou os olhos e voltou para periódico.

Certo conde faria melhor

Deixando de bater na porta.

Necessita-se um forte martelo

Para entrar na casa de um duque.

Alex enrugou a folha com um grunhido e a atirou ao chão com raiva.

— Fora! — Ordenou.

Lowe não esperou que repetisse, saiu apertando as pastas contra seu corpo. Graças a Keating todos os criados conheciam a maldade da primeira esposa do conde, e também sabiam que ele não tinha nenhum problema com seu “martelo” em vista das numerosas mulheres que tinham compartilhado sua cama desde que Maria o abandonou.

Alex se apoiou na lareira com o rosto deformado pela raiva. Maldita fosse! Maldita fosse Maria com seus gemidos e suas queixa. Estremeceu de asco ao pensasse nela.

Depois pegou ar e tentou tranquilizar-se. Depois de tudo sua ex-mulher não era a responsável por esses insolentes versos publicados em um periódico de Londres. Poderia haver-se oposto à anulação se o tivesse desejado naquela época, mas então lhe pareceu uma forma fácil de sair de uma horrorosa situação. Recordava as terríveis noites em que Maria gritava incoerências lhe atirando tudo o que tinha à mão. Em dois meses teve que repor quatro vezes os cristais de seu dormitório para grande diversão dos criados.

Recordava a alegria que o invadiu quando, em um momento de tranquilidade, lhe confessou que se apaixonou por um sacerdote e que desejava anular seu matrimônio. Naquele tempo ele estava a ponto de arrolar-se na armada apesar de ser o herdeiro de um condado. Patrick também tivesse sido um bom conde e estava disposto a fazer tudo para livrar-se de sua esposa italiana.

Acomodou-se em uma poltrona perto da lareira pensando em seu primeiro encontro com Maria. Ele estava na Itália desde por volta de menos de uma semana e assistiu a um concerto no palácio Barberini. Ela estava ali. Era um retrato fiel da moça que tinha conhecido nos jardins de Stuart Hall, a jovem que procurou em vão durante várias semanas. De acordo, Maria não era ruiva, e ele continuava convencido de que a jovem do jardim era, e nem sequer tinha o mesmo aroma de frescura e inocência o qual era curioso já que Maria era uma dama de boa família enquanto que a outra estava se preparando para ser uma prostituta. Mas seu rosto tinha a mesma delicadeza e seu lábio inferior a mesma sensualidade.

Imaginou estupidamente que Maria e ele compartilhariam a mesma paixão que tinha tido com a mulher do jardim. Que estúpido! Uma vez casados, ela mostrou a maior repugnância a qualquer contato físico e, quando ele por fim conseguiu levá-la à cama, deu-se conta de que não era a inocente filha da qual falava sua família. Ela não era

virgem.

Depois disso seu matrimônio se desfez rapidamente. Maria gritava continuamente, Alex se ausentava cada vez mais. Ia ao campo, detinha-se no primeiro botequim que encontrava e se embebedava até cair da cadeira. Ao cabo de um ano seu italiano melhorou muito e sua tolerância ao álcool aumentou.

Mas era desgraçado, estava desperdiçando sua vida e sabia.

No fim, quando estava a ponto de unir-se à armada inglesa e só faltava dizer a sua esposa, Maria foi suplicar que a liberasse desse matrimônio. Liberá-la! Teria aceito tudo com tal de apagar esse desventurado matrimônio. Por estranho que pudesse parecer, essa noite fizeram amor pela primeira vez desde por volta de meses, inclusive com certa ternura. E ela ficou grávida de Pippa.

No espaço de poucas semanas a influente família dela arrumou tudo. Alex teve uma penosa entrevista com três bispos que lhe perguntaram se ele tinha algum problema. Não sabia em que tipo de problema estavam pensando eles, mas para ele, o problema era Maria.

Ela foi viver com seu sacerdote, ex-sacerdote supunha ele, levando a prata, as joias e todos os móveis que pôde. Inclusive levou uma miniatura da mãe de Alex sem dúvida para vendê-la.

Feliz de não ter que ver Maria a seu lado cada vez que despertasse, não se importou. Entretanto os restos de seu matrimônio voltaram a envenenar sua vida. O retrato de sua mãe apareceu em uma loja de Nápoles. Depois um irmão de Maria tentou fazer chantagem e agora apareciam esses versos obscenos. Pessoalmente não teria dado muita importância mais o pai de Charlotte não sentiria a mesma indiferença.

Suas reflexões se viram interrompidas pelo som que estava esperando inconscientemente. Uns passinhos estavam descendo a escada com a ajuda de Keating.

— Papai! — Gritou Pippa enquanto o mordomo abria a porta do escritório— Papai!

Agachou-se para abraçá-la e ela se lançou entre seus braços. Emocionado, Alex a apertou contra ele. Depois de tudo, pior para ele se não podia ter Charlotte; ao menos tinha a Pippa. Quão único tinha que fazer era encontrar uma babá que estivesse à altura. A senhorita Virginia se foi depois de três dias, mas era a primeira babá que não tinha demitido: tinham-na despedido. Durante sua breve estadia no Sheffield House se fez muito amiga de dois laiaos e o resultado foi que os dois acabaram com os olhos roxos.

— Papai fuor — Exclamou a pequena.

Parecia que só sabia expressar-se a gritos. Alex traduziu fuor por fuori: fora em italiano. Pippa só dizia uma dúzia de palavras que ele pudesse entender e, sobretudo as italianas. Entretanto cada dia acrescentava palavras novas a seu vocabulário. Por exemplo, essa mesma manhã no café da manhã disse “bolo”.

— De acordo carinho — Disse ele com um sorriso — Vamos ao parque.

Separando-se de sua mente a imagem de Charlotte com seu traje, pegou à menina nos braços e se dirigiu ao vestibulo pedindo a Keating que selsassem de novo Bucéfalo, os querido cavalo.

Quando ele tinha subido na sela, Keating entregou a Pippa sob o olhar preocupado da senhora Turnpike, a governanta, que não gostava de muito ver a menina montada nesse enorme animal; retorceu as mãos sob o avental sem atrever-se a protestar por temor à reação do conde. Com ele nunca se sabia qual ia ser sua reação, um dia estava mais alegre que castanholas e ao dia seguinte gritar como um energúmeno.

Pippa e seu pai passaram tranquilamente pelos atalhos do Hyde Park e Alex pôde comprovar o efeito que o artigo do periódico tinha tido nas pessoas. Ninguém lhe voltava às costas, é obvio, já que era conde, mas as mulheres de certa idade lhe saudavam mais secamente do habitual e os homens o olhavam com uma simpatia condescendente os muito estúpidos.

Muitos olhavam a Pippa e sussurravam tampando a boca com a mão. A filha de Alexander Foakes era uma réplica exata de seu pai; se não tivesse usando um vestido amarelo poderia ter passado por uma versão em miniatura de seu pai. Muitas pessoas voltavam a passar a propósito a seu lado para olhá-la mais atentamente. Nunca tinham ouvido falar de um matrimônio anulado que tivesse tido filhos.

— A única anulação que eu sei — Dizia lady Skiffing — É a do jovem lorde Sybthorpe ao qual casaram quando só era um bebe com a filha de um primo ou pai que resultou estar completamente louca uns anos depois e a que tiveram que encerrar em um asilo. Ele acabou casando-se com essa desavergonhada Como se chamava? Bárbara Cullerson, acredito. Foi como sair da panela para cair na frigideira — Concluiu triunfante.

Lady Prestlefield tomou a substituição:

— Sei que quando a senhorita Filibert (deve lembrar-se dela querida, tinha uns dentes horrorosos), quando a senhorita Filibert fugiu com seu professor de música, ou possivelmente fosse o de dança, não recordo muito bem qual dos dois. Em qualquer caso, lorde Filibert fez que anulassem o matrimônio. Só passaram três horas juntos de modo que...

— O que me pergunto — Disse lady Skiffing baixando a voz — É de quem é essa menina.

As damas estavam em uma calesa apenas o bastante grande para que coubessem as duas com suas enormes saias de modo que não podiam convidar ao conde de Sheffield a que se unisse a elas. Além disso, ele mais provável era que não tivesse aceito.

De repente Sarah Prestlefield pôs uma mão no braço de sua amiga.

— Olhel

Um pouco mais à frente, Alexander Foakes acabava de encontrar-se com duas rainhas da alta sociedade, Sophie York e Charlotte Daicheston. Esta última parecia estar repreendendo o conde. Era desesperador não poder ouvir o que diziam. Lady Skiffing dirigiu os cavalos para o pequeno grupo que não pareceu dar-se por informado de sua presença.

— Não é uma questão de decência — Estava dizendo Charlotte quando passaram a seu lado — É uma questão de segurança para a menina.

As duas damas trocaram um olhar de aprovação. Elas tinham proporcionado a seus

maridos muitos filhos os quais estavam seguros em casa. Dava medo ver uma menina tão pequena em cima do enorme cavalo do conde.

Charlotte só estava preocupada com a segurança da menina que sorria enquanto dava chutes no pescoço ao animal. Desceu de seus arreios e entregou as rédeas da égua a seu laiaio.

— Dê-me ela — Ordenou aproximando-se de Alex.

Ele a olhou confuso perguntando-se que lhe acontecia quando era evidente que Pippa estava perfeitamente a salvo com ele.

— Asseguro que Bucéfalo é muito tranquilo lady Charlotte — Replicou.

— Não me importa, é perigoso para Pippa. Vou levá-la a sua casa e você nos seguirá. Não está muito longe.

Umas pequenas rugas de diversão se formaram na beira dos olhos de Alex. Charlotte acabava de dizer que sabia onde vivia ele, além disso, recordava o nome de Pippa e demonstrava ter sentimentos maternos. E pior para ele se estava um pouco molesto de que outra pessoa tomasse decisões quanto a sua filha.

Encolheu os ombros.

— Já sabe como se comporta com as mulheres.

— Não importa — Respondeu ela com firmeza.

Estirou os braços e Alex lhe entregou à pequena.

Esta olhou a Charlotte e abriu a boca para dar um desses gritos que só ela sabia dar. Charlotte a deixou no passeio e esperou tranquilamente a que se tranquilizasse. Ao ver que Pippa continha o fôlego lhe disse:

— Eu sou a senhora que não é uma babá Pippa se lembra? Não sou uma babá.

A menina pareceu pensar.

— Meu nome é Charlotte, não babá. Agora vou pegá-la nos meus braços e poderá ver seu pai perto de nós de acordo?

A menina não respondeu, mas tampouco voltou a gritar. Então Charlotte a pegou nos braços de forma que pudesse ver seu pai atrás delas e começou a caminhar.

Sophie, assombrada, continuava montada no cavalo. Em poucos minutos sua amiga tinha repreendido o homem com o qual ia se casar e agora levava a sua filha. Sophie desceu do cavalo e olhou severamente a Alex quem parecia a ponto de tornar a rir.

Quando alcançou Charlotte se deu conta de que já não estava furiosa e simplesmente divertida.

— Sabe um pouco de crianças? — Perguntou Charlotte o suficientemente baixo como para que Alex não pudesse ouvi-la.

— Nada absolutamente. Já sabe que sou filha única.

— Esta está molhada e pesa mais do que parece.

— São só quatro quarteirões — A animou Sophie — Quer que a eu leve um momento?

— Não quererá a Pippa a aterrorizam as mulheres.

Charlotte acariciava sem dar-se conta os cachos da pequena e Sophie esboçou um sorriso.

Atravessaram as grades do Hyde Park seguidas pelos cavalos, os moços e o conde que seguia montado na cadeira, despertando a curiosidade a seu passo.

— Bom Charlotte — Disse Sophie a meia voz — Se depois desta cena não se casar com o Alexander Foakes será a fofoca de Londres.

— Perdão?

— Lady Skiffing passou a nosso lado e me acredite, não perdeu nenhuma só palavra. Estava com Sarah Prestlefield, e até minha mãe, que é amiga dela, diz que tem a língua mais viperina de Londres. Sempre começa dizendo que o que vai dizer é certamente falso e depois solta como se fosse verdade. Deveria havê-la visto estirando a cabeça para escutar.

Charlotte estava mais preocupada com cruzar a rua sem problemas com sua preciosa carga.

Alex, que também se fixou em lady Prestlefield sentiu que seu mau humor desaparecia por completo. Possivelmente os rumores e o bom coração de Charlotte jogariam a seu favor.

Nesse momento um menino de uns dez anos ficou diante dos cascos de seu cavalo; o menino, se por acaso só não teria assustado Bucéfalo, mas o seguia um furioso vendedor ao que acabava de roubar uma maçã. O pirralho caiu, o vendedor o golpeou no ombro e uma carruagem que vinha em sentido contrário o evitou por um fio em meio de um grande ruído de arnês.

Isso foi muito para Bucéfalo. Tinha saído duas vezes de passeio com seu dono sem chegar a desentorpecer realmente os músculos, além disso, não tinha gostado que Pippa lhe desse chutes e puxasse as crinas. Emitiu um enorme relincho e empinou dando coices ao ar.

— Por todos os demônios! — Gritou Alex recolhendo instintivamente as rédeas e encurvando-se para diante.

Bucéfalo se tranquilizou imediatamente, mas Alex, ao endireitar-se, viu Charlotte na calçada o olhando zombeteiramente.

Com um sorriso desceu de seus arreios e entregou as rédeas ao moço dela.

— Me deixe levá-la — Disse a chegar a seu lado.

Charlotte estava bastante contente consigo mesma já que seu coração pulsava assim normalmente quando ele chegou a seu lado; mas quando pegou à menina brilhavam os olhos de tal modo que sua serenidade desapareceu e notou que se ruborizava.

Sophie, a quem nada escapava, fez gestos a seu criado para que a ajudasse a montar de novo.

— Até mais tarde! — Disse alegremente — Tenho que voltar para casa. Não se preocupem, levo o Philippe. Até esta noite Charlotte.

Saudou Alex com a cabeça e se afastou seguida de seu laçao.

A princípio Charlotte ficou quase paralisada pelo acanhamento ao pensar em passear ao lado de Alex diante de todo mundo. Mas Pippa, que até então passou todo o tempo retorcendo o pescoço para não perder de vista a seu pai, agora olhava a Charlotte tentando chamar sua atenção, o qual a fez rir.

Ao fim chegaram ao Albermale Square, onde vivia Charlotte. Diante da grade de entrada estendeu sua mão para o Alex.

— Milorde.

Ele respondeu com um simples gesto da cabeça.

— Perdoe que não da mão mais se o fizer todo mundo se dará conta de que tenho a jaqueta molhada.

Charlotte não pôde conter uma pequena gargalhada e Alex segurou sua mão para levar aos lábios e beijar a palma. Ela empalideceu.

— Até esta noite — Disse ele com sua voz de veludo.

Ela não podia falar de modo que se limitou a soltar sua mão em silêncio. Entretanto, ao chegar ao alpendre, virou-se preocupada.

— Não voltará a montar no cavalo verdade?

— Não — A tranquilizou — Não voltarei a levar Pippa no Bucéfalo.

Nossa que sorriso! Disse Charlotte enquanto entrava em sua casa.

Um sorriso que era como uma promessa de felicidade.



Heloise York, marquesa de Brandenburg, desceu as escadas colocando as largas luvas com gesto irritado. Estava mole, muito molesta; era consciente da fila que ocupava e tinha um sentido das conveniências muito desenvolvido, qualidade da que estava muito orgulhosa. Por desgraça Deus teve a crueldade de lhe dar uma filha rebelde e desavergonhada. Heloise a sua idade só se vestia de branco e agachava docilmente a cabeça quando um de seus pais entrava em uma sala. Quase nunca tinha olhado a seu pai nos olhos antes de seu matrimônio, enquanto que Sophie, em troca, não deixava de enfrentar a ela desobedecendo-a permanentemente.

Essa mesma tarde, por exemplo. Quando Heloise anunciou que iriam tomar o chá a casa da honorável Lydia Bingley, Sophie se negou em redondo a acompanhá-la pretextando que tinha que ter aula com seu professor de português. Heloise havia dito uma e mil vezes que uma jovem não tinha que estudar outra coisa que não fosse a arte de procurar um marido, entretanto Sophie, não só recusava a todos os que pediam sua mão mas sim além disso insistia em ter aulas de idiomas.

A marquesa respirou fundo para tranquilizar-se e depois se olhou ao espelho. Ao menos ela era totalmente correta, possivelmente um pouco passada de moda, mas não gostava de muito da nova moda vinda da França. Sua mãe; tão estrita quanto às conveniências; certamente a perdoaria que fosse infiel às frivolidades do continente. Não, ela nunca usaria esses vestidos de corte alto e nunca trocará seu rígido e sólido espartilho por quão novos eram mais leves. Sophie parecia que não usava! Certamente não ficava lugar embaixo dessas camisolas que ela chamava vestidos.

Chegou ao vestibulo e se impacientou dando leves golpes com o pé no chão de mármore. Onde tinha se metido Sophie? Tinha insistido muito para ir ao teatro, sem dúvida apareceria meio nua, mas ao menos poderia ter a decência de ser pontual.

George saiu da biblioteca e Heloise não duvidou de que acabasse de beber uma taça de conhaque. Embora Shakespeare o aborresse, teve a amabilidade de trocar seus planos para acompanhá-las. Ao diabo com Sophie! Heloise não sabia que lhe incomodava mais, se sua filha ou a tola de sua amiga Charlotte que deixava que a cortejasse um conde que era impotente. Era uma vergonha, se a enfermidade tivesse sido outra ela tivesse aplaudido essa relação, mas se não havia esperanças de procriar era uma tolice casar-se. Que realmente era interessante era seu irmão gêmeo, e assim que voltasse de Borneo ou da China onde quer que esteja Heloise tinha intenções de fazer que se casasse com Sophie.

Senhor pensou, se ela tivesse estado no lugar de Adelaida, tivesse afastado a sua filha de Alexander Foakes.

Ouviu-se um murmúrio de seda.

— Não te ouvi chegar — Disse Heloise de mau humor — Certamente porque não

tem suficiente roupa em cima para fazer ruído. Espero que ao menos use anáguas.

Felizmente se voltou e não viu o travesso sorriso de Sophie; é obvio que usava anáguas, mas eram transparentes.

Seu pai chegou atrás dela enquanto o mordomo lhe punha a capa em cima dos ombros.

— Nada de tolices esta noite filha — Disse severamente a sua filha.

— Prometo senhor — Respondeu ela com os olhos brilhantes.

George se tranqüilizou. Sua esposa tomava tudo à tremenda.

Entretanto quando entrou no camarote com sua filha, a encantadora amiga de Sophie e sua mulher, deu-se conta de que esta última tinha razão. Para muito tempo que não tinha visto que se fizesse o silêncio tão de repente em um teatro. Todas as caras se voltaram para eles e depois as conversa voltaram a começar atrás dos leques. Deus! Pensou, a noite ia ser muito longa. Para começar não podia suportar Shakespeare e além temia que o trato ia ser difícil; certamente se veriam rodeados de pretendentes, pensou contemplando às duas jovens sentadas diante dele. E se por acaso fosse pouco, estava esse famoso conde. Parecia que todo mundo tinha decidido ir ver essa condenada obra ao mesmo tempo.

Charlotte, sentada em um canto do camarote, tentava não brincar com o leque. Usava o vestido branco com fitas negras de Antonin Careme, curiosamente parecia ter estreitado desde que o comprou, a menos que tivesse crescido os seios. Em qualquer caso apenas tampava os seios e agora se dava conta de quão transparente era.

Voltou-se para olhar a sua amiga cujos seios estavam igualmente realçados pelo enorme decote de seu vestido. Sophie interceptou seu olhar e lhe piscou um olho.

— Você não gosta de chamar a atenção? — Sussurrou — Temos que estar todo o momento juntas embora só fosse por compaixão para que as fofoqueiros não tenham um torcicolo olhando da uma à outra.

— Sophie!

— Pensando bem a quem olham é a você. Eu só me aproveito de sua fama. Haverá algum conde para mim neste mundo? — Acrescentou levantando os olhos ao céu — Por favor, Deus me envie um formoso amante, suplico isso!

— Não é meu amante!

— Não? Mas passeou com sua filha nos braços e o olhava com olhos de apaixonada!

Assinalou com a cabeça a sua direita:

— Falando do rei de Roma, pela porta aparece.

Charlotte viu com fascinação que Alex entrava no camarote dos Sheffield. Entre seus acompanhantes reconheceu ao marquês de Valcombray e sua irmã, e a invadiram os ciúmes ao ver que ajudava Daphne a sentar-se.

Sophie pôs uma mão no seu braço.

— Deixa de olhar assim Charlotte.

A jovem se apoiou no respaldo de sua cadeira enquanto se abanava para esconder seu desconforto.

— Não se pode confiar em você — Se queixou Sophie — Se tivesse embora só uma porção de sangue francês teria mais domínio de suas emoções.

Charlotte a fuzilou com o olhar e Sophie fez uma careta.

— Não me olhe assim Charlotte Daicheston. Deseja-o não é? — Perguntou baixando a voz.

Surpreendida, Charlotte assentiu.

— Bem — Continuou Sophie — Não poderá o ter se for impotente. Não funcionaria.

— Não acredito que seja — Contestou Charlotte no mesmo tom.

— Nesse caso deve se assegurar. Só então poderá aceitar se casar com ele. Porque já lhe tem proposto isso não?

Charlotte voltou a assentir com a cabeça.

— Que mulher! Tem dois condes a seus pés, isso por não falar da multidão de barões e alguns simples cavalheiros.

Charlotte se pôs a rir. Não deixava de olhar a sua amiga nos olhos para evitar todas as olhadas que se dirigiam para ela e para evitar voltar-se para Alex.

Os violinos deixaram de afinar e o diretor do teatro do Drury Lane saiu de atrás do pano de fundo. Pouco a pouco cessaram as conversas.

Charlotte deixou que sua mente vagasse enquanto o diretor se orgulhava de sua maravilhosa adaptação da obra que agora era mais moderna, mais alegre e mais acessível.

Estava segura de que Alex não tinha pensado assistir ao teatro até que Sophie disse o nome da obra que iam ver. Geralmente no camarote dos Sheffield só estava à tia do Alex, Henrietta Collumber.

Deu a sensação de que Alex a estava olhando fixamente e seu coração começou a pulsar com mais força. Era uma loucura como se supunha que posso comprovar se Alex era impotente ou não?

Abriu-se o pano de fundo e ela aproveitou para jogar uma olhada à direita. Alex estava comodamente instalado com suas largas pernas esticadas diante dele. Estava dando as costas e tinha a cabeça inclinada para Daphne Blanc.

Agora não sentiu ciúmes e sim puro ódio. Voltou-se bruscamente para que Alex não a surpreendesse assassinando a sua amiga com o olhar.

Depois de tudo ela também podia jogar mesmo jogo. Estava Braddon, mas não seria suficiente para pôr ciumento Alex. Avaliou a vários homens que se precipitariam a seu encontro ao menor convite e de repente viu: Will Holland estava em um camarote em frente dela e precisamente a estava olhando. Dirigiu seu mais encantador sorriso.

Esse foi o momento que escolheu Alex para olhar para o camarote dos Brandenburg. Apertou os dentes.

Will tinha passado quase todo o tempo, desde por volta de uns dias, cortejando à

filha de um rico comerciante que não era muito feia; mas quando levantou a vista a sensual Charlotte com seus cachos penteados em cuidadosa desordem, sentiu que todas suas boas intenções se desvaneciam e golpe. Possivelmente os pais de Charlotte tivessem ordenado manter-se afastada de Alex. Este estava falando com ouvido a jovem francesa, Daphne Blanc.

Aproximava-se para saudar Charlotte a seu camarote no descanso certamente estivesse pondo em perigo sua relação com a senhorita Van Stork e era provável que nunca mais encontrasse melhor partida que ela. Chloé Van Stork estava tranquilamente sentada ao seu lado, era uma jovem magra com cachos vermelhos e que se vestia de um modo horrível. Estremeceu. Certamente usava um desses horrorosos espaltilhos que obrigavam a esticar as costas. Nada que ver com a roupa leve de Charlotte.

De repente a senhorita Van Stork se voltou e o olhou diretamente nos olhos.

— Irá? — Perguntou assinalando com o queixo em direção ao camarote dos Brandenburg.

Ele se assombrou e ela precisou:

— Vi a essa mulher... Charlotte Daicheston não é certo? Vi-a lhe sorrir. Acredito que está esperando sua visita.

Voltou a dirigir sua atenção ao cenário no qual os trovadores desapreciam para dar passo à obra propriamente dita. Will observou seu perfil perguntando-se que estaria pensando e se entenderia ela as conclusões às que chegariam as pessoas se o viam desaparecer do camarote de seu pai para ir se reunir com Charlotte. Não sabia se devia romper essa relação justo quando começava a dar frutos. Tinha jantado com Chloé e seus pais e era a primeira vez que saía em público com eles. Não podia deixar que a galinha dos ovos de ouro escapasse entre seus dedos só porque Charlotte Daicheston se dignou a lhe dedicar um sorriso.

— Vá, vá — Sussurrou Chloé nervosa fazendo um gesto impaciente com a mão.

Will ficou boquiaberto. Estava jogando-o! Levantou-se um pouco entristecido e se inclinou diante ela e seus pais murmurando uma desculpa. Uns minutos depois estava no camarote dos Brandenburg para maior prazer dos assistentes. Os comentários começaram de novo, a noite prometia suculentas fofocas.

Charlotte estendeu graciosamente a mão e inclusive a rígida marquesa lhe recebeu com amabilidade. Para ela qualquer um era melhor que esse horrível conde. Will se sentou atrás de Charlotte e disse algo no ouvido que a fez rir. Muito tendo em conta o tipo de tolices que estava dizendo, pensou ele. Sophie parecia estar divertindo-se muito e ele se irritou.

Voltou-se para o camarote que acabava de abandonar. A verdade era que a senhorita Van Store tinha um bonito nariz e os reflexos avermelhados de seu cabelo se viam mais brilhantes sob a luz dos abajures. Ela olhava obstinadamente o cenário. Ele teria retornado de boa vontade a seu lado se não o tivesse jogado antes de ali como se soubesse que ele era um caçador de dotes. E tinha que sabê-lo à força, disse-se; era uma mulher inteligente embora a visse tão mal vestida rodeada das mulheres mais elegantes de Londres. Além disso, não entendia como era possível que usasse esse horrível vestido. Franziu o cenho. O que estava acontecendo? Estava sentado ao lado da criatura

mais formosa da alta sociedade e nem sequer tinha vontade de conquistá-la; só podia pensar em uma jovem mal vestida que para cúmulo usava espartilho.

Alex por sua parte estava apertando os punhos. Acabava de ver o barão inclinando-se para Charlotte e se aproximou mais de Daphne para fazer um completo. Ela levantou os olhos com um olhar um pouco irônica. Não via nenhum inconveniente em deixar que o conde a cortejasse embora ele só estivesse interessado nessa inglesa com forma de feijão verde.

A obra começou com um som de trompetistas que indicavam a chegada do rei Lear. Charlotte estava, mas tranquila como se a presença de Will a protegesse do perigo.

Pouco a pouco se deixou arrastar pela história do ancião rei que exigia que suas filhas lhe jurassem amar mais que a nada no mundo se não queriam ser deserdadas, sem-terra, sem dinheiro e sem pátria. As duas irmãs maiores gritavam que só amavam ele, mas mentiam. Assim era a vida, ao menos a vida em Londres. As pessoas faziam o que fosse por dinheiro. Will por exemplo. Tinha tirado do camarote do rico comerciante se não se equivocava. Ali estava uma jovem que não afastava o olhar do cenário, mas Charlotte pôde ver que estava apertando as mãos nos joelhos.

A filha pequena do rei Lear se negava a responder a seu pai. Ou possivelmente estivesse dizendo algo que não gostava. Charlotte se meteu totalmente na obra. Quando terminou o primeiro ato, um cantor espanhol começou a cantar uma canção que falava de cerejas e de limões.

Voltou a olhar ao camarote do comerciante. Havia no rosto da jovem algo que gostava.

— Will — Disse em voz baixa — Por que não pede a sua amiga que se una a nós? Deve estar muito incômoda aí só com seus pais.

O barão se esticou. Não queria que Chloé suportasse umas brincadeiras que não ia entender.

Charlotte pôs uma mão no seu braço.

— Realmente eu gostaria de conhecê-la — insistiu.

Olhou-a nos olhos e relaxou. Alguma vez tinha ouvido dizer que Charlotte Daicheston se comportou com maldade ou de forma mesquinha, de modo que por que não?

Saiu reaparecendo um momento depois no camarote de Van Store. Os pais de Chloé o receberam educadamente mais deviam estar ardendo de raiva pelo desprezo que lhe tinha feito a sua filha.

— Gostaria de vir comigo para saudar os Brandenburg? — Perguntou.

Ela olhou com seus olhos azuis.

— Por quê? — Perguntou zangada.

— lady Charlotte gostaria de conhecê-la — Disse incapaz de inventar uma desculpa.

Chloé se zangou mais.

— Poderá comprovar que Charlotte não tem segundas intenções — Preciso.

Ela baixou o olhar para o triste vestido que sua mãe a obrigava a usar. Como ia sentar-se ao lado dessa beleza a qual Will chamava por seu nome?

Interveio sua mãe:

— Parece-nos bem querida — disse com seu forte sotaque holandês.

Chloé se levantou, não tinha outra escolha, se sua mãe a condenava a ir com essa gaiola de... Louros. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas apesar de tudo atravessou o vestibulo que estava cheio de gente esperando que começasse de novo a obra impressionados pelo primeiro ato.

Quando chegaram ao final das escadas, Will empurrou uma porta e entraram em um escuro corredor já que a entrada do camarote propriamente dita estava tampada por umas pesadas cortinas. Deteve-se um momento, levantou o queixo dela e murmurou “coragem” antes de depositar um ligeiro beijo em seus lábios.

Chloé se sobressaltou. Ficaram em silêncio um momento e depois a voz de Will se voltou a ouvir cheia de estranheza:

— Voltemos a provar.

Assim que sua língua tocou os lábios dela, esta jogou rapidamente a cabeça para trás. Mas Will a agarrou em seus braços e a apertou contra ele antes de voltar a beijá-la com mais firmeza. Desta vez o deixou fazer e o inclusive pôde notar através de seu espaltilho o estremecimento que a percorreu. Não podia entender como um simples beijo podia ter um efeito tão devastador nela.

— Meu Deus! — Resmungou ao fim antes de abrir a cortina e virtualmente empurrá-la dentro do camarote.

O segundo ato estava começando e a fez sentar-se com uns simples gestos com a cabeça a modo de apresentação que teriam que bastar no momento. A Chloé surpreendeu ver Charlotte Daicheston e Sophie York atentas à obra e ignorando tudo o que acontecia ao seu redor embora fossem o ponto de olhe de boa parte do público presente. Imaginava que as pessoas como elas, cujos nomes enchiam as páginas de sociedade, só iam ao teatro para ver e ser vistas e entretanto, Charlotte em especial estava obstinada na beira do camarote cativada pela intriga da obra. O rei Lear, ou melhor, dizendo, o ex-rei Lear nesse momento, exigia a sua filha mais velha que mantivera a uma centena de soldados.

Will por sua parte não conseguia concentrar-se no que estava acontecendo no cenário. Estava assombrado, Chloé olhava a obra completamente tranquila como se não tivesse acontecido nada enquanto que ele estava muito incomodado dentro das estreitas calças. Estava muito perturbado pela cercania da jovem. Seu vestido, muito fechado, deixava um braço no ar e o podia ver que ela tinha uma pele perfeita e uns pulsos tão finos que pareciam a ponto de romper-se.

Moveu-se um pouco em seu assento. Esse não era o momento apropriado para pensar em algo assim.

Quando chegou o segundo intervalo, Alex se sentiu muito aliviado. Conhecia muito bem Shakespeare e inclusive tinha feito de rei Lear quando esteve no Eton, mas esta posta em cena resultava ridícula. Não podia acreditar o que estava vendo quando o

rei começou a dançar uma jig irlandesa. Tinham criado novos personagens enquanto que outros tinham sido eliminados.

De modo que se sentiu aliviado quando viu que o pano de fundo caía ao final do terceiro ato.

Ajudou distraidamente Daphne a levantar-se e lhe propôs ir desentorpecer as pernas. Ela não manifestou nenhuma surpresa quando se dirigiu com toda naturalidade ao camarote dos Brandenburg.

— Eu adorarei voltar a ver lady Charlotte — Disse cansada de andar em silêncio.

Agora que já não estavam no salão, ele não acreditava necessário lhe dirigir a palavra.

— Sou tão transparente? — Perguntou com um sorriso.

— Sim. Não dá muito bem dissimular seus sentimentos. Mas em realidade não é um traço muito britânico.

— E a lady Charlotte?

— A ela tampouco.

Estavam chegando ao camarote dos Brandenburg onde os homens se empurravam uns aos outros para poder entrar. Entretanto ao ver Alex e Daphne, afastaram-se um pouco e um laçao abriu a porta.

O marquês deu a volta rapidamente para olhá-los. Certamente tinha ordenado ao laçao que não deixasse passar a ninguém mais porque já havia muitos jovens olhando pelo incrível decote de sua filha. Gemeu interiormente ao reconhecer Alex. A Heloise ia ter um ataque de fúria.

Entretanto o conde de Sheffield o saudou amavelmente e apresentou a sua acompanhante. Os olhos do marquês se animaram. Tinha debilidade por tudo o que tinha relação com a França e se por acaso fosse pouco essa juvenzinha era de uma vez distinguida e muito bonita.

Alex deixou que Daphne se divertisse com as brincadeiras um pouco gastas do marquês. Estava encantada de poder falar em seu próprio idioma.

Houve uma pequena agitação na parte dianteira do camarote. Sophie tinha levantado e estava sorrindo aos quatro homens que a rodeavam.

— E se saíssemos para tomar ar? — Perguntou alegremente antes de assinalar a três deles com um golpezinho de seu leque — Você, você e você querem me acompanhar?

Os três jovens se empurraram uns aos outros em seu afã de deixar livre o passo. Quando Sophie passou diante de Alex lhe dirigiu um sorriso cúmplice a qual o respondeu piscando um olho de forma imperceptível. Apesar de si mesma emocionou um pouco. Charlotte tinha muita sorte.

Alex notou com satisfação que Will parecia estar mais interessado na senhorita que estava ao seu lado que em Charlotte. Fuzilou com o olhar o jovem que estava a ponto de sentar-se na cadeira de Sophie e este recuou imediatamente. Alex, com um sorriso de agradecimento, sentou-se ao lado de Charlotte.

Ela não se moveu durante um momento embora fosse muito consciente de sua

presença.

Ele estirou as pernas fazendo caso omissos dos comentários sussurrados pelos espectadores que não tinham abandonado seus assentos com a esperança de assistir a um espetáculo desse tipo. Lady Charlotte Daicheston e o conde de Sheffield sentados um ao lado do outro. Sarah Prestfield, que acabava de entrar no camarote para saudar a amiga Heloise abriu os olhos com avidez. Isto era emocionante, era uma pena, disse-se, que os pais de Charlotte não estivessem ali, tivesse gostado de ver a cara de Adelaide.

Finalmente Charlotte não pôde fingir por mais tempo estar absorta na insípida conversa do homem que estava a sua direita de modo que se voltou para o Alex com um sorriso no olhar.

— Milorde.

— Lady Charlotte.

Fez-se um pequeno silêncio durante o qual Alex teve que lutar contra o desejo de beijá-la no pescoço, meigo a levantaria nos braços para leva-la até o carro onde a liberaria desse pedaço de musselina que alguns chamavam vestido. Ao pensar nisso o alagou um imperioso desejo.

— O que parece a obra? — Perguntou.

Charlotte o pensou um momento antes de responder.

— Gostei dos dois primeiros atos, mas o terceiro não me convence muito. Um rei vagaria desse modo pelo paramos com seu bufão como única companhia? E que pintava o macaco em meio de tudo isto?

— Não leu Shakespeare no colégio?

— É obvio que sim, mas não nos deixavam ler todas suas obras e algumas partes estavam proibidas.

— O que aconteceu com O Rei Lear?

— Não chegamos a ler de tudo mas me perguntou por que já que me parecia bastante inofensivo.

— Inofensivo? O terceiro ato é bastante amargo, por não dizer terrífico. Recordo o momento no que o rei canta para dizer que está tão louco como a neve e o vento?

— Não gostei muito.

— Supõe-se que esses versos devem dizer-se gritando e não cantando. São umas frases brilhantes, feitas por um homem que está efetivamente tão louco como a neve e o vento.

— A dicção era estranha. Gostei do monólogo do rei sobre a velhice, mas o outro homem... Reginald parece estar recitando prosa e não poesia.

Alex estremeceu.

— Isso é porque Reginald é uma invenção que esse estúpido de diretor acreditou necessário acrescentar à obra. No texto original não existe.

— Tem você sorte de ser um varão — Disse Charlotte — Nós estávamos mais bem chateadas no pensionato.

— Bom e não poderia ler agora essas obras?

Alex se perguntava frequentemente como passavam o dia as jovens da alta sociedade. Os homens se ocupavam de seus investimentos, entrevistando-se com seus administradores, falando no Parlamento, boxeando, jogando ou perseguindo as mulheres. Mas o que faziam elas? Podia recordar a sua mãe contando a roupa branca da casa e levando comida aos pobres, mas nada mais.

— Oh não — Disse ela distraída — Pela manhã trabalho e não tenho nem um só minuto para ler neste momento.

— Trabalha?

Charlotte mordeu a língua. Nunca falava de seus quadros aos homens já que eles imediatamente imaginavam pintando flores em folhas de papel de desenho.

Voltou para tema anterior.

— Sabe que não nos deixavam ler inteiro Romeu e Julieta?

Alex procurou entre suas lembranças mais não encontrou nada licencioso nessa obra.

— Minha amiga Julia Brentorton — Prosseguiu Charlotte — Que agora está casada e vive no estrangeiro, deu-se conta de que tinha tirado exatamente dez versos do monólogo de Julieta, já sabe, antes que Romeu suba pela escada de corda até seu balcão.

— É obvio! “Porque se tomará sobre mim como a neve sobre as costas de um pássaro, como o dia sobre a noite...”

Charlotte avermelhou.

Alex voltou para a carga:

— Que tipo de trabalho? — Atacou.

Por sorte, Sophie escolheu esse preciso momento para reaparecer rodeada de uma nuvem de admiradores.

— Charlotte, querida — Disse com essa voz travessa que voltava para os homens loucos de desejo — Esta obra não é realmente de Shakespeare não é? De modo que lord Winkle teve uma ideia fantástica. Propõe que economizemos a última parte e que vamos melhor ao Vauxhall.

— Oh...

Charlotte trocou um olhar com Alex. Ela sabia que Adelaida a teria proibido ir a Vauxhall com o já que havia muitos atalhos escuros e grupos de árvores.

— O que diz sua mãe? — Perguntou a Sophie.

— Não lhe faz muita graça mais disse que sim — Respondeu Sophie se inclinando para acrescentar em voz baixa — Acredito que meu pai tem debilidade pela senhorita Blanc e minha mãe está desejando ir do teatro.

Charlotte se levantou recordando a conversa que tinha tido com sua mãe sobre as infidelidades do marquês.

Will olhou interrogadoramente a Chloé Van Store quem tinha assistido um pouco assombrada, a todas estas idas e vindas. Ela baixou o olhar. A ele tivesse gostado de

levá-la a um canto escuro e voltar a beijá-la.

— Quer que unamos a eles? — Perguntou brandamente.

— Vauxhall? Estranharia que minha mãe aceitasse.

Mas quando foi ao camarote de seus pais acompanhada de seu atrativo cavalheiro loiro, surpreendeu-se ao ver que sua mãe aceitava com um sorriso. Katryn olhou com carinho a sua filha que tinha a cara alegre e os olhos brilhantes. Possivelmente se mostrasse muito dura com ela, pensou. Não desejava que Chloé se casasse com um dos comerciantes que trabalhavam com seu marido. Este barão Holland parecia um homem honesto.

— Estarão convenientemente acompanhados?

Will explicou que os marqueses de Brandenburg os acompanhariam.

— Então pode ir, filha.

Chloé, depois de agradecer a seu pai com um beijo na calva, pôs a mão no braço do barão tentando ignorar o formigamento que se apoderou dela. Parecia estar vivendo um sonho. A vulgar Chloé Van Store ia ao Vauxhall em companhia de Charlotte Daicheston. Nos últimos meses os cronistas de sociedade tinham espiado e contado o menor gesto de lady Charlotte e estava segura de que seu nome também apareceria no dia seguinte nas colunas dos periódicos. Estremeceu de felicidade ao mesmo tempo em que levantava a vista para Will.

Seus azuis olhos pareciam quase negros, sem dúvida por causa da iluminação. Ele a levou rapidamente para os carros; ela se viu obrigada virtualmente a correr.

— Milorde — Disse resistindo um pouco.

Ele se virou confuso. Não recordava ter estado nunca obcecado até o ponto de esquecer a mais elementar cortesia.

— Me perdoe — Disse — Mas tinha um enorme desejo de beijá-la.

Chloé entreceitou os olhos. Temia que Will a cortejava por seu dinheiro de modo que não entendia porque queria estar a sós com ela. Devia ser algo normal.

Will notou que se esticava e praguejou em silêncio. Voltou a pôr a mão dela em seu braço.

— Esqueça o que acabo de dizer. Vamos andar tranquilamente até minha carruagem e não toquei um só cabelo da cabeça. O que lhe parece?

Ele a olhou com ansiedade e voltou a surpreender já que parecia estar divertida por seu desconforto.

— Deveria gostar disso.

Will franziu o cenho. Gostar disso? O que é o que gostaria? O que passeassem juntos ou que não a tocasse?

Dirigiram-se até seu carro a passo de tartaruga enquanto Chloé sorria maliciosamente.



A pequena comitiva se reuniu diante de Vauxhall. Havia ao menos vinte pessoas e Charlotte se sentiu ligeiramente contrariada. Aborrecia as festas nas que não se podia falar seriamente com qualquer e nas que terci que gritar para que a ouvissem. Alex andava por diante acompanhado de alguns homens que fumavam uns charutos e falavam do próximo combate de boxe.

Charlotte se encontrou ao lado de Chloé quando se dirigiram ao iluminado pavilhão. Observou seu perfil com interesse. A jovem seria um modelo perfeito, era muito formosa embora não parecia ser consciente disso e tinha uma expressão muito ingênua, como se tivesse o costume de dizer sempre a verdade arriscando-se desse modo a não ter jamais a cômoda superficialidade que era tão natural em Sophie e que havia custado três anos aperfeiçoar.

— Senhorita Van Store — Disse.

— Sim milady?

— Me chame Charlotte, por favor. Por que não nos sentamos aqui? — Propôs conduzindo-a até uma grande mesa no caramanchão.

Chloé se sentou perguntando onde estaria Will. Sentiu-se decepcionada quando, uma vez no carro, ele se comportou como um perfeito cavalheiro e depois, no atalho, perdeu-o de vista. Os outros membros do grupo que pouco a pouco se foram aproximando delas, comportavam-se de maneira bastante pouco apropriada. O marquês de Brandenbuerg parecia estar um pouco bêbado e a marquesa bastante contrariada. Mas depois de tudo, disse-se, isso não era de se estranhar porque os membros da aristocracia muitas vezes estavam tensos. Possivelmente era por culpa de todo o álcool que bebiam.

Lady Charlotte a contemplava de uma forma muito estranha; sem dúvida estava divertida por relacionar-se com alguém da burguesia.

Levantou o queixo.

— Por que me olha com tanta insistência lady Charlotte?

Esta relaxou.

— Isso! Essa é exatamente a expressão que quero!

Chloé estava desconcertada e Charlotte lhe sorriu.

— Me perdoe, devo uma explicação. Verá, sou pintora. Acabo de começar a fazer retratos. Enfim, o único que tenho feito até agora é o de Sophie, e eu gostaria que você fosse minha seguinte modelo.

A outra guardou silêncio, à defensiva.

— Posso chamá-la Chloé?

Ela assentiu sem dizer nada.

— Eu gostaria de pintar seu perfil Chloé. Queria posar para mim? Nos levaria umas seis semanas, mas não necessitarei que nos vejamos todos os dias. Trabalho em minha oficina das oito da manhã até a uma da tarde e te agradecerei qualquer tempo que possa me conceder.

Chloé estava desconcertada. Todo mundo sabia que as mulheres da alta sociedade não faziam nada absolutamente. Tragou saliva sem deixar de olhar fixamente à encantadora mulher que tinha frente a si.

— Tenho que falar com minha mãe — Respondeu depois de uma ligeira dúvida.

— É claro! Possivelmente queira te acompanhar. Estou segura de que minha mãe estará encantada de que lhe faça companhia.

Charlotte esquecia que o tempo da duquesa estava repartido ao segundo. Chloé tentou imaginar-se a sua mãe tomando o chá com a duquesa de Calverstill, mas não pôde.

— Não acredito, está muito ocupada a maior parte do tempo.

Chloé mordeu a língua. A mãe de Charlotte certamente passava o dia tombada em um sofá e esperava que suas palavras não tivessem parecido uma crítica.

Charlotte não pareceu incomodar-se.

— Entendo — Disse distraída.

Inclinou-se por cima da mesa para afastar uma mecha de cabelo de Chloé colocando depois da orelha. A donzela desta a tinha penteado com umas rígidas tranças unidas por cima da cabeça, mas uns pequenos cachos começavam a escapar.

Ao outro extremo do caramanchão, Will surpreendeu o gesto e franziu o cenho perguntando se Charlotte estava pensando em mudar Chloé o qual não lhe fez muita graça. Não queria ver Chloé com um desses vestidos franceses tão decotados. Aproximou-se e se inclinou sobre a cadeira de Chloé lançando ao Charlotte um olhar assassino.

— Gostaria de dar um passeio senhorita Van Store? — Sugeriu — Poderíamos nos aproximar de ver o trem mecânico.

Chloé ficou paralisada por uns minutos. Era ridícula a maneira em que seu coração perdia o ritmo cada vez que ouvia a voz de Will. Só era um caçador de dotes, nada mais e sabia por quão periódicos tinha açoitado Charlotte assiduamente.

— Certo — Disse tranquilamente.

Sorriu a Charlotte antes de afastar de braço com Will.

Charlotte os seguiu com o olhar. Will não permaneceria solteiro por muito tempo, pensou. Parecia estar realmente apaixonado. Seu olhar se cruzou com a de um jovem que estava sentado perto dela.

— Quer dar um passeio comigo lady Charlotte? — Perguntou ele.

Não era muita graça passear pelos atalhos com desconhecidos. Invariavelmente tentavam beijá-la a uma vez convencidos de poder acabar com qualquer resistência graças a seu encanto. E os jardins do Vauxhall estavam infestados de caminhos somente iluminados por alguns abajures chineses. Sophie, discutindo com três jovens que

estavam propondo o mesmo, lhe piscou um olho.

Durante este tempo o marquês tinha convencido Daphne Blanc de que fosse com ele para ver os foguetes e a marquesa estava mais estirada que nunca.

Charlotte tinha vontades de voltar para casa. Alex não estava pelos arredores. Tinha desaparecido assim que chegaram ao Vauxhall. Estava confusa, irritada e cansada.

O jovem de olhos marrons estava oferecendo galantemente o braço. Dedicou um sorriso encantador.

— Estou esgotada, senhor. Seria tão amável de me acompanhar a minha casa?

O honorável Peter Dewland inclinou a cabeça. Charlotte se desculpou com a marquesa e depois procurou Sophie para lhe dizer adeus, mas tinha desaparecido com seus três admiradores. Ao Alex não lhe via por nenhum lado.

Má sorte. Pousou a mão no braço do Peter e se dirigiram para as limusines.

Estavam a meio caminho quando um fogo artificial iluminou o céu. Charlotte, concentrada em não torcer um tornozelo com as pedras do caminho não prestou muita atenção, mas Peter Dewland exclamou alegremente:

— Olhe lady Charlotte!

Uma serpente de cor escarlate se enroscava ao redor de um imenso lírio listrado antes de voltar a cair rodeado de faíscas.

— É precioso.

— A meu irmão gostaria de muito ver isso — Disse Peter com tristeza.

— Por que não está aqui? É muito jovem?

— Quentin é meu irmão mais velho — Explicou — Mas teve um acidente de cavalo e machucou as pernas. Só abandona o leito quando alguém lhe tira o exterior.

— Meu Deus! Sinto muito.

Ela estava preocupada com um admirador que a abandonava e o irmão deste pobre moço estava inválido para sempre.

Sabe que se podem comprar aqui foguetes? Poderia você lançá-los em seu jardim e assim seu irmão poderia vê-los.

— É uma magnífica ideia lady Charlotte. Onde compram?

Ela assinalou para o pavilhão.

— Acredito que ali.

— Voltarei amanhã e direi a meu irmão que a ideia foi sua.

— Não, não! Terá que fazê-lo esta mesma noite. Ajudarei.

Mas o pensou melhor e disse:

— Não, é impossível, não acredito que a marquesa queira unir-se a nós.

Ela não podia acompanhar a um homem a sua casa sem acompanhante nem sequer por uma boa causa.

— A minha mãe adorará recebê-la. Além disso, acredito que conhece muito bem à

sua.

Charlotte não o duvidava; sempre se assombrava da quantidade de gente que diziam ser amigos da duquesa. Entretanto estava empenhada em que o irmão do Peter desfrutasse dos foguetes.

— Então vamos — Disse animada.

Deram-se a volta dirigindo-se até o pavilhão enquanto a brisa movia as fitas do vestido branco.

Alex que estava na entrada do recinto, viu-a aproximar-se sentindo uma mistura de alegria e ciúmes. Essa mulher ia deixá-lo louco! Com quem estava? A marquesa havia dito que Charlotte tinha voltado para sua casa de modo que não entendia porque voltava. Convenceu a si mesmo de que estava zangado porque ela se foi sem saudar seus amigos, mas a verdade é que ele estava porque se atreveu a ir-se sem despedir-se dele. O tinha ido procurar uma bandeja de canapés para sua mesa e quando voltou ela tinha desaparecido e outros se passeavam pelos atalhos do parque. Só ficava a marquesa.

Dirigiu-se para Charlotte dando grandes pernadas. Entretanto com uma só olhada ao cavalheiro que ia com ela se tranquilizou. Não era dos que incomodavam às damas. Alex se pegou à sebe e, quando a dupla passou por diante do sem-lhe-ver, agarrou uma fita do vestido.

Ela se girou dando um salto e lhe arrancou a cinta das mãos. Logo lhe reconheceu e seu furioso olhar se encheu de uma emoção muito distinta, mas ele não pôde saber qual.

Ele pegou outra cinta em sua mão.

— Milorde — Disse Peter — A dama prefere que você não toque sua roupa.

— É isso certo Charlotte? — Perguntou brandamente Alex atraindo-a para ele — Prefere que não toque... Sua roupa?

Olhou nos olhos.

— Certamente milorde, você poderia danificar meu vestido.

Alex se afogava em seus olhos, e puxou com mais força a fita. Charlotte estava muito perto dele agora. Peter se mantinha atrás dela e não pôde ver as grandes mãos do Alex quando lhe cobriram o seio. Deu um salto no coração.

— Só queria me assegurar que não tinha quebrado nada — disse com um sorriso.

Ela permaneceu muda de estupor.

— Vamos comprar uns fogos — Disse ela ao fim recuando — O irmão de lord Dewland não pode sair da cama e vamos lançar uns foguetes diante de sua casa.

Alex se voltou para o jovem que permanecia um pouco afastado sem saber como reagir diante a intervenção do conde.

Parecia conhecido.

— Seu irmão se chama Quentin? — Perguntou.

Peter assentiu com a cabeça e Alex precisou:

— Conheço-o há anos. Fomos juntos ao colégio. Senti muito quando me inteirei de

que tinha tido um acidente.

De repente pareceu tomar uma decisão e declarou com entusiasmo:

— Em marcha! Sei onde podemos comprar os fogos.

Meia hora mais tarde, Alex tinha reunido os membros do grupo que pôde encontrar. Will parecia que tinha acompanhado à senhorita Van Store a sua casa e esta tinha deixado uma mensagem para Charlotte: iria a sua casa no dia seguinte às nove da manhã. Os Blanc tinham partido já que Daphne se cansou dos cuidados cada vez mais imperiosos do marquês. Depois de escutar o plano e convencer-se de que a mãe de Peter estaria presente, a marquesa levou seu marido até sua carruagem. Alguns enrugaram o nariz diante a ideia de ir distrair a um inválido e preferiram seguir passeando pelos jardins em busca de uma cortesã complacente, o qual não era difícil de encontrar.

De maneira que Sophie e Charlotte, acompanhadas de cinco admiradores além de Alex e Peter Dewland, ficaram em marcha com todo o necessário para conseguir uns estupendos foguetes.

Quando se deu conta de que legalmente só se vendiam fogos de rojão de luzes, Alex se serviu de sua autoridade, e de uma razoável quantidade de moedas, para assegurar os serviços de um tal senhor Glister, professor artífice de Vauxhall, quem proporcionou o melhor material acrescentando:

— Seria melhor que eu me encarregasse pessoalmente de atirá-los, para que não se arriquem a que explodam no rosto.

Charlotte se tranquilizou ao comprovar que Peter vivia em um bairro elegante a dois passos da mansão de sua tia avó Margaret. Seu pai era o visconde Dewland. Sua mãe os recebeu calorosamente; ela e seu marido estavam jogando uma partida de xadrez e tinham mandado a maior parte dos criados deitar.

O senhor Glister desapareceu no pátio para preparar os fogos e Charlotte aceitou de boa vontade a taça de champanha que lhe ofereceram.

Da desastrosa festa de Stuart Hall, não bebia quase álcool. Tinha levado bastante tempo entender que a limonada levava licor. Mas essa noite... Olhou a alta figura de Alex apoiado na lareira enquanto escutava ao pai de Peter falando dos esforços da polícia para deter os ladrões de carteira. Isto era champanha? Tinha um formigamento por todo o corpo e estava muito contente de não ter retornado a sua casa.

Quando o olhar de Alex cruzou com o seu, não pôde evitar lhe dirigir um sorriso. Ele levantou as sobrancelhas.

O visconde continuava falando enquanto Alex contemplava o encantador rosto dela. Seu cabelo estava despenteado por culpa do vento, estava magnífica com seus imensos olhos verdes. Invadiu o desejo de uma forma totalmente inapropriada tendo em conta quão estreitos eram suas calças. Maldição! Os seios de Charlotte pareciam estar reclamando seus beijos.

Terminou educadamente a conversa com o visconde e se dirigiu para ela. Quando se deteve seu lado em seus olhos se lia uma mensagem que a fez estremecer da cabeça aos pés. Como as arrumava para que assim que estava ao seu lado acontecesse algo assim?

— E se nos aproximássemos de ver como vai o senhor Glister? — Perguntou ele.

Ela se esticou perguntando-se se devia sair ao jardim com ele. Olhou a seu redor, mas ninguém estava prestando atenção. Depois seu olhar se encontrou com a de Sophie quem piscou um olho disse:

— Charlotte, não acha que terei que ir ver o que está passando no pátio? Não podemos abusar da hospitalidade de lady Dewland indefinidamente.

Alex ofereceu seu braço a uma Charlotte ainda duvidosa. Ela tinha prometido a si mesma que nunca mais voltaria a encontrar a sós com ele, mas desejava seus beijos e a tontura que se apoderava dela cada vez que ele a tocava.

— Tem razão! — Respondeu a sua amiga — Por que não vamos todos oferecer nossa ajuda ao senhor Glister?

— Covarde — Grunhiu Alex em voz baixa — Venha comigo.

Estava a olhando com um desejo infinito.

Ela sorriu.

— Sua inclinação pelos jardins me assusta um pouco milorde.

De que estava falando ela? Perguntou-se ele. Era certo que a tinha beijado em um piquenique e que morria de vontades de despir seus seios e agarrar seus rosados mamilos com os lábios...

— Vamos! — Disse bruscamente.

Atrás da casa havia um enorme jardim e Charlotte se reprovou todas as dúvidas que tinha tido sobre a família de Peter. Sem dúvida era um ramo importante dentro da nobreza. Violetta o tivesse sabido imediatamente já que conhecia todas as árvores genealógicas da alta sociedade, mas Charlotte nunca tinha interessado o tema. Já era o bastante difícil conciliar a vida de uma pintora com a de jovem casadoira.

Saíram ao jardim e Alex entregou a Charlotte sua taça de champanha. Sophie estava extasiada pelo suave perfume das rosas e seus admiradores se empurravam uns aos outros para agarrar a mais formosa de todas e entregar.

Alex conduziu a seu par até um banco de pedra próximo e ela se sentiu um pouco decepcionada. Não tinha a intenção de arrastá-la pelo caminho que levava a fundo do jardim? Bebeu o champanha e jogou para trás a cabeça para olhar as estrelas apesar da bruma.

— Leu o artigo de La Gazette sobre o pó do carvão? — Perguntou — O autor diz que não só obscurece a atmosfera mas além disso é nocivo para a saúde, sobre tudo para as crianças.

Ele a olhou com curiosidade. Estava convencido de que as mulheres de seu mundo só se interessavam pelos ecos de sociedade.

— Acredito que exagera — Contestou — Não há nenhum estudo científico que demonstre que o pó do carvão seja perigoso. Mas bem acredito que muitos desses meninos morrem por desnutrição.

— Então porque tosse tanto?

— Pelas gripes e as pneumonias. Li esse artigo com interesse, mas não podemos suprimir todas as estufas de carvão como sugere.

— Entretanto, Alex — Respondeu Charlotte sem dar-se conta de que estava o chamando por seu nome — As autópsias desses meninos revelaram que os pulmões de alguns bebês estavam negros.

— Esses bebês eram pobres, poderiam ter morrido de qualquer enfermidade.

— Sabe tão bem como eu que só os filhos dos pobres fazem a autópsia! — Indignou-se Charlotte a quem estava custando conservar a calma.

— Certo, mas eu vi em meu entorno muito poucos bebês que tossissem continuamente como diz esse artigo. Se esse fosse o caso levaria imediatamente a Pippa ao campo.

— Está você chegando ao centro do problema — Argumentou ela pacientemente Os filhos dos nobres passam a maior parte do tempo no campo. Estamos em Londres só durante a temporada, como muito para seis meses, enquanto que os pobres respiram este ar durante todo o ano.

Fez um gesto assinalando o céu.

— Passei muito tempo estudando a luz e não sabe você a diferença que há entre a cidade e o campo. Na cidade a isso apenas pode chamar de “luz”.

Alex a olhou intrigado. Ela estava discutindo com ele em um plano de igualdade e ele a respeitava mais por isso, mas não entendia porque tinha ela que estudar a luz.

Ela tinha a cabeça jogada para trás com os olhos fechados e o podia olhá-la a prazer admirando a curva de seu pescoço.

— Em que está pensando? — Perguntou com a voz rouca de desejo.

— No aroma das rosas. É um aroma... Quente. Como é possível que um aroma possa ser quente ou frio? Não sei mais este é quente.

Alex o pensou um momento.

— O chocolate quente cheira a quente — Disse sem convicção.

Ela soltou uma gargalhada.

— Não referia a isso! Estava falando das flores. Por exemplo, as freesias têm um aroma frio.

Alex deslizou um dedo por sua clavícula e se inclinou para ela.

— E você cheira...

Deteve-se provocador e ela voltou a rir.

— Cheira a quente — Continuou ele — Muito, muito quente. E também a flor de laranja.

— Bravo!

— Um dia me encontrei em um jardim com uma mulher que cheirava a lavanda e após é meu aroma preferido.

Seus lábios quase se tocavam. Depois ele voltou a aspirar ostensivamente e ela voltou a rir.

— acho — Murmurou ele— Que a partir de agora meu preferido será o aroma de

flor de laranja.

Charlotte tremia de antecipação, mas ele se endireitou. Não podia beijá-la ali, diante da viscondessa e de Sophie e seus admiradores.

Sob a luz da lua, os olhos de Alex pareciam mais escuros que a noite e ela estava hipnotizada sem poder afastar o olhar dele.

Ele se levantou e a ajudou a levantar-se também, parecia menos perturbado que ela, pensou um pouco mortificada.

— Vamos ver onde está o senhor Glistler — Propôs ele.

O artífice estava ao fundo do jardim para não correr o risco de danificar os muros e estava repreendendo o laço que estava encarregado de lhe ajudar. Este levantou os olhos ao céu e Charlotte conteve um sorriso. Alex segurava sua mão como se fosse a coisa mais natural do mundo e, enquanto ele falava com o senhor Glistler, ela relaxou. Ele tinha umas mãos enormes, a sua estava ligeiramente tremula. Temendo que o notasse lhe acariciou com o polegar a base do pulso. Ele respondeu apertando mais sua mão. Charlotte simulou estar interessada no que estava dizendo o artífice, mas teria sido incapaz de repetir uma só palavra.

— Sim, sim, milorde — Estava dizendo o homem — Dentro de um minuto. Deveriam entrar todos na casa para olhar pelas janelas. E também o pobre doente.

Alex pôs a mão de Charlotte em seu braço para voltar para a casa. Apertava-a com tanta força que ela podia notar o calor de seu corpo no seu. Era incapaz de esconder suas emoções. Uma dama não deveria reagir assim estava segura disso. Sua mãe não havia dito nada dessa sensação em seu interior quando lhe falou das relações conjugais.

Ele se deteve de repente depois de um grupo de árvores e lhe soltou a mão.

— Sabe? — Disse com ligeireza — Não acredito que possa entrar até dentro de uns minutos.

Ela o olhou com incerteza.

— Por quê? — Perguntou inclinando-se instintivamente para ele.

— Charlotte — Murmurou Alex.

Tomou em seus braços e o todo o corpo dela estremeceu.

— Charlotte é consciente do efeito que tem em mim? Tenho a sensação de ser um sátiro de uma obra clássica, o tipo de obra que não lhe deixavam ler no colégio.

Ele tinha posto uma mão no final de suas costas.

— Tinham razão ao proibir isso. Sátiros são uns animais muito vigorosos e peludos. Frequentemente correm nos bosques procurando donzelas e Oh Senhor!

Afastou-a e ela levantou seu olhar para ele completamente perdida. Acariciou o cabelo.

— Sempre teve o cabelo preto e branco?

— Tenho-o assim desde os dezessete anos.

Perguntou se ela era completamente indiferente ao seu desejo. Agarrou-a pelos pulsos.

— Não olhe mais meu cabelo Charlotte.

Em realidade, ela não se atrevia olhar nos olhos dele e quando por fim o fez se sentiu aturdida. Alex sorriu. Não, ela não era indiferente, ele não estava equivocado: ela seria ardente na cama e inteligente nos salões. Não poderia encontrar nunca uma esposa melhor. Não tinha nada em comum com a Maria, embora... Olhou com mais atenção. Seu rosto era triangular e o lábio inferior era generoso como o de Maria. Mas isso não queria dizer nada, pensou. Havia centenas de mulheres com as mesmas características.

Recuou e se apoiou em uma árvore. Agora tinham que tranquilizar-se para poder anunciar a seus amigos que os foguetes iam começar.

— Milorde...

Sentiu-se um pouco decepcionado O que tinha passado com o “Alex”?

— Deveríamos nos reunir com outros.

Ele permaneceu completamente quieto.

— Não tão rápido.

Ela abriu os olhos com assombro e o suspirou.

— Vem para meu lado Charlotte — Disse em voz baixa.

Ela não se moveu.

— Charlotte!

Ela obedeceu e quando esteve diante dele, ele apoiou as mãos em suas bochechas e depois as deixou deslizar-se lentamente ao longo de todo seu corpo. Ela tremeu, umedeceu os lábios, mas não se afastou.

— Por que fez isso? — Perguntou.

— Porque desejava fazê-lo. Agora — Disse ele pondo as mãos do Charlotte em suas bochechas — Faz o mesmo.

Ela o olhou sem dizer nada.

Ele pensou que ela se negaria, era uma dama bem educada e voltaria correndo para casa.

Entretanto algo no olhar de Alex desafiava Charlotte; então, tão deliberadamente como ele, deslizou suas mãos ao longo de sua face, de seu pescoço e de sua coluna vertebral.

Ao chegar à cintura se deteve.

— Continua.

Ela ruborizou, mas ele tinha pego as mãos e a estava guiando. Ela conteve a respiração quando sentiu seu membro sob seus dedos e se deu a volta para fugir; mas Alex a agarrou pelos ombros e a atraiu para ele.

— Como pode comprovar — Murmurou contra sua nuca lhe dando um beijo com cada palavra — Me deixa louco. Não recorde ter estado nunca tão... Ardente.

Apesar dele, Charlotte notou que seus lábios se estiravam em um sorriso e relaxou um pouco. Ele apoiou o queixo em seu cabelo.

— Por desgraça — Disse ele — Com estas carícias não melhoram meu estado. Deveria ir avisar a nossos amigos que o espetáculo vai começar e eu voltarei para ajudar ao senhor Glistler.

Ela se soltou de seus braços e o beijou nos lábios.

— Eu sabia que as obras clássicas eram muito instrutivas. Eu gostaria de saber mais sobre... Os sátiros por exemplo.

Dizendo isso foi correndo para a casa.

Uns minutos depois Alex observava os fogos que explodiram no céu. Tinha as mãos sobre os ombros de Charlotte e a apertava contra se. Ela se sentia maravilhosamente bem.

Em uma janela do piso de acima, Quentin contemplava o fascinante espetáculo. Tinha despertado o ensurdecedor ruído e lágrimas de felicidade lhe caíam pelas bochechas.

Sophie, rodeada de seus admiradores, olhava Charlotte que estava radiante. Esperava que a viscondessa não se desse conta das mãos do Alex em seus ombros.

Mas Charlotte por sua parte, não pensou nem por um momento em lady Dewland nem em nenhuma outra pessoa. Suas nádegas se apertavam contra a parte baixa do ventre de Alex e embora ao princípio não notasse nada estranho, agora podia senti-lo. Podia senti-lo.

Sorriu alegremente.



No dia seguinte, às sete da manhã, Chloé se levantou da cama e puxou com força do cordão para chamar, ia posar para seu retrato. Depois de tomar um banho examinou os vestidos fora de moda que penduravam no armário. Finalmente se decidiu por um simples vestido branco; além disso, seu aspecto certamente não tivesse muita importância. Sua amiga da infância, Sissy, tinha posado para um pintor disfarçada da Cleópatra. E quando ela admirou o retrato, Sissy lhe disse que o traje não tinha nada que ver com o que ela se pôs já que sua mãe nunca tivesse permitido que se despisse desse modo.

— Então não vai me ajudar a costurar o pescoço das camisas hoje? — Perguntou sua mãe com uma seriedade fingida.

Na realidade estava encantada e Chloé sabia. De que tivesse servido enviar a sua filha a um colégio cujos preços eram exorbitantes se não para que um dia se acotovelasse com a flor e nata da sociedade? Mas nunca se atreveu a demonstrar sua alegria diante seu marido o qual era muito reticente à ideia de ver sua filha relacionar-se com aristocratas. Mas Katryn, assim que compreendeu que Chloé seria muito formosa, alimentou essa esperança, de modo que no café da manhã a via radiante.

Quando o estirado lacaio entrou no comilão, a senhora Van Store se sobressaltou. Deslocava-se silencioso como uma serpente.

— Flores para a senhorita Van Store — Anunciou com solenidade.

Chloé abriu os olhos com assombro. Ao menos havia seis ou sete ramos de violetas ainda frescas de orvalho, pareciam ter sido colhidas dois minutos antes. Peter rodeou a mesa, fez uma reverência e se endireitou. Chloé, impaciente, virtualmente arrancou as flores das mãos. O lacaio saiu elevando os olhos ao céu perguntando-se porque demônios estava trabalhando em uma casa de vulgares burgueses em vez de estar em uma casa da nobreza. Mas a resposta lhe veio rapidamente: pagavam melhor.

Com os dedos um pouco trêmulos, Chloé procurou o cartão entre as flores e conteve uma exclamação de surpresa. Não vinham de parte de Will, do barão Holland corrigiu a si mesma. O cartão levava o nome de Charlotte Daicheston quem tinha escrito com uma letra quase masculina: Sinto-me muito feliz por nosso encontro. Entretanto não o duvide se vai melhor a outra hora.

— De quem são? — Ladrrou seu pai — Desse golfo que veio jantar ontem?

Sabia reconhecer um caçador de dotes quando o via. Entretanto devia confessar que este era bastante mais suportável que muitos outros aristocratas aos quais via passar ociosos e inúteis no Strand. Por exemplo, parecia entender um pouco de negócios e não se podia dizer o mesmo dos outros folgazões que conhecia sua filha.

— Não papai — Respondeu alegremente Chloé — São de Charlotte Daicheston.

- Hum! Essa juvenzinha está de novo nos periódicos.
- Posso vê-lo papai? É obvio se o senhor já terminou de lê-los.
- Terminado? Nunca leio as colunas de rumores senhorita!

Chloé e sua mãe se abstiveram com muito tato de perguntar como sabia então o que se dizia de Charlotte Daicheston e se apressou a ler a coluna.

— Mamãe! — Exclamou — Charlotte e seus amigos fizeram foguetes sob a janela de um cavalheiro que esta doente, depois de que fôssemos do Vauxhall.

Começou a ler em voz alta o artigo ficava muitos detalhes, descrevendo os fogos e a reação dos assistentes incluindo a do condutor de uma carruagem cujos cavalos se assustaram pelas explosões. Os ácidos comentários do chofer não eram muito importantes para o jornalista que acabava fazendo notar que era muito estranho ver gestos tão desinteressados a favor dos doentes.

A senhora Van Store irradiava prazer. Ela mesma passava muito tempo costurando roupa para os pobres e lady Charlotte se fez de forma instantânea um lugar de honra em seu coração. O mesmo senhor Van Store emitiu um grunhido de aprovação.

Antes de ir, Chloé prendeu umas violetas no vestido. Ia à casa de Charlotte! E possivelmente visse Will. Não estava preocupada com o sorriso que Charlotte e ele tinham trocado no teatro na noite anterior. Perguntou se teriam sido amantes, mas depois pensou que não; Charlotte simplesmente era tão formosa que nenhum homem podia resistir a ela. Só ficava esperar que não estivesse interessada no Will. Segundo o artigo ia se casar com o conde de Sheffield.

Chegou ao Calverstill House muito excitada. Possivelmente Charlotte tinha mudado de opinião. Além disso, não entendia porque desejava pintá-la.

Seus olhos aumentaram quando entrou no enorme vestibulo. Certamente conhecia muitas casas de aristocratas. Sua amiga Sissy Commonweal a havia convidado frequentemente a passar as férias. Mas esta era diferente. O chão parecia ser feito de quatro ou cinco espécies distintas de mármore verde e o teto, em forma de cúpula, tinha anjos e deuses. Estava tão impressionada que quando o mordomo a fez passar a um elegante salão, ela seguia com os olhos fixos no chão. Tinha que haver um engano em alguma parte. A pessoa que vivia em palácios como esse não podia dedicar-se a pintar retratos.

Ouviu uns ligeiros passos na escada e Charlotte Daicheston entrou no salão.

— Quanto me alegro de vê-la! — Exclamou.

Chloé a olhou. Estava incrivelmente formosa e era muito cordial.

— Você está segura...

— Certamente! Levo uma hora preparando tudo. Mas primeiro deixa que lhe apresente a minha mãe.

Chloé empalideceu. Nunca tinha imaginado que um dia conheceria uma verdadeira duquesa. Charlotte a acompanhou até a grande escada.

— Esta é a salinha da manhã — Disse abrindo duas altas portas.

Chloé descobriu uma estadia de cor ouro pálido cujas leves cortinas se moviam

com a brisa. O sol entrava em torrentes e os móveis eram mais práticos que refinados. Seis ou sete mulheres estavam costurando ao redor de uma mesa. A mãe de Charlotte se levantou para recebê-las. Era muito alta e tinha um encantador sorriso, apertou a mão de Chloé perguntando por seus pais e depois se desculpou:

— Estamos tentando terminar umas quantas camisas que os meninos do orfanato necessitam urgentemente, do contrário lhes acompanharia com muito gosto até a oficina de Charlotte, mas estou segura de que as duas estarão bem juntas.

Chloé sorriu.

— Deixe a mamãe ocupada com um montão de camisas, mas ela as está fazendo para os adultos e não para os meninos.

— Nunca terminal — Queixou-se Adelaida — Me dá a sensação de que nos passamos o dia costurando e, entretanto não deixo de ver as pessoas vestidas com farrapos pelas ruas.

Charlotte e Chloé continuaram subindo até o terceiro piso.

— Este era o andar destinado aos meninos — Explicou Charlotte — Mas já não há meninos na casa de modo que meus pais o transformaram a sala de jogos em uma oficina.

Detiveram-se na entrada de um enorme salão pintado de branco. Ao redor de toda a oficina havia candelabros de todos os tamanhos e formas. Chloé ficou boquiaberta. Havia um muito feio que parecia uma árvore e outro que representava o arca de Noé com as velas na cabeça dos animais.

Charlotte se pôs a rir.

— Ah! Tinha esquecido quão estranha resulta esta sala. Verá, necessito muita luz de modo que pusemos aqui todos os candelabros que havia no apartamento de cobertura. Além disso, enviamos um criado a comprar no Strand todos os que encontrasse. E este é o resultado!

Os candelabros estavam pendurando das paredes separadas entre si por uns cinquenta centímetros.

— Todas as manhãs os criados trocam as velas. Enfureço-me quando uma delas está acabando porque isso muda a luz. Londres está tão obscurecida pelo pó do carvão que só posso trabalhar com luz natural até as onze.

Chloé nunca tinha visto tantas velas em um só lugar. Dirigiu-se ao cavalete que estava diante das janelas. Rodeou-o e se deteve assombrada, ao descobrir o retrato de Sophie. Era tão real que parecia que ia sair do quadro, não tinha nada que ver com os estirados retratos que se expor na Royal Portrait Gallery.

— Tirei-o para que possa julgar por si mesma meu trabalho — Explicou Charlotte — Você gosta?

O rosto de Chloé refletia às claras sua opinião e no momento parecia consternada. Charlotte se perguntou se seria por culpa de sua pintura.

Chloé percebeu uma ligeira angústia em sua voz e se voltou rapidamente para ela.

— É precioso! Mas por que deseja fazer meu retrato? Ela é tão formosa e eu tão

vulgar!

— Tolices! É encantadora, mas além disso não importa. Se tivesse se negado teria pensado em pintar o Campion, nosso mordomo. O que desejo é uma expressão. Olhe, tentei pintar a verdadeira Sophie, não uma imagem formosa.

— É muito atraente verdade?

Charlotte assentiu.

— Sim. É Sophie.

Chloé pensou nos ávidos olhares dos homens que a rodeavam a noite anterior.

— Há algo mais — Disse.

— Para ela é um jogo. É uma provocadora, mas nunca vai mais à frente. O que quero dizer é que é virgem.

Charlotte se perguntou se estava fazendo o correto ao ser tão explícita, mas Chloé era a terceira pessoa que tinha visto o quadro e a primeira que perguntava a respeito.

— Já vejo. Parece-se com a deusa Diana, da que se dizia que era incrivelmente bela e que rejeitava a todos os homens. Equívoco-me?

— Nunca tinha pensado — Murmurou Charlotte pensativa — Me expus o retrato, mas bem como alguém que estivesse brincando com fogo. Um fogo que ela ainda não entende.

Dois dias antes Chloé se pôs sem duvidar na mesma categoria que Sophie embora nunca lhe tivesse gostado do jogo da sedução; mas a noite anterior, quando Will a beijou, percorreu-a uma sensação desconhecida até esse momento.

Charlotte se dava conta de que Chloé não era uma inocente juvenzinha como podiam dar a entender seus silêncios. Decididamente cada vez tinha mais vontade de começar a pintar seu retrato.

— O que tenho que fazer? — Perguntou educadamente Chloé.

Charlotte a levou até o divã.

— Simplesmente sente-se. Não é necessário que mantenha nenhuma pose. Começarei fazendo uns esboços de sua face de frente e de perfil. Depois, como disse ontem de noite trabalharei sozinha e logo te pedirei que volte, provavelmente na próxima semana.

Um pouco molesta, Chloé se instalou no divã enquanto Charlotte se colocava frente a ela com umas grandes folhas de papel nos joelhos. Começou a desenhar com rapidez e precisão. Ao princípio Chloé tentou falar com ela, mas a outra não tinha muito desejo de falar de modo que renunciou e se concentrou em seus pensamentos. E é obvio pensou no Will... Will no corredor, na carruagem diante de sua casa...

Charlotte estava surpreendida. Por todos os Céus! O que estava passando à tranquila jovem do dia anterior para que se transformasse nessa mulher transbordante de sensualidade? Possivelmente fosse ela, Charlotte, a ingênua. Possivelmente era ela a que ardia de desejo e o transferia a seu modelo. Observou o desenho e as folhas que estavam caídas a seu redor no chão. Não. Seu lápis nunca mentia. Essa certeza tranquilizou e continuou desenhando para tentar captar a essência de Chloé, esse

domínio de si mesma que se misturava de uma maneira fascinante com uma brilhante sensualidade.

Uma hora depois pareceu que por fim estava obtendo resultados. Tinha conseguido surpreender algumas boas expressões. Por exemplo, um olhar e a curva do queixo e do pescoço.

Alguém bateu na porta da escada.

— Maldição! — Exclamou ficando em pé de um salto.

Chloé se surpreendeu, nunca antes tinha ouvido uma dama chingar desse modo.

Charlotte estava muito zangada. Chloé tinha relaxado por fim por volta de só dez minutos depois de estar tensa durante toda a sessão. Todo mundo sabia que não deviam entrar nesse lugar quando ela estava trabalhando.

A porta se abriu de repente. Quando ouviu uma voz de homem falando com Campion seu coração começou a pulsar com fúria. Alex! Devia ter seguido o mordomo por sua conta já que este último nunca teria permitido que um homem passasse do piso inferior.

Estirou-se apertando os dentes. Ia dar um sermão de sua vida quando se deu conta de que não estava sozinho. Pippa se precipitou com suas pequenas pernas para o montão de papéis.

— Pare! — Gritou Charlotte.

Alex apanhou à menina pelo laço da cintura enquanto Charlotte recolhia seus preciosos esboços. Pippa começou a gritar e Chloé se levantou do divã.

— Como está milorde? — Perguntou tranquila como sempre — Nos conhecemos ontem de noite. Meu nome é Chloé Van Store.

— Me lembro — Respondeu Alex com um formoso sorriso — Estão fazendo um retrato?

— Ainda não. Lady Charlotte só esta riscando uns esboços.

— Por favor, me chame simplesmente Charlotte.

Depositou os papéis sobre a lareira segurando-os com um candelabro. Durante esse tempo, Alex, com uma Pippa que não deixava de choramingar nos braços, rodeou o cavalete.

Ficou paralisado, depois de deixar a sua filha no chão. Essa correu a subir em uma cadeira. Seu pai seguia sem mover-se e Charlotte se incomodou. Nem sequer era capaz de inventar um completo?

Ao fim ele a olhou.

— Por que os jacintos?

— Que... A que se refere?

— Por que os jacintos? — Repetiu sorrindo — Por que não coelhos? Vão conservar este quadro até que Sophie se case não é assim? Não imagino pendurado na galeria dos antepassados dos Brandenburg, de modo que por que não pintar coelhos que são o símbolo da fertilidade?

— Coelho... Fertilidade? — Balbuciou estupidamente Charlotte.

Chloé tossiu.

— É um costume italiano não é milorde? No Renascimento as damas faziam que as pintassem com uns coelhos em segundo plano.

Charlotte sorriu. Ele tinha razão! O retrato refletia a uma recém-casada a ponto de descobrir algo.

Alex a segurou pelos ombros.

— Esse retrato é maravilhoso, mas estou seguro de que já sabe.

Ela o olhou sem responder.

Chloé se perguntava por que diziam que o conde era um mal partido. Fazia muito bom casal os dois. No rosto de Alex se podia ler tanta paixão que se emocionou.

— Levarci-te a Itália — Disse — A Florência, a Roma, a Veneza.

Charlotte notava que cada vez estava mais irritada. Essa manhã se levantou de mau humor e estava cada vez mais segura de que não se casaria com Alex. O que sentia por ela só era desejo em estado puro e essa não era uma emoção apropriada e certamente não era uma razão para casar-se. Para falar a verdade, tinha pensado com satisfação no momento em que Alex voltaria a lhe propor matrimônio e então o rejeitaria com muita educação, mas com frieza. Entretanto ele parecia dar por feito que ela aceitaria. Que arrogância!

Por desgraça não podia dizer o que pensava dele diante de Chloé. Por outra parte viu pela extremidade do olho que sua filha estava tentando ficar escarranchado sobre o respaldo do sofá correndo o risco de cair; de modo que se apressou a descer Pippa.

Esta esteve a ponto de gritar mais desistiu de fazê-lo e Charlotte lhe sorriu com carinho. Certamente não gostava do pai mais estava pegando afeto a essa menina tão independente.

— Não sou a babá recorda?

Pippa esboçou um prudente sorriso e Charlotte a pegou nos seus braços de maneira que pudesse ver tudo o que acontecia seu redor.

— Já que nossa sessão se viu interrompida, senhorita Van Store — Disse cortesmente — O que lhe pareceria se fôssemos tomar uma xícara de chá com minha mãe?

Alex engoliu seco. Segundo o que lhe havia dito o duque de Calverstill, sem dúvida a duquesa não tinha nenhum desejo de vê-lo.

— Ehh... Sua mãe está ocupada — Disse.

— Como sabe?

— Me disse isso seu pai — Respondeu Alex imperturbável.

Charlotte o olhava com exasperação. De repente compreendeu o que estava acontecendo. Ele devia ter vindo para pedir a seu pai a mão dela e agora o duque lhe estaria contando a entrevista a sua esposa. Dirigiu um olhar assassino.

— Tenho que ir — Disse Chloé a qual este enfrentamento incomodava sobre tudo

porque não entendia nada — Minha mãe insiste em que volte logo.

Alex pegou a mão que Chloé lhe oferecia e de dedicou o mais amável de seus sorrisos.

— Todos sabem quão exigentes são as mães com suas filhas. Prometo que não interrompereei sua próxima sessão.

Que segurança em si mesmo! Pensou Chloé. Certamente era muito atraente, mas certamente houvesse alguma falha em sua armadura; embora aparentemente não, depois de tudo era nobre, bonito e rico. Voltou-se para Charlotte e conteve um sorriso. Possivelmente o conde tivesse encontrado a fôrma de seu sapato se tinha em conta a expressão de Charlotte. Fez uma graciosa reverência.

— Meu Deus! — Exclamou Charlotte — Já basta de tanta solenidade. Esta segura de querer que termine o retrato? Vamos passar encerradas juntas nesta oficina ao redor de seis semanas de modo que temos que deixar de lado as formalidades.

A Chloé não sentiu saudades desse estalo de mau humor.

— De acordo Charlotte — Disse estendendo a mão — Quero esse retrato embora não tenha direito a vê-lo até o dia de minhas bodas.

— Mas Sophie viu o seu. O única coisa que me disse é que seus dentes eram muito grandes.

Trocaram um olhar cúmplice.

— Me deixe que te acompanhe — Decidiu Charlotte.

Começou a descer a escada levando nos braços a uma Pippa que ria a gargalhadas enquanto tentava agarrar os quadros das paredes.

Chloé e Alex a seguiam. Este último estava bastante contrariado. Por que Charlotte o evitava? Não era possível que acreditasse que estava rindo dela quando a beijou no dia anterior. Não esperava casar-se com ele? Ele já não se lembrava de que tinha proposto matrimônio duas semanas antes nem de que ela tinha recusado.

Charlotte se despediu de Chloé na porta e ao mesmo tempo devolveu a Pippa a seu pai.

— Está molhada.

— Ah!

Era muito divertido ver esse elegante cavalheiro com uma menina nos braços que tinha o vestido empapado. Esteve a ponto de tornar a rir, mas uma sombra nos olhos dele a convenceu de não fazê-lo.

Ele se voltou para Champion.

— Quer, por favor, chamar Keating, meu mordomo?

— Certamente milorde Quer que leve a menina?

Todos os criados estavam do lado do conde de Sheffield. Champion sabia que a senhora Simpkin receberia à pequena com os braços abertos. O conde acabava de passar quarenta minutos a sós com o senhor no escritório deste e tinham saído juntos em muito bons termos. Não fazia falta ser adivinho para saber do que tinham falado.

— Sim, agradeço.

Confiou a Pippa ao mordomo e milagrosamente a menina não gritou limitando-se a lhe dar uns leves golpes na bochecha.

Alex e Charlotte olharam enquanto se afastavam. Campion tão a gosto como se todo o dia estivesse transportando meninos empapados em braços.

— Está um pouco melhor — Disse Alex distraído — Faz dois dias que não grita de verdade.

— Essa é uma boa notícia.

Charlotte, igual a todo mundo, sabia por que o conde estava ali mais não queria saber nada. Não agora que começava a ter dor de cabeça. Não agora que estava o bastante nervosa para desfazer-se em lágrimas. Não podia, não queria ouvir falar de matrimônio nesse momento. De modo que em vez de levá-lo ao salão lhe estendeu a mão com elegância.

— Agradeço sua visita milorde — Disse com ligeireza.

Ele ficou diante dela depois de dirigir um olhar ameaçador aos dois lacaios que estavam de guarda no vestibulo. Imediatamente os dois agacharam a cabeça e se mantiveram em posição de firmes pegos à parede.

Charlotte recuou um passo e depois outro. Com outro olhar carregado de autoridade, um dos lacaios abriu a porta do salão chinês e Alex a obrigou a entrar. A porta se fechou atrás deles.

— Acha que iria abandonando a minha filha aqui? — Perguntou

Charlotte não tinha pensado.

— Não me encontro muito bem para manter uma conversa esta manhã, milorde. Tenho enxaqueca.

Deixou-se cair em um sofá imitando bastante bem a sua tia Margaret a que sempre doía algo e a que adorava queixar-se. Alex se colocou a seu lado completamente dono de si mesmo conforme pôde notar ela com irritação.

— Quer que me ponha de joelhos? — Perguntou divertido.

— Não.

— Melhor!

Ela levantou o queixo desafiante. Ninguém podia obrigá-la a casar-se nem sequer um par do reino.

Alex não tinha previsto que as coisas se desenvolvessem assim. Pensava que o mais duro seria falar com o duque já que temia as explicações que teria que lhe dar sobre seu desastroso matrimônio. O que nunca tinha contado a ninguém os detalhes, nem sequer a seu próprio pai. Mas o duque se mostrou muito pomenorizado, escutou atentamente e lhe fez umas perguntas muito sensatas assentindo de vez em quando com a cabeça. Por fim estreitou a mão de Alex lhe dando suas bênçãos. Alex acreditou então que o assunto estava arrumado, imaginou que Charlotte cairia em seus braços loucamente feliz com a ideia de converter-se em sua esposa. Inclusive se prometeu a si mesmo não ir muito longe. Não ia arrebatá-la virgindade de sua prometida em um salão.

De fato, depois de ter descoberto a perfídia da Maria que abriu as pernas com quase todos os homens de Roma, a ideia da virgindade e a noite de núpcias se transformou em um algo terrivelmente importante para ele. Nada de encontros furtivos nas carruagens. De todas formas Charlotte e ele ardiam com tal desejo que tinha pensado em obter uma licença especial para adiantar a data das bodas, mas o duque se negou em redondo.

— Quero uma grande cerimônia — Disse com razão — Vamos ter o matrimônio mais romântico do século para sossegar às más línguas. Quanto a você — Acrescentou franzindo o cenho — Será melhor que lhe faça um menino o mais rápido possível.

Alex não estava preocupado por isso. Maria e ele só tinham tido relações uma dúzia de vezes e o resultado tinha sido Pippa.

E agora... Charlotte estava de um humor de cães. Que espécie de esposa seria? As crises de histerismo de Maria tinham estado a ponto de fazê-lo odiar para sempre a todo o gênero feminino. E, além disso, estava Pippa...

O silêncio cada vez se fazia mais pesado.

Alex a olhou de novo e se deu conta de que estava extremamente pálida.

— De verdade tem enxaqueca?

Ela assentiu. Doía tanto que o menor gesto era uma tortura.

Alex saiu ao vestibulo e o ouviu falar com um laçao.

— Mandei pedir a Keating uma bebida especial — Disse quando voltou ao salão e se sentou a seu lado — Apoie-se em mim, assim...

— Isso não está certo — Protestou Charlotte.

— Shh. Não acontece nada.

Afastou os cachos e começou a dar suaves massagens na nuca. Ela se deixou cair sobre seu ombro e se sentiu reconfortada. Fechou os olhos.

Quando bateram na porta ele se endireitou rapidamente. Champion trazia um grande copo cheio em uma bandeja de prata.

— Bebe — Disse Alex.

Ela fez uma careta. Era de cor amarela e estava gelada.

— Odeio o leite de cabra.

— Beberá de todas as formas.

Ela obedeceu e lhe pareceu mais asqueroso do que temia.

O mordomo abandonou o salão e Alex voltou a apoiar Charlotte em seu ombro.

— Havia álcool nesse copo não é? — Perguntou com voz pastosa.

Pouco depois dormiu e Alex sorriu ao pensar em que poucas mulheres dormiriam quando um conde pedia sua mão. Recordava os olhares de desejo que pousavam sobre ele cada vez que ia ao Almak's. Patrick zombava dele frequentemente dizendo que bastava que dançasse duas vezes com uma jovem para que ela encomendasse seu vestido de noiva.

Esta seria uma boa história para contar a meu irmão, disse contemplando à mulher que dormia em seus braços. Brincou com uma mecha de seu cabelo. Observou seu perfil e as longas pestanas que descansavam sobre suas bochechas rosadas. O remédio de Keating continha o suficiente licor para tombar a um boi.

Perguntou se se negaria a casar-se com ele e por que. Possivelmente tinha ouvido falar da forma em que tinha terminado seu primeiro matrimônio. Sim, sem dúvida era isso, disse um pouco mais tranquilo.

Teriam que manter uma séria conversa quando ela despertasse.

Apoiou a cabeça no sofá e poucos segundos depois só se ouviu na estadia a respiração compassada de duas pessoas adormecidas.

Do outro lado da porta, os dois lacaios se olhavam cheios de assombro.

Não tinham ouvido nada, nem sequer um murmúrio desde fazia um bom momento. O que estaria acontecendo no salão chinês?

Cecil tinha uma pequena ideia. Sorriu ao pensar em Marie. Tinha tentado seduzi-la nos aposentos da casa mais ela se negava a chegar até o final.

— Despediriam-nos imediatamente se nos surpreendessem — Protestava.

Então ele pensou que um domingo no que ele estivesse de serviço e todos os da casa na igreja, ela poderia dizer que tinha enxaqueca.

Mas ela não cedia.

Agora que ia que lhe dizer que sua própria senhora o tinha feito.

Com um brilho esperançado no olhar, Cecil esperou a que sáisse alguém do salão chinês para ver se se confirmavam suas suspeitas.



Charlotte abriu os olhos uns vinte minutos mais tarde, sua enxaqueca tinha desaparecido e tinha uma deliciosa sensação de calor. Seu mau humor já só era uma vaga lembrança.

Estou bêbada, disse-se um pouco aturdida enquanto se endireitava.

Alex estava dormido. Ao menos não roncava. Abriu também os olhos e um sorriso atravessou seu olhar. Voltou a puxá-la para ele.

— Dormidos como dois anciões em um banco ao sol — Resmungou.

Charlotte sorriu.

— Quer uma xícara de chá? Para te manter acordado, certamente.

— Essa é uma bebida de cão de guarda. É perfeita para um ancião como eu.

— Prefere um conhaque ou algo mais forte? Suspeito que a beberagem de Keating me deixou um pouco enjoada de modo que vou tomar minha xícara de chá para pôr minhas ideias em ordem.

Foi abrir a porta e Cecil entrecestrou os olhos ao vê-la perfeitamente penteada e proprietária de si mesma. Ao final não tinha feito nada reprovável. Foi rapidamente a procurar uma bandeja com o chá.

Ela voltou a entrar no salão no qual Alex estava meio deitado sobre o horrível divã chinês que a duquesa comprou na época em que andou pelo Oriente. Os braços tinham forma de leão com os olhos de cor vermelha.

Alex era extraordinário, pensou dando um pequeno suspiro.

— Temos que falar — disse ele.

Ela assentiu e foi sentar-se de novo a seu lado.

Durante esse tempo, no piso superior, a duquesa estava preocupada. Sua filha estava muito tempo a sós com o conde. Passeava com agitação acima e debaixo de sua penteadeira. Surpreendeu-se muito quando o duque lhe informou que tinha mudado de opinião e que aceitava entregar a sua filha ao conde. Depois lhe contou as circunstâncias do primeiro matrimônio deste e ela se mostrou de acordo.

Suspirou. Se somente Charlotte se decidisse a falar do que tinha acontecido três anos antes! Marcel voltou a aparecer.

— Temos que ir querida, Se não chegaremos tarde e sabe que eu não gosto disso.

— Mas Marcel, não podemos ir enquanto Charlotte e Alexander Foakes estejam encerrados no salão chinês. Não acha que deveríamos ir com eles? Faz já mais de três quartos de hora que estão sozinhos.

Puxou com força do cordão para chamar.

-Tolices! Charlotte já não é uma menina. E além Campion me disse que ela tinha encarregado que lhes servissem chá e um lanche. O que tem isso de surpreendente? E agora vamos — Concluiu o duque arrastando a sua esposa para a porta.

— Mas que vai pensar de mim? — Gemeu — Não podemos os deixar sem companhia.

— Me escute Addie. Explicou a Charlotte porque eu opunha a essa união não é?

— Sim.

— Bem, pois Alex necessita tempo para lhe falar da anulação de seu primeiro matrimônio e de todo o resto.

— Não poderíamos nos aproximar do menos a lhes dizer adeus?

— Não é necessário. Diremos ao Campion que transmita a eles nossos melhores desejos.

Marcel sabia muito bem que deixasse a sua filha sem acompanhante tivesse sido considerado em seu entorno como uma loucura, mas preferia correr o risco. Por algo era considerado um excelente jogador de pôquer. Ele gostou muito do conde, a verdade era que gostava mais que qualquer dos outros pretendentes de sua filha. Estava seguro de que Alex tinha uma proporção adequada de inteligência e de vontade para encarregar-se de Charlotte, de sua pintura e de seu obstinado caráter. Mas lhe advertiu de que custaria convencê-la, as mulheres fugiam de um homem com uma reputação como a sua. Ele tinha conhecido por suas numerosas aventuras sim, mas estava o assunto de sua impotência.

Alex o tinha escutado em silêncio com uma expressão indecifrável em seu escuro olhar, entretanto Marcel estava seguro de que tinha entendido onde queria chegar. Ele em seu lugar teria tentado convencer Charlotte, mas isso ia levar um pouco de tempo e não era questão de que Adelaide irrompesse no salão.

Ao chegar ao vestibulo se despediu dos dois lacaios e encarregou Campion que vigiasse a porta, depois, triunfante, saiu com a duquesa.

No salão chinês, Charlotte estava sentada muito reta ao lado do Alex.

— Por que não se quer casar comigo? Atacou ele.

Surpreendida o olhou. Estava muito atraente e quase nervoso. Sentiu-se desfalecer de novo e obrigou a si mesma a recordar as razões que tinha para rejeitá-lo. Ele só desejava uma preceptora para sua filha, em realidade o tinha esquecido por completo seu encontro no Stuart Hall, o qual queria dizer que se dedicaria a seduzir às mulheres em seu jardim assim que lhe desse as costas.

— Não posso simplesmente me negar? — Replicou ela.

— Não. Não depois de me beijar como o fez.

Charlotte ruborizou ligeiramente. Ele devia pensar que ela era uma mulher de vida alegre e se lhe contava o que tinha acontecido três anos antes sem dúvida a abandonaria sem olhar atrás.

Fez-se um silêncio.

— Deixa que adivinhe — Continuou ele suavemente — Ouviu dizer que sou

impotente e...

Ela negou com a cabeça.

— Não ouviu os rumores ou é que não é esse o problema? — Perguntou.

— Eu não... Quero dizer, sim, minha mãe me contou isso. Mas eu sabia...

Mordeu o lábio. Devia estar vermelha como um tomate.

Ele riu secamente.

— Você sabia! É assombrosa Charlotte.

Acariciou a base do pescoço com gentileza.

— Não!

Ele afastou a mão como se queimasse.

De novo o silêncio.

— Estou esperando Charlotte.

Ela levantou a vista para ele lhe suplicando que a entendesse.

— Sei como são os matrimônios em nosso mundo — Murmurou — Não quero isso para mim. Eu...

Um golpe na porta a sobressaltou. Campion trazia uma bandeja sorrindo com indulgência.

— Também há um aperitivo lady Charlotte. O duque e a duquesa me encarregaram que lhe transmita seu pesar, milorde, de que tinham um compromisso impossível de anular. Entretanto desejam que se reúna com eles para jantar. Se desejarem algo mais só tem que chamar.

Muito ardiloso por parte do duque, pensou Alex. Sabia que Marcel era o que tinha arrumado essa longa entrevista.

Uma vez que o mordomo se foi, Charlotte se apressou a servir o chá enquanto pensava no que ia dizer.

— Ama-me? — Perguntou de repente.

— Te amar?

Alex estava desconcertado. Sua primeira reação foi responder “Sim, é obvio” e depois beijá-la. Mas estava decidido que este matrimônio fosse diferente do primeiro e que não se apoiasse em mentiras.

— Não — Disse ao final — E você me ama?

Ela abriu a boca mais Alex já estava falando de novo.

— Olhe, não acredito que o amor chegue como nas novelas. O amor à primeira vista é uma invenção dos poetas. Acreditei estar apaixonado por minha mulher a primeira vez que a vi. Parecia-se muito a uma jovem que conheci aqui, na Inglaterra. Ela era formosa, parecia inocente como se acabasse de sair de um convento. Eu disse que a amava e ela me disse que me amava. Casamo-nos duas semanas depois para grande alegria de sua família. Mas sabe por que se alegravam tanto?

Charlotte negou com a cabeça.

— Porque ninguém mais em Roma teria se casado com ela.

Sorriu com desprezo e acrescentou:

— Deitou-se com a maioria dos homens que foram dançar a nossas bodas. Que estúpido era!

— Lamento — Disse simplesmente Charlotte.

— Durante o ano seguinte nossa vida foi um inferno. Ela não me amava e eu descobri muito rápido que tampouco a amava. O amor a meu entender se apoia na confiança e a confiança chega com o tempo entende?

Charlotte assentiu. Entretanto custava conciliar o discurso de Alex sobre a infidelidade de sua esposa com a certeza de que ele também seria infiel depois de que se casassem.

— Acha que a confiança tem alguma relação com o feito de não... Fornicar com ninguém mais quando um se casa?

Alex esboçou um sorriso, de modo que ela estava pensando no adultério quando se referiu aos matrimônios da alta sociedade. Acaso o duque mantinha a uma amante?

— Acredito que a fidelidade é indispensável no matrimônio — Declarou com firmeza pegando sua mão — Nunca te enganarei. Para dizê-lo claramente, acredito que não ficassem energias para ninguém mais.

Ele estava aproximando perigosamente e ela recuou.

— Disse que estava procurando alguém que se ocupasse de Pippa — Protestou ela em voz baixa.

Por que essas objeções pareciam de repente ridículas?

Alex a abraçou e lhe levantou o queixo.

— Acha que desejo fazer isto com uma babá?

Tinha a voz rouca e Charlotte estava hipnotizada por seus olhos.

— Ou isto? — Continuou roçando seus lábios.

Ela começou a tremer.

— Quer acrescentar algo mais Charlotte? Não queria impedir que dissesse o que desejasse.

Ela respirou profundamente.

— De verdade não recorda ter me conhecido antes?

— Nunca tinha ti visto antes destas últimas semanas querida — Afirmou ele — Como teria podido esquecer essa bonita cara e essa testa limpa?

Deu um beijo com cada palavra.

— Ou essas sobrancelhas, essas pestanas e esse pequeno nariz arrebitado.

Ela se soltou se desesperada.

— Esta completamente seguro?

Alex compreendeu por fim que a pergunta era importante para ela.

— Sim — Confirmou — Nunca tivesse podido te esquecer. Assim que te vi nesse baile soube que...

Interrompeu-se mais Charlotte sabia o que ia dizer: soube que a desejava. Deus Santo ele não se lembrava de nada!

Uma lágrima se deslizou por sua bochecha e Alex a secou com ternura.

— Tão importante é Charlotte? Por que não deixar o passado em paz?

Escapou outra lágrima.

Ele franziu o cenho. O que estava acontecendo? Que importância tinha se tinham se conhecido antes ou não? Procurou em sua memória mais foi em vão. Antes de partir para a Itália devia assistir a sete ou oito bailes da alta sociedade, mas ela nessa época ainda não saía.

Charlotte fez um esforço para dominar-se e por pensar. Ele não se lembrava dela, provavelmente tivesse esquecido todo o referente a esse baile de máscaras porque pensava que ela era uma prostituta e isso não era o mesmo que fazer amor com uma dama. E agora lhe estava prometendo que nunca se divertiria seduzindo a outras mulheres.

Esforçou-se por sorrir.

— Sinto muito me comportar assim — Murmurou — Nunca choro.

— Mas temos que esclarecer isto de uma vez por todas. Estou seguro, querida, de que a quem conheceu foi meu irmão Patrick. Meu pai sempre dizia que nos parecíamos como duas pistolas de duelo.

Um novo sorriso e já foram dois, pensou encantado.

— Nossa preceptora não conseguia nos distinguir e se queixava quando lhe gastávamos brincadeiras. Se Patrick estivesse aqui tudo se esclareceria. Por desgraça está longe de modo que o melhor é esquecer tudo.

Charlotte assentiu em silêncio, mas sabia que ele estava equivocado. Ela nunca tivesse podido confundir a enternecedora covinha de Alex com o de ninguém mais, nem seus largos ombros ou a forma arrogante de levantar as sobrancelhas. E não era só seu rosto. Como pintora via além dos traços físicos. Possivelmente quando estivessem casados ela conseguisse falar disto de novo e ririam juntos.

Ele notou como ela relaxava e a atraiu de novo contra ele enquanto lhe acariciava os cachos.

— Então se casará comigo? Acredito que não me será difícil te amar. E você também me amará. Olharei-te quando pintar e teremos um menino como Pippa mais com sua encantadora boca.

Ela agachou a cabeça em seu ombro e rindo, ele a afastou.

— Disse algo?

— Sim, sim, me casarei contigo.

Ele sorriu.

— Agora é minha prometida. Sabe o que significa isso?

Essa estremeceu ao pensar que possivelmente ele estivesse maquinando lhe fazer algo no salão chinês de sua mãe. Ele estava brincando com um dedo em seu pescoço, acariciava-a as costas e ela sem querer cada vez se inclinava mais para ele. Quando seus joelhos chocaram, ela se pôs a rir.

Ele fingiu zangar-se.

— Prefiro te avisar quanto antes: uma boa esposa nunca zomba de seu marido.

Charlotte se sentia repentinamente mais leve um pouco tonta e fascinada pelo brilho zombador dos olhos dele. Pôs as mãos nas bochechas e desceu lentamente ao longo de seu pescoço até chegar a seu peito como tinha feito a noite anterior nos foguetes.

— Eu gosto de tudo o que me mostrou — Disse provocadora.

— De verdade milady? E até onde seria capaz de chegar?

Ela se pôs a rir.

— Agora é a minha vez — Ele disse.

Com suas grandes mãos cobriu quase toda sua face. Ela beijou a palma.

— Não se distraia — Repreendeu.

Ele deixou vagar os dedos por suas bochechas e se deteve em sua boca. Mordeu com seus pequenos e brancos dentes e depois chupou o dedo.

— Tem sabor de mel — Disse sentia saudades.

Alex substituiu seu dedo por sua boca. As línguas de ambos se enroscaram primeiro com suavidade e depois com maior intensidade e maior exigência até que ela se agarrou a ele com a cabeça arremessada para trás, oferecendo-se completamente. Seu coração pulsava cada vez mais rápido. Fechou os olhos.

Ele recuou sorrindo.

— Vejamos por onde ia?

Voltou a apoiar as mãos nas bochechas dela e começou a descer. Charlotte pensou que sairia ardendo. Olhava fixamente seus escuros olhos como se não existisse nada mais no mundo. Baixou até o bordado que adornava o decote de seu vestido e deslizou a mão em seu interior. Ela era incapaz de pensar, doía o corpo pelo desejo.

Ele acariciou a ponta de seu seio e ela deu um salto. Umedeceu os lábios com nervosismo o qual acrescentou o desejo de Alex. Não sabia durante quanto tempo mais poderia continuar com esse perigoso jogo, morria de vontades de tombá-la no sofá e...

Mas desejava ter uma esposa virgem, recordou a si mesmo, e uma extraordinária noite de núpcias. Charlotte era dele, sentia-o no mais profundo de si mesmo, mas apesar de tudo não queria possuí-la na casa de seus pais. Queria que quando pronunciasse seus estes votos tivessem um significado real.

— Não — Murmurou — Não — Repetiu antes de colher com seus lábios um pequeno mamilo rosa.

Charlotte se arqueou instintivamente com um gemido involuntário. O fogo que sentia em seu interior estava sendo substituído por uma sensação de vazio, de necessidade e de urgência.

-Alex...

Ele já não era dono de si e liberou os seios dela do sutiã, seus formosos seios, brancos com a aréola inflamada. Nunca tinha experimentado um desejo tão intenso. Deus! Estava muito perto de fazer amor a sua prometida nesse sofá chinsês.

— Não!

Separou-se dela sem deixar de tocá-la. Ela abriu seus olhos velados pelo desejo. Alex estava maravilhado, ela era tudo o que ele sonhava: doce, inteligente, virgem e, entretanto terrivelmente sensual.

O atraiu de novo e o foi incapaz de resistir. Trocaram um beijo selvagem carregado de erotismo. Sem abandonar sua boca subiu o vestido acariciando as pernas e as coxas. Ela soluçava de desejo quando ele passou a mão sob sua roupa interior de seda.

— Alex, não sei...

— Não se preocupe querida.

Ele deslizou um dedo sobre a pérola de sua intimidade e ela deu um violento salto, obstinada a seu braço.

— Não!

Mas os dedos dele prosseguiram com sua lenta carícia até que os espasmos se apoderaram dela.

— Não disse de novo, mas com menos força desta vez.

Alex a sossegou com um beijo. Ela gemeu e se ofereceu a ele por completo. Não só tinha convencido à formosa Charlotte para que se casasse com ele, mas sim, além disso, a paixão dela igualava à sua. Charlotte respirava entrecortadamente com a boca entreaberta e quando ele a penetrou com o dedo, ela começou a mover a cabeça de um lado a outro.

— Alex! — Gritou.

Ele esperava que não houvesse ninguém atrás da porta. Todo seu corpo estava coberto de suor e estava custando um terrível esforço conservar o sangue-frio enquanto sua maravilhosa prometida se retorcia sob os efeitos da explosão de prazer.

Depois se fez o silêncio; Alex olhou ao teto rezando para que seu corpo se tranquilizasse; era absolutamente necessário que se acalmasse.

Charlotte parecia uma bola em um extremo do divã mais assombrada que envergonhada.

Ele se inclinou para lhe acariciar o rosto.

— O que foi isso? — Perguntou ela por fim em voz muito baixa.

— que?

— O que me aconteceu?

Alex sorriu.

— Teve um orgasmo. Na França chamam “a pequena morte”

— Voltará a acontecer?

Ele esteve a ponto de tornar a rir.

— Prometo isso querida, prometo isso.

Convencida, pensativa, colocou-se bem a roupa e depois, passando diante dele, agarrou um sanduiche da bandeja que havia trazido Campion.

Alex estava maravilhado. Sua prometida acabava de ter uma experiência que muitas mulheres nunca conheceriam em toda sua vida e apesar disso estava comendo tranquilamente um sanduiche. Depois a olhou mais atentamente. A verdade é que lhe tremiam as mãos e viu que tinha uma lágrima nas pestanas.

Sorriu e pegou também um sanduiche.

— Para falar a verdade — Disse — Não só voltará a acontecer mais sim cada vez será melhor. De agora em diante nos agradaremos um ao outro.

Charlotte se sobressaltou não lhe tinha ocorrido pensar nisso.

— Há algo que teria que haver...

— Certamente que não! — Disse ele alegremente — Se chegar a me tocar teria explodido. Verá, morro de vontade de saltar sobre você e te desonrar como se diz vulgarmente; só meu sentido da honra me mantém parado neste lugar enquanto como um sanduiche seco.

Deixou-o na bandeja e escolheu outro.

— Deveria te levar a minha carruagem, te beijar e depois ir a meu clube com as calças terrivelmente apertadas, desse modo todos os rumores sobre minha virilidade ficariam reduzidos a nada.

Charlotte o olhava entre suas pestanas e afogou uma gargalhada. Era estranho, mas não da maneira que acreditava. Ele não queria ir mais longe no divã chinês de sua mãe quando em realidade já a tinha desonrado.

Pô uma mão no braço.

— Obrigada — Disse.

Alex pôs uma expressão de surpresa.

— O que acontece? — Perguntou preocupada.

— Só outra mulher antes me tinha dado obrigado.

— Teve muitas amantes?

— Centenas. Milhares.

Charlotte pôs uma careta de desaprovação e ele se inclinou para olhá-la nos olhos.

— Um homem nunca se gaba de suas conquistas, querida, mas já que você vai ser a última posso confessar que nunca antes havia sentido tanto desejo. Nem sequer uma só vez em toda minha vida.

Ela mordeu o lábio.

— Detive-me porque quero te fazer amor durante horas mais em uma confortável cama. E quero que antes estejamos casados — Disse piscando os olhos — Você levará

meu anel, será minha, somente minha. Sua primeira experiência será o princípio de uma interminável série de noites e dias.

— Dias?

— Certamente — Disse com um sorriso travesso — Meu dormitório tem umas enormes janelas e quero vê-la em minha cama sob o sol de meio-dia. Então te farei amor até que chegue a noite.

Charlotte estava completamente tonta.

— Maldição! — Grunhiu ele — Vou ter que tomar um banho gelado.

Passou um braço pelos ombros.

-De modo que aceita se casar comigo? Posso dizer a seu pai que está de acordo?

Ela tinha a sensação de que o coração lhe ia explorar de felicidade e de amor.

— Sim. Mas nem sempre tem razão, sabe? — Acrescentou com os olhos brilhantes.

Ele levantou as sobrancelhas.

— De verdade?

— O amor pode aparecer desde a primeira olhada — Disse ela brandamente atando os braços em seu pescoço.



Três dias antes do casamento, Charlotte deu os toques finais ao retrato de Chloé Van Stork. A jovem estava tranquilamente sentada no sofá como estava fazendo desde fazia semanas, mas Charlotte sabia que estava tão excitada como ela. Não tinha querido olhar o quadro até que estivesse terminado para que fosse uma surpresa.

Charlotte se obrigou a deixar o pincel. Estava tão nervosa que era capaz de estragar tudo. Era curioso terminar esse quadro e casar-se ao mesmo tempo. Era como se estivesse deixando sua antiga vida atrás. Não. Essa era uma ideia estúpida. Alex tinha instalado uma maravilhosa oficina em sua mansão, ao lado de seu escritório. Os criados iam levar suas cores a Grosvenor Square. A nossa casa, pensou.

— Já pode vê-lo Chloé.

Esta deu um salto. Era encantadora com seu pequeno rosto e seus grandes olhos claros. Transformaram-se em boas amigas no transcurso das oito últimas semanas.

Charlotte entreceirou os olhos enquanto observava o retrato. Refletia-se a profunda honestidade de Chloé? Sim, sem lugar a dúvidas. A outra faceta, esses brilhos de desejo que pareceram com Charlotte tão evidentes dois meses antes estavam um pouco mais atenuados. Possivelmente porque Chloé tinha perdido esse aspecto de espera que tinha depois da noite do Rei Lear; a véspera da petição de mão do Alex. De novo Charlotte sorriu. Sorria cada vez que pensava nele.

— Nunca tinha visto duas pessoas tão ridiculamente atraídas a uma pela outra — Havia dito tia Margaret, fiel a si mesma em um jantar que os duques de Calverstill celebraram para anunciar oficialmente o compromisso de sua filha pequena com o conde de Sheffield.

Vítima de um ataque de gota, essa noite estava especialmente de mau humor.

— Já veremos quanto tempo dura! — Tinha acrescentado.

Em realidade Margaret queria muito a sua sobrinha e o tal Alexander lhe parecia aceitável. Tinha conhecido muito bem a seu pai, famoso por seu gosto pelas mulheres formosas e que se houvesse sentido horrorizado ao saber que diziam que seu herdeiro era impotente.

Chloé, quem tinha reunido com sua amiga, colocou uma mão na boca.

— Essa... Essa não sou eu.

Charlotte franziu o cenho.

— S não for Chloé. O parecido é muito grande.

— Não — Sussurrou a outra — É muito formoso.

— Asseguro que você é formosa.

Charlotte não quis fazer um quadro clássico para Chloé, nada de ruínas antigas

nenhuma pradaria cheia de flores como fundo, só o divã no qual se sentava e o vestido do quadro era o mesmo que colocava maioria das vezes para posar.

— Não acha que deveria usar um vestido especial? — Tinha perguntado Chloé — Sissy usava um traje egípcio...

— Não me mencione esse vulgar retrato que encarregou Sissy! Lady Commonwealth necessitou semanas para recuperar-se da impressão. Cleópatra! Decididamente Sissy carece totalmente de gosto.

Chloé renunciou a defender a sua amiga de colégio. Em efeito, Sissy tinha muito mau gosto e não havia mais que dizer sobre isso. Chloé por sua parte opinava que tivesse escolhido melhor sua roupa se sua mãe tivesse aceito que seguisse a moda. Mas agora que o barão Holland tinha deixado de cortejá-la, a senhora Van Stork considerava que era uma tolice gastar uma fortuna em vestidos. Se ela encontrava um novo pretendente o voltaria a considerar, mas Chloé não queria a nenhum outro. Queria Will e somente ele; mas ele tinha desaparecido de sua vida de repente e ela levava um mês sem vê-lo. Prometeu a si mesma que se consolaria algum dia e deixaria de chorar todas as noites em sua cama.

Em qualquer caso, no retrato não parecia estar chorando. As cores escuras do vestido e do divã realçavam a brancura de sua tez lhe proporcionando um aspecto sereno e ao mesmo tempo uma beleza quase inalcançável.

— Quase nunca tenho essa expressão — Comentou em voz baixa.

Charlotte a levou até o divã.

— Agora que já terminei o retrato eu gostaria de saber que é o que acontece. Onde está Will? Faz semanas que não o vejo.

— Não sei — Respondeu Chloé tristemente — Não tenho nem a menor ideia.

— Hum! Não é próprio dele perder o melhor da temporada.

— Certamente. Precisa encontrar uma rica herdeira não é certo?

Charlotte estava emocionada pela tristeza que podia ver no olhar de Chloé.

— Negou-se a se casar com ele?

Chloé se alisou nervosamente as dobras da pesada saia.

— Não. Não me pediu isso.

— Acha que seu pai pôde o recusar? Pobre Will, é certo, deve casar-se com uma fortuna, do contrário poderia chegar a perder suas terras, conforme me disseram. E tudo porque seu pai aposta nas corridas. É uma vergonha.

Chloé negou com a cabeça.

— Não acredito. Papai gostava dele. Dizia que o barão Holland tinha mais sentido para os negócios que a maioria dos nobres. Oh, Charlotte, sinto muito, não queria te insultar! Nem você nem a ninguém. O barão sem dúvida pensou que não o conseguiria. Uma coisa é sonhar em casar-se com uma herdeira e outra muito diferente é pensar a sério em contrair matrimônio, sobre tudo com a filha de um plebeu. Eu acredito que tinha dúvidas para pedir minha mão de modo que preferiu ir ao campo.

Charlotte a abraçou brevemente e depois deu a volta ao cavalete.

— Olhe o quadro, Chloé Van Stork — Disse com firmeza — Acha realmente que Will poderia resistir à perspectiva de casar-se com esta mulher?

Chloé encolheu os ombros.

— Sim, isso acredito.

— Bem, pois está enganada. Will estará aqui para meu casamento — Acrescentou Charlotte.

O conde de Sheffield ia se casar com uma pompa que fazia tempo que não se viu em Londres. A lista dos convidados tinha sido cuidadosamente confeccionada. Todos os que eram alguém na boa sociedade morriam de vontade de assistir, e, até esse momento, só duas pessoas tinham desculpado sua ausência.

Charlotte não podia dar um passo fora de sua casa sem que a perseguissem os jornalistas do Tatler ou da Gazette. Inclusive havia uma coluna quase de maneira permanente no Tatler onde tentavam adivinhar como seria o vestido da noiva, em que castelo passariam a lua de mel, se teriam filhos ou não...

— Então me diga — Continuou Charlotte — Que vestido vai pôr?

Chloé moveu a cabeça. Nem sequer tinha pensado no que ia usar, para quê? Estava segura de que Will tinha abandonado Londres. Mas seu coração se voltou louco ao saber que ia vê-lo três dias depois.

-Oh não! — Gemeu — Já é muito tarde para encarregar um vestido. Terei que levar um dos velhos.

— Nem pensar! Olhe, mamãe está ocupando de meu enxoval há semanas e meu quarto está cheio de vestidos. Há mais do que vou poder levar. Na lavanderia passam o dia costurando. Veem, vamos escolher um e teremos tempo para fazer todos os acertos necessários.

— Não! — Exclamou Chloé — É impossível. Vai necessitar toda sua roupa para a lua de mel.

Charlotte sorriu enquanto empurrava a sua amiga para a porta.

— Absolutamente, Alex inclusive disse que não necessitaria nada.

No dia do casamento todas as pessoas de Londres começaram a reunir-se nos arredores da abadia de Westminster a partir das cinco da madrugada para poder ver bem à nobreza. Ao princípio da tarde já formavam uma alegre multidão que comentava os trajes dos convidados. Inclusive a velha lady Tibblebutt foi aplaudida quando desceu de sua carruagem.

Quando a senhorita Chloé Van Stork fez sua aparição se ouviu um murmúrio de admiração. Usava uns brincos de diamantes e brilhavam seus olhos. Os jornalistas não deixaram de anotar em seus cadernos que estava preciosa com seu rosto de porcelana, seus cabelos avermelhados e um vestido verde que só podia ter sido feito pelo senhor Careme. A leve malha a penas tampava o seio e deixava entrever a curva de suas pernas.

O modista estava encantado já que todo mundo sabia que o vestido de noiva de

lady Charlotte era obra dele. Todos se perguntavam se também este seria igual de atrevido.

As duas e quarenta e cinco os laçaios que estavam de pé na entrada da abadia já tinham tachado quase todos os nomes da lista de convidados. Todos estavam ali. Fora, a excitação estava em seu apogeu. Viu-se chegar o noivo e parecia ser completamente dono de si mesmo.

— Para ele é a segunda vez não? Disse uma tal Mai Trestle entre as pessoas.

— Sim — Respondeu seu amigo Jack — Mas o que deve lhe preocupar não é o casamento e sim a noite que vem logo depois.

— Isso é uma maldade.

Mai não podia acreditar que o conde fosse impotente como diziam alguns.

— Então onde está a noiva? — Continuou Jack — Talvez tenha saído correndo.

— É obvio que não. Quem deixaria escapar um homem tão atraente como esse?

De repente um murmúrio se elevou entre as pessoas. Tinha chegado à noiva.

Charlotte estava completamente imóvel na limusine de seu pai. Também estava um pouco aturdida. A duquesa, sentada frente a ela, tinha os olhos cheios de lágrimas, mas Charlotte isso não preocupava. Adelaide tinha chorado em todos os casamentos de suas filhas. Deu um grande soluço.

— Mamãe! — Protestou rindo — Já chegamos.

Marcel beliscou com carinho o braço de sua esposa.

— Recorda o que falamos Addie — Sussurrou — Poderá chorar toda a noite se quiser, mas agora tem que se dominar.

Adelaide se controlou na medida do possível. O duque temia que se a viam chorar as pessoas acreditasse que não aprovava o matrimônio. Mas ninguém poderia pensar a sério; Alexander e Charlotte estavam muito apaixonados.

A duquesa saiu primeiro da limusine com porte régio e entrou na igreja de braço de seu primo o marquês de Dorchester. De outro carro saíram uma irmã da noiva e seu marido que tinham vindo da América. Por fim desceu o duque.

Quando Charlotte pôs o pé no chão ajudada por um respeitoso laçao se fez o silêncio. Depois começaram a adamá-la.

Antonin Careme superou a si mesmo. O vestido era de um puro estilo Império francês, mas estava confeccionado com uma pesada seda. O clássico sutiã se detinha sob o seio da jovem e a saia era extremamente estreita. Uma cauda proporcionava majestuosidade ao andar. A malha estava bordada com minúsculas esmeraldas que também adornavam o penteado. Careme não pôde conter uma lágrima quando viu o resultado de seu trabalho. Nunca mas sentiria a alegria de vestir a uma noiva tão formosa, pensou.

Charlotte sentiu uma quebra de onda de angústia no momento de franquear a entrada. E se Alex tinha mudado de opinião? Mas não, aí estava ao final da nave. Suspirou e, do braço de seu pai, atravessou o corredor central.

O órgão começou a soar e aos assistentes cortou a respiração diante tal beleza.

Alex estava fascinado. Custava um grande esforço não correr para ela para pegá-la em seus braços. Lucien Blanc, que de testemunha no lugar do ausente Patrick, agachou a cabeça.

— Tem sorte — Murmurou — As estrelas brilham para você.

Alex sorriu. Lucien sempre tinha as palavras exatas. Sim, as estrelas brilhavam para ele. Pippa estava na primeira fila nos braços de uma nova babá contratada por Charlotte. Durante as semanas precedentes ao casamento tinha conseguido que a menina perdesse o medo das mulheres.

Ela estava se aproximando do altar mais ainda não tinha a coragem de olhar ao Alex. O duque lhe apertou o braço.

— Está bem? — Perguntou.

— Sim.

Trocaram um olhar dessas que há entre pais e filhas desde que se acredita a instituição do matrimônio. Charlotte depositou um ligeiro beijo na bochecha de seu pai quem pôs sua mão na de Alex antes de voltar com sua esposa.

Por fim Charlotte levantou o olhar; Alex estava sorrindo com tanta ternura que lhe deu um tombo o coração.

O arcebispo tossiu e se voltaram para ele.

Do resto Charlotte só conservava retalhos. Os votos. O momento no que Alex repetiu solenemente as palavras do sacerdote. O momento em que o órgão começou a soar, quando Alex a beijou como se não quisesse soltá-la nunca...

Quando se viraram para sair, Pippa estendeu os braços para Charlotte gritando. Ela a pegou nos braços e os três se dirigiram para o sol acompanhados por uma tormenta de aplausos.

Todo mundo reconheceu que se tratava do casamento mais romântico dos últimos anos. Viu-se lady Skiffing secando furtivamente uma lágrima. Lady Prestlefield não deixava de recordar a quem queria ouvi-la que esses “queridos meninos” se conheceram em sua casa.

Só os seres mais mesquinhos fizeram alusão a um matrimônio anterior e a certa incapacidade. Havia homem que olhavam o decote de Charlotte e esperavam com impaciência o momento no que ela se cansaria de seu marido impotente; mas se guardaram muito de expressar em voz alta. Também havia algumas mulheres ciumentas ao ver a expressão de adoração que mostrava o conde e que lhes dava vontade de assassinar a recém-casada.

A cerimônia teve um êxito sem precedentes e os pais de Charlotte conseguiram o objetivo desejado: Charlotte e Alex seriam definitivamente admirados e as pessoas se esqueceriam do primeiro matrimônio do conde.

Haveria que ter sido cego para não compreender, vendo o casal dançando no baile que deu o duque, que a noite de núpcias ia ser muito apaixonada. Todo mundo suspirou

com saudade quando entraram na pista de baile em total harmonia com o conde apertando a sua jovem esposa contra ele.

— Quanto tempo temos que ficar? — Perguntou ele com os olhos brilhantes.

— Se comporte! — Respondeu ela rindo.

— Esse é meu problema. Depois de dois meses de tortura quer que passe a noite conversando com meus velhos amigos e suas anciãs tias?

— Que tortura? — Respondeu Charlotte com fingida inocência — Acaso não te beijei cada noite antes de nos separar?

— Nem sequer o tempo suficiente para dizer uf!

— Não é certo — protestou — Para ser honestos ontem de noite dissemos uf! Uma centena de vezes não?

Ele se pôs a rir.

— Não posso mais Charlotte. Estou ficando louco de desejo. Imagine o que aconteceria se perdesse a cabeça e me despisse e fosse correndo completamente nu até o Hyde Park. Quer que passe a noite na prisão?

— Se estivesse segura de que ia acontecer algo assim insistiria para que ficássemos até meia-noite.

— Shhh Charlotte! Se todas essas matronas soubessem quanto desejo me ver nu, o que seria de sua reputação?

— Estou casada Alexander Foakes. Minha reputação não sofreria nada.

Ele sorriu com a face entre seu cabelo enquanto ela se deixava ir entre seus braços, agarrou uma baforada de ar e lutou por conter seu desejo. Era um permanente problema para ele desde fazia vários meses. Se as más línguas soubessem até que ponto estavam equivocados com ele!

Chloé, rodeada de um grupo de juvenzinhas olhava o casal com inveja igual à Sissy quem não podia dissimular sua admiração. De fato Sissy estava decidindo que se casaria com Richard Felviton embora sua mãe dissesse que não era apropriado por ser o filho mais novo. Só olhando Charlotte dava vontade de experimentar a mesma felicidade.

Chloé, com a garganta feita um nó, lutava por conter as lágrimas. Seu caderno de baile estava cheio, cinco cavalheiros tinham solicitado ter a honra de acompanhá-la no jantar, mas se o barão Holland estava ali, parecia ser totalmente indiferente apesar do bonito vestido que usava. Ao entrar na Igreja viu sua loira cabeça, mas logo não voltou a ver.

Ao fim os recém-casados acabaram sua primeira dança e pôde dar começo a festa propriamente dita.

Peter Dewland se inclinou educadamente diante Chloé e esta lhe sorriu. Fizeram-se amigos da noite do rei Lear; ele, como ela era tranquilo e não falava por falar e além nunca tentava beijá-la.

Ficaram na fila para uma dança folclórica e foram dos primeiros em passar sob o arco de mãos unidas de outros. Depois conversaram um pouco. Peter lhe falou dos foguetes que ela perdeu ao voltar tão logo a sua casa.

— Quer um copo de limonada? — Perguntou ele.

— Com muito gosto — Disse ela sorrindo sem dar-se conta de uns furiosos olhos azuis que a olhavam de um lugar próximo.

Peter lhe devolveu o sorriso. Gostava muito de Charlotte, recordava a sua irmã Bess.

— Agora mesmo volto.

Pouco depois uma alta silhueta se situou ao lado de Chloé quem se voltou rapidamente. Era Will. Will com os olhos tão azuis como ela recordava, mais azuis que o céu de julho.

— Oh, é você! — Disse ela em voz baixa indecisa.

— Sim, sou eu! — Ladrou ele — Em nome do céu O que lhe aconteceu?

— A que se refere?

Ele entreceitou os olhos.

— É culpa de Charlotte verdade? Tem-na feito vestir-se como uma cortesã francesa. É horrível! O que está procurando? Casar-se com um conde?

A observação era particularmente desafortunada já que o seguinte par de dança de Chloé era Braddon Chatwin, conde de Slaslow.

— Está você aqui senhorita Van Store. Não, a esta não a terá — Disse a Will — É minha para a próxima dança e para o jantar.

A expressão ferida dela desapareceu enquanto sua mão pousava na de Braddon a quem sorriu deliberadamente.

— E se fôssemos um momento a terraço antes de dançar milorde?

Ele relaxou.

— Com muito gosto de senhorita Van Store. Com muito prazer.

Will os olhou enquanto se afastavam amaldiçoando a si mesmo. O que acontecia com ele? Tinha esperado impacientemente voltar a ver Chloé e quando se encontrava frente a ela se comportava como um idiota.

Quando acabou de dançar a valsa, Chloé se deu conta de que lhe custava muito conservar o sorriso. O imerecido ataque de Will a havia destroçado. Por que a acusava por usar um vestido bonito?

Ela ignorava que estava absolutamente formosa e que os homens a olhavam com desejo. Will tinha surpreendido seus olhares predadores e se enfureceu.

Assim que Braddon a soltou, ele a agarrou pelo cotovelo e ela se sobressaltou.

— Outra vez você! — Lançou Braddon contrariado — Ia acompanhar à senhorita Van Store...

— A nenhum lugar! Está ocupada.

Chloé estava tentando soltar-se.

— Certamente que não! — Protestou — Não irei a nenhuma parte com você pedaço de...

Will apertou os dentes.

— Se quer sair ao terraço será comigo.

Braddon os olhava com pouco de tristeza. Gostava de muito a senhorita Van Store e começava a pensar que ela responderia aos desejos de sua mãe. Mas podia ver que entre esses dois havia uma paixão contra a qual ele não poderia lutar.

— A seu serviço, senhorita Van Store — Disse inclinando — Will.

Afastou-se e Chloé levantou o queixo.

— Barão Holland — Disse secamente apelando aos anos de preparação em elegantes colégios para conservar o sangue frio — Tem algo que me dizer além desses desagradáveis comentários sobre minha roupa?

Ele pareceu vencido de repente.

— Sim.

Arrastou-a até o terraço onde Chloé olhou rapidamente ao seu redor, tranquilizando-se ao ver que havia ali várias matronas tomando o ar fresco.

— E? — Perguntou com total indiferença.

Não se atrevia a o olhá-lo e ficaram em silêncio. Will voltou a reprovar sua estupidez. Durante anos tinha sido considerado um sedutor; sabia fazer um galanteio, brincar e pedir a uma mulher que fosse sua esposa. Tinha-o feito já três vezes. Então onde estava agora seu talento? Parecia que era um cavaleirinho tentando abordar a uma duquesa.

— Este não é um bom momento — Disse ao fim.

Chloé levantou brevemente a vista para ele.

— Peço que me desculpe por minha grosseria senhorita Van Store. Evidentemente o ciúme se apoderou de mim — Acrescentou com tanto desdém que só podia ser uma desculpa — Deseja que a acompanhe de volta ao interior? Seu próximo par deve estar buscando-a.

Chloé estava ruborizada e lutava com todas as forças por não chorar. Assentiu sem dizer nada.

Ao final da noite se disse que nunca tinha assistido a um baile tão desastroso. Will flertava descaradamente com a esposa do capitão Prebworth que todo o mudo sabia que era algo leviana. Chloé se esforçava em não os olhar mais os encontrava em todas as partes. Pensou em pretextar uma enxaqueca para ir a sua casa, mas se era para não voltaria a ver o Will já que o possivelmente voltasse para campo.

Alex e Charlotte estavam se despedindo e Chloé se sentiu pior ao ver sua evidente felicidade. Alex olhava a sua esposa como se ela tivesse criado a lua e as estrelas. O certamente não diria a sua mulher que parecia uma cortesã. Engoliu as lágrimas de novo. Sem dúvida Charlotte, filha de um duque, tinha uma aula inata enquanto que Will pensava que ela era de extração muito baixa para usar um vestido como esse. De boa vontade o teria esbofetado.

Durante o jantar Will ofereceu com os dedos umas partes de frango à senhora Prebworth. Em vingança Chloé paquerou com Braddon, mas se sentia destrocada;

estava passando o momento com o homem mais pesado que tinha conhecido em toda sua vida; certamente era um conde mas só sabia falar de seus estábulos e enquanto isso Will estava virtualmente beijando à senhora Prebworth diante de toda a alta sociedade.

Isso era muito! Olhou a Braddon com uma súplica nos olhos.

— Estou muito cansada milorde, embora tenha desfrutado muito do jantar, Você seria tão amável de me acompanhar até lady Commonweal?

Desse modo, quando Will voltou a cabeça para a mesa de Chloé e desse condenado Braddon, viu que suas cadeiras estavam ocupadas por duas charlatãs matronas e um marido que se aborrecia ostensivelmente.

— Maldição! — Praguejou ficando em pé de um salto.

A senhora Prebworth o olhou rindo.

— O pássaro voou?

Will a olhou.

— Lê meu pensamento?

— Aprecio suas atenções — Contestou Maca Prebworth — Mas me deu a impressão de que alguém mais o atraía de maneira irresistível. Vá procurá-la. E, se enquanto isso se encontra com meu marido diga onde estou, por favor.

— Obrigada — Murmurou Will antes de sair em tromba dali.

Viu-a assim que entrou no salão de baile. O que podia fazer agora? Os Commonweal pareciam estar a ponto de ir. Lady Commonweal estava recolhendo seu xale e sir Nigel a ajudava enquanto olhava o seio de Chloé. Era evidente que o pequeno grupo ia com atraso, sem dúvida sua filha tinha desaparecido. Will viu lady Commonweal pedir a Chloé que a buscasse pelos salões enquanto seu marido e ela se dirigiam para o terraço e os jardins.

Will abriu caminho entre as matronas de engomadas toucas, os grupos de jovens e alguns galãs apartados que estavam conversando apoiados na parede. Precisava ver Chloé para falar com ela. Amanhã seria muito tarde.

De repente ela está ali, diante dele. Tinha rodeado a estadia em vez de atravessá-la.

Ela levantou o olhar para ele com prudência.

— Não está aqui — Disse ele.

Chloé franziu o cenho e o precisou:

— Bessy ou como se chama... A filha dos Commonweal. Deve estar em um dos salões.

Chloé o agradeceu fazendo um gesto com a cabeça e se dirigiu para as portas que davam ao enorme vestibulo. Notava que Will ia seguindo. Ao chegar ao alto das escadas que davam ao salão de baile, proibiu a si mesma dar a volta e se encaminhou diretamente para o salão verde. Empurrou a porta sem fazer ruído esperando que Sissy não estivesse o bastante louca para haver-se encerrado com um homem nesse lugar. Mas não havia ninguém nesse salão iluminado por alguns candelabros de vacilantes velas.

De repente alguém a empurrou ao interior e fechou a porta atrás deles. Will a

agarrou em seus braços apoiando seu peito contra as costas dela. Ela não lutou contra ele e isso lhe tranquilizou.

— Senti sua falta — Murmurou ao ouvido.

Chloé olhava fixamente à frente tentando conter suas emoções. Não tinha que responder ou do contrário ele pensaria ainda pior dela.

Ele depositou uns pequenos beijos em seus cabelos e ela vacilou.

— Milorde — Começou com tom surpreso.

— Sim?

Chloé se soltou de seu abraço e não deu a volta até que esteve a salvo atrás do respaldo de uma cadeira.

— Que tenha o aspecto de ser uma garota de vida alegre não lhe dá direito a comportar-se como se o fosse uma de verdade — Disse indignada.

Will trouxe com esforço.

— Não era isso o que queria dizer! Mas seu vestido... Deixa ver de tal modo seus encantos...

Ela lançou um olhar assassino.

— Não deixa ver muito mais que os vestidos das outras damas!

Ele deu um passo para ela.

— Você não é como as outras damas.

— Eu sei! — Cortou — Não sou nobre não é isso? De modo que não deveria usar roupas bonitas.

As lágrimas, muito tempo contidas, estavam ameaçando transbordar de modo que se lançou para a porta. Mas Will, mais rápido, bloqueou o passo.

— Como pode dizer algo assim? — Exclamou furioso — Nunca pensei nada parecido. É uma dama, desde seu encantador cabelo até a ponta de seus pequenos pés. Comportei-me como um estúpido por que... Bom, porque eu gostava da roupa que usava antes. Esta noite todo mundo te olhava, os homens sussurravam que era um diamante de primeira. Já vê, tinha metido na cabeça que você é minha e de ninguém mais.

Chloé se mantinha rígida e imóvel entre seus braços.

— Onde tinha se metido todo este tempo? — Perguntou com o nariz apoiado na camisa dele.

— Estava trabalhando — Contou Will — Estava me ocupando das chácaras que há em minhas terras. Acabamos de receber um rebanho de ovelhas e estivemos construindo um lugar para tosquiá-las. Decidi ganhar minha própria fortuna.

Levantou o rosto e recolheu suas lágrimas com alguns beijos. Ela olhava muito séria e indecisa. E a fortuna dela?

— Quero me casar contigo Chloé, mas sob minhas próprias condições. Viveremos com meu dinheiro e não com o seu.

Chloé notou que seus olhos se enchiam de lágrimas de novo.

— Por que chora carinho?

— Não sabia onde estava. Acreditei que não suportava a ideia de se casar comigo.

Escondeu a face em seu ombro.

— Desejo me casar com você — A tranquilizou — Por outra parte isso é o que desejariam fazer a maioria dos solteiros presentes esta noite. E muitos dos casados também. Poderá me esperar? — Perguntou com ansiedade.

Ao Chloé custou conter um sorriso diante o absurdo da pergunta.

— No pior dos casos necessitarei um ano para começar a obter lucros — Explicou ele — Mas assim que tenha deverei chamar a sua porta.

Ela sorriu.

Will a contemplava fascinado, seu amor que parecia uma menininha carrancuda. Ele a tinha despenteado ao lhe beijar o cabelo e suas rosadas bochechas ainda tinham restos de lágrimas. Mas estava radiante de felicidade.

Nem sequer a intrusão de lady Commonweal; furiosa porque tinha encontrado a sua filha paquerando no balcão e agora Chloé flertando em um salão; pôde apagar a luz de seu olhar.



A nova condessa de Sheffield e de Downes estava sentada na borda da cama na hospedaria mais elegante de Bournemouth nervosa como uma gata. Tremiam ligeiramente as mãos. Estava esperando a seu marido e iam fazer amor de novo. Era esse “de novo” o que a preocupava. Por que não tinha falado mais claramente com sua mãe? Por que não tinha feito mais perguntas? Adelaida por sua parte tinha evitado completamente o tema. Tinha dado uns leves golpes no ombro declarando alegremente que posto que já soubesse tudo que teria que saber, não tinham nenhuma necessidade de falar.

A Charlotte não surpreendeu. Recordava bem a dor que suportava o ato sexual de modo que não era estranho que sua mãe não tivesse vontade de falar disso. Apertou instintivamente as pernas. Sem dúvida com os anos chegaria a acostumar-se. E por outra parte gostava muito de todo o resto com Alex. Por exemplo, o que fez no salão chinês.

Estava olhando os dedos dos pés que apareciam por debaixo de sua camisola. A ideia que Antonin Careme tinha de um enxoval era tipicamente francesa e tinha a sensação de que não usava nada em cima.

Não podia esperar que Alex não a desejasse já que se passou às duas horas de trajeto na limusine sentado frente a ela em vez de a seu lado porque, conforme disse, sentia-se como um sátiro.

Levantou-se para colocar o robe que usava ao sair do banho e atou firmemente o cinturão. Marie tinha escovado o cabelo com um olhar cheia de subentendidos mais se foi uns vinte minutos antes. Possivelmente Alex adormeceu, disse recuperando as esperanças. Possivelmente não acontecesse nada essa noite.

Estava relaxando um pouco quando se abriu a porta. Seu marido. Estava muito bonito com o pescoço da camisa desabotoado. Seguiu com o olhar a curva de seus quadris enquanto se dirigia para ela. Inclusive a maior das inocentes tivesse compreendido o prazer que ele esperava obter essa noite. Ela empalideceu.

Alex reprimiu uma careta. Maldição desejava uma esposa virgem, mas agora que a tinha diante seus olhos se perguntou por quê. A provocadora noiva que o excitava até deixá-lo louco tinha desaparecido e agora seu rosto exibía um temor que dava angústia.

Sentou-se a seu lado na cama.

— Quem te contou coisas de velhas querida? Não te doerá, já o verá.

Charlotte não podia dizer que já tinha experimentado essa dor e que estava errado. Escondeu a face em seu ombro e ele a apertou com força. Beijou-a no cabelo e ao longo da orelha.

Chegou uma voz afogada:

— Fez amor com muitas virgens?

— Com centenas — Respondeu ele rindo.

Ela estremeceu.

— Estou brincando Charlotte. Só houve uma antes de você.

Era eu! Esteve a ponto de dizer ela.

— E não teve nada de reprovável — Continuou ele — Acho que inclusive gostou.

Charlotte franziu os lábios. Era evidente que esse não era o melhor momento para tirar sua luz passadas relações.

Ele estava acariciando as costas de uma maneira mais sensual que tranquilizadora.

— Não se preocupe sou seu marido e você é minha esposa. Possivelmente lhe doa um pouco, mas me acredite, Charlotte, depois não voltará a doer nunca mais. Além disso, é possível que não doa absolutamente. Vamos fazer amor esta noite, amanhã e depois de amanhã e cada noite durante os próximos trinta anos e cada vez nos comenetraremos melhor.

Ele estava beijando seu pescoço e ela se obrigou a relaxar. Quando levantou seus olhos para ele, lhe cortou o fôlego. Era tão formosa com seus curtos cachos que emolduravam um delicado rosto como os que pintava Botticelli. Agarrou a face entre as mãos e a cobriu de beijos. Parecia estar um pouco mais tranquila e já não parecia um pássaro assustado. Apoderou-se de seus lábios e a provocou até que os abriu como tinha ensinado.

Charlotte mantinha uma luta interior. Por uma parte os beijos de Alex despertavam nela essa necessidade imperiosa que a impedia de conciliar o sono desde por volta de dois meses, essa necessidade que não podia satisfazer; mas por outro lado, uma parte de si mesma permanecia espectadora.

Não o faça, aconselhou uma voz em sua mente, doerá, ele se dará conta de que algo não vai bem e tudo se danificará.

Entretanto seu corpo respondia às ternas carícias. Apesar de si mesma ofereceu sua boca e em seguida se sentiu arder por dentro. Passou as mãos ao redor da nuca e esqueceu seus temores e a lembrança da dor. Depois de tudo isto só era um dos apaixonados beijos com os quais Alex a deleitava frequentemente. Deste modo, quando ele voltou a olhá-la, alegrou-se de ver que a palidez tinha desaparecido e que seus olhos estavam um pouco velados.

— O que te pareceria uma taça de champanha? — Perguntou — Depois de tudo ainda não brindei com minha esposa.

Charlotte se sentiu muito aliviada. Ele não ia atacá-la e penetrá-la.

— Sim! — Exclamou com uma animação que arrancou um sorriso.

— Acreditaria-me se te dissesse que na próxima semana quando te fizer a mesma pergunta rejeitará o oferecimento para se lançar sobre mim?

— Não.

O que queria dizer com isso de lançar-se sobre ele?

Alex desenvolveu uma garrafa de champanha. Estava custando menos do que se

temia controlar seus instintos, sem dúvida graças à prática dos últimos meses, pensou com humor. Ou talvez é que não parecia muito excitante a ideia de ter uma companheira assustada compartilhando sua cama. Voltou para seu lado e lhe entregou uma taça.

— À saúde de meu pai — Disse sorrindo — Pôs esta garrafa na adega antes de morrer e com o embargo por culpa de Napoleão agora estaríamos bebendo brandy se não fosse por ele.

Charlotte fez uma careta. Tinha descoberto que o principal componente do remédio de Keating contra a enxaqueca era brandy. Entretanto não podia entender como tinha podido comportar-se de uma forma tão desinibida no divã do salão chinês de sua mãe e culpava disso ao álcool.

— Suponho que no colégio não ensinaram canções de bebedores.

Charlotte aproveitou a oportunidade.

— Não, mas eu gostaria de aprender alguma — Disse dando um gole no champanha.

— Muito bem.

Alex dissimulou seu sorriso. Isto das canções era uma forma muito estranha de seduzir à própria esposa.

— Começarei com a preferida de Patrick.

Começou a cantar com sua rica voz de barítono. Charlotte o escutou fascinada.

Passada à noite tive um sonho

Você foi uma fatia de pão branco

E eu manteiga

Que se estendia

Como se estendia sobre você!

Charlotte ruborizou.

— Bebel — Sugeriu Alex — Não, assim não, verdadeiros goles ou terá que cantar. Ela obedeceu rindo.

— Agora — Continuou — O público deve pagar o artista com um beijo.

Ela o fez e o entoou a seguinte estrofe.

Quando minha mente percorria a pradaria...

Interrompeu-se com um grito estrangulado e Charlotte se aproximou correndo.

— Está bem? — Perguntou preocupada dando leves golpes nas costas.

Ele tinha a cabeça agachada para dissimular um sorriso.

— Não — Gemeu — Temo que o cantor não foi suficientemente bem pago.

Ela não pôde evitar tornar a rir e, depois de dar outro gole, depositou um beijo na orelha de Alex. Ao ver que este seguia sem mover-se arriscou a lhe acariciar com a língua como algumas vezes ele fez com ela. Ele estremeceu e se incorporou para

apoderar-se de seus lábios com uma paixão que a fez desfazer-se. Reclinou-se inteiramente sob o encanto de seu ardente beijo.

Repentinamente ele recuou, pôs um cacho atrás da orelha e continuou cantando.

Quando minha mente percorria a pradaria

Você foi, minha vida, um ruio de mel

E eu era uma abelha

Que se alimentava

Como se alimentava de você!

— Bebel! Ordenou.

Ela riu ao recordar que Will a tinha comparado uma vez com uma abelha. Deu um gole.

— Esta canção é muito conhecida?

— Relativamente por quê?

Charlotte sorriu enquanto ele voltava a lhe encher a taça.

— Porque acredito que alguém pegou emprestados uns versos para me recitar isso.

— Espero que não fossem os últimos.

Alex estava repentinamente sério. Estaria ciumento? Se esse era o caso passou rapidamente já que a olhou com severidade fingida.

— Minha recompensa!

Ela se inclinou de boa vontade para ele.

— Não! — Disse ele recusando-a.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Sua recompensa milorde?

— Tire essa coisa que usa.

Charlotte desfez o nó do cinturão de seu rove e o deixou cair ao chão. Teve a imensa satisfação de ver que seu marido entrecerrava os olhos. Dedicou um descarado sorriso.

— Como continua?

— Um minuto — Respondeu Alex com voz rouca — Preciso me recuperar.

Ela usava uma camisola de seda muito atrevida para uma dama. Uma das alças de renda se prolongava até seu seio esquerdo até o rosado mamilo que ele podia distinguir pela transparência do tecido.

— Como continua a canção? — Repetiu ela.

Ele esclareceu garganta.

— Parece estar muito cansado — Murmurou ele — quem sabe possa fazer que recupere a energia.

Alex levou uma surpresa de ver como se aproximava dele na cama até chegar a tocá-lo. Passou as pernas por cima e depois se apoiou para trás com as mãos com um

encantador sorriso.

— Se quiser que continue cantando deixa de me torturar assim Charlotte — Resmungou.

Ela elevou um delicado ombro e ele sopesou um de seus deliciosos seios. Os olhos dela se turvaram mais não o rejeitou. Conseguiu encontrar o uso de sua voz.

— Minha canção!

Alex emitiu um som estrangulado.

— Certo — Disse — Mas para esta balada o cantor não pode estar vestido como eu estou.

Levantou-se e continuou dizendo em tom de conversa:

— Recorda encantador de serpentes que vimos no Palladium? O que usava?

Ela não conseguia concentrar-se no que ele estava dizendo, ocupada como estava em contemplá-lo. Ele tirou a branca camisa pela cabeça o qual fez que se notassem os músculos de seu torso e deixou ao descoberto sua pele da cor de mel. Ela tremia de desejo. Desejava tanto lhe acariciar!

Ele tirou as botas, depois as calças e por fim os calções. Ela entreteceu os olhos petrificada.

Alex sorriu.

— Leva uma comprida camisola Charlotte. Você gostaria que eu pusesse uma camisola?

Ela ao princípio disse que não e depois que sim.

— Muito tarde! — Disse ele sentando-se a seu lado na cama de novo.

Estava completamente nu. Deu um tombo no coração e instintivamente cruzou os braços sobre o seio. Por nada do mundo ia fazer o mesmo que ele. Tinha esquecido a promessa de Alex de lhe fazer o amor a pleno sol.

Ele fingiu não dar-se conta de seu gesto protetor e se limitou a lhe entregar sua taça de champanha que ela colheu com precaução. Depois ele esclareceu garganta dando-se importância.

Sonhei não faz muito

Que foi um morteiro de ouro

E eu era a mão

E movia

Como movia minhas sementes dentro de você!

Charlotte sentiu que se desfazia, suas bochechas estavam vermelhas e lhe tremiam os lábios. Alex lhe tirou a taça e se tombou em cima dela. Ela ficou sem fôlego mais em vez de o rejeitar passou os braços ao redor do pescoço e elevou de maneira espontânea os quadris para ele.

Devagar, dizia Alex a si mesmo, devagar. Apoderou-se de sua boca em um beijo

embriagador e ela gemeu. Sem deixar de beijá-la acariciou os seios através da seda. Ela se agarrou a seus ombros.

Alex, enlouquecido de desejo, pensou que estava no paraíso pela primeira vez desde que fez amor com a moça do jardim. E desta vez era ainda melhor porque era sua Charlotte a que se movia debaixo dele com a cabeça arremessada para trás, a garganta brilhante pelo suor e os lábios abertos. Sempre tinha sabido que ela seria uma magnífica amante.

Depois qualquer pensamento coerente desapareceu de sua mente quando Charlotte fez que suas mãos se deslizassem ao longo de suas costas e por suas musculosas nádegas antes de subir pelos lados. Agarrou-a pelos pulsos e lhe imobilizou as mãos no colchão por cima da cabeça.

— Quero acariciá-lo — Murmurou ela.

— Não. Põe-me fora de mim querida. Da próxima vez.

Estava-a segurando com uma mão e com a outra levantou a camisola enquanto vigiava a expressão de seu rosto esperando algum sintoma de temor, mas só viu um inocente desejo.

Para falar a verdade Charlotte nem sequer se dava conta do que ele estava fazendo. Seu corpo já não lhe pertencia, notava os seios pesados, inchados e vivos e sua pélvis fogo líquido. Desejava.

— Alex — Gemeu — Alex lhe suplico.

Tinha a camisola levantada até a cintura e ele brincou um momento com sua feminilidade. Estava mais que preparada.

Então se deslizou dentro dela muito suavemente e sem aprofundar muito. Depois quis retirar-se, mas ela o impediu.

Estava transfigurada pelo desejo e ele beijou os lábios que oferecia. Quando ela se arqueou ele deu rédea solta a seu desejo. Pela primeira vez em sua vida Alexander Foakes perdeu todo controle sobre si mesmo.

Felizmente não notou a resistência do hímen e então se deixou ir. Ela seguia o ritmo com uma paixão que igualava a sua.

A Charlotte custava muito não gritar, não de dor, mas sim por um prazer quase intolerável, um desejo que exigiam satisfação.

Quando ele deslizou as mãos por debaixo de seu traseiro para penetrá-la mais profundamente, ela não pôde conter-se por mais tempo e começou a gritar com o mesmo ritmo que os empurrões de Alex. Este rasgou a camisola e aspirou um mamilo com sua boca. Charlotte gritou quando sentiu que seu corpo se convulsionava e subia para as estrelas.

Ele gemeu poucos segundos depois de que ela se tranquilizasse e depois caiu pesadamente sobre seu corpo.

Houve uns instantes de silêncio enquanto ele tentava voltar em si. Fazia amor em jardins e carruagens, com cortesãs francesas e uma princesa dinamarquesa, mas nunca, jamais em sua vida tinha conhecido uma paixão parecida com esta.

Charlotte tentava respirar com normalidade. Fechou os olhos esgotada, mas não podia dormir.

— Alex — Murmurou contra seu pescoço — Foi maravilhoso.

Ele beijou seus cabelos com suavidade.

— Nunca tinha experimentado algo assim — Confessou ele.

Ela estava meio dormida.

— Não foi como a outra vez — Sussurrou — Não houve dor.

Piscou e caiu em um profundo sono.

Alex rodou sobre o lado e a contemplou com incredulidade. Uma imensa sombra caiu sobre seu coração. A história se repetia de novo. Charlotte não tinha sido mais virgem que Maria. Por isso não tinha doído. Outro homem antes tinha ensinado o que tinha que dizer e o que tinha que fazer. Sentiu náusea... Charlotte parecia tão inocente e tão pura adormecida com um ligeiro sorriso nos lábios. Por outro lado tinha razões para sentir-se satisfeita. Tinha conseguido o enganar fazendo acreditar que era virgem. Como devia rir estes últimos meses cada vez que o abandonava sua casa louco de desejo! E ele nem sequer tinha pensado em procurar uma rameira para aliviar-se pensando que seria desleal com ela. Desleal! Por todos os Santos!

Voltou a sentir náusea e chegou ao banheiro bem a tempo para arrojear o jantar.

Charlotte, despertada pelo ruído, correu para ele com os pés nus.

— Querido — Disse acariciando suas costas inclinadas.

Agarrou uma toalha e a entregou enquanto ele se endireitava. Arrancou das mãos e secou a boca com violência. Ela estremeceu. Ele a estava olhando de uma forma...

— O que aconteceu Alex?

Ele parecia tão temível que ela inconscientemente recolheu os farrapos de sua camisola e os pôs ao redor do pescoço.

— Aconteceu — Contestou ele com voz gutural — Que acabo de me dar conta de que me casei com uma rameira pela segunda vez e que me resulta difícil digeri-lo. Não era virgem não é? — Grunhiu aproximando-se dela.

— Não, mas...

— Deus!

Voltou-se apertando os punhos. Nunca tinha batido em uma mulher, nem sequer em Maria.

— Vai começar a gritar agora? — Continuou — Maria era uma puta igual a você. É certo que não sentia tanto prazer como você. A menos que estivesse fingindo. Deveria ter dado quanta assim que vi que respondia com tanta paixão a meus beijos. Nenhuma mulher decente se comporta desse modo. Nunca antes tinha ouvido uma dama me suplicando que tomasse como você fez.

Charlotte estava tremendo. Ele tinha razão. Não, equivocava-se, ela não era uma puta. Mas ainda podia ouvir os sermões de lady Sipperstein no colégio:

— As damas não movem os quadris, as damas falam com voz suave, as damas

nunca manifestam nem exuberância nem emoções fortes.

Muitas vezes tinha chamado a atenção por sua forma de andar muito sensual. Tinha razão. Se lady Sipperstein a tivesse ouvido gemer e suplicar...

Com as bochechas vermelhas de vergonha e lágrimas nos olhos olhou para o chão como a imagem mesma da culpabilidade.

Alex voltou a aproximar-se.

— Por quê? Por que o fez? Temia não encontrar alguma vez marido? Ou é que eu era o melhor que havia no mercado? Por que não esse desgraçado do Braddon? É tão estúpido que sem dúvida não teria dado conta de que era uma perda e teria sido feliz com sua sorte. Já vê com ódio, cometeu um engano. Eu já me casei com uma puta de modo que as conheço bem.

Charlotte, incapaz de suportar o desprezo de seu marido, tampou as orelhas com as mãos.

— Não!

— Ah, agora chegamos à cena final! — Zombou ele — Deixa que te ajude.

Agarrou um frasco da penteadeira e o lançou contra a parede onde se quebrou. Charlotte aterrorizada viu que o líquido branco se deslizava pela pintura. Perguntou se ele ia matá-la. Tinha lido coisas assim nos periódicos e sabia que os juízes seriam indulgentes com ele já que tinha feito uma armadilha para levá-lo ao matrimônio.

Recuperação um pouco de força. Se tiver que ser assassinada por um marido furioso, ela não ia facilitar a matasse.

— Não sou uma puta — Disse com voz tranquila.

Obrigou a si mesma a olhar a Alex nos olhos e estremeceu quando viu sua expressão de asco.

— Só havia feito amor uma vez. Contigo.

Alex entreceitou os olhos. Que espécie de conto estava inventando agora? Pretendia fazer acreditar que a tinha desflorado antes sem dar-se conta?

— Nunca tinha me deitado com você antes desta noite — Disse desdenhosamente — E Deus é testemunha de que será primeira e a última vez que o faça.

Com um gesto brusco arrancou a camisola que caiu ao chão e depois a olhou com olho crítico.

— Poderia facilmente vender seus encantos em Londres. Posso imaginar à formosa condessa...

Interrompeu-se de repente ao recordar que se Charlotte tinha alguma aventura se atribuiriam a sua impotência. Deu a sensação de que uma serpente maligna lhe estava afogando.

Depois veio uma inspiração. Necessitava uma preceptora e agora já a tinha. Charlotte não estava obrigada a viver em Londres. A levaria para o campo, ainda melhor, a levaria a Escócia onde tinha terras. Depois ele voltaria para Londres e a abandonaria ali. Possivelmente a fosse visitar uma vez ao ano.

Charlotte chorava com a cabeça agachada e ele sentiu um breve acesso de piedade que rejeitou com decisão. Maria também tinha chorado suplicando que perdoasse seu passado, prometeu que nunca o enganaria dizendo que estava bem com ele e que seria feliz passando a vida a seu lado. Duas semanas depois a surpreendeu com um cavalição na cama matrimonial.

Apertou os punhos. Desta vez ia controlar melhor a situação. Sua esposa viveria na Escócia e ele em Londres. Ela se ocuparia de educar a sua filha e ele não voltaria a ter relações com ela, e os que se fizessem perguntas se podiam ir ao diabo. Tomaria uma amante para sossegar qualquer rumor sobre sua impotência. Possivelmente inclusive se deitaria com as mulheres casadas da nobreza. Já que o tinham enganado porque não fazer o mesmo?

Brilharam os olhos com determinação quando arrastou sem olhares ao Charlotte para o montão de malas.

— Faz sua bagagem — A olhou friamente antes de chamar à donzela — Vamos. Diga a Marie que desperte a Pippa e à senhorita Helms.

Charlotte lhe olhou se desesperada.

— Nunca conheci a outro homem! — Protestou — Só a você faz uns anos.

Alex apenas a escutava. Saiu do quarto sem olhar para atrás.

Dois minutos depois, quando Marie entrou, horrorizou-se ao ver sua amável senhora soluçando de uma maneira que partia o coração. Ao menos não parecia estar ferida, pensou. Deduziu que Charlotte não era virgem ou que não tinha hímen. Os homens eram muito tolos a respeito disso.

Apressou-se a fazer a bagagem sem fazer perguntas para dar tempo a Charlotte a recuperar-se. Mas ela não se moveu nenhuma polegada quando Alex abriu a porta de repente acompanhado de Keating. Marie olhou Charlotte que parecia não ser consciente da presença dos dois homens, ficou diante dela para protegê-la enquanto Keating, educadamente, olhava a outro lado.

— Recolhe minhas coisas! — Ordenou Alex a seu ajudante de câmara antes de assinalar a sua esposa — Ela irá na terceira carruagem.

Marie se surpreendeu. A terceira carruagem era o dos criados, primeiro ia o dos senhores e o segundo da Pippa e sua babá. Como iam reagir os criados ao ver sua senhora ir com eles? Keating indicou com o olhar que não interviesse, e o que menos desejava Marie era que a despedissem e deixar a sua senhora em mãos desse louco furioso. Protegeu com seu corpo Charlotte até que os dois homens abandonaram o quarto com o Keating carregado de trajes e gravatas. Felizmente Cecil tinha sido eleito para acompanhar Charlotte à Itália em sua viagem de núpcias de modo que estaria de seu lado.

Quando Marie terminou os preparativos uma hora depois, a limusine de Alex já tinha partido com quatro lacaios e seu secretário. Keating tinha encontrado tempo para organizar o resto da expedição. Cecil comunicou que seis lacaios iam cavalgar ao lado do carro e dois iriam diante. Keating iria ao lado do chofer, de modo que Marie e Charlotte estariam sozinhas no interior.

Marie se sentia doente, era inclusive incapaz de sorrir a Cecil. Os homens eram uns animais, e sua senhora se casou com um monstro. Estava segura de que Charlotte era virgem, bastava vendo sua angústia quando preparou a cama umas horas antes. Sacudiu-se, lançou a Cecil um olhar assassino e lhe deu as costas.

E a agarrou pela cintura.

-Ei você! Não é minha culpa se o senhor esta louco. Nós estamos todos com ela, já sabe.

Marie assentiu e foi reunir se com Charlotte a que tinha deixado em uma banheira de água muito quente. A água se esfriou mais Charlotte não se moveu como se fosse uma menina pequena. Marie conseguiu vesti-la. Charlotte já não chorava mais sua face pálida e carente de expressão a assustou mais que suas lágrimas. Isso não queria dizer nada bom, sua própria mãe tinha essa expressão quando perdeu um filho prematuramente.

De repente se ouviu um penetrante grito.

— Maldição! — Praguejou Marie.

Tratava-se da Pippa que não estava muito contente de que despertassem em plena noite e que manifestava ruidosamente seu descontentamento.

Charlotte se dirigiu para a porta, abriu-a e disse tranquilamente.

— Eu me ocupo da Pippa, senhorita Helms.

Quando a menina a viu se precipitou a seus braços gemendo.

— Pronto, carinho — A consolou Charlotte — Vamos descer do carro e te cantarei uma canção para que possa voltar a dormir.

— Papai. Quero a papai.

— Não está aqui mais mamãe sim e te vai cantar uma canção de uma rã, quer?

Marie e a babá, Katy Helms se olharam com surpresa. Nunca antes Charlotte se referiu a si mesma chamando mamãe. Entretanto Pippa o aceitou como a coisa mais natural do mundo e se aconchegou em seus braços.

Voltou-se para sua donzela.

— Sinto muito Marie, nossos planos se viram modificados. Quer levar minha escova do cabelo ao carro? Penteara-me no caminho. É melhor que sigamos ao conde o antes possível.

Marie foi recolher os últimos objetos que estavam dispersos pelo quarto e fez um pacote com a camisola esmigalhada para não arriscar-se a que os criados dissessem aos jornalistas.

De fato Keating as tinha arrumado, graças a uma boa quantidade de moedas de ouro e ameaças, para que a notícia não ulcerasse a Londres. Dobrou o salário dos oito lacaios que os acompanhavam e pagamento três vezes o valor da viagem ao capitão do navio que devia os levar a Itália para que este não desvelasse a renúncia de seus passageiros.

De modo que, enquanto os duques acreditavam que sua filha se dirigia para o sul

ela ia para o norte. As carruagens que Alex tinha deixado sozinho estavam puxados por dois cavalos em vez de quatro de modo que o grupo não avançava muito rápido. Melhor, pensou Charlotte. Não tinha que preocupar-se com o Alex que estava muito por diante deles.

A realidade era que ela mesma se encarregou de atrasar a viagem concedendo-se descansos de três horas, parando-se para desenhar uma paisagem, uma igreja ou para banhar Pippa. Ao final a menina e ela aprenderam a conhecer-se melhor e Charlotte se tranquilizou agarrando forças para o momento em que tivesse que enfrentar a seu marido. Tinha uma pequena ideia do que a esperava. Alex tinha decidido abandoná-la na Escócia, mas isso não a incomodava muito. Que pensasse o que quisesse, ela não era uma puta já que só tinha feito amor com ele.

Mas nunca, jamais voltaria a recebê-lo em sua cama. O prazer que havia sentido não valia a pena depois do horror e a vergonha que vieram depois. Por outra parte isso não seria nenhum problema já que o tinha jurado que nunca mais se deitaria com ela.

De modo que Charlotte se imaginava que levaria uma solitária existência nas profundidades de Escócia. Possivelmente seus pais fossem visitar no próximo verão. Não lamentava muito abandonar Londres embora já estivesse sentindo falta da Sophie. E a sua mãe. Tivesse gostado de poder chorar sobre o ombro da Adelaida, mas isso não mudaria nada, pensou com filosofia.

Quando chegaram à fronteira escocesa, a juvenzinha inocente que se chocou com Alex no baile de lady Prestefield já não existia. Tinha deixado seu lugar a uma condessa tranquila e proprietária de si mesma.

— É uma verdadeira dama verdade? — Perguntou um moço ruivo a sua mãe um dia que se detiveram na praça de um povoado.

— Sim, e não deve olhá-la — Respondeu Megan, sua mãe — Olha quão orgulhosa está. Os nobres não são pessoas como nós.

O menino agachou a cabeça. Essa condessa inglesa não se parecia em nada a sua mãe, roliça e cálida. Abraçou-a pela cintura em um súbito acesso de carinho.

— Rickie, comporte-se — Protestou ela o afastando.

Nesse momento uma menina pequena se precipitou gritando para a condessa e esta, apesar de suas formosas roupas, agachou-se para pegá-la nos seus braços com um terno sorriso.

Possivelmente, depois de tudo, não era tão diferente dela, pensou Megan apertando ao menino contra si. Os dois olharam à bela condessa que se afastava falando com a pequena ao ouvido.



Alex chegou a Dunston Castle dez dias antes que Charlotte. A viagem o fez sozinho, umas vezes na carruagem e outras montando Bucéfalo que era o que preferia com muito. Arrependia-se de ter relegado Charlotte ao carro dos criados em vez de levá-la com ele para poder descarregar nela seu ódio.

De todos os modos reprovou seu comportamento felicitando a si mesmo por que sua esposa não estivesse diante dele. Embora não pudesse tirá-la do coração.

Apesar dos acessos de ira que se apoderavam dele cada vez que recordava sua traição, pouco a pouco ia recuperando sua capacidade de pensar. Um dia se deu conta de que estava derrubando sobre sua nova esposa a raiva que lhe inspirava Maria. Uma manhã despertou sobressaltada com a voz de Charlotte ressonando em seu cérebro: “Nunca conheci outro homem. Só a você faz anos” E também: “foi maravilhosos, não como a outra vez. Não me doeu”

Charlotte não era uma traidora como Maria. Não. Deitou-se só com um homem vários anos antes e ela acreditava que tinha sido ele. Esta confusão dava um enfoque bastante desagradável à pergunta de porque ela quis casar-se com ele, mas não tinha muita importância para Alex que já tinha renunciado a seu sonho de um amor correspondido.

Acreditava entender o que tinha acontecido. Charlotte certamente tinha feito amor com Patrick e acreditava sinceramente que tinha sido com ele quando o encontrou em Londres. Patrick e ele tinham compartilhado as mulheres em mais de uma ocasião mais nunca uma esposa; essa era uma ideia difícil de digerir. Entretanto, se a pessoa tinha que casar-se nessas circunstâncias possivelmente fosse melhor que o outro homem fosse seu gêmeo.

Pensou atentamente enquanto esperava que ela chegasse e tranquilizou sua irritação pescando trutas que voltava a jogar no rio em seguida. Passava as horas contemplando a água esverdeada que se movia sob a boia da linha.

O mais estranho que descobriu foi ver que jogava muito de menos a Pippa. Durante vários meses ele tinha sido a pessoa mais importante de sua curta vida e em um acesso de ira a tinha abandonado deixando-a aos cuidados de uma babá e de uma madrastra a que mal conhecia. E agora notava sua ausência. Frequentemente se perguntava se dormiria pelas noites não estando ao seu lado para lhe acariciar o cabelo desejando que tivesse felizes sonhos. Este novo sentimento o convenceu de que seu projeto de deixar Charlotte com sua filha nas profundidades de Escócia não era uma boa ideia. A menos que ele também ficasse.

Não. Ele voltaria para Londres com sua esposa. Conseguiriam viver em harmonia agora que ele tinha abandonado a fantasia de apaixonar-se por essa mulher. Teriam que dormir juntos já que ele desejava ter um herdeiro. Isso evidentemente era um pretexto já

que Patrick também poderia ter um filho, mas se negava a reconhecê-lo.

Estava começando a preocupar-se com não saber onde estava Charlotte. Desde fazia dois dias vinha recordando as histórias de bandidos que rondavam pela fronteira. Senhor! Por que tinha se comportado com tanta arrogância? E se Charlotte e Pippa tinham sido sequestradas? Não se perdoaria nunca.

Deste modo, quando as duas poeirentas carruagens atravessaram os altos muros de pedra que indicavam a entrada à propriedade, Alex teve uma vontade louca de precipitar-se a seu encontro para as abraçar, mas ficou imóvel olhando pela janela de seu escritório.

A primeira em sair do carro foi sua mulher e depois abriu a porta do outro carro para deixar sair a Pippa quem se precipitou aos braços abertos de Charlotte. Alex não podia saber que as duas tinham viajado juntas até a última parada. De fato Pippa quase tinha quebrado os tímpanos da babá chamando a sua mamãe.

Alex viu como Charlotte levantava sua filha que escondeu a face no pescoço da mulher. Isso era o que ele tinha desejado não?

Desceu as escadas endurecendo-se mentalmente, tinha esquecido quão formosa era Charlotte, desejava-a com loucura. Melhor, raciocinou depois de tudo ela era sua esposa e possivelmente ele pudesse mantê-la o suficientemente ocupada como para que não tivesse vontade de divertir-se com outros homens.

Saiu ao pátio enquanto os criados ficavam em fila para ser apresentados de forma oficial a sua nova senhora. Charlotte, com a Pippa nos braços, parecia estar ligeiramente divertida e sua expressão não mudou quando viu seu marido. Limitou-se a inclinar brevemente a cabeça.

— Milorde.

Alex respondeu do mesmo modo.

— Charlotte.

Fez-se o silêncio. Pippa que estava olhando os cavalos, voltou-se para seu pai e ele estendeu os braços sorrindo. Mas em vez de exclamar “papai” com seu encantador sotaque italiano, ou retorcer-se para ir a seu encontro, a menina começou a chorar.

— Shhh, carinho — A consolou Charlotte — Já disse que voltaria a ver seu papai. Já vê que está aqui e senti sua falta porque te ama muito. Recorda o que lhe disse?

A modo de resposta, Pippa se apertou ainda mais contra ela e Alex apertou os dentes. Sua própria filha o rejeitava diante de todos os criados quem se perguntava o que era que estava acontecendo. Aproximou-se delas lutando com o desejo de beijar Charlotte até que perdesse sua atitude distante.

— Carinho — Disse a Pippa com voz tranquilizadora — Te joguei muito de menos. Todos os dias me arrependia de ter te deixado. Mas agora já estou aqui e eu gostaria de abraçar a minha menina.

Pippa levantou sua carinha cheia de lágrimas.

— Papai?

Alex se aproximou fingindo não dar-se conta do gesto de rejeição de Charlotte quando se inclinou e esfregou seu nariz contra a de sua filha.

— Amo você pulginha — Murmurou.

Charlotte observava seu marido. Este era o Alex de antes de seu matrimônio, o amante pai que ela conheceu antes de sua noite de núpcias e sentiu um imenso alívio. Tinha estado muito preocupada com a Pippa perguntando-se como ia poder a menina superar a morte de sua mãe se seu pai a abandonava na Escócia. Felizmente os projetos do conde não eram tão maus como se temia.

Por fim ele deu a volta para olhar a fila de criados.

— Esta é sua senhora, a condessa de Sheffield e de Downes — Declarou.

Os empregados da casa tinham que respeitar à nova condessa embora a tivessem visto descer da carruagem dos criados. E quando ouvissem o que os lacaios que vieram com ela tinham para contar... Ele reprovava a si mesmo amargamente, mas entretanto conservou a expressão altiva e segura.

Depois sorriu e acrescentou:

— E esta é minha filha Philippa.

Ouviram-se vivas e aplausos. Alex ofereceu o braço a Charlotte e começou a apresentar aos serventes de maior fila.

Ela estava muito contente consigo mesma porque não sentia nada. Depois do horror dessas últimas semanas olhava a seu marido e não sentia nem atração nem cólera, tão só uma pontada de compaixão por seu aspecto cansado e tenso. Estava feliz ao comprovar que o feito de vê-lo não mudava em nada sua decisão. Enquanto ela falava amavelmente com os criados foi consciente de que já não tremia assim que ele a tocava.

Terminou de conhecer os criados principais; gostou de muito o mordomo, julgou que era necessário mudar uma das donzelas e se prometeu comprovar as contas da governanta. Depois sorriu a outros, a aqueles que não lhe tinham sido apresentados pessoalmente e soltou o braço de seu marido. Subiram juntos os quatro degraus que levavam a entrada principal.

— Meu Deus! — Exclamou ao entrar no enorme vestibulo.

— Herdei-a de minha bisavó — Disse alegremente Alex.

Agora que Pippa estava em seus braços e Charlotte já não o olhava como se fosse um monstro, estava recuperando a confiança. À primeira oportunidade explicaria a sua mulher que com quem tinha feito amor era com seu irmão, mas que ele, Alex, tinha decidido perdoá-la por esse tropeço. Era a única atitude razoável que podia adotar. Sua mãe o teria felicitado, mas não seu pai. Seu pai definitivamente teria repudiado Charlotte ou a teria encerrado de por toda vida nesta mansão situada no fim do mundo. Mas ele não era como seu pai. Seu matrimônio se apoiaria na generosidade já que não no amor.

Charlotte enfrentou seu olhar.

— Bem — Disse — Estarei em meus aposentos até a hora do jantar, milorde. Estou segura de que a senhora McLean me mostrará quais são meus aposentos. A que hora se serve o jantar?

Alex contemplou a sua nova esposa, tranqüila e fria.

— As oito — Respondeu.

Ela fez uma reverência.

— Milorde.

Alex deu um salto. Certamente seus pais se saudavam desse modo, mas Charlotte nunca tinha feito antes uma reverência salvo quando dançavam. Ele também se inclinou cerimoniosamente.

De repente ela se aproximou dele e seu coração enlouqueceu; mas ela se limitou a depositar um beijo na bochecha de Pippa.

— Mamãe! — Gritou a menina conseguindo passar um braço ao redor do pescoço de Charlotte aproximando-a tanto que Alex sentiu seu aroma a flor de laranja.

— Não querida. Você vai ficar com papai um pouquinho como uma boa menina.

Voltou-se para Alex e sua expressão de ternura trocou a uma de indiferença.

— Quando desejar entregue-a a sua babá. Agora já se dá bem com a Katy.

Um arpegiou percorreu as costas de Alex. Charlotte não parecia estar zangada, olhava como faziam multidão de mulheres a seus maridos: sem o menor interesse. Mas que isso, com muita educação, pensou ele ao vê-la fazer outra reverência e afastar-se pela escada acompanhada da senhora McLean. Inconscientemente apertou mais a Pippa quem deu um grito de protesto.

— Quer ir ver os gatinhos no estábulo querida?

Charlotte subiu lentamente os degraus escutando apenas o que dizia a senhora McLean. A dificuldade de encontrar bons criados, o que tinha acontecido na terça-feira passada com as taças de porcelana, a necessidade de comprar lençóis novos...

Não era tão indiferente à presença de Pippa como tinha acreditado. Quando Pippa a atraíu para si ela temeu que dobrassem suas pernas.

Fez que levassem seus objetos pessoais dos aposentos contíguos a do conde a outra mais próxima a das crianças dizendo que tinha mais luz. Depois ordenou que deixassem suas pinturas em uma das quatro torres do castelo antes de inspecionar a creche. Ordenou que pusessem outro tapete porque Pippa passava muito tempo atirada pelo chão e não queria correr o risco de que se machucasse.

Finalmente pediu um banho e, esgotada, meteu-se na água com alívio.

— Marie! — Chamou de atrás do biombo que tinham posto para proteger a das correntes de ar que atravessavam todas as salas.

Marie resmungava em francês enquanto pendurava os vestidos de sua ama. Detestava Escócia e sua umidade. Não sabia que iam se pôr já que quando preparou as malas das duas foi pensando que iam a Itália.

— Marie! — Repetiu Charlotte.

— Desculpe milady — Disse a donzela aparecendo de atrás do biombo — Quer que peça mais água quente?

— Sim, obrigado. E por favor, diga ao conde que tenho intenções de me deitar cedo e que jantarei em meu quarto. Estou esgotada.

Marie fez uma careta. Ela teria preferido que Charlotte descesse e enfrentasse seu

marido, mas teve que reconhecer que a condessa parecia estar muito cansada. Era melhor que descansasse e tirasse suas armas no dia seguinte depois de uma boa noite de sono.

— Certamente milady. Quer que a senhora McLean faça vir a uma costureira amanhã? Deveríamos fazer algo antes possível com os tecidos de lã que compramos no Glasgow, do contrário Pippa e você não demorarão em resfriar-se.

— Muito boa ideia Marie. E quando Pippa volte para a creche peça a Katy que me traga ela. Eu gostaria de jantar aqui com ela.

Marie colocou mãos à obra. Trouxeram mas água quente, acenderam um fogo tão grande que a lareira se encheu de faíscas. A habitação se foi esquentando pouco a pouco. Graças a Deus era bastante menor que os aposentos dos donos da casa.

Ao sair do banho, Charlotte se sentou em uma cômoda poltrona ao lado da lareira, tão cansada que não teria podido mover nem o dedo mindinho. Quando lhe trouxeram Pippa, esta parecia estar tão cansada como ela. Sentou-se nos joelhos de Charlotte enquanto ela contava um conto de um cavalo voador que se chamava Peggy. Pegasos era um nome muito complicado para que dissesse uma menina de ano e meio.

Finalmente Charlotte a deixou de novo nas mãos da Katy, despiu-se e se deslizou entre os lençóis. Permaneceu durante muito tempo quieta contemplando as chamas que lançavam sombras oscilantes nas paredes. Perguntou-se que o que aconteceria depois, e o mais importante: o que é que ela desejava que acontecesse. Agora que se viram de novo e que ele, ao contrário do que ela se temia, não a tinha insultado diante dos criados, sentia-se vazia de energia e completamente desamparada. Tinha esperado ver Alex tão odioso como três semanas antes, na noite de núpcias.

Encheram os olhos de lágrimas. Talvez fosse culpa dela. Possivelmente desde o começo deveria ter contado as circunstâncias nas que se conheceram em vez de acreditar em sua mãe quando disse que ninguém poderia saber que não era virgem. Alex tinha razão em uma coisa: ela tinha mentido, ao menos por omissão. Bebeu pelo nariz. Tinha chorado a mares nas três últimas semanas. Então o que é o que desejava? Desejava o impossível. O Alex de antes. O Alex que não a insultava e que só pensava bem dela.

Durante esse tempo Alex estava jantando com um luxo digno da realeza como vinha fazendo cada noite desde sua chegada. Tinha enviado a seu secretário a Londres para que trouxesse roupa de mais abrigo, de modo que estava sozinho na imensa mesa. A sala de jantar tinha sido concebida para acomodar um exército de modo que os dez laçaios alinhados nas paredes tinham um aspecto estúpido. Em outros tempos devia haver ao menos vinte ou trinta ocupados em servir as mesas.

O frio era penetrante embora estivessem no verão e olhou ao seu redor com uma careta. Que raios estava fazendo nessa sinistra fortaleza?

Afastou o prato. Maldição tinha uma mulher, por que não ir a falar com ela? Já estava farto de jantar sozinho.

Apressou-se a subir ao piso de acima. Uma vez no dormitório perguntou se o correto era bater na porta da esposa. Isso é o que depois de ter encontrado a Maria na cama com o cavaliço. Furioso com essa lembrança, empurrou a porta que comunicava ambos os dormitórios, mas o quarto estava vazio. Maldição! Onde demônios se colocou?

— McDougal! — Gritou em direção ao corredor.

Só o gemido do vento lhe respondeu.

— McDougal!

Ao fim se ouviram uns passos na escada.

— Sim milorde? — Ofegou o bojudo mordomo.

— Onde está a condessa?

— No aposento norte, milorde, porque desejava ter mais luz.

McDougal fez uma reverência e saiu precipitadamente. Marie tinha proporcionado uma versão não censurada do acontecido no Bournemouth e não desejava sofrer a ira do novo conde. Foakes tinha parecido perfeito quando os visitou a última vez quatro anos antes. De fato o pessoal se havia sentido agradavelmente surpreso tendo em conta que era inglês. Mas isso foi antes que herdasse. Converter-se em conde podia ter uns efeitos muito nocivos no caráter da pessoa, pensou McDougal.

Alex se internou no corredor perguntando-se onde podia estar o aposento norte. Mais luz! Em um quarto que se chamava assim!

Quando julgou razoavelmente que estava frente ao norte, abriu a primeira porta que se encontrou. Acolheu uma baforada de calor e fechou a porta atrás de si. Estava em um pequeno dormitório com janelas em dois de seus lados. Dirigiu-se para a cama e ali encontrou a sua mulher profundamente adormecida.

Contemplou-a uns instantes em silêncio. Tinha crescido o cabelo e uma sedosa mecha repousava em sua mão. Aparentemente não usava uma sedutora camisola já que um gorrinho emoldurava seu rosto.

Deixou-se cair na cama e agarrou um de seus ombros. Ela abriu os olhos e recuou instintivamente. Alex se surpreendeu. Acaso ela tinha medo de que batesse nela?

A verdade era que Charlotte estava, sobretudo coibida. Estava sonhando que Alex suplicava que o perdoasse enquanto beijava os seios e ela se afundava em um torvelinho de prazer. E que aqui estava sentado a seu lado com o cenho franzido e ela morria de vontade de tocá-lo, de beijar, de dizer...

Mas não o faria. Nunca mais se comportaria como uma rameira. Ele tinha razão ao dizer que tinha respondido a sua paixão de um modo impróprio de uma dama.

— O que esta fazendo aqui? — Perguntou com voz neutra.

— Estava procurando a minha mulher.

Estava decidido a não zangar-se. Só necessitava um pouco de companhia, o qual era seu exclusivo direito.

— Por quê?

— E porque não? É bastante triste encontrar-se completamente só em uma mesa que se fez pensando em gigantescos escoceses.

— Estou muito cansada milorde. Viajamos muito hoje. Eu gostaria que me deixasse descansar.

— Viajou três horas — Replicou Alex — E perguntei ao Keating porque me

intrigava saber como era possível que tivesse demorado dez dias mais que eu em chegar.

Desenhou com um dedo a curva da mandíbula dela e ela se afastou entrecerrando os olhos.

— Temos que falar do futuro — Continuou ele — Já vê, decidi te levar a Londres de novo, com algumas condições, a mais importante das quais é que não se deitará com ninguém mais que comigo. Não fará nada que possa manchar meu sobrenome. Eu em troca te perdoo por ter feito amor com meu irmão.

— Eu não...

Alex a interrompeu com um gesto.

— Acredito que perdeu a virgindade com Patrick. Entretanto, apesar desta ironia da sorte; já que se tivesse esperado uns meses, mas suponho que poderia ter casado com ele; agora estamos casados e temos que aproveitar o mais possível desta situação.

Charlotte permaneceu muda com o olhar fixo na colcha, com o rosto na sombra.

— Compartilharei sua cama quando o desejar ou com crueldade — Mas repito isso, se algum outro homem tentasse fazer o mesmo mandaria a viver a este castelo esquecido de todos e não te deixaria sair nunca.

Ela se incorporou apoiando-se na cabeceira e cruzou as mãos por cima dos joelhos exatamente igual ao para sua mãe quando discutia com seu pai.

— Recordo-te milorde que em Bournemouth disse que nunca mais dormiria comigo.

— Bem, pode que não durma neste quarto. A cama é um pouco estreita para meu gosto.

Estava devorando com o olhar os seios de Charlotte apesar de estar tampados pelo branco algodão.

Parecia pensar que podia fazer tudo o que desejava comportar-se como um animal um dia e aspirar a seduzi-la o seguinte.

— Nego-me.

Fez-se um pesado e ameaçador silêncio.

— Nega-se? E a que te nega exatamente?

— Nego-me a dormir com você seja qual seja o sentido que dê a essa palavra. Suponho que como prostituta tenho direito a escolher meus clientes — Anuiu com um humor corrosivo.

Ele dedicou um sombrio olhar.

— Sou seu marido e posso tomar quando o desejar; e tenho vontade de fazê-lo aqui, nesta cama.

Charlotte pensou um momento. Em efeito, ele tinha esse direito, mas ela não esperava que exercesse em vista do asco que tinha demonstrado na noite de núpcias. Depois recordou que ele necessitava um herdeiro como conde que era. Mas que a condenassem se deixava seduzir para que depois a insultasse.

— Muito bem — Disse.

Afastou os lençóis, levantou-se a camisola até a cintura e se tombou com os olhos fechados. Apesar de sua aparente tranquilidade estava completamente aterrorizada. Nunca tinha feito antes algo tão atrevido e louco em toda sua vida. O ar fritou acariciou suas pernas e tiritou. Estava segura de que desta vez ia doer.

Alex a contemplava com incredulidade. Passados uns minutos Charlotte abriu os olhos.

— Mudou de ideia?

Ele apertou os dentes furioso.

— Não. Não mudei de ideia.

Ela estremeceu aterrada por sua expressão. Parecia ainda mais furioso, se é que isso era possível, que naquela desgraçada noite.

— O que aconteceu? — Perguntou ela.

— O que aconteceu? Minha esposa está aí, tombada como uma flor murcha e me pergunta se acontece algo?

— Não sei o que quer. De que se queixa?

Alex não respondeu. Começava a compreender que ela se estava vingando das duras palavras que havia dito em Bournemouth. Sua mão subiu ao longo da perna dela subindo por seu corpo até chegar aos seios. Se não conseguia seduzi-la é que não se merecia o título de conde.

Uns minutos depois deixou de acariciá-la. Sabia que Charlotte estava excitada. Estava preparada mais parecia distante e indiferente. Não se explicava o que tinha acontecido com a tigresa que uma vez compartilhou sua mesma paixão. Fosse por vingança ou não, a que tinha ganho era ela. Alex não sentia nenhum desejo de fazer amor com essa mulher que estava passivamente tombada com as pálpebras fechadas.

— Abre os olhos — Disse com um imenso cansaço.

Ela obedeceu.

Alex estava sentado na beira da cama com a cabeça entre as mãos.

— O que aconteceu? — Perguntou ela sinceramente surpreendida.

Acaso não era isso o que ele desejava? Suas palavras de desprezo ainda ressonavam em sua mente três semanas depois. Ele a odiava porque ela respondia com muita paixão, porque lhe “suplicava” era exatamente a palavra que ele havia dito.

Ele se levantou para sair do quarto, mas o chamou secamente.

— Por que vai? Não te entendo. Chama-me puta porque não me comporta como uma dama. Disse que não voltaria a me tocar porque perdi minha virgindade com você; embora não queira reconhecê-lo; antes do casamento. E quando me comporta como uma dama também me olha com desprezo. Em que ficamos?

Agora era ela a que estava sendo dominada pela ira.

— Se deseja um herdeiro fica! Usa meu corpo já que diz que te pertence. Não lhe impedirei isso, estou me comportando como uma dama.

Para sua surpresa Alex pôs a rir.

— As damas não gritam — ele a notar.

Mas voltou a ficar sério e se sentou de novo na cama.

Um sino de alarme soou na cabeça de Charlotte, quando ele a olhava desse modo seu corpo a traía, já que não a estava olhando com desejo e sim com carinho, como o antigo Alex. O Alex de antes, que ainda a amava, que não acreditava uma prostituta.

— Sinto — Disse ele por fim — Sinto ter te chamado puta. Compreendi poucos dias depois que tinha perdido a virgindade com um homem e que o confundiu comigo. Naquele momento me pus tão furioso que fui incapaz de me controlar.

— Foi você! — Insistiu Charlotte — Faz três anos, no...

— Não quero conhecer os detalhes — Cortou — Deus! Já é bastante difícil de aceitar que minha esposa fizesse amor com meu irmão para que ainda por cima me conte como aconteceu.

Charlotte sentiu náuseas. Podia ver em seus olhos que ele nunca ia acreditar nela. Sempre pensaria o pior dela. Suspirou. Possivelmente fosse melhor que ficasse ali, que vivesse na Escócia; não poderia suportar ver Alex todos os dias sabendo que ele a desprezava. O amava muito. Era muito duro.

Escapou uma lágrima.

Alex a olhava sombrio. Era evidente que era desgraçada, e ele não acreditava que pudesse enganar com outro homem; Charlotte era uma pessoa leal e sincera.

Agarrou sua mão e beijou a palma.

— Quer que voltemos a tentar?

Ela umedeceu os lábios e o voltou a sentir uma quebra de onda de desejo. Ela tinha uma formosa boca que recordava sua paixão. Uma paixão que já lhe tinha mostrado pensou. Só precisava encontrar o modo de voltá-la para despertar.

— O que quer dizer?

— Voltemos a fazer amor. Sinto muito ter me zangado da última vez. Nunca havia sentido nada tão maravilhoso e vi tudo vermelho quando me dava conta que não era o primeiro. Mas já terminou. Agora deveríamos pensar em... Fazer um menino.

Charlotte fez caso omissão da pontada de amargura que a atendia. É obvio, o queria um herdeiro. Era normal.

A boca de Alex estava tão perto da sua que ela podia notar seu quente fôlego, e ele se apoderou de seus lábios enquanto que sua mão subia lentamente sob a camisola. Certamente não estaria muito mal se ela respondia a seu beijo, pensou ela tremendo de desejo.

Ele a olhou aos olhos.

— Suplico querida — Murmurou ele.

Ela se agarrou a seu pescoço entreabrindo os lábios e ele compreendeu que estava se rendendo. O coração deu um salto de alegria. Sua Charlotte havia retornado. Enquanto ele se despojava de sua camisa, lhe acariciou o seio com a língua propagando o fogo por todo seu corpo.

Pouco depois estavam nus à luz das chamas, encadeando uma carícia atrás de outra e um beijo atrás de outro. Mas só quando ele se preparou para penetrá-la, Charlotte temeu que perderia o controle por completo. Fechou os olhos apertando as pálpebras com todas suas forças. Alex, preocupado por dominar-se para não ir muito depressa, não se deu conta de sua desdita. Provocava-a e ela, de maneira instintiva elevava os quadris para ele. Suplicava em silêncio mais ele continuava brincando com ela entrando em seu corpo para sair imediatamente. Estava a ponto de explodir. De repente ele a penetrou com um grande empurrão e ela não pôde conter um grito. Alex também perdeu o controle. Acelerou o ritmo arrancando pequenos gemidos a sua esposa.

Entretanto algo não ia bem. Deu-se conta a ver as lágrimas que apareciam por suas pálpebras fechadas.

Ficou quieto.

— O que te passa querida? Estou-te machucando?

Charlotte abriu seus imensos olhos alagados de lágrimas. Ele beijou suas bochechas mais ela se afastou.

— O que acontece Charlotte?

— Não posso, não posso.

— Não pode que?

— Não posso evitá-lo!

Alex se afastou devagar e pegando um lenço da mesinha de noite secou a face.

— De que esta falando querida?

— Disse que uma dama como Deus manda não se comporta como eu o fiz. Disse que uma dama não gritava nem suplicava.

Explodiu em soluços.

Alex ficou sem respiração. Realmente tinha sido tão cruel? Em seu acesso de cólera possivelmente tinha quebrado a coisa mais maravilhosa que tinha acontecido na sua vida.

— Fui um completo estúpido Charlotte — Disse com ardor — Ouve-me? Um estúpido! Estava doente de ciúmes e disse o pior que me ocorreu, mas não pensava a sério. Não pensava — Repetiu a beira do desespero.

Ela não se acalmava.

— Não posso evitá-lo — Disse uma vez mais — Tem razão, não sou uma dama, sou uma...

— Deus Charlotte! — Exclamou ele apertando-a contra ele — Me escuta, por favor, escutar-me. Faz-se feliz, por culpa te digo que sou um tolo. Destruí a única coisa com a qual sempre sonhei: uma relação apaixonada e com minha esposa? Parece-te que sou um mau homem quando grunho e grito cada vez que me toca? Dou-te asco?

Ela negou com a cabeça.

— O que sente quando me ouve gemer com suas carícias? — Perguntou ele.

Ela esboçou um sorriso.

— Sinto-me como uma rainha.

Ele lhe devolveu o sorriso.

— Eu quero ser rei Charlotte. Rei em minha própria casa. Nada do que possa fazer me desgostará nunca. Foi a ira o que me fez dizer essas barbaridades.

— Mas e se voltar a se zangar? Sei que tem razão, não me comporte como uma dama e não quero te exasperar.

Alex deu a volta. Tinha estragado tudo. Ele não tinha acreditado nela e ela já não confiava nele. Isso significava o fim de seu sonho de um matrimônio sensual, o sonho que nasceu em um jardim uns anos antes. Acabou-se, pensou.

De repente sentiu que ela se aproximava e lhe acariciava um ombro.

— Quer tentar outra vez?

A princípio não entendeu o que estava dizendo e logo recordou sua própria pergunta de momentos antes. Virou lentamente a cabeça. Sua preciosa esposa estava olhando com seus enormes olhos brilhantes.

— Se prometer confiar em mim — Disse ela com voz ligeiramente tremula — Prometo que confiarei em você. Se acreditar em mim, acreditarei em você. Deus é testemunha de que nunca dormirei com outro homem. Se me prometer que nunca me jogasse na cara minha paixão quando fizermos amor, bem... Resignarei-me a me comportar como uma rameira.

Ele rodou sobre ela e a puxou de um golpe lhe arrancando um grito de prazer.

Foi uma longa noite. Alex pôs várias vezes lenha na lareira e fizeram amor sem cessar, dormiram e voltaram a começar.

De madrugada, ao vê-la adormecida a seu lado, Alex não pôde evitar levantar o lençol para admirar seu perfeito corpo. Ela era dele, completamente dele.

Ela despertou e deu um grito ao descobrir a cabeça do Alex entre suas pernas enquanto sua boca enviava chamas por todo seu corpo.

Quando o sol se filtrou através das cortinas de veludo até chegar à cama, encontrou ao conde e à condessa de Sheffield dormindo o sonho dos justos; o dos recém-casados.



As duas semanas seguintes marcaram a história de Dunston Castle, propriedade de quatro condes seguidos de Sheffield e de Downes. O mordomo, McDougal, confiou a sua esposa que o pai do atual conde tinha levado uma vez a uma jovem a passar uma semana no castelo e então viram coisas de todas as cores.

Uma vez encontraram a porta da sala de tarjan fechada com chave, justo no momento que McDougal, que então só era laçao, levava um bolo ondulado. Tinha sido um encargo especial, recordava McDougal, porque a cozinheira não estava acostumada a essas sofisticadas comidas às que se prendia fogo. Miúda cara pôs quando a levaram a cozinha!

— Nessa época eu era muito jovem mais ainda lembro o ataque de nervos que teve.

— Não acredito que se possa comparar este conde com seu pai — Protestou sua esposa.

Estava fiscalizando a roupa, os lençóis e a roupa para costurar, e o que ela não soubesse dos habitantes do castelo é que não merecia a pena conhecê-lo.

— Esses dois se entendem de maravilha, estão recém-casados — Continuou e a condessa só é uma menina. Embora sempre os veja beijando-se, comigo sempre é muito amável. Assustei-me quando disse “Senhora McDougal, notei algumas anomalias nas contas da casa. Poderia me ajudar às entender, por favor?” Essa senhora McLean, e esta falando de uma governanta, estavam roubando os lençóis de meus armários e ninguém se deu conta. Acredite-me, a condessa recebeu uma boa educação.

O senhor McDougal admitiu que gostava muito da condessa como não podia ser de outro modo em vista de sua amabilidade e suas agradáveis maneiras. Apesar de tudo correu o risco de dizer que não gostaria de ver sua própria filha beijando ao seu marido atrás de todas as estátuas do jardim. E a donzela da condessa havia dito que se passava muito tempo voltando a costurar os botões de seus vestidos.

— É francesa — Contestou a senhora McDougal — Certamente está exagerando. Mas ainda admitindo que fosse verdade Que importância tem uns botões entre marido e mulher?

O mordomo sorriu com cumplicidade.

Nesses tempos, o conde beijava a sua esposa atrás das estátuas, semeava o chão do quarto com botões de madrepérola e brincava com sua filha nos jardins.

Quando chegou o momento de voltar para a Inglaterra, as três limusines viajaram juntas já que a Pippa gostava de ir da dos condes a de sua babá. Desse modo o trajeto foi tão comprido à ida como à volta e Charlotte fez amor com seu marido nas mesmas pousadas nas que dois meses antes tinha estado chorando desesperada.

No dia seguinte de sua volta, Sophie York chegou a casa sem tomá-la moléstia de

anunciar sua visita.

— E bem? — Perguntou a sua amiga — Conte-me tudo. Como é o matrimônio?
Charlotte se ruborizou.

— Tanto? — Exclamou Sophie rindo.

— E o que esteve fazendo nestes últimos meses? — Perguntou Charlotte.

Sophie deu a entender piscou um olho para dar a entender que não se deixava enganar pela mudança de tema e logo se lançou a uma detalhada narração do cortejo implacável ao que a estava submetendo Braddon. Ao não ter podido conquistar a rainha indiscutível de Londres, fixou-se em sua pessoa — Comentou.

Charlotte ria embora às vezes surpreendessem as brincadeiras de sua amiga. Agora caía em que antes de suas bodas deveu perder o significado de muitas das atrevidas alusões de Sophie. Teria compreendido antes que Sophie dizia sobre lady Cucklesham quem se casou por conveniência e “levava sua virgindade no dedo em forma de diamante”?

— Se eu tivesse intenções de me casar com um tonto — Continuou Sophie — Não poderia encontrar um melhor que Braddon. Nunca me perguntaria sobre minhas idas e vindas. Sempre é discreto e esta de bom humor.

Estremeceu-se e Charlotte se compadeceu dela.

— Não ceda Sophie.

— Por quê?

— Porque é maravilhoso estar casada com um homem que não é tolo.

— Todos o são — Decretou Sophie antes de sorrir fazendo uma careta — Não queria danificar sua felicidade, mas segundo minha experiência; devida exclusivamente à observação, de acordo; os melhores homens às vezes se comportam como idiotas.

— Apesar disso — Insistiu Charlotte — Poderia encontrar a um tolo que você gostasse mais que Braddon.

— Eu gosto dele muito. Faz-me pensar no irmãozinho que sempre deseje ter. Quando era menina passava horas na creche, que estava em cima do dormitório de meus pais, e os ouvia brigar. Desejava com todo meu coração ter um irmão carinhoso e pouco complicado. Braddon é assim Charlotte, simples e carinhoso. Ouvi dizer sir Bredbeck que tinha mais amantes que clientes um advogado. Devo reconhecer que tem o bom gosto de não as exibir em público ao contrário do que faz meu pai.

Charlotte estava desolada. Sua amiga tinha tido uma triste infância.

— Entretanto, Sophie, não pode ter filhos com um homem que te faz pensar em um irmão pequeno.

— Quero me casar com alguém cuja companhia seja... Agradável. Parece-me que é a melhor solução. — Acrescentou Sophie com um sorriso — Sabe o êxito que está tendo sua protegida Chloé Van Stork? Seria capaz de me roubar a algum de meus pretendentes, o qual não me incomodaria muito por outra parte. Mas parece que está esperando Will Holland.

— Sim, esta muito apaixonada por ele.

— Desgraçadamente ele ainda está no campo. Tem quatro ou cinco admiradores que a acompanham a todas as partes pendentes de seus lábios. Nos clubes se fazem apostas a que ela ao final se decidirá por lord Winkle.

— Alegro-me saber. É encantadora e merece toda essa admiração.

Enquanto Sophie lhe contava o último desprezo que lady Skiffing tinha feito a Maca Prebworth, Charlotte começou a pensar no Alex o qual se encontrava em seu escritório com seu secretário, Robert Lowe, sofrendo para despachar a correspondência.

Nesse momento seu marido apareceu na porta e lhe iluminou o rosto.

— Alex! — Exclamou ficando em pé de um salto.

Ele piscou um olho a Sophie a qual tinha tomado afeto durante os dois meses de seu compromisso, e depois, deliberadamente, tirou sua esposa dali fechando a porta atrás deles.

Os dois ouviram a gargalhada de Sophie enquanto Alex beijava apaixonadamente a sua mulher.

Charlotte se afastou.

— Para já Alex; não posso deixar Sophie sozinha, é de muito má educação.

— Então me prometa que se encontra comigo dentro de uma hora em nosso dormitório.

— Não!

— Promete ou não te solto.

Estava-a beijando no pescoço e ela esteve a ponto de gemer.

— Alex...

— Promete!

— Não. Tenho um encontro com o senhor Careme dentro de duas horas.

— Eu te levarei — Prometeu ele com voz rouca — Iremos no factón.

— Está bem, prometo — Acabou murmurando Charlotte para impedir que insistisse mais.

Mas ele já não a escutava. Tinha-a esmagada contra a parede e se esfregava contra seu ventre.

Ela se afastou indignada, mas ele teve a satisfação de comprovar que estava ruborizada e que lhe tremiam as mãos.

Charlotte voltou para salão, onde Sophie estava tranquilamente provando as massas de limão e bebendo chá; pôs-se a rir ao ver sua amiga despendeada como se a tivesse surpreso uma rajada de vento.

— Beija bem? — Perguntou — Me deve uma resposta por me haver abandonado desta maneira.

Alex, que tinha ouvido a pergunta, aproximou-se da porta entreaberta. Não estava sendo indiscreto já que a resposta era muito importante.

Charlotte riu com ligeireza.

— Sim — Respondeu — É suficiente que me beije para que eu...

Interrompeu-se encolhendo os ombros.

— Você o que?

— Bem, derreto-me, isso é tudo.

A Sophie davam muito bem as brincadeiras picantes, mas em realidade não sabia nada de sexo.

— Isso parece mais bem incômodo não? Dá-se conta de que não sei exatamente o que acontece, e, sobretudo não acha obrigada a me explicar isso. Estou segura de que minha mãe não conseguirá nunca me contar como é, de modo que quando aceitar a um dos cavalheiros que me cortejam, terá que ser o quem se encarregue de minha educação.

Charlotte avermelhou ainda mais.

— A verdade é que é algo estranho, mas também é maravilhoso.

Sophie a observava com curiosidade.

— Minha mãe diz que é muito desagradável, mas que terá que aceitá-lo para poder ter um lugar na sociedade.

— Não é... Com o Alex não é assim.

— Essa é minha sorte — Resmungou Sophie — Te deste procuração do único homem em Londres capaz de fazer que o assunto será passível e a mim o único que fica é o velho Braddon. Estou segura de que me explicará isso tudo referindo-se a seus cavalos. Às vezes me dá a sensação de que para ele só sou uma potranca de boa qualidade.

Charlotte procurou as palavras.

— É... Mágico. Às vezes não penso em nada mais em todo o dia — Confessou.

Sophie abriu os olhos assombrada.

— Então será melhor que não me case com o Braddon. Estou segura de que não passaria o dia pensando nele. Tenho coisas mais importantes que fazer com meu tempo.

Fora do salão, Alex apoiou a cabeça na parede. Não podia não reunir-se com elas já que ouvir Charlotte falando assim tinha reavivado seu desejo.

Dirigiu-se ao escritório para terminar com a correspondência. Já que não poderia pensar com coerência até depois de ver Charlotte ao cabo de uma hora, era melhor que desse gosto a seu secretário.

Passou um mês. A temporada estava chegando a seu fim e Alex e Charlotte tinham adotado uma cômoda rotina.

Pelas manhãs Charlotte se dedicava a pintar. Tinha começado o retrato de uma das ajudantes de cozinha, uma juvenzinha chamada Mall que tinha crescido no país do Gales. Ao princípio a criada se sentiu afligida pela proposta; estava convencida de que sua ama se tornou louca de atar. Mas Charlotte insistiu. Desde que a viu de perfil uma manhã enquanto recarregava a lareira, teve desejos de pintá-la. Pouco a pouco conseguiu convencer a quão jovem durante as sessões lhe contava de seus sete irmãos e contava

algumas fofocas das cozinhas.

Assim foi como Charlotte se inteirou de que o mordomo, Staple, era um verdadeiro tirano que não se comportava de maneira adequada com o pessoal feminino. Essa mesma noite o despediu.

Então escreveu ao senhor McDougal para perguntar se ele e sua esposa gostariam de ir viver em Londres. Seriam muito bem-vindos em Sheffield House e receberiam um salário nitidamente superior.

Durante esse tempo Alex trabalhava em seu escritório. Ao princípio agarrou o costume de ir ler na oficina de Charlotte quando Mall não estava ali, mas ao cabo de um tempo Charlotte o proibiu. Não só lhe custava concentrar-se mais, além disso, ele saltava em cima dela cada cinco minutos.

-Não posso evitar — Respondeu ele quando ela se queixou — Me olha por cima do cavalete e sei que deseja que te beije.

— Se o fizer só por mim, pode economizar isso. Estou pensando no quadro, não em você.

Pelas tardes Charlotte se ocupava de Pippa e de noite saíam. Inclusive quando ela punha às vezes essa expressão de aborrecimento que era de rigor, nunca tinha desfrutado tanto dos bailes. Era maravilhoso encontrar-se com seu marido em um corredor e o ouvir sussurrar no ouvido promessas que a deixavam tremendo. Ou ser abraçada tão forte durante uma valsa que o resto das pessoas murmurava escandalizada.

— Estamos casados — A tranquilizava Alex.

Ou esboçava um diabólico sorriso e dizia:

— Tenho que uma reputação que manter.

E a beijava no meio da pista.

Ao cabo de quatro meses Charlotte já estava segura de duas coisas. A primeira, que não estava grávida e a segunda que estava louca e definitivamente apaixonada. Seu coração era uma festa assim que via e se sentia incompleta quando ele não estava ao seu lado.

Sentia muita vontade de dizer algumas vezes, enquanto faziam amor. O que havia dito quando pediu que se casasse com ele? Que o amor nascia da confiança. Mas ela não estava completamente segura de que ele confiasse nela. De fato, tinha um pouco de medo já que anteriormente havia dito muito seriamente que não a amava. De modo que não queria ser primeira em dizer “te amo” para não correr o risco de que ele pensasse que estava tentando fazer esquecer a mentira sobre sua virgindade.

De modo que se mantinha em silêncio e se contentava com seus apaixonados beijos. Depois, quando ele ficava adormecido e ela estava segura de que não podia ouvi-la, murmurava palavras de amor contra seu peito, e se sentia aliviada até a seguinte vez.

Essa noite Charlotte tinha o jornal. Seguindo os conselhos de sua mãe, preparou-se para passar uns dias de abstinência. Mas Alex não o considerava desse modo.

— Por quê? — Perguntou — Seis dias? Serei incapaz de fazê-lo!

Charlotte não se atrevia a responder. Seu corpo a traía e queria lhe entregar o que

sua mente negava.

— Não — Disse — talvez seja melhor que durmamos em quartos separados durante esse tempo.

— Certamente que não! Exclamou Alex

Não tinha nenhuma intenção de privar-se da presença de sua esposa.

Um pouco mais tarde fez que o desejo a consumisse, mas no último momento o impediu que levantasse sua camisola.

— Seis noites — disse resolvida — É o que minha mãe disse e estou segura de que tem razão. É melhor que me vá dormir no quarto ao lado.

Alex rodou sobre ela para impedir que se levantasse e esfregou seu nariz com a dela como o fazia com a Pippa.

— Eu adoro ser seu marido sabe?

Isso era quase um “te amo”, pensou Charlotte.

Pela manhã, durante o café da manhã estava resmungão e fez uma careta a sua esposa.

— Sou o único que está de mau humor?

— Tenho a sensação de que me jogaram pós pica lança no corpo — Contestou ela sorrindo.

— É um alívio — Disse Alex antes de refugiar-se em seu escritório para todo o dia.

Um pouco mais tarde lançou um juramento ao tempo que atirava o papel que tinha na mão. Robert, com um olhar de simpatia lhe alargou um grosso envelope no que se podia ler: Ministérios de assuntos exteriores dizendo:

— Também vinha isto.

Alex leu a mensagem.

— Maldição!

Em outros tempos tivesse estado encantado com o convite que continham essas páginas. Bom, era mais uma ordem com um convite, pensou voltando a ler o que tinha escrito lorde Breksby, ministro dos assuntos exteriores. Não podia deixar Charlotte nesses momentos, e tampouco podia levá-la com o porquê era muito perigoso. Enrugou o pergaminho e o atirou com raiva a um canto do escritório.

— Envie uma mensagem ao ministro dizendo que receberei às quatro da tarde de hoje — Ladrou — E diga ao Lucien que irei a sua casa às cinco.

Logo saiu dando pernadas do escritório.

Charlotte estava em seu estúdio trabalhando no retrato da ajudante de cozinha. Sophie estava com ela relatando a terceira proposta de matrimônio que Braddon lhe tinha feito enquanto passeavam a cavalo pelo Hyde Park.

— Recebeu más notícias? — Perguntou Charlotte chamando para que trouxessem o chá.

Não sabia se a séria expressão de seu marido se devia à abstinência ou a outra coisa.

— Não quero chá — Respondeu ele com impaciência — Ordena que me tragam brandy.

Charlotte estava desconcertada. Alex estranha vez bebia pela manhã, mas não parecia estar disposto a lhe confiar seus problemas.

Sophie, tão intuitiva como sempre, já estava recolhendo suas coisas. Despediu-se recordando o baile de lady Curve dessa mesma noite.

Alex e Charlotte chegaram muito tarde. A alta sociedade estava acostumada a suas demonstrações de afeto mais esta vez ultrapassaram os limites. Por exemplo, a condessa dançava com o honorável Silvestre Bredbeck, quando seu marido se meteu na pista e a arrancou dos braços de seu par, limitando-se a sorrir ao desafortunado lhe dizendo que tinha que tomar a sua mulher imediatamente. Tomar a sua mulher! Essa não era uma expressão adequada nem sequer para a gente casada.

E a maneira em que dançavam! Não ficava nem um centímetro de separação entre seus corpos.

Em realidade Charlotte não sabia se assustar-se ou zangar-se. Alex ia se embarcar na aventura mais perigosa que havia e tudo porque podia passar por italiano. Ninguém em seu são julgamento accitaria tentar enganar os franceses tendo em conta a precária trégua que existia entre o Napoleão e o governo britânico. Quanto a Lucien, até esse momento tinha gostado muito do amigo de seu marido, sentiu um verdadeiro afeto pelo quando soube que tinha perdido a sua mulher e a seu filho. Mas agora, se se atrevia a apresentar-se diante ela se encarregaria de que soubesse o que pensava.

— E não me diga que são temores sem fundamento Alex! — Disse a seu marido uma vez de retorno em sua casa — Como podem te pedir que faça algo assim? Ir a França fingindo ser italiano! Procurar uma desgraçada que provavelmente foi guilhotinada e depois fazê-la sair do país, e se por acaso fosse pouco na viagem te acompanha um conhecido conde francês. Pode m te cortar a cabeça em qualquer momento.

— Lucien não estará comigo — Explicou Alex com paciência — Esperará no navio na costa francesa. Mas Charlotte, temos muitas possibilidades de salvar à irmã pequena de Lucien e Daphne. Como poderia me negar? Depois de tudo não será muito complicado; os italianos têm livre acesso a França. Entrarei no país como um rico comerciante, irei procurar à garota na loja de moda onde se refugiou e já está. Não se preocupe meu amor. Paris está cheio de ingleses neste momento. Recorda que assinamos um tratado de paz.

— Não, Alex, não — Protestou ela jogando os braços ao pescoço — É muito arriscado, não pode deixar a Pipa e a mim.

— Me escute querida. Nasci cavalheiro e me alegro de sê-lo; não me tivesse gostado de nada nascer pobre por exemplo. Mas essa mesma honra que recebi ao nascer significa que não posso escapular da petição de Lucien embora deteste a ideia de te deixar. Do mesmo modo, tampouco posso me negar a ir procurar a Paris um pacote para lorde Breksby seja qual seja seu conteúdo. Necessitam a alguém de confiança.

Ela tinha vontade de sacudi-lo. Essa era uma razão absurda para arriscar a vida.

— A irmã de Lucien só tem treze anos — Prosseguiu Alex — Não posso deixá-la

ali. O homem que a escondeu correu um grande risco, disse a todo mundo que era sua sobrinha, mas se estão oferecendo grande recompensa para todo aquele que denuncie aos aristocratas, inclusive os mais jovens.

Charlotte se pôs a chorar.

— Por que não podem enviar a outro? — Gemeu.

— Porque eu não pareço muito inglês e graças a Maria falo bem o italiano. Todo ira bem, querida, prometo isso. Estarei de volta são e salvo antes que tenha terminando o retrato de sua criada.

— Por que vai tão rápido? — Murmurou ela desesperada.

— Não há um minuto que perder.

Alex foi atrás dela e a agarrou em seus braços.

— Não entendo porque lorde Breksby se empenha em que seja seu quem vai a Paris. É o lugar mais perigoso do mundo.

— A verdade é que não é querida. Os italianos entram e saem de Paris sem problemas e Breksby não me pede que leve a ninguém comigo. Só se trata de recuperar um pacote. Será coisa de umas horas. E podem registrar minha limusine, os italianos têm direito a comercializar.

— Lucien poderia ter contratado a alguém para que fosse a procurar a sua irmã. Acaba de dizer que te levar a alguém era perigoso.

— Se você estivesse prisioneira na França carinho, eu pediria a meu melhor amigo que fosse para te buscar. Se Patrick não estivesse aqui, pediria ao Lucien. Nunca o pediria a um desconhecido. Lucien perdeu a seus dois irmãos na guilhotina. Ao saber que eu ia a Paris pediu ajuda. Se me tivesse negado, não poderia seguir vivendo com esse peso sobre minha consciência. Imagine que mais tarde nos inteirássemos de que a pequena foi feita prisioneira. Até agora, Lucien ignorava que estivesse ainda com vida.

Charlotte, resignada, estendeu o braço para chamar. Já era hora de ir deitar se. Alex tinha que levantar-se às cinco da manhã, dentro de apenas três horas.

Ele a contemplava com um ardor que fez que lhe desse um tombo o coração. Depois de todo ela já se saltou todas as regras da sociedade sobre o matrimônio, e além já só estava ligeiramente indisposta de modo que não seria molesto. E além lhe descejava.

Soltou o cordão.

— Gostaria de ser minha donzela milorde?

Ele agarrou sua face entre suas grandes mãos.

— Não te mereço — Murmurou — Não te mereço Charlotte.

Ela apoiou as mãos em suas nádegas e ele se esticou. Sua esposa cada vez era mais atrevida mais ainda não sabia o efeito que causava no com suas carícias.

— Para te recordar enquanto esteja ausente — Sussurrou — Quero aprender seu corpo de cor.

Com as mãos tremendo de emoção, ele a fez dar a volta entre seus braços para desabotoar as costas do vestido. Algumas pérolas caíram ao chão. Ele ia se agachando

enquanto soltava os botões até que esteve de joelhos. Então fez que ela desse a volta de novo, o vestido caiu a seus pés e ele passou os braços ao redor se a cintura.

— Esperava que estivesse grávida — Disse — Na minha volta farei amor contigo durante todo o dia até que esteja tão gorda que não possa te abranger com meus braços.

Ela soltou uma risada.

— Possivelmente isso não aconteça nunca. Minha mãe diz que a gente nunca se dá conta de que estava esperando um filho até o último mês. Somos as altas que a maioria das pessoas.

Alex desejava um filho ou tão só um herdeiro?

— Você... Você gostaria de ter um filho embora fosse outra menina? — Arriscou-se.

— Eu adoraria ter uma garotinha que se parecesse com você — Respondeu ele com tanta sinceridade que ela não pôs em dúvida — E insisto em estar presente durante o nascimento.

Ela estremeceu.

— Isso é impossível!

— Nada disso. Quando estive na Itália vi nascer a um menino. Uma mulher deu a luz em meio de um botequim. Foi maravilhoso! Nem sequer os soldados do rei poderiam fazer que saísse de sua habitação quando estivesse dando a luz.

Charlotte não sabia que dizer. Se sua mãe ouvia falar de algo tão impróprio desmaiaria no lugar.

Alex deixou vagar as mãos pelo ventre plano de sua esposa. Então sentiu uma contrariedade muito masculina. Estava ficando sentimental e se não andava com cuidado logo começaria a acreditar que estava apaixonado. Mas tinha decidido que nunca permitiria que uma mulher tivesse esse poder sobre ele; nunca mais. Nem sequer sua Charlotte. Nenhuma mulher repetiu a si mesmo.

Grunhindo como um animal selvagem se levantou e agarrou um seio em sua boca. A risada de Charlotte se transformou rapidamente em um gemido de prazer.

Então ele a levantou em seus braços para levá-la à cama.

Às cinco da madrugada, Charlotte e uma Pippa muito zangada estavam no alpendre de Sheffield House para despedir-se de Alex.

A menina não tinha muita vontade de levantar-se, mas Charlotte se empenhou em que visse seu pai quando se fosse para que não despertasse como tinha ocorrido a última vez, descobrindo que ele não estava ali. E se... Se ele não voltava, ao menos poderia lhe contar que ele a havia enchido de beijos antes de partir.

Quão seguinte fez foi contar a todo mundo a história que Alex inventou: tinha que sair de repente a Itália para arrumar uns assuntos urgentes. Só Sophie e seus pais conheciam a verdade.

— Eu disse! — Indignou-se Sophie — Todos os homens se comportam como uns estúpidos em algum momento. Por que Lucien não contratou a um contrabandista? Estão acostumados às missões perigosas.

Já era tarde. Lucien e Alex já deviam estar em Southampton embarcando.

— Os contrabandistas certamente não falam italiano — Respondeu Charlotte — Alex me disse que seria muito simples.

— Nada é simples! — Contradiu-a Sophie com firmeza — Sobre tudo quando se trata de franceses.

Charlotte apertou mais a Pippa que estava adormecida em seus braços. Não a tinha perdido de vista em todo o dia.

— Quando a menina despertar gostaria de ir às compras? — Propôs — Não poderia suportar estar em meu estúdio hoje. Além disso, tenho que comprar roupa mais larga.

— Mais larga? — Repetiu Sophie — Mas por quê? Por Deus! Esta grávida?

Correu a abraçar a sua amiga.

— Para quando?

— Não sei muito bem — Repliquou Charlotte verás, acreditei que tinha começado com a menstruação, mas logo se deteve e mamãe me disse esta manhã que era muito normal sangrar um pouco durante a gravidez. De modo que se estou deve ser de perto de três meses. Entretanto não tenho a sensação de ter mudado.

— Ainda é muito cedo. Sabe Alex?

— Não, porque eu não entendia o que estava acontecendo. Ao contrário, acredito que não estou grávida. E quando retornar certamente parecerei uma vaca.

— Uma vaca sagrada — Precisou Sophie com um afetuoso sorriso — Alex estará encantado. Um dia que estava sentada ao seu lado disse que queria ter uma grande família com quatro ou cinco filhos.

— De verdade?

— Certamente que sim. Esta loucamente apaixonado. Só os homens que estão loucos por suas mulheres querem tantos filhos.

Charlotte se conteve de perguntar se realmente acreditava. Pippa estava despertando e Sophie chamou à babá.

— Quer que a menina nos acompanhe? — Perguntou.

— Sim.

— Em qualquer caso, seria melhor que fosse se trocar. Há uma enorme mancha no lugar onde estava o traseiro da Pippa.



Essa noite Charlotte rodou na cama que compartilhava com Alex contemplando os lençóis ligeiramente enrugados. A noite ia ser interminável. E as seguintes. Seis semanas, dois meses como muito, havia dito ele. Dois meses! Tinha gana de gritar de frustração. Quando voltasse estaria gorda como uma vaca e ele já não teria desejo de fazer amor.

Uma lágrima caiu pela bochecha, mas se controlou. Não podia passar dois meses choramingando. Ia organizar o tempo de modo que estaria tão ocupada que cairia na cama esgotada todas as noites e não ficaria tempo de se lamentar.

Por fim deslizou entre os lençóis frios vestida com uma das largas camisolas de algodão que Alex odiava. Só pensando nele, acreditou sentir em seu corpo impaciente mãos e sorriu. Suas noites com Alex eram sua obsessão durante o dia. Quando ele lia as notícias no jornal ela recordava a intensidade com a que a olhava quando se despia. Ou, se ele voltava de uma sessão de esgrima com o cabelo em desordem, ela pensava na maneira em que seu peito se levantava depois de fazer amor. Então ele rodava a um lado fingindo estar completamente esgotado e dizendo que não se recuperaria nunca.

Charlotte voltou a conter as lágrimas. Depois de tudo dois meses não era tanto tempo. Aproveitaria para terminar o retrato de Mall.

Mas esse quadro estava criando problemas. Escolheu a gaulesa por seus traços angulosos, mas não conseguia captar sua personalidade. Às vezes parecia a caricatura de uma nativa do país de Gales com um nariz e um queixo muito marcados. Ao outro dia Charlotte tentava acentuar os aspectos contraditórios de Mall que era infantil e ardilosa de uma vez. Então o retrato parecia o de uma garotinha com o rosto de uma mulher adulta.

Pensar no quadro a tranquilizou um pouco. Havia outras coisas na vida além de Alex e essa cama, pensou divertida. Algum dia, quando estivessem velhos e grisalhos, cansariam de fazer amor.

Ouviu-se um ruído depois da porta e se levantou rapidamente.

— Quem está aí?

— Lamento milady.

Charlotte acendeu uma vela e a porta se abriu dando passo à babá que sustentava nos braços a uma chorosa Pippa.

A pequena lançou um penetrante grito.

— O que acontece Pippa? O que está fazendo levantada a meia noite? Está bem Katy, deixa-a no chão.

A menina trotou até a cama.

— Papai? — Perguntou com voz tremula — Onde meu papai?

— Carinho — Murmurou Charlotte com o coração em um punho — Papai teve que sair por um tempo, mas voltará.

Pippa, que evidentemente não acreditava nenhuma só palavra, sentou-se no tapete e começou a chorar.

Maldição pensou Charlotte furiosa, como tinha podido fazer isto a sua filha? Levantou-se da cama.

Katy seguia na porta.

— Esteve chamando a seu pai toda a noite. Eu disse que voltaria logo, mas se nega a acreditar.

Charlotte se agachou ao lado da menina e a abraçou.

— Voltará pequena — Sussurrou contra seus sedosos cachos — Recorda quando fomos a Escócia? Estava-nos esperando ali.

Levantou-se mantendo à menina abraçada.

— Ficarei com ela esta noite — Disse a Katy.

Meteu-se na cama com pequena que não se tranquilizava.

— Quer que te conte um conto?

Pippa não respondeu mais Charlotte recordou que encantavam os contos que contava sua babá de noite quando era pequena; de modo que começou a contar as aventuras de uma mamãe galinha que tinha três travessos pintinhos. Ao pouco tempo Pippa deixou de chorar e, quando os três malvados pintinhos abandonaram seu lar para meter-se em outros problemas, Charlotte notou que a cabeça da pequena caía sobre seu ombro.

Sorriu. Pippa tinha ficado adormecida em seus braços e uma criatura estava crescendo em seu ventre. Logo se veria ela mesma rodeada por dois pintinhos.

No dia seguinte pela manhã voltou a ficar com o retrato. Mall por um lado estava encantada de poder descansar na oficina de sua senhora, mas também estava desejando ver o resultado. Quando se olhava no pequeno espelho de seu quarto não entendia porque a condessa estava tão empenhada em pintá-la e esperava ver-se transformada em uma criatura de sonho embora só fosse no tecido.

Duas semanas mais tarde, Charlotte fazia progressos. Também tinha acompanhado Sophie a dois bailes, a uma ópera e a duas reuniões musicais de manhã.

— Odeio as reuniões musicais de manhã — Se queixou um dia Sophie movendo com graça o leque — Não estamos atraentes. Odeio os vestidos de musselina branca. Olhe a nosso redor; todas parecemos fantasmas. Somos como um rebanho de ovelhas, o qual faz que os homens se sintam muito contentes de si mesmos. Olhe o velhaco de meu acompanhante — Prosseguiu, assinalando a François de Valcon — Está tão preocupado pelo nó de sua gravata como eu para que um golpe de vento descubra meus tornozelos.

— Isso é porque você gosta tanto seus tornozelos como ele de sua gravata.

Sophie riu.

— As reuniões musicais de manhã são especialmente aborrecidas. Parece como se

não tivéssemos nada mais que fazer que estar aqui sentadas escutando. Eu gostaria de dançar. E olhe: neste salão só há libertinos que nos saúdam de forma adequada, mas logo se vão com seus amantes.

— Não deveria dizer essas coisas Sophie — Protestou Charlotte.

Mas sua amiga tinha razão, era terrivelmente aborrecido. Os cantores russos convidados pela senhora Felvitson eram péssimos.

— E logo estão essas velhas esperando que exploda algum escândalo — Continuou Sophie deprimida — Deveríamos ir Charlotte. Só querem fofocar. Se um libertino entrasse aqui e olhasse por acaso a uma mulher, inventariam-se em seguida algo.

— Pois vamos — Concedeu Charlotte.

Enquanto se levantava viu um homem que se inclinava sobre a mão da senhora Felvitson.

— Alex! — Exclamou.

Deu um passo para frente, mas de repente sua cabeça começou a girar e, pela primeira vez em sua vida, desmaiou. Felizmente Sophie pôde segurá-la. Encontrou-se sentada no chão com a cabeça de sua amiga em cima dos joelhos. Levantou a cabeça no mesmo momento que Charlotte abria os olhos.

Patrick se agachou e deu umas palmadas na mão de sua cunhada.

— Como se encontra?

— Alex? — Murmurou.

Mas Sophie parecia que esse homem; evidentemente o gêmeo de Alex; não se parecia com este último nem de longe.

Entretanto Charlotte ainda não estava completamente recuperada e acariciou a bochecha de Patrick.

— Não é um fantasma?

Patrick levantou as sobrancelhas. Sophie lhe lançou um autoritário olhar.

— Você poderia ajudar a condessa a levantar-se? — Pediu secamente — Está é sua cunhada, mas certamente já imaginava.

Patrick, surpreso, observou um instante à pequena fúria que segurava a condessa, e depois voltou a olhar a Charlotte.

— Sou seu cunhado — Explicou com amabilidade — Não Alex.

Ela mordeu os lábios.

— Sinto muito, não sei o que me passou, mas agora eu gostaria de me levantar.

Envergonhada pelo círculo que se formou a seu redor, tentou sentar-se. Levou uma mão à cabeça. Senhor, ainda estava completamente aturdida!

Patrick a levantou nos braços e se incorporou embora ela estivesse visivelmente molesta.

— Isto não é correto — Sussurrou — Por favor, me solte.

Ele se dirigiu para um sofá e a depositou antes de dar um passo para trás para lhe

fazer uma elegante reverencia.

— Sou Patrick Foakes milady. Encantado de conhecê-la. Acabo de chegar à Inglaterra e, quando fui ver o Alex, inteirei-me de sua existência. Disseram-me que estava você assistindo a esta maravilhosa sessão de musical — Anuiu sorrindo à senhora Felvitson que estava ao seu lado.

— Meu Deus! — Exclamou Charlotte — Alex lhe escreveu uma carta para anunciar nosso matrimônio.

— Certamente já estava em caminho quando a carta chegou. Quer que a acompanhe até sua casa?

— Com muito prazer.

Charlotte se levantou já em plena posse de suas faculdades e se desculpou com a anfitriã por ter interrompido o concerto. Abandonou o salão agarrada no braço de seu cunhado e seguida por Sophie.

Atrás deles deixaram a uns assistentes à reunião muito excitados.

— Não imaginemos nada suspeito — Declarou sir Benjamim Tribble.

— É obvio que não! — Exclamou Silvestre Bredbeck. A condessa se surpreendeu ao ver a cópia de seu marido, isso é tudo.

O tema teria ficado fechado de não tivesse sido pela excelente memória de lady Prestlefield e a legendaria irritabilidade de lady Cucklesham.

— Estaria de acordo com você, Silvestre — Decretou lady Prestlefield — Se esses não se conheceram antes. Alex me confiou uma vez que nossa encantadora condessa conheceu seu irmão faz vários anos, antes que se fosse ao Oriente. Inclusive me disse que quando conheceu Charlotte em minha festa, ela ao princípio o confundiu com seu irmão.

— Cuidado Sarah — interveio lady Cucklesham com sua melosa voz — Se chegássemos a imaginar que já se conheciam as más línguas poderiam começar a dizer coisas pelo gesto de carinho que teve. Acariciou a bochecha e...

— Isso só são fofocas — Cortou Sylvester com firmeza — E seria melhor que não as repetisse. Charlotte nunca conheceu Patrick Foakes em toda sua vida.

— Sim, sim, tem você razão lorde Bredbeck — Disse lady Cucklesham remilgadamente — Sarah querida, não terá que dizer por toda parte que Charlotte já conhecia muito bem ao irmão do conde antes que se fosse ao estrangeiro. Estou segura de que só dançaram juntos uma ou duas vezes... Ou algo desse tipo.

Sylvester lançou à dama um olhar carregado de antipatia. Sempre tinha desagradado muito e o feito de que ela se casou com um homem quarenta anos mais velho que ela não tinha melhorado seu caráter. Com uma rígida reverência abandonou a reunião. Não serviria de nada defender Charlotte; era melhor que o assunto se esgotasse se por acaso mesmo.

Mas a temporada estava chegando a seu fim e as pessoas já não tinham de que falar. As alianças que deviam fazer-se já pareciam, os documentos assinados e os casais comprometidos para vários anos em matrimônios algumas vezes felizes e outras não.

Duas semanas antes inclusive houve um sequestro, mas tinha terminado muito mal já que a jovem recém-casada tinha sido desterrada ao campo e o marido enviado ao continente.

Desse modo, a partir do dia seguinte, todos os que estavam mais ou menos interessados nos ecos de sociedade, souberam que a condessa de Sheffield, só desde por volta de poucas semanas, tinha acolhido ao irmão de seu marido da maneira mais carinhosa e desmaiou ao vê-lo. E, embora ninguém pudesse recordar tê-los visto dançando juntos na primeira temporada de Charlotte, inventou-se toda uma história aproveitando o sequestro, segundo a qual Charlotte e Patrick tinham mantido uma breve mais ardente relação antes da partida dele para a Ásia.

— Só as mentes retorcidas são capazes de pensar que Charlotte se casou com o irmão mais velho confundindo com o mais novo — Fez notar lady Skiffing — Embora só fosse pelo dinheiro, nenhuma mulher se casaria com um filho menor quando o herdeiro pede sua mão.

Ao pequeno grupo lhe pareceu que esse raciocínio era muito judicioso.

— É tão boa querida! — Disse lady Prestefield.

— Em efeito — interveio sir Benjamim Tribble — Os que não são tão indulgentes como você, lady Skiffing, podem chegar a perguntar-se sobre os deveres conjugais do conde.

Foi inútil que a duquesa protestasse e que Sophie declarar que Charlotte simplesmente tinha confundido Patrick com seu marido; ao final da semana todo mundo acreditava que Patrick tinha quebrado o coração de Charlotte quando partiu para o Oriente, e que ela se casou com o Alex por despeito.

Charlotte se sentia desamparada e ultrapassada pela tormenta que se abatia sobre sua cabeça.

— Não se preocupe muito — A consolou sua mãe quando foi despedir de seus pais.

A temporada estava chegando a seu fim. Os duques em vez de retirar-se a suas propriedades como habitualmente faziam, foram-se a América para visitar sua filha mais velha.

— Lamento muito te deixar nesta delicada posição, carinho, mas ninguém passa pela vida sem ter ao menos um escândalo. Quando penso nas coisas que redigiram sobre seu pai! Inclusive chegaram a me dizer que estava a ponto de me abandonar para fugir-se ao continente com uma cantora. Mas o que mais me preocupa é te deixar estando grávida. É algo exaustivo, mas ao menos te dará uma desculpa para ficar em casa. Entretanto deve tentar não provocar mais rumores. Seria melhor que esperasse a que seu marido volte antes de voltar a ver seu cunhado.

— Mas mamãe, lorde Foakes me enviou uma nota para me dizer que viria para ver-me esta tarde. Não posso lhe dizer que não venha, seria muito descortês por minha parte.

Adelaide não carecia nunca de soluções.

— Muito bem então lhe diga que despeça sua carruagem querida. Seus criados a levaram ao parque e todo mundo se deixará enganar. Mas, sobretudo não se mostre em

público com ele, isso seria fatal para você.

Charlotte prometeu a sua mãe que evitaria a seu cunhado.

A duquesa suspirou.

— Agora só fica esperar que uma descerebrada fuja com o jardineiro para que as pessoas tenham outro tema de conversa. Este tipo de histórias; se nada as alimentar; acabam por terminar se por acaso sós em poucas semanas. Dentro de um ano poderá dançar com Patrick sem que ninguém se meta.

Hesitou um momento antes de continuar:

— Foi Patrick faz três anos no jardim?

— Certamente que não mamãe! Foi Alex, Já disse isso mil vezes.

Adelaide se sentiu muito aliviada. Não tinha feito participar a sua filha de seus temores para não preocupá-la, mas se tinha perguntado se este escândalo não estaria muito perto da verdade.

Beijou-a não sem antes dar multidão de conselhos sobre gravidez, o parto, os médicos, as parteiras e as nodrizas.

Charlotte apenas a escutava. Não podia acreditar ainda que estivesse grávida, não tinha nenhum sintoma além de seu desmaio; entretanto frequentemente se enjoava se levantasse muito depressa. Não sabia se isso era um sintoma, mas não queria ver um médico quando se encontrava perfeitamente bem. Simplesmente era questão de seguir sentada ou levantar-se mais devagar.

Desse modo, pela tarde, recebeu seu cunhado com um cálido sorriso, mas sem levantar do assento.

— Já vê — confiou — Alex e eu estamos esperando um filho e estou um pouco aturdida.

Patrick se sentiu feliz ao saber que seu irmão não se casou com uma frágil criatura que desmaiava por tudo. De todas as formas, tampouco o teria reprovado já que ela era muito formosa.

— Deve estar muito contentel Sempre quis ter uma grande família. Eu brincava com ele sempre por esse tema já que não parecia corresponder-se com seus...

Interrompeu-se. Não podia contar as aventuras de um marido a uma recém casada Mas Charlotte só se fixou em uma coisa: Alex desejava ter meninos.

— Sim, é maravilhoso verdade? Ele ainda não sabe.

— Não direi nada, mas por todos os demônios O que esta fazendo na Itália?

Charlotte vacilou. Alex tinha insistido em que não dissesse a ninguém, mas Patrick era seu irmão.

Este já estava dizendo:

— Deve ir arrumar algum assunto da vagabunda de sua mulher, suponho. Depois trocou de tema e falou de suas viagens durante uns minutos. Entretanto o ambiente era tenso.

Ao final agarrou ao touro pelos chifres.

— Suponho que esta inteirada do que dizem de nós.

— Meu Deus! — Exclamou Charlotte — Esqueci-me de te pedir que te dispensasse de sua carruagem!

— Acha que é necessário?

Levantou as sobrancelhas de um modo tão similar ao Alex que ela não pôde evitar sorrir.

— A minha mãe pareceu uma boa ideia.

— Nesse caso vou me ocupar disso agora mesmo.

Charlotte chamou e imediatamente apareceu uma donzela.

— Não tem mordomo? — Estranhou Patrick.

— Despedi-o e o substituto ainda não chegou da Escócia. Molly quer dizer a um laiaio que venha, por favor?

— Sim, milady.

Molly fez uma reverência e depois pareceu hesitar.

— O que acontece Molly?

— Milady há um horrível homem lá fora. Diz que é um jornalista do Tatler e não conseguimos nos liberar dele.

— Deus! Quem tentou o jogar?

— Aproximaram-se três laiaios, mas continua rondando ao redor da casa olhando pelas janelas.

Patrick se levantou ameaçador.

— Vou a...

— Não! — Protestou Charlotte — Não tem que vê-lo aqui. Sua carruagem segue esperando diante da casa?

— Não sei. Tenho um novo carro desde esta tarde de modo que é possível que Derby tenha levado os cavalos para dar uma volta.

— Molly envia um criado a interceptar à limusine de lorde Foakes e que diga ao chofer que se dirija ao Hyde Park.

— Não é necessário — Disse Patrick divertido — Que Derby volte para casa, eu agarrarei um carro de aluguel.

Quando Molly abandonou a estadia, fez-se um breve silêncio e logo Patrick pôs-se a rir.

— Sabe que nunca tive uma aventura com uma mulher casada? Estou comprovando que deve ser um inferno.

Charlotte soltou uma risada também. Agora não podia entender como podia ter confundido com Alex. Eram completamente diferentes. Patrick sempre parecia estar a ponto de tornar-se a rir e brincando enquanto que Alex... Frequentemente lhe jogava em cara seu aspecto resmungão.

— Londres é terrivelmente aborrecido depois de ter estado nas Índias — Continuou

Patrick — Vou passar a temporada de caça em Leicestershire. Partirei amanhã pela manhã, isso deveria ser suficiente para terminar com as más línguas. Nunca acostumo a todas essas normas. Entretanto nunca consegui um lucro como o de Alex na Itália. Anular seu matrimônio!

Patrick tinha informado de todas as notícias no dia anterior. A ideia de que seu rígido irmão pôs a si mesmo em uma situação tão escandalosa era muito divertida.

Charlotte ruborizou ligeiramente. Sempre se sentia incômoda falando da primeira mulher de Alex.

— Como demônios vou sair daqui? — Perguntou ele — Estou encantado de vê-la, mas a menos que queira passar a noite aqui, tenho que encontrar uma saída.

Ela refletiu.

— O problema é sua estatura — Disse afastando a ideia de disfarçá-lo de mulher.

Tinha lido uma novela em que o engano funcionava.

— Esperarei a que o fulano se esfumasse.

— O fulano se esfumasse? — repetiu ela sem compreender.

Ele esboçou seu irresistível sorriso.

— Farei companhia a sua Senhoria até que o cavalheiro que ronda a casa se canse e vá comer.

— Oh! Era um dito índio?

— Não. É o modo de falar das ruas não longe desta casa.

Alguém bateu na porta e entrou Molly

— Chegou isto para você milady — Anunciou a donzela lhe entregando um envelope um pouco enrugado. Pensei que o gostaria de ter imediatamente.

— Obrigado Molly

Charlotte soube em seguida que era uma carta do Alex.

Queridíssima Charlotte.

Odeio escrever de modo que esta carta será muito curta. Tudo foi bem para o Lucien, mas temo que nos colocamos em uma situação mais complicada do que tínhamos previsto. Ainda tenho que conseguir a mercadoria porque ainda não estava em Paris. Necessitarei um pouco de tempo para organizar a transferência e logo voltarei para casa.

Com amor

Alex.

Isso era tudo? Uma ambígua frase sobre uma mercadoria? Certamente tinha medo de que a carta fosse interceptada. E... Amor? Isso era ainda melhor que quando dizia que gostava de estar casado com ela. Inclusive estava perto do “te amo” que ela tanto desejava ouvir.

De repente notou que tinha permanecido calada durante um momento e levantou a vista para seu cunhado.

— Me perdoe Patrick. É uma carta de Alex. Voltará da Itália mais tarde do previsto.

De fato ainda não sabe quando.

— Está tomando seu tempo! — Zombou Patrick ficando sério em seguida — Não, estava brincando. Estou seguro de que subirá a um navio assim que seja possível. Bem, vou até a porta de serviço e se não ver a ninguém, irei.

Ela se levantou com cuidado e lhe estendeu a mão com os olhos cheios de malícia. Patrick teve um acesso de ciúmes para seu irmão que imediatamente afastou. Depois de todo ele não tinha nenhum desejo de casar-se nem sequer com uma mulher tão deliciosa como a que tinha diante dele.

Inclinou-se para depositar um beijo em sua bochecha.

— Sinto-me muito feliz de que forme parte da família — Disse muito sério — Alex merece o melhor e acredito que encontrou.

Charlotte sorriu. Era muito estranho que uma fase fosse tão perturbadora e outra, quase idêntica à primeira vista simplesmente parecesse atraente e encantadora.

— Obrigado — Disse — Espero que tenhamos ocasião de nos conhecer melhor.

— Eu também milady

Patrick abandonou o salão. Ao ver que não tinha voltado para os cinco minutos, Charlotte supôs que tinha encontrado via livre.

Agora já podia pensar em organizar tudo para ir ao campo. Teria gostado de esperar Alex para não ter que carregar ela com tudo, mas era evidente que ele não retornaria logo. De modo que era melhor não dar mais voltas. O inverno estava se aproximando e as ruas começavam a sujar-se com a fumaça do carvão.

Voltou a pensar em sua conversa com Alex sobre os pulmões enegrecidos dos bebês aos que lhes tinham feito à autópsia e estremeceu. Esperaria um mês mais e logo abandonaria Londres com a Pippa.

Durante esse tempo o senhor Peter Taffata, chamado também Taffy, um dos melhores jornalistas de Tatler esperava pacientemente no exterior do Sheffield House. Sabia que o conde de Sheffield tinha um irmão mais novo, Patrick, e que este estava sendo recebido pela condessa. Taffy não tinha nenhuma animosidade pessoal contra esses dois, inclusive experimentava certa simpatia pela condessa. Escandalizou-se quando os pais permitiram casar-se com um homem que era impotente. Em revanche, sua pequena escapada com seu cunhado podia lhe proporcionar um bom artigo, possivelmente uma página inteira.

Uma pergunta dava voltas na cabeça desde para uma hora e procurava a solução em sua mente com a tenacidade de um cão atrás de um osso. Isso era o que fazia um bom jornalista, disse-se: quando suspeitava que houvesse um problema não o soltava. Agora o problema era o seguinte: por que não tinha saído um mordomo para ordenar com firmeza que se mandasse? Normalmente os mordomos eram mais esnobes que seus senhores e o olhavam com um imenso desprezo, mas nessa casa parecia não haver. O qual queria dizer que o anterior tinha demitido ou lhe tinham jogado. Inclinava-se pela segunda solução já que ninguém teria desejado deixar de estar ao serviço de um conde.

De modo que se conseguia encontrar uma das ajudantes de cozinha e fazer que confessasse o nome do antigo mordomo, possivelmente fosse capaz de encontrar a

história do século.

Tinha a sensação de que lorde Foakes partiu da casa sem que o visse. Evidentemente sempre podia dizer que tinha passado a noite ali. Taffy pensou um momento e depois desprezou a ideia. Era muito arriscado. E se lorde Foakes se dirigiu a seu clube? Era muito provável. Nos seis anos que estava no jornalismo de sociedade, Taffy tinha se dado conta de que os cavalheiros se sentiam tão atraídos por seus clubes como as moscas pelos cavalos.

Precisava encontrar o ex-mordomo como fosse. Cheio de energias renovadas se dirigiu à parte traseira da casa.

Uma hora mais tarde encontrou a uma chorosa ajudante de cozinha que não deixava de repetir que teria que havê-lo feito enquanto apertava em sua mão uma moeda de dez xelins. Ele tinha o nome; Staple; e o de seu bar favorito, o Raven.

Taffy conhecia bem esse lugar pouco recomendável situado em uma duvidosa rua. Não era o tipo de estabelecimento que frequentavam os mordomos dignos de tal nome. Habitualmente se reuniam em bares mais elegantes. De modo que Taffy alimentava grandes esperanças com esse tal Staple. Tinha despedido a própria condessa em pessoa conforme disse a criada, sem dúvida porque tinha cometido uma falta grave.

Melhor que melhor. Os mordomos, que em geral se acreditavam descendentes do Júpiter, odiavam que lhes dissessem que se comportaram mal.

Taffy lançou um último olhar à mansão. Agora já estava seguro de que lorde Foakes se foi.

Dirigiu-se diretamente para o Raven.



Duas semanas depois Taffy tinha terminado o que o considerava a investigação mais importante de sua carreira. Abriu o Tatler desse dia com ansiedade. Toda a página de sociedade era dela como tinham prometido. O primeiro que fez foi comprovar que seu nome estivesse bem escrito: Peter Taffata. Suspirou satisfeito. A última vez esses cretinos só tinham posto um “f” e se sentiu doente durante vários dias.

O mordomo nos disse tudo, leu, A trágica lua de mel, a viagem de noivos amulada, as lágrimas da condessa.

Isso soava condenadamente bem! E logo sua frase preferida: Bem está o que bem acaba: *a condessa e o gêmeo.*

Estava francamente contente de si mesmo com essa alusão a Shakespeare. Proporcionava ao artigo uma classe que não era habitual no Tatler. Começou a sonhar com que lhe encarregavam um artigo para o Time.

Charlotte por sua parte esteve a ponto de vomitar ao olhar o jornal que Molly tinha posto diante ela sem dizer uma palavra. Sua noite de núpcias estava descrita com todo detalhe. Invadiu-a uma quebra de onda de humilhação. Negando-se a ler a continuação, levantou-se da mesa e correu a seu dormitório com os olhos cheios de lágrimas.

Perguntou-se o que podia fazer. Podia imaginar a expressão das mulheres mais velhas quando lessem o jornal e teve calafrios. Tinha que ir imediatamente. E se alguém aparecia para lhe demonstrar sua simpatia? Ou a lhe fazer perguntas? Apertando os dentes se proibiu a si mesma cair no desespero. Tinha que ir já.

O único refúgio possível era a casa de campo de Alex. Quem dera ele estivesse ali! Saberla como encontrar a esse malvado mordomo e faria que o metessem na prisão.

Ao final conseguiu transformar sua angústia em determinação. Respirou, chamou Marie e lhe anunciou tranquilamente que todos os criados deviam preparar-se para sair de viagem.

Tinha estado com Pippa duas horas antes quando a pequena foi tomar na cama com ela seu chocolate. Charlotte se encaminhou ao quarto dos meninos para informar a Katy da mudança de planos. A menina, sentada no chão, estava muito ocupada fazendo chocar duas colheres uma contra outra e balbuciou de alegria ao ver Charlotte.

Katy assentiu sem vacilar. Sempre conservava o sangue-frio em qualquer circunstância, inclusive, por exemplo, o dia que Pippa derrubou um urinol em cima do gato da cozinheira.

Charlotte se agachou ao lado da menina quem jogou os braços ao pescoço. Curiosamente, com a menina pega a ela, já não temia o escândalo. A fim de contas que importância tinha que a alta sociedade pensasse? Sem dúvida, depois disto, Alex a exilaria na Escócia, mas ao menos teria Pippa com ela. E a seu filho. Seu arredondado

ventre começava a trair a presença do pequeno ser que crescia em seu interior.

Em sua precipitação Charlotte tinha esquecido que Chloé Van Stork ia tomar o chá. Mas não aconteceu nada porque o senhor Van Stork tinha lido o artigo de cabo a rabo e disse ao Chloé que não era questão de que fosse Sheffield House. Nem agora nem nunca. Os protestos de sua filha não afetaram no mais mínimo a sua mãe. Não devia pôr em perigo seu compromisso com o barão Holland e isso é exatamente o que aconteceria se continuava sendo amiga da condesa de Sheffield.

— Me entenda bem — Acrescentou sem delicadeza alguma — Não é a ela a quem reprovo. Mas por que essas lágrimas na noite de núpcias? Acredito que seu pai não lhe tinham explicado nada.

— Explicado o quê? — Exclamou Chloé furiosa.

O senhor Van Stork a olhou com exasperação.

— Lorde Foakes não é normal — Decretou antes de encerrar-se em um teimado mutismo.

Chloé, segura de que não tiraria nenhuma só palavra mais se voltou para sua mãe.

— É culpa de seu pai! — Exclamou — Evidentemente a pequena não estava a par de nada. De fato nunca entendi sua atitude. Por que casar a uma filha quando sabe que não vai te dar netos?

— Porque o homem é um conde — explicou o senhor Van Stork — Escreva uma nota, filha e ponha a desculpa que te ocorra.

— Pobre criatura — Suspirou a senhora Van Stork — Esta não será a única nota anulando uma visita que vá receber nos próximos dias.

Chloé se sentiu imensamente aliviada quando o laço voltou com sua nota informando de que a casa dos Sheffield estava fechada e que só ficavam nela um punhado de criados. Possivelmente Charlotte não se inteirou do artigo.

Conseguiu convencer a sua mãe de que a deixasse ler o periódico. A senhora Van Store ao princípio pensou que não era apropriado mais logo disse que sua filha se casaria logo e que era melhor que soubesse o que acontecia a noite de núpcias. Se o barão Holland mantinha sua palavra, se casaria com ela no ano seguinte. Desse modo Chloé leu o artigo e se sentiu desolada.

Entretanto não tinha muito sentido para ela. Sua amiga brigou com seu marido, isso era seguro. Tinham mudado bruscamente de ideia e foram a Escócia em vez da Itália. Alex tinha obrigado a Charlotte a viajar na carruagem dos criados.

— Por quê? — Perguntou a sua mãe.

A senhora Van Stork encolheu os ombros.

— A pobre pequena sem dúvida ignorava que o condenado podia ter filhos.

— Mas se forem muito felizes juntos! — Objetou Chloé — Você não os viu depois do casamento mamãe. O adora.

— Suponho que se acostumou à incapacidade de seu marido, mas seu atual comportamento não tem desculpa de todas as formas. Não deveria ter uma relação com o irmão de seu marido. O autor do artigo diz que recebeu Patrick Foakes em sua casa.

Uma verdadeira dama não receberia a um homem em sua casa quando seu marido está de viagem, nem sequer a seu cunhado. Está em uma delicada situação tendo em conta a situação de seu marido, de modo que deve ter um comportamento irreprovável.

— É injusto! — Indignou-se Chloé — Estou segura que Charlotte não tem feito nada com seu cunhado. Não é seu estilo.

— Está fora de toda discussão que continue vendo-a, Chloé — Respondeu severamente sua mãe — Sua reputação é frágil. Quando estiver comprometida com o barão todo mundo estará atento para ver se suas origens burguesas ficam em evidência. Lady Sheffield possivelmente seja inocente, mas sua reputação esta feita pedaços e, se não tomar cuidado, a sua poderia correr a mesma sorte.

Chloé assentiu, mas prometeu a si mesma que voltaria a ver Charlotte. Sua mãe estava equivocada. Chloé fazia muitas amizades entre as filhas dos nobres quando esteve no colégio e Charlotte era muito diferente da maioria delas. Seu coração se refletia em seus olhos, pensou com uma ponta de poesia que era muito pouco habitual nela. O espetáculo de Alex e Charlotte dançando a valsa em suas bodas tinha ficado impresso em sua memória. Nunca poderia enganar a seu marido, nem sequer sabendo que ele não podia ter filhos.

Felizmente Charlotte teve tantas coisas que fazer na propriedade de seu marido que não teve muito tempo para pensar em sua reputação. O pai de Alex não tinha ido muito frequentemente a Downes Manor e as cortinas estavam roídas e o papel arrancado das paredes. Contratou um exército de mulheres do povoado e as fez limpar os sessenta e cinco aposentos a fundo. Passou horas com Percy Rowland, o representante local de uma das mais famosas fábricas de tecidos. Ao princípio este a observou com desconfiança mais logo ficou tranquilizado por sua escolha das cores.

Com sua ajuda decorou de novo três salões, a enorme sala de jantar e a penteadreira e fez retapetar um montão de poltronas e sofás. O quarto dos meninos se transformou em um castelo de conto de fadas. Fez instalar uns lavabos no vestibulo e depois se dedicou aos aposentos de Alex. Quando estas estiveram transformadas em elegantes aposentos decorados ao estilo florentino, Charlotte já tinha suficiente. A gravidez a impedia de fazer mais.

O tempo era mais generoso e ela passeava com a Pippa pelo parque que rodeava a mansão. Pouco a pouco inculcava novas ideias ao taciturno jardineiro que estava ao comando do pessoal do jardim. Este acabou por deixar-se convencer para construir uma pérgola sobre a que subiriam as roseiras. Charlotte tapetou o interior com um tecido rosa e ia frequentemente ali a proteger do sol com Pippa e Katy. Ordenavam que levassem o chá e um dia inclusive ficaram ali enquanto uma tormenta caía sobre o telhado de tecido para alegria da menina.

Pela primeira vez em sua vida Charlotte tentou pintar uma paisagem: a colina que descia fazendo um suave pendente até o rio. Mas era menos apaixonante que tentar plasmar a expressão de um rosto e o brilho de uma fugaz emoção.

O retrato de Mall estava terminado e ao fim o ensinou. O que se podia ver não era a jovem, forte e vivaz Mall que tinha querido apanhar, e sim uma Mall esgotada depois de uma dura jornada de trabalho. Uma Mall que tinha limpo muita prata e levado muitos

pesados cubos de água.

Ao Charlotte deu medo de que lhe parecesse horrível e de fato Mall explodiu em lágrimas ao vê-lo.

— Mas... é isso — soluçou — É minha mãe!

Charlotte olhou o retrato e tentou vê-lo com os olhos de Mall: viu uma gaulesa de traços angulosos, cansada mais digna.

— Morreu quando nasceu meu irmão John — Explicou a criada — Oito filhos eram muitos. Só isso. Eu não pude fazer anda e John nunca a conheceu.

Estava tão emocionada que o coração de Charlotte deu um tombo.

— Pega o quadro e leve-o ao John.

— Não posso milady!

— Lhe dou de presente. E vou enviar a Gales, Mall. Havia-te dito que tenho uma propriedade ali? Bom, pois eu gostaria que fosse com Keating para ver em que estado está a casa.

Charlotte tinha um nó na garganta. Mall acabava de lhe recordar que algumas mulheres morriam no parto. Mas não havia nenhuma razão para que lhe acontecesse o mesmo.

— Eu? — Perguntou a criada entrecerrando os olhos.

— Sim, você.

— Só sou terceira donzela!

— Juro que aprenderá a ser uma governanta. Insisto em que pare no caminho em casa de seu pai para passar uma semana descansando com sua família.

Quando Keating e Mall se foram, sua única missão foi fazer uma lista com tudo o que faltava na propriedade e a vida seguiu seu curso. As rosas começaram a subir pela pérgola e Pippa começava a dizer frases inteiras. Pegou muito carinho ao gato o qual assim que ouvia seus passinhos ia esconder se para que não o puxasse dos bigodes ou da cauda.

Alex continuava sem dar sinais de vida, mas Charlotte se esforçava por não pensar continuamente nele, só o permitia pela manhã cedo ou de noite quando se deitava. Temia seu aborrecimento quando lesse o Tatler e descobrisse que esse horrível Staple não só havia descrito sua noite de núpcias, mas sim tinha acrescentado coisas. Por exemplo, segundo o jornalista uma criada tinha ouvido sua senhora gritar: “Por desgraça nunca terei filhos”. Ainda sentia calafrios ao pensá-lo.

Sophie foi visitá-la e se mostrou alegremente impertinente com o tema do escândalo. O que não confessou a Charlotte é que sua mãe ao princípio a proibiu que fosse vê-la e que teve que lutar durante uma semana inteira para obter sua permissão. Finalmente Heloise tinha cedido quando Sophie ameaçou provocando, na seguinte temporada, um escândalo tal que o do Charlotte ficaria pequeno.

— Por desgraça! — Exclamou alegremente quando estiveram a sós no salão depois de jantar — Por desgraça nunca terei filhos! Temo-me que Braddon renunciou!

Charlotte lançou um olhar assassino.

— Não brinque com isso Sophie. Alex ficará louco de ira quando voltar. Se é que volta.

Sophie levantou os olhos ao céu.

— O homem mais apaixonado der toda a Inglaterra? E teme que não volte? O que acha que está fazendo?

— Não sei. Disse que estaria ausente dois meses e já faz mais do dobro. Não me mandou nenhuma só carta e estou grávida de oito meses. Coisa que ele não sabe ainda. Sophie acha que podem tê-lo detido na França?

— Não. Se tivesse sido assim havia dito isso alguém do ministério de assuntos exteriores. Tentou falar com cretino que o enviou a essa missão?

— Sim. Lorde Breksby me fez chegar faz umas duas semanas uma nota dizendo que não me preocupasse que o assunto estava levando mais tempo do que estava previsto. O tom da nota não era muito... Amistoso. Parece-me que pensa que a situação aqui é tão catastrófica que Alex as arrumou para não voltar logo.

— Duvido-o. Para começar como seria possível que Alex soubesse?

— Não tenho nem idéia. Mas penso que as pessoas do ministério de assuntos exteriores sabem onde está e um deles pode ter enviado uma cópia desse horrível artigo do Tatler.

Fez-se um pequeno silêncio.

— Em efeito, isso seria um contratempo. Sabe onde está o irmão de Alex.

— Disse algo de ir caçar em Leicestershire. Mas o que poderia ele fazer? Não quero vê-lo! O Tatler dá a entender que passou a noite em Sheffield House quando esteve apenas uma hora. Meu Deus!

Explodiu em soluços.

A presença de Sophie a reconfortava. Sofria porque seus vizinhos não tinham ido visitá-la como tivesse sido o normal. Deviam pensar que era uma mulher de má vida.

— Sem dúvida tem razão — Assentiu Sophie — Patrick só faria que a situação fosse mais difícil. Mas me diga, sua gravidez apenas se nota está segura de que estas de oito meses?

— Minha mãe me disse que acontecia o mesmo com ela.

Graças a Deus sua mãe não estava inteirada do estado de Charlotte, pensou Sophie, se soubesse teria sido a gota que transborda o copo. O escândalo ia ser ainda pior quando se soubesse. Todo mundo pensaria que era o filho de Patrick... Ou de qualquer outro.

— Talvez devesse mandar uma carta para Alex por meio do ministério para dizer

— Pensi-o. Mas e se Alex não tiver intenções de voltar? Disse-me um dia que estava a ponto de abandonar definitivamente a sua mulher quando lhe pediu a anulação. Queria arrolar-se na armada ou algo assim. Dá-me medo que alguém tenha falado deste assunto e tenha decidido ficar no continente.

Desesperada, escondeu a face em uma almofada e Sophie lhe acariciou os ombros em silêncio.

— Acredito que não me ama o suficiente Sophie. Não confia em mim e eu o amo tanto! Não poderia viver sem ele.

— Shhh, shhh. Esta exagerando a importância de sua ausência. Estou segura de que não ouviu falar desse artigo.

— Mas que está fazendo? Jogo muitíssimo de menos. Sonho com o todas as noites e sofro.

— Os homens são diferentes de nós, sabe bem. As mulheres amam a um homem enquanto que os homens amam à pessoa que têm diante eles. São como os meninos com os brinquedos; se os estorvas um se vão procurar outro.

Charlotte se incorporou.

— Por que tem tanta amargura Sophie?

— Meu pai — Respondeu sucintamente ela.

— Oh!

Todo seu ser se negava a pensar que seu queridíssimo Alex se parecesse com o marquês do Brandenbourg. Mas então onde estava? Tinham passado quase cinco meses e cada dia lhe parecia um século.

Quando se perguntava o que ele sentia por ela, voltava a ver sua ira em Bournemouth. Apressava-se a separar de sua mente essa aterradora imagem. Ele tinha prometido confiar nela e ela esperava de todo coração que mantivera essa promessa. Mas continuava lhe dando voltas. Voltava a pensar em seu primeiro matrimônio, que incitava a não confiar em ninguém e logo pensava na felicidade que tinham conhecido juntos. Isso deveria ser mais importante para o que um estúpido artigo!

— Disse que adorava estar casado comigo — Confessou com voz tremula — Também disse que queria ter filhos. Estou segura de que se sentirá feliz quando...

Calou-se ao dar-se conta de que Sophie não acreditava muito. Por outra parte, no fundo ela tampouco acreditava. Se Alex a amasse de verdade encontraria a forma de reunir-se com ela. Suspirou.

— As futuras mães precisam descansar — Disse brandamente Sophie.

Charlotte sorriu com incerteza.

— Acha... Poderia ficar comigo até o parto Sophie?

Esta agarrou a sua amiga pelo braço para acompanhá-la até a porta.

— Certamente — Brinco — Isso será um enorme sacrifício. Certamente Braddon me teria pedido que me casasse com ele três ou quatro vezes durante esse tempo e pior para ele se dirigir para outra. Quanto a minha mãe ficará furiosa. Mas por tudo ela fica, fico.

Charlotte notou que tirava um peso de cima.



Em realidade Alex não sabia nada do artigo do Tatler. No mesmo momento em que Charlotte estava chorando por sua ausência ele estava na Itália imerso em uma discussão sobre os méritos de um vinho italiano. Entretanto ao mesmo tempo em que se mostrava de acordo com o taberneiro em reconhecer que o vinho era um pouco forte, estava pensando em Charlotte.

Quando o signore Tonarelli deixou por fim de falar e ficou atrás do mostrador para agarrar a famosa “mercadoria”, Alex, em vez de pensar no que tinha demorado a dar estava pensando nas largas e esbeltas pernas de sua esposa, especialmente em suas coxas que adorava acariciar até chegar aos quadris quando ela estava tombada de lado.

Olhou distraído as estantes de madeira que havia no botequim de luz, o único estabelecimento em quilômetros de distância. Por fim, depois de meses de pesquisas, tinha encontrado o pequeno povoado. Tinha estado seguindo o rastro de um francês perguntando-se onde tinha podido ir morrer nesse lugar. Alex não tinha nem ideia e o signore Tonarelli dizia que nunca antes o tinha visto.

Este último estava saindo da cozinha com um pacote.

— Grazie! Grazie mille! — Exclamou Alex.

— Prego— Respondeu o homem encantado de poder ter sido útil a um rico e poderoso desconhecido.

O homem devia ser de Roma, pensou tendo em conta seu sotaque. Mas era mais amável que as pessoas da capital que às vezes se comportava de maneira suspicaz e desagradável com os montanhese. Por que um homem assim tinha ido até ali para recolher um montão de roupa velha? Tonarelli e sua mulher sabiam que era roupa porque tinham dado uma olhada depois de que o francês morreu virtualmente em sua porta. O ancião só tinha tido tempo de lhes dizer que alguém iria procurar o habito e não se equivocou. Entretanto Mario e sua esposa não podiam entender como era possível que esses farrapos tivessem alguma importância.

Tinham-no enterrado no cemitério do povoado e Mario tinha guardado o pacote. Em efeito, seis meses depois se apresentou esse romano.

O olhar do taberneiro se iluminou quando viu que Alex contava umas moedas de ouro.

— Grazie! — Disse com um sorriso de gratidão.

Da porta do estabelecimento olhou ao homem de Roma que montava em sua carruagem. Um homem atraente, alto e decidido.

— Luz! — Chamou assustando às galinhas que bicavam nos arredores da praça que assinalava o centro do povoado e a que rodeavam três casas, o botequim e a igreja.

— Foi-se?

Luz estava lavando roupa no tanque e seu avental estava jorrando.

Mario abriu a mão lhe mostrando as moedas.

— Grazie a Deus! Vou pôr flores na tumba do francês — Acrescentou.

Mario assentiu. As merecia esse homem que havia lhes trazido a sorte ao morrer diante de sua casa. Poderiam comprar uma vaca e inclusive possivelmente outra mula.

Dentro da carruagem, Alex olhava o pacote com apreensão. Odiava esse condenado habito!

Tinha chegado a Paris só para descobrir que a polícia tinha incendiado poucas semanas antes a casa que ele procurava. Contratou um lamentável detetive para descobrir o que tinha acontecido e onde se foram os habitantes da casa. Teve que esperar dois meses para ter a resposta: tinham fugido a Itália.

De modo que teve muito tempo para ir à loja de roupas para depois voltar a sair com uma jovem aterrorizada, Brigitte, a irmã de Lucien. A coisa tinha sido fácil e nem sequer lhes tinham detido na fronteira onde dois preguiçosos alfandegários lhes fizeram gestos de que passassem.

Depois começou a espera. Pensava sem cessar em Charlotte: quando faziam amor, quando ela ria no momento em que Pippa se reunia com eles na cama e atirava o chocolate em cima dos lençóis, ou quando mordida o lábio inferior concentrada em sua pintura, ou inclusive quando discutiam acaloradamente. A segurança que o exibia quando falava na Câmara dos Lordes se devia em grande parte para as conversas que mantinha com sua mulher pelas noites. Conversas? Mas bem eram brigas!

Amo-a, disse-se uma manhã, maldição, a amo.

Tinha a sensação de que o muro de gelo que tinha erguido ao redor de seu coração se desfz. Morria de vontade de abraçá-la e beijá-la até que ela gemesse de desejo e lhe ouvir dizer “Te amo” no ouvido. Imaginava seus grandes olhos cheios de amor. Ela entenderia então que ele tinha perdoado o engano de tempo atrás e que confiava nela. Ele perdoaria tudo inclusive ter feito amor com seu irmão antes que se casassem. Tinha tanta pressa por vê-la de novo que não podia ficar quieto em um lugar.

Para acalmar sua impaciência jogou uma olhada aos vinhedos italianos, pondo as bases do que pudesse ser um lucrativo negócio de importação de vinhos italianos a Inglaterra. Mas enquanto levava a cabo as negociações estava desejando voltar para casa.

Às vezes, enquanto estava deitado em sua cama com os braços cruzados atrás da cabeça, invadiam as dúvidas. Não tinha se comportado já como um estúpido com uma mulher? Ainda sentia humilhado quando recordava os juramentos de fidelidade da Maria. Então voltava a recuperar algo de seu cinismo e recordava que Charlotte não era virgem quando se casou com ele. Possivelmente, igual a Maria, só pensava no dinheiro e no sexo. Revivia a intensa raiva que o dominou quando surpreendeu a sua primeira esposa com o cavalariço.

Mas Charlotte não era Maria. Seus corpos estavam em perfeita harmonia; se ele afastava um pouco dela durante a noite, ela se aproximava dele. Como teria podido ela dormir sem tê-lo a seu lado durante todo esse tempo? Certamente se teria acostumado a sua ausência, disse-se tristemente.

E todas essas semanas de espera terminaram quando recuperou um montão de roupa velha, pensou jogando fumaça, assombrado, enquanto abria o pacote e o carro cabeceava pela costa da montanha em direção ao mar.

Como era possível que o condenado Breksby lhe tivesse enviado a Itália para brincar com trapos? Levantou com asco os farrapos. Havia uma calça esmigalhada em uma coxa, uma camisa que devia ser branca e uma jaqueta manchada. Rebuscou nos bolsos sem descobrir nem moedas nem a menor carta. Nada. Entrecerrou os olhos. Segundo o gordo italiano, o viajante havia dito que alguém iria procurar suas roupas. De modo que deviam esconder um algo de valor.

Descobriu do que se tratavam uns minutos depois. Umas partes de papel, escondidos na prega da jaqueta. Cartas. Eram cartas de amor escritas em francês e Alex compreendeu ao terminar de ler a segunda que tinham sido escritas pelo Napoleão a Josefina. Escritas antes de seu matrimônio, e inclusive, conforme parecia, enquanto Josefina era ainda a esposa do general Beauharnais.

Alex emitiu um assobio ao ler a terceira e depois sorriu. Tinha ouvido dizer que Josefina era formosa mais a beleza não era seu único atrativo. Podia adivinhar o que o governo inglês queria fazer com essas missivas. Os franceses ainda retinham muitos nobres prisioneiros em seus cárceres e Alex estava seguro de que essas cartas poderiam servir como moeda de troca para esses desventurados. Voltou a dobrar cuidadosamente as cartas e as meteu no bolso interior de sua jaqueta. Nesse momento os meses passados longe do lar não lhe pareceram em vão. Tinha uma carinhosa esposa o esperando na Inglaterra enquanto que a mulher e o filho de Lucien tinham desaparecido para sempre. Estas importantes cartas tinham chegado muito tarde para eles, mas poderiam servir para salvar a outros. Com uma determinação, ordenou ao chofer que acelerasse o passo.

Cinco meses depois de abandonar a Inglaterra, estava de pé na ponte do navio respirando o ar gelado, mas maravilhosamente britânico. Pouco a pouco, enquanto remontavam o Tâmesis, foram aparecendo as fachadas dos botequins que bordeiam os mols.

Lucien ficou ao seu lado, envolto com sua capa para proteger-se da chuva.

Alex lhe pôs afetuosamente um braço sobre os ombros.

— Ganhamos!

Assim que atracaram os marinheiros ficaram em ação para descarregar as caixas de garrafas de vinho.

— Com cuidado! — Grunhiu Alex.

Um dos marinheiros levantou os olhos, surpreso, mas os outros continuaram com seu trabalho sem preocupar-se com ele.

Lucien se pôs a rir.

— Não estão prestando atenção, conhecem seu trabalho.

Olhou a sua irmã e a apertou contra ele.

— Não disse que ficasse no camarote? — Disse com suavidade.

Umas mechas douradas escapavam do gorrinho de Brigitte. Durante as semanas

que durou a travessia Alex chegou a apreciar muito a valente irmã pequena de Lucien.

— Quería ver a Inglaterra — Disse ela com seu forte sotaque — É meu novo país verdade?

Alex pôs uma mão no seu ombro e todos permaneceram na ponte enquanto terminavam de descarregar. Estava orgulhoso de si mesmo depois da viagem a França. Essa juvenzinha de treze anos lhe devia a vida; havia dito que o homem que a tinha recolhido estava preocupado ultimamente já que as pessoas cada vez o fazia mais perguntas sobre sua “sobrinha” e ela não teria demorado muito em ser interrogada pela polícia.

Alex olhou a seu redor.

— Em efeito, este é seu novo país. Desçamos a terra.

— Daphne está nos esperando — Disse Lucien a sua irmã.

— Acha que se ficou em Londres uma vez terminada a temporada? — Estranhou Alex — Não terá ido ao campo?

— Oh não! Nunca teria deixado Londres tendo em conta as circunstâncias.

Alex deu um tombo o coração, não tinha ocorrido pensar que Charlotte também pudesse estar ainda no Sheffield House o esperando.

Deixou Lucien e a Brigitte em uma carruagem de aluguel antes de deter para ele outra.

Logo se deu conta de que a casa estava vazia. As venezianas estavam fechadas e não havia aldrava na porta. Charlotte tinha levado a Pippa ao campo, o qual era normal já que não sabia quando voltaria ele; só lhe tinha enviado uma carta nesses cinco meses. De todos os modos lorde Breksby devia ter seguido em contato com ela.

No dia seguinte a primeira hora levaria as cartas de napoleão ao ministério de assuntos exteriores e no outro dia poderia abraçar a sua esposa.

Se o ambiente entre quão criados ficavam no Sheffield House era tenso, ele não se deu conta. Keating tinha acompanhado Charlotte ao campo e Alex não prestou atenção aos dois laiaos. Decidiu conceder um comprido banho antes de lançar-se à cama feliz de estar em terra firme.

Breksby também se retirou a suas propriedades conforme descobriu no dia seguinte, de modo que foi um de seus colaboradores, Ewart Hastings quem teve o prazer de informar ao conde de Sheffield do escândalo que tinha explodido em sua ausência. Inclusive se dizia que sua esposa estava grávida, e sem dúvida o culpado era Patrick.

Alex escutou a história sem reagir, mas seu olhar refletia tanto ódio que Hastings estremeceu. Entretanto afundou mais a faca na ferida dando todos os detalhes. Era muito divertido contar a esse arrogante conde que sua mulher se comportou como uma rameira. Ao ser um recém-chegado no ministério, Hastings tinha que fazer numerosas concessões de modo que desfrutou de cada minuto. Não omitiu nada; nem o desmaio de Charlotte quando viu Patrick, nem o artigo de Tatler; e ainda menos o feito de que recebesse a seu cunhado no Sheffield House. Sem esquecer-se é obvio da gravidez que seguiu.

— De quatro ou cinco meses — Concluiu jovial — Lamento muito milorde.

Na mandíbula do Alex se contraía um músculo e seus olhos ameaçavam com uma tormenta.

— Hum... Estou seguro de que nada disto é certo, milorde — Precisou o funcionário com voz inquieta.

Alex o olhou fixamente um instante, inclinou-se por cima do escritório, agarrou pela gravata e o obrigou a levantar-se até que seus rostos ficaram a poucos centímetros de distância.

— Odiaria saber que contou a alguém mais esta infame informação — Disse entre dentes.

— Não direi nada, milorde — Articulou Hastings pálido como um lençol.

Estava suando e Alex o soltou com desprezo antes de girar os calcanhares sem dizer nada mais.

Apenas se teve fechado a porta, Hastings se deixou cair em seu assento como um saco de batatas. Tremia todo o corpo. Um louco, um doente... Isso é o que era Alexander Foakes. Ele tinha limitado a lhe contar o que qualquer podia lhe haver dito na rua. O que ia fazer? Ameaçar na metade da população de Londres?

Extremamente calmo, Alex subiu a seu carro e deu ao chofer a direção de seu notário. Graças a Deus não sentia absolutamente nada.

Uma vozinha interior lhe dizia que deveria ter esperado uma coisa como essa. Tinha a sensação de que tinham metida água geada nas veias, nem sequer sentia amargura, disse-se um pouco surpreso. Sem dúvida no fundo de seu coração sempre tinha sabido. Quão máximo experimentava era uma ligeira contrariedade ao pensar que seu irmão se comportou desse modo. Patrick era seu outro eu, seu amigo, seu companheiro. Como tinha podido o trair? E, entretanto, nem sequer isso lhe afetava muito.

Pelo contrário o senhor Jennings, o notário, estava muito molesto. Pelo geral nada o afetava, nem os falsos testamentos, nem os julgamentos sem sentido, nem os duelos ilegais. Sempre conservava a serenidade já que para o a lei estava aí para resolver todos os problemas. Mas ao ver o conde diante dele teve um calafrio de pânico. Quem dera seu pai estivesse ainda vivo! Ele tinha um dom especial para tratar com nobres irascíveis; tranquilizava geralmente em menos de vinte minutos com palavras de simpatia e um excelente porto.

Fez uma profunda reverência.

— Quer entrar em meu escritório milorde?

Uma vez que Foakes entrou na cômoda estadia cheia de livros, Jennings tirou um arquivo que continha entre outras coisas o artigo de Tatler e se sentou frente ao conde cruzando as pernas e unindo os dedos.

— Fui ver sua esposa no dia seguinte da aparição do artigo — Disse enquanto Alex franzia o cenho o lia — Mas não estava. Todos se tinham ido ao campo e devo dizer que aprovei tal decisão. Teria estado completamente desconjurado que ficasse em Londres porque o artigo certamente causou sensação.

Interrompeu-se. Alex tinha acabado de ler e estava dando leves golpes com os dedos no braço da poltrona.

— Tomei a liberdade de contratar um detetive — Prosseguiu Jennings tirando outra folha do arquivo — Me dei conta de que não serve de nada iniciar um processo por difamação em casos deste tipo. Entretanto, é necessário ter informações sólidas antes de lançar-se a um processo assim.

Essa era sua forma de dizer que era inútil pôr uma demanda se os feitos que se contavam no Tatler eram certos.

— Este é um relatório detalhado das atividades de seu irmão, lorde Foakes, durante os poucos dias que passou em Londres. Comprovará que ao chegar à cidade não fez nenhum intento por ver sua esposa. A meu parecer, isto joga algumas dúvida sobre o tempo que faz que se conheciam.

Alex apertou os dentes. Certamente que para tempo que se conheciam, já que Charlotte tinha perdido sua virgindade com ele.

— Seu irmão acompanhou à condessa a sua casa depois de uma reunião musical de manhã em casa da senhora Felvitson, mas se foi em seguida. Voltou dois dias depois às quatro da tarde e se foi por volta das cinco pela porta de serviço, porque sabia que havia um jornalista vigiando a porta principal. Lorde Foakes passou a noite no White's onde perdeu duzentas libras em uma mesa de jogo. No dia seguinte pela manhã se levantou logo para partir para o Leicestershire em companhia de Braddon Chatwin, com de o Slaslow.

Braddon tinha sido o melhor amigo de Patrick no colégio.

— Para caçar?

— Suponho. Nesse ponto da investigação — Continuou Jennings — Me pareceu uma tolice seguir investigando sobre sua esposa e lorde Foakes, de modo que não posso dizer nada sobre a gravidez. Naturalmente, se a criança nascesse em um futuro próximo não haveria nada pelo que preocupar-se.

Jennings fez uma profunda inspiração; o que tinha que dizer a seguir não era muito agradável.

— Legalmente não podemos fazer nada contra os rumores que circulam sobre sua esposa. Tudo depende de duas coisas: o nascimento do menino e sua própria atitude.

Olhou a Alex nos olhos.

— Não tenho que dizer que seu comportamento confirmará ou negará imediatamente os falatórios.

Alex deu um golpe no jornal.

— E quanto a isto?

O senhor Jennings lhe entregou outra folha.

-O Tatler foi levado diante a justiça seis dias depois da aparição do artigo. Eles naturalmente esperavam esta reação e pensaram em proteger-se chamando a sua esposa "a condessa" e a seu irmão "o gêmeo". Respondi que só existia uma condessa que tivesse um cunhado gêmeo, o qual significava que tinham faltado à lei que é muito

estrita quanto à difamação. Depois de consultar a seus advogados, o senhor Hopkins, o diretor, aceitou publicar um desmentido.

Jennings entregou outro papel ao Alex e depois acrescentou:

— Entretanto isso não fez muito efeito já que a temporada tinha terminado. Fiz notar ao senhor Hopkins e o informei da quantidade de dinheiro que certamente nos concederia a Corte. O senhor Hopkins então se ofereceu a publicar um novo artigo sobre “a condessa e o gêmeo” ao começo da próxima temporada. O artigo será apresentado como uma informação complementar e eliminará todas as insinuações que há no primeiro. Você e sua esposa evidentemente deverão passá-lo antes que seja publicado. Nessas circunstâncias julguei preferível esquecer o relato de sua noite de núpcias.

Jennings se absteve de precisar que segundo suas averiguações, esse relato era absolutamente certo.

— Desgraçadamente — Insistiu — Tudo depende da data do nascimento do menino. Fez-se o silêncio. O notário observava atentamente o tapete persa.

— Prepare um acordo de divórcio — Disse por fim Alex.

Jennings assentiu evitando mencionar, por delicadeza, que já o tinha preparado.

Alex se levantou.

— Porei-me em contato com você para dizer se deve seguir adiante com o divórcio ou não.

Saudou com a cabeça e saiu do escritório do notário.

Precisava refletir com tranquilidade. Parecia evidente que em Londres não tinha acontecido nada entre Charlotte e Patrick. O feito de que Charlotte desmaiasse ao lhe ver era a única pontada de dor que tinha sentido até esse momento. É obvio que o amava. Nenhuma mulher podia esquecer o homem ao que tinha entregue sua virgindade. O coração lhe deu um tombo e se odiou por isso.

Evidentemente o menino dela a chave do assunto. Se o pai era ele, Charlotte devia estar a ponto de dar a luz. Mas era pouco provável, disse ao recordar o estado em que a tinha deixado. Se então ela não estava grávida então de quem era o menino? Ferozmente tinha que ser de Patrick apesar de tudo.

Alex se deu conta de que, perdido em seus pensamentos, estava-se afastando a pé do escritório do notário e que a carruagem o seguia. Os cavalos estavam descansados e podia aproveitar para dirigir-se diretamente a Downes Manor. Havia mais cavalos nos estábulos de Oxford Road e ele poderia cavalgar para ao da carruagem. Depois de passar semanas no camarote de um navio, não tinha nenhum desejo de encontrar-se no pequeno habitáculo do carro durante dois dias.

Chamou um laçao e deu secamente algumas ordens. Este saltou ao chão e desapareceu por um extremo da rua. Recolheria as coisas de seu senhor e as enviaria à casa de campo.

Alex o viu ir pensando que tinha esquecido lhe dizer dos presentes. Tinha-os comprado para Charlotte e Pippa durante os últimos meses comprando uma peça de

tecido de seda azul aqui, um brinquedo de madeira lá. Agora tinha uma montanha de presentes que demonstravam que não tinha deixado de pensar nelas durante esse tempo. Depois de tudo era melhor, pensou com filosofia. Charlotte o tinha esquecido assim que ele lhe deu as costas. Entretanto sentiu um pouco pela Pippa, mas os presentes serviriam para consolá-la quando voltasse para Londres sem sua nova mamãe.

Dirigiu-se a pé até o estábulo. Como havia dito Jennings, tudo dependia do menino. Ele saberia assim que visse Charlotte. Se não estava muito gorda evitaria falar com ela de todo este lamentável assunto. Para que discutir com ela? Tudo teria acabado para eles dois.

Alex tinha um sabor amargo na boca e uma dor surda atrás dos olhos. Tinha a sensação de que uma parte de si mesmo tinha desaparecido para sempre. Dava vontade de gritar “Basta! Que tudo volte a ser como antes”!

Mas tudo tinha mudado e se estava afastando cada vez mais do outro Alex. Do Alex de antes de Hastings, do Alex de antes da Itália. Do Alex que amava e era amado.



Quando galopava pelo caminho bordado de carvalhos que levava a Downes Manor, Alex já tinha levantado um muro de gelo ao redor de seu coração. Passou as duas noites anteriores acochado pela sensação de ter sido humilhado. Patrick tinha razão: sempre tinha tido um gosto espantoso no concernente a mulheres.

Finalmente o escândalo formava parte de sua vida. Apaixonou-se pela primeira vez de uma aprendiz de prostituta em um jardim. Depois tentou recrear essa mágica experiência casando-se. Não era tão difícil encontrar uma rameira entre as jovens da alta sociedade; o problema era que a jovem do jardim tinha marcado sua existência como uma maldição.

Tinha o coração em um punho, mas estava muito decidido a não perder o sangue-frio como tinha feito em Bournemouthe. Para que gritar a uma pessoa que simplesmente agia da única maneira que conhecia?

Dominou-se. Tinha que diferenciar em sua mente Charlotte de Maria. Patrick tinha sido o primeiro amor de Charlotte, enquanto que Maria se deitava com tudo o que levasse calças.

Se quando entrasse na casa se encontrava com sua esposa a ponto de dar a luz saberia que o menino era dele. Do contrário seria o filho de Patrick. Já estava farto das mulheres. A partir de agora abandonaria a absurda ideia de encontrar uma companheira tão ardente e doce como a jovem do jardim. Teria as aventuras indispensáveis e deixaria as terras e o título ao herdeiro de Patrick.

Assim que chegou o levaram a pavilhão do verão que Charlotte tinha mandado construir atrás da mansão. Ela estava ali, sentada no chão com Pippa, jogando aos pulso. Permaneceu imóvel um bom momento as contemplando.

A encantadora figura dela se arredondou, os seios que se adivinhavam através do decote eram mais voluptuosos que nunca e estava literalmente radiante, ainda mais formosa do que ele recordava. Estava tão bonita com seus cachos escuros e suas largas pestanas que teve a sensação de que uma mão de ferro espremia seu coração.

Repentinamente a babá de Pippa levantou os olhos e o viu na entrada do pavilhão.

— Pippa e eu vamos à sala das aulas, milady — Disse pegando nos braços a pequena protestou energicamente pela brusca mudança de programa.

O pulso caiu ao chão e Pippa começou a gritar.

Charlotte, sobressaltou-se, afastou-se os cachos que tampavam os olhos. Katy já se estava dirigindo depressa à casa e então soube. Ele estava ali... E a estava olhando.

Iluminou o rosto.

— Alex!

Ele não se movia e ela se levantou lentamente alisando as dobras de seu vestido de corte alto. A moda francesa era perfeita para as mulheres grávidas, pensou, já que dissimulava o ventre. Mas era precisamente seu ventre o que Alex estava olhando.

Os olhos de Charlotte brilharam ao recordar que ele não sabia nada.

— Vamos ter um filho — Anunciou alegremente.

Ele levantou as sobrancelhas dessa maneira que tanto gostava a ela, mas desta vez seu olhar estava carregado de desprezo. Nervosa diante seu silêncio deu uns passos para ele e se deteve.

— Vamos? — Replicou ele por fim — Não deveria dizer “vou ter um filho”? Ou possivelmente melhor: “A condessa e o gêmeo vão ter um filho” — Acrescentou com uma voz perigosamente suave — Parabéns!

A Charlotte deu a impressão de que o mundo desabava a seu redor. Era incapaz de falar. Certamente tinha esperado ver Alex louco de ira ao ler o artigo, furioso ao ver os vis ataques contra ela e seu irmão; mas nunca imaginou que pudesse acreditar que dizia esse artigo. Ele tinha prometido confiar nela...

Ela o olhava em silêncio com seus imensos olhos.

Alex estava atormentado. Era evidente que ela estava grávida de poucos meses. Apesar de sua decisão a cólera se apoderou dele.

— É uma assanhada — Disse com um tom assombrosamente tranquilo — Parece que tenho uma estranha atração por esse tipo de mulheres.

Emitiu uma gargalhada cruel.

— Sim — Continuou — Poderia dizer que sou especialista em prostitutas. Mas isto... Isto ultrapassa os limites. Por que põe essa cara de surpresa? Esperava que tivesse esquecido de que tinha o período quando fui?

Aproximou-se dela com a força controlada de um felino. Ela abriu a boca para falar mais ele agarrou o queixo com mão de ferro.

— Desta vez não quero escutar nada querida. O calendário não mente. Pensei muito no que será sua vida no futuro. Se Patrick te deseja pode ficar contigo. Dei ordens ao notário para que redija os papéis do divórcio. Se meu irmão não te quiser; já que obteve o que desejava; pode ir viver na Escócia. O menino virá comigo a Londres. Não quero que meus filhos sejam educados por uma puta.

Charlotte cruzou instintivamente os braços em cima do ventre. Ele estava louco, completamente louco. Soltou-se bruscamente e sacudiu a cabeça para esclarecer as ideias. Os olhos de Alex eram como poços sem fundo. Esse era realmente o homem que ela amava apaixonadamente, o homem com o que sonhava todas as noites?

— Prometeu-me, Prometeu...

Estava mortalmente pálida, mas se mantinha muito direita com os ombros jogados para trás para poder o olhar com dignidade. Não ia fazer se uma bola e gritar como desejava fazer.

Ele fez uma careta.

— Prometi? Foi você quem prometeu me amar e me ser fiel até que a morte nos

separe. Seria melhor que eliminassem essa frase dos votos matrimoniais não te parece?

Charlotte estava paralisada de horror. Ele estava muito atraente apesar da ira que deformava seus traços. Teria gostado de lançar-se a seus braços e lhe suplicar que a escutasse. Era evidente que ele estava sofrendo, mas não ia suplicar. Quão único importava nesse momento era proteger a seu filho. E a Pippa. Não podiam separá-la de Pippa que já tinha perdido a sua mãe. A pequena não suportaria uma segunda separação. Essa ideia lhe deu novas energias.

— Não pode me tirar Pippa — Disse — Já sofreu o bastante.

— Será melhor — Contestou Alex.

Deu a volta um momento e contemplou a grama que chegava até a casa.

— Como poderia deixá-la com uma mulher que faz o amor com meu irmão, Charlotte? Quando compreendi que antes de nosso matrimônio teve uma aventura com ele, não pensei nem por um momento que voltaria a fazer depois. Que ingenuidade!

— Eu não...

Charlotte se interrompeu. Era igual na sua noite de núpcias. Ele nunca acreditaria. Ainda estava sob os efeitos de seu primeiro matrimônio. Tinha a sensação de que o coração lhe pesava uma tonelada.

— Prometeu confiar em mim — Recordou ela o olhando nos olhos.

Depois virou sobre seus calcanhares e se afastou. Ele não a reteve.

Ela andou muito erguida até a casa, mas ao subir as escadas colocou uma mão nos rins. Sentia-se velha, muito velha. O bebê puxava-a para frente e lhe custou subir ao piso superior. Quando ao fim o conseguiu se dirigiu ao quarto de Sophie.

Quando entrou, Sophie estremeceu. Estava descansando ao sol enquanto lia um livro de poemas em português. Não tinha abandonado o costume, que a sua mãe parecia desconjurado em uma mulher, de ler os livros em seu idioma original.

— O que aconteceu? — Perguntou rapidamente ao ver sua amiga na porta pálida como um morto — Está chegando o bebê! É isso?

Levantou-se de um salto preocupada. Isso significaria que o menino chegava com três semanas de adiantamento.

— Não — Respondeu Charlotte movendo devagar a mão — Não, não. Ele retornou.

Tremia todo o corpo.

— Quem? Oh!

Sophie tinha perguntado se deveria fazer participação de suas dúvidas quanto à reação de Alex mais decidiu não fazê-lo. A ansiedade não era recomendável em seu estado e possivelmente Alex não fosse tão estúpido como a maioria dos homens.

— Acredita que o menino não é seu não é?

Charlotte estremeceu.

— Você sabia!

— Suspeitava-o. Os homens são tão estúpidos!

— Quer levá-lo e também a Pippa. Vá me separar dos dois.

Charlotte estava à beira de um ataque de nervos e isso certamente não era bom para a criança, pensou preocupada Sophie.

Aproximou-se de sua amiga e lhe disse com tom autoritário:

— Não deixe que se afunde Charlotte. Terá que pensar.

Obrigou-a sentar-se na cama e acrescentou:

— Onde esta neste momento?

— Não sei. Deixei-o no pavilhão de verão.

Sophie fez um gesto de aprovação com a cabeça. Ao menos tinha sido Charlotte quem se foi e não ao contrário.

— É possível que tenha falado em um arranque de cólera — Supôs.

— Disse que não queria que seus filhos fossem educados por uma rameira e que levaria ao bebê a Londres com ele. Também disse que tinha pedido a seu notário que preparasse o divórcio.

Olhou a sua amiga com olhos enlouquecidos.

— Não posso lhe permitir que o faça Sophie. Tenho algum modo de impedi-la-o. Sophie estava pensando a toda velocidade. Era absolutamente necessário que viesse Patrick. Se alguém podia convencer Alex da inocência de Charlotte era ele. Mas onde estava? Pode que seu irmão soubesse.

Charlotte apertou os punhos.

— Vou — Disse — Vou embora e levo a Pippa comigo. Amo-a como se fosse minha própria filha, não posso deixá-la nas mãos de um louco furioso. Iremos a Gales. Acredito que Alex não se lembra de que possuo uma propriedade ali e...

— Não diga tolices! — Cortou secamente Sophie — É seu marido e agora tudo lhe pertence.

— Não. Meu pai negociou uma doação privada pelos rumores que se ouviam sobre o primeiro matrimônio de Alex. Insistiu em que eu tivesse algo em meu nome. E a Alex dava no mesmo.

Ele havia rido afirmando que não tinha necessitava seu dinheiro. Mas esse era o Alex de antes de seu matrimônio, quando ainda acreditava que ela era virgem.

— De modo que a casa de Gales é completamente minha. Me instalarei ali até o nascimento do bebê e depois irei para América.

Sophie ficou pensativa uns instantes. Sua amiga estava ao bordo da histeria apesar de sua aparente tranquilidade. Não podia de maneira nenhuma levar os filhos de Alex para América, agarrariam-na e a meteriam na prisão. Entretanto Alex necessitava um pouco de tempo para acalmar-se, não muito já que era necessário que estivesse presente quando nascesse o menino, do contrário nunca se acreditaria que era dele.

— Perfeito! — Disse ao fim — Como vamos fugir daqui?

— Sophie, é um encanto, mas não pode me acompanhar. Sua reputação ficaria feita pedaços para sempre.

— Estou segura de que não.

— Sim. Não poderá se casar se escapar comigo. Nem sequer deveria estar perto de mim neste momento.

— Não se dá conta, querida, de que sou a herdeira da fortuna de meu pai? Nada poderia estragar minha reputação salvo possivelmente, que me encontrassem completamente nua na cama de um homem.

— Não acredito Sophie. Olhe o que arruinou a minha: um simples desmaio.

— Você está casada e é diferente. Uma mulher casada pode deitar-se com quem quer com a condição de que seja discreta. O simples adultério não é muito interessante para as más línguas, enquanto que um só passo na direção equivocada; por exemplo, uma demonstração de afeto para o irmão de seu marido, ficar grávida quando ele está ausente e que não se note o bastante; isso é mortal!

— Não importa — Disse Charlotte depois de um pequeno silêncio — De todas as maneiras Alex pensa que fiz amor com seu irmão. Se o menino nascesse amanhã admitiria que é dele mas o levaria de todas formas a Londres. Acredita que eu era uma mulher fácil antes.

— Por quê?

Charlotte hesitou. Nunca tinha contado a Sophie porque sua noite de núpcias tinha sido uma catástrofe.

— Fiz amor com ele uma vez antes de nos casar. Em um baile. Mas ele não o recorda e acredita que o confundo com seu gêmeo. De modo que todos esses rumores só serviram para confirmar que eu estava apaixonada por seu irmão. Como pude ser tão estúpida?

Por fim entendia que Alex tinha todas as razões para acreditar o que dizia o artigo e que o menino não era dele.

Sophie, fascinada, deixou-se cair na cama a seu lado.

— Fez amor com ele... Em um baile?

Charlotte assentiu.

-E ele não se lembra? Meu Deus! A quantas mulheres desflorou nos bailes?

Charlotte moveu a cabeça desesperada.

— Nunca falamos do lugar e ele deduziu que tinha acontecido com Patrick. Depois disse que não queria voltar a falar disso. Prometeu... Prometeu — Repetiu com um soluço — Que confiaria em mim.

Sophie a abraçou carinhosamente. Era uma história assombrosa. Era muito difícil acreditar que um homem pudesse esquecer que tinha tido uma relação íntima com uma jovem tão formosa.

— Não consigo fazer à ideia de que ele esqueceu sua aventura. Sobretudo sendo você virgem.

Charlotte encolheu os ombros.

— Diz que não tinha visto nunca antes que nos encontrássemos em casa da senhora

Prestlefield.

— Bom, a quem temos que levar? — Perguntou Sophie sempre prática.

— A Katy, a Marie e a sua donzela. Keating e Mall já estão em Gales graças a Deus.

— O problema será nos liberar de Alex. Deixa que eu me encarregue dele — Disse Sophie com determinação.

Deixou Charlotte e foi ordenar a Katy que preparasse as coisas de Pippa, depois desceu as escadas tentando ouvir a voz de Alex, mas tudo estava em silêncio. Dirigiu-se à biblioteca, entrou e se apoiou na porta.

Alex estava bebendo o terceiro copo de brandy. Levantou os olhos e a olhou sem o menor interesse.

— Se tiver vindo para falar a seu favor vai perder o tempo — Disse secamente.

— Onde está seu irmão?

Ao pesavam as pálpebras.

— Estou seguro de que minha encantadora esposa poderia responder melhor que eu a essa pergunta — Zombou ele.

— Tem que encontrar Patrick — Decretou Sophie — Onde está?

— Parece que em Leicestershire. Caçando.

— Pode ir buscá-lo?

— Para que? Estou seguro de que não demorará em vir. O mais seguro é que ainda não tenha renunciado o corpo de Charlotte embora esteja grávida.

Serviu-se outra taça.

— Pode encontra-lo? — Insistiu ela.

— Sem dúvida — Replicou Alex com ironia — Mas para que?

— Porque é um idiota e há uma possibilidade de que te devolva a razão — Respondeu ela com o mesmo tom — Por outra parte é seu irmão e ao melhor não recorda com quem tem feito amor nos últimos cinco anos.

Alex lhe lançou um olhar assassino.

— É uma moléstia — Disse ele friamente.

— Certamente seja uma moléstia, mas eu nunca destruiria minha família sem provas. Não será capaz de se desfazer de sua mulher como se fosse um sapato velho sem antes falar com seu suposto sedutor?

— Sedutor? Apostaria que foi ela quem seduziu ele.

— Está muito seguro. Tem medo de ver seu irmão? O que fará quando ele te diga que só viu sua esposa duas vezes e brevemente em ambos os casos?

Os lábios de Alex se contraíram com um tic nervoso.

— Prefere condenar seu gêmeo — Continuou Sophie — Do mesmo modo que condenou a sua mulher? Sem ouvir a mínima explicação?

A Alex a cabeça dava voltas.

— Como queria que reagisse? — Grunhiu ele — Deixe a minha mulher com o período e ao voltar me encontro com que está grávida.

— Ela diz que prometeu confiar nela.

As palavras ressoaram no silêncio. Alex deu um chute na lenha que ardia na lareira. Talvez devesse ir ver Patrick. De todos os modos O que podia fazer nesse momento? Enviar a sua esposa a Escócia em meio da noite?

— Poderia o encontrar e voltar com antes de três semanas?

— Sim — Respondeu ele sem fazer perguntas sobre o porquê do prazo de três semanas.

Braddon Chatwin vivia a dois dias de distância de Downes Manor.

— Certo — Decidiu ao fim — Diga a minha esposa que esteja preparada para partir por volta de Escócia dentro de uma semana.

Sophie assentiu e se foi dizer uma palavra mais.

Dez minutos depois, a porta principal se fechava de repente e Alex gritava para que lhe trouxessem seu cavalo.

Sophie e Charlotte se olharam por cima do montão de roupa que havia sobre a cama da segunda enquanto três criadas ajudavam a Marie a preparar a bagagem.

Charlotte suspirou.

— Não se deixou ao andar?

Sophie sacudiu a cabeça.

— Quando tivermos chegado a Escócia, Charlotte, poderá comprar mais roupa para o bebê.

Diante a expressão surpreendida de sua amiga, Sophie lhe assinalou discretamente às mulheres que estavam trabalhando perto e depois a levou para a porta.

— Vem, querida, vamos brincar com Pippa. Poderíamos sair amanhã cedo.

— Não! — Protestou Charlotte uma vez no corredor — Quero ir esta mesma noite.

— Pelo bem do bebê deve descansar — Respondeu Sophie com um tom que não admitia réplica — Se dissermos a todo mundo que nosso destino é Escócia, despistaremos Alex durante mais de uma semana.

Charlotte não insistiu mais. A verdade é que estava esgotada.

— Vou ordenar que tragam comida à habitação e sairemos amanhã o antes possível.

Charlotte dormiu profundamente. Pouco antes de amanhecer teve um maravilhoso sonho. Estava na Escócia com o Alex na época que tinham sido tão felizes. Tinham comido a beira do lago. Katy levava a Pippa para casa para que dormisse a sesta e os olhos do Alex estavam brilhantes.

— A carruagem não voltará antes de uma hora — Dizia com uma voz carregada de subentendidos acariciando o pé delicadamente curvado dela — É tempo suficiente para dar um festim acrescentava mordiscando os dedos de seus pés...

Pegava uma margarida e lhe acariciava a coxa com ela por cima das meias. Quebras

de onda de prazer percorriam Charlotte enquanto ele depositava pequenos beijos por todo seu corpo...

Sorriu adormecida.

Mas o sonho se transformou repentinamente. Ela estava na ponte do lago quando caiu a névoa. Umas fitas brancas se enrolavam ao redor de suas pernas. O tempo trocava tão depressa na Escócia! Chamava a seu marido enquanto olhava a seu redor. Então ouviu um forte mergulho de cabeça e uma vozinha que dizia:

— Mamãe! Mamãe!

Despertou sobressaltada com o coração pulsando a toda velocidade. O bebê se movia furiosamente dentro dela e tentou acalmar-se respirando profundamente. Estava em sua cama. Pippa estava dormindo no quarto dos meninos. Tudo estava bem.

Voltou a deitar aliviada. Algo tinha mudado nela, pensou sentindo os pezinhos de seu filho dar chutes contra seu ventre. Pippa... Tinha que proteger a seus meninos. Ao diabo com os beijos e a paixão de Alex, eram coisas vazias e carentes de verdadeiro amor, só era sexo. Ele tinha se aproveitado dela.

Além não se preocupava muito dos meninos. Tinha partido para a França sem pensar em Pippa.

Charlotte acariciou o ventre procurando a cabeça de seu filho. A menos que isso fosse um pé...

— Prometo — Murmurou — Que te amarei, confiarei em ti e nunca deixarei que se afogue em um lago.

Muito a seu pesar seus olhos se encheram de lágrimas.

Seria maravilhoso se Alex e ela pudessem amar-se e amar a seus filhos juntos.

Mas era impossível. Deste modo, uma vez mais, a condessa de Sheffield dormiu com as bochechas banhadas em lágrimas.



Alex encontrou seu irmão depois de cavalgar durante quatro dias. Tinha chegado à casa de Braddon Chatwin em dois dias como tinha previsto mais para grande irritação sua disseram que o “jovem senhor” se foi a um tempo. Alex, golpeando a coxa com as luvas, fulminou o pobre mordomo com o olhar.

— Como que não sabe onde foram exatamente? Ou sabe ou não sabe. Fale claro.

— O que quero dizer — Respondeu humildemente Treble — É que Sua Senhoria expressou sua intenção de dirigir-se a Bath e é obvio seu irmão lhe acompanhava. Mas é possível que o grupo parou em Singleton Manor, a propriedade do conde de Slaslow no Kent.

— O grupo! — Ladrou Alex — De que se trata? De uma estadia do verão? Há mulheres com eles?

Treble olhava o chão de mármore fixamente.

— Utilizei essas palavras sem pensar, milorde. Estavam o conde de Slaslow e seu irmão e também uma conhecida de lorde Foakes. Uma pessoa jovem.

Alex guardou silêncio um momento.

A expressão “uma pessoa jovem” queria dizer que Patrick levou uma cortesã; nada novo; salvo que isso queria dizer que tinha deixado Charlotte grávida para divertir-se com uma amante.

Treble estremeceu de medo ao ver que o rosto do conde se escurcia mais até, se era possível.

— Esta... Pessoa jovem chegou com meu irmão?

— Sim, milorde — Respondeu Treble cada vez mais inquieto — Bom, quer dizer, pouco depois de que lorde Foakes e milorde chegaram de Londres. Devia estar de acordo mais levou vários dias preparar suas malas. Viaja com uma grande quantidade delas.

Tinham sido necessárias cinco horas para levar as coisas da mulher. Pior que se se tratasse de uma duquesa, pensava o mordomo. A mulher não viajava com seus próprios lençóis como era normal entre a aristocracia mais tinha ao menos quarenta e oito chapéus todos metidos em suas correspondentes caixas.

Com um breve agradecimento, Alex voltou a descer as escadas. Olhou ao céu coberto de nuvens alaranjadas. Estava perplexo. Tão logo se cansou Patrick do corpo de Charlotte? Alex, que a tinha tido para ele só durante três meses a tivesse conservado outros três de boa vontade e inclusive trinta anos.

Possivelmente tinha sido ela quem tinha terminado a relação. Possivelmente Charlotte o amava e só tinha cedido aos avanços de Patrick porque ele era quem a tinha

despojado de sua virgindade. Mas não, pensou. Teria se deitado com ela em lembrança dos bons velhos tempos, por nostalgia?

Os feitos eram estes: quando ele se foi ela estava com a menstruação e estava grávida quando voltou. Para ele só isso tinha importância.

Fez caso omisso da voz queixosa de Treble atrás dele que lhe oferecia ficar a passar a noite no Selfridge Manor. Não queria ficar em um lugar onde seu irmão tinha passado uns dias.

Montou-se no cavalo de um salto.

Dois dias depois, por volta das nove da noite, entrava em galope no caminho que levava a Singleton Manor, uma das propriedades de Braddon Chatwin. Por fim os tinha encontrado. Via-se luz em muitas das janelas de modo que estavam ali.

Entregou as rédeas de seu cavalo a um cavaleiro e se deteve diante do mordomo que mantinha aberta a pesada porta.

— Onde está?

— É uma honra vê-lo de novo, milorde — Recebeu amavelmente Vorset, o mordomo de Braddon.

Já tinha superado a idade em que se deixava impressionar pelos impulsivos aristocratas.

— Milorde e lorde Foakes estão na biblioteca — Acrescentou.

Alex relaxou um pouco.

— Encantado de ver que está você bem Vorset.

O bom homem nunca denunciou Patrick e ele quando no passado arrastavam o Braddon em suas loucas aventuras, embora estivesse a par delas.

Vorset fez um gesto com a cabeça e se podia ver a bondade em seu olhar. Como a metade dos ingleses estava informado dos padecimentos conjugais do conde.

— Se for tão amável de me seguir — Disse.

Alex atravessou atrás dele o corredor que tão bem conhecia. Por volta de ao menos dez anos que não tinha posto os pés nessa casa. Depois da morte de sua mãe enviavam a casa de todo aquele que queria os acolher durante as férias e aterrissavam frequentemente na casa de Braddon.

Vorset abriu uma porta sem bater, privilégio que era o resultado de muitos anos de bons e leais serviços à família. Quando se afastou discretamente, Alex se deteve na entrada. Um grande fogo ardia na lareira onde repousavam uns candelabros. Braddon Chatwin parecia estar estudando um grande relatório e ao lado da lareira estava o irmão de Alex. Nesse momento se sentiu tão feliz de voltar a lhe ver que esqueceu sua ira. Patrick era a pessoa mais próxima a ele no mundo e se sentiria desesperado se chegasse a lhe acontecer algo. Magro, bronzado pelo sol da Índia, estava sussurrando coisas ao ouvido a uma preciosa ruiva que ria.

Alex esclareceu garganta. Só Braddon levantou a vista.

— Patrick, amigo, tem visita.

Este não se moveu ocupado como estava com sua formosa amiga.

— Patrick! — Insistiu Braddon.

Patrick por fim levantou a cabeça e algo na expressão de Alex o fez tremer. Os gêmeos se entendiam sem necessidade de palavras. Patrick sabia que seu irmão estava dominado por uma imensa ira.

Aproximou-se lentamente de Alex, deteve-se diante dele e levantou as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa.

Alex o olhava com intensidade. Durante uns instantes se puderam ouvir voar a uma mosca.

— Maldição! — Disse ao final Alex — Não o fez não é certo?

Patrick não se moveu.

— Não me deitei com sua mulher se for isso o que está perguntando.

O rosto de Alex era uma dura máscara. Ao ver que não respondia, Patrick lhe pôs uma mão no ombro, o fez- dar meia volta, e os dois saíram da biblioteca sem dizer uma só palavra.

— Uf! — Soprou a senhorita Arabella Calhoun, a amiga de Patrick — Não parece muito simpático!

Ao ver que Braddon guardava silêncio olhou um de seus diminutos pés. Gostava dessas sapatilhas, francesas é obvio, pareciam do cetim azul claro com pombas brancas bordadas.

Braddon levantou a cabeça e deslizou um braço pelo respaldo de seu assento.

— Você o que opina Braddon?

Chamava-o por seu nome já que estimava que seu dever era levar-se bem com os amigos de seu amante de volta. E acabava de compreender, ao ver abandonar a biblioteca, que ele poderia abandoná-la logo. Aparentemente tinha problemas familiares que resolver, e ela odiava as histórias desse tipo. Eram muito molestas.

— O que opino de que?

— De meus sapatos.

Braddon os olhou. Essa era uma das razões pela que não gostava de muito a companhia das mulheres. Que raios podia um dizer sobre uns sapatos?

— São... Muito pequenos.

Arabella lhe lançou um olhar de chateio. Esse homem era condenadamente estúpido. Mas era amável. Deu umas palmadas à almofada que tinha a seu lado.

— Bom, já que Patrick se foi sem dar explicações por que não se aproxima um pouco?

Não se equivocava ao fazer essa proposta já que, ao redor de uma hora depois, quando Vorset apareceu com um refresco, anunciou que o conde de Sheffield e seu irmão tinham saído a cavalo sem incomodar-se em dizer quando voltariam.

— Isto é demais! — Exclamou ela — Não é a grosseria maior que se possa imaginar? Eu não estava obrigada a acompanhá-lo até aqui. Os homens se empurram uns aos

outros diante minha porta só para me convidar para jantar.

— Sim — Replicou Braddon lhe agarrando a mão — Eu fui um deles.

Estava-a olhando com desejo e ela se sentiu algo melhor.

Depois de tudo, como disse a sua donzela no dia anterior de noite, um homem era igual a outro. Patrick era mais atraente mais Braddon era muito mais atento.

Um prateado raio de lua dançava depois das árvores. O cavalo de Patrick jogava espuma quando ao fim se detiveram.

— Já basta Alex.

Alex lhe lançou um furioso olhar que não afetou a seu irmão quem assinalou um leiteiro que indicava: Buffington: 1 milha.

— Nesse povoado há uma estalagem — Gritou por cima de seu ombro.

Depois se voltou para compreender que seu irmão não o seguia.

— Pelo amor de Deus! Não vai a nenhuma parte, está grávida! Ela estará esperando e só nos faltam umas horas para chegar.

Alex só era uma sombra e Patrick fez voltar para seu esgotado cavalo até o cruzamento de caminhos.

— Vai abandonar-me Patrick — Disse por fim Alex com voz rouca — Prometi confiar nela e tenho quebrado minha palavra. Tenho que voltar para casa. Tenho que vê-la.

Patrick suspirou. Não tinha podido lhe fazer entrar em razão do mesmo instante em que Alex compreendeu que seu gêmeo não era em modo algum responsável pela gravidez de Charlotte e que apenas a conhecia.

— Ela não irá a nenhuma parte! As mulheres em seu estado não viajam — Repetiu Patrick esquecendo deliberadamente às mulheres índias que viajavam pelas montanhas até o momento de dar a luz — Se Lembre de mamãe. Quando estava esperando um filho ficava na cama durante meses.

Isso era justamente o que não devia dizer. Alex empalideceu.

— Meu Deus. E se morrer como mamãe, Patrick?

— Charlotte é sensata Alex. Não poria a vida de seu filho em perigo. Está esperando tranquilamente em Downes Manor. É possível que esteja zangada contigo, mas não arriscará a vida do bebê só para fugir de você.

Esse foi o único argumento que deu no branco. Possivelmente Charlotte não estivesse o abandonando para sempre.

Patrick, ao sentir que ganhava, voltou a segurar as rédeas.

— Levantaremos ao amanhecer — Prometeu — Inclusive embora tenha decidido ir à Escócia; e insisto em que é pouco provável; viajará devagar. Alcançaremos-a sem problemas.

Alex não voltou a protestar.

Pararam na estalagem de Buffington onde comeram um guisado de esquilo já que não havia outra coisa e caíram nas duas camas que havia na única habitação que ficava

livre.

— Maldição! Acha que esse estúpido hospedeiro se lembra de sacudir de vez em quando os colchões? — Disse Patrick irritado.

Alex não respondeu. Estava olhando fixamente as vigas do teto enquanto se perguntava quando desmoronou sua vida. Por que tinha acusado Charlotte de adultério? Revivia uma e outra vez a cena no pavilhão de verão. Ela o recebia com os olhos cheios de amor... E ele a rejeitava.

— Se foi embora, não sei o que vou fazer — Disse.

Patrick elevou o olhar ao céu agradecendo a sua boa estrela por tê-lo protegido sempre dessa estranha emoção chamada amor.

— Estará lá, Alex.

Graças à velocidade infernal que impunha Alex, chegaram a Downes Manor em dois dias e meio. Quando entraram no caminho que levava a casa, Patrick teve um mau pressentimento. Em efeito, reinava um estranho silêncio no lugar.

Alex saltou ao chão e se precipitou para a entrada. Um surpreso laçao saiu da biblioteca para ouvir que a porta se fechava de uma portada.

— Milord!

— Onde está minha mulher? — Gritou Alex.

O homem conservava o olhar baixo.

— Não posso dizer milorde. Não tenho nem ideia.

Patrick ia abrir a porta do salão que estava a sua esquerda enquanto Alex continuava aterrorizando ao desventurado laçao, que acabou por dar a entender que a condessa tinha saído para Escócia.

— Onde está seu mordomo Alex? — Perguntou Patrick.

— O mordomo! — Gritou Alex — Onde está esse condenado mordomo?

— Não tem nenhum nesta casa milorde — Respondeu o laçao — Milady entrevistou a vários e estava a ponto de contratar um deles, mas você voltou e...

Patrick notou com interesse que, embora o criado estivesse intimidado pelos gritos do Alex, pareceu quase... Depreciativo.

— A condessa levou a sua donzela? — Interveio.

— Sim.

— E quem mais viajava com elas?

Ao ver que o homem vacilava, Patrick acrescentou:

— Sua lealdade para com milady é...

Alex lhe tirou a palavra.

— É obvio! Sophie estava aqui. Devem ir à casa de sua mãe.

— Duvido — Objetivou Patrick.

— Por quê?

— Porque a marquesa de Brandenbourg não receberia jamais a sua esposa em sua casa. Charlotte foi tratada como uma mulher perdida por todas as pessoas importantes da Inglaterra. Inclusive é de estranhar que Sophie York tivesse permissão para visitá-la.

— Chegou até esse ponto?

— A meu modo de ver ninguém quer falar com ela — Disse suavemente Patrick — Sinto muito, mas não pude fazer nada; só permanecer o mais longe possível.

— Entretanto Sophie York estava aqui quando voltei.

— Parece ser uma pessoa fiel — Replicou Patrick recordando o orgulhoso olhar azul de quão jovem tinha segurado Charlotte quando desmaiou.

Tinha-o olhado com tanta censura que seus olhos o tinham açoitado durante dias, até que se lançou ao assalto da Arabella Calhoun, uma cantora muito popular do Teatro Real.

Por todos os infernos! Pensou de repente. Tinha abandonado Arabella na casa de Braddon! Era a primeira vez que pensava nela desde que viu Alex na porta da biblioteca. Depois encolheu os ombros. As mulheres como ela sempre caíam de pé.

— Deus! — Gemeu Alex.

A palavra ressonou no silêncio.

O laço olhava fixamente o chão pensativo. Parecia como se o conde lamentasse os problemas que tinha causado. Recordou o que lhe havia dito Marie: só o conde podia terminar com o escândalo e obter que milady encontrar de novo seu lugar na sociedade. Perguntou-se se deveria lhe dizer a verdade.

Patrick estava seguro de que o criado sabia onde estava Charlotte, mas era capaz de ser muito teimoso com sua lealdade para ela.

— É a hora do jantar — Disse — Há cozinheiro na casa?

— Sim milorde. A condessa contratou um faz vários meses. É italiano, chama-se Rossi. A condessa pensou que seu marido gostaria da cozinha italiana depois dos meses passados no continente.

— Deus! — Repetiu Alex.

— Começa a parecer um papagaio — Brincou Patrick antes de abrir a porta do salão amarelo — Quer nos trazer algo de beber? Como se chama amigo?

— Cecil, milorde.

— Bem Cecil, a partir de agora subiu a mordomo. A meu irmão e eu gostaríamos de tomar um pouco de uísque.

Uma vez que fechou a porta, Cecil tragou saliva com dificuldade. Não sabia se estava fazendo bem ao guardar o segredo do destino da condessa. Ninguém mais na casa sabia. Todos pensavam que se foi à Escócia, mas Marie lhe confiara que em realidade seu destino era Gales.

Pôs de momento o problema a um lado e foi procurar o cozinheiro que, embora italiano, era tão suscetível como o francês que tinham em Londres. Queria lhe avisar tão rápido como fosse possível de que teria que preparar o jantar.

No salão amarelo, Alex se deixou cair em um sofá enquanto Patrick olhava distraidamente os adornos.

— Este salão mudou.

Alex levantou a vista.

— Tenho que saber onde esta— Disse com tom abatido — Acha que pode estar na Escócia?

Patrick não se incomodou em responder. Tinha a firme intenção de fazer falar o laço, mas só depois de jantar, ou inclusive no dia seguinte pela manhã. Estava cansado de cavalgar a todo galope sendo uma presa fácil para todos os bandidos do caminho.

— Foi você quem decorou a casa ou foi Charlotte? — Perguntou.

— Não havia tornado a pôr os pés aqui da morte de pai.

— Sua esposa tem um excelente gosto para combinar as cores.

— Pinta.

— Humm.

— Pinta de verdade! — Irritou-se Alex — Sobretudo faz retratos e são muito bons. Dizia que gostaria de muito fazer o meu.

Voltou a sumir em seu mutismo.

Patrick se aproximou de um quadro e o examinou atentamente.

— Esse não — Precisou Alex ainda nervoso — Esse é um Rossetti. Maldição! Tenho a sensação de que alguém me pôs um saco sobre a cabeça e que estou afogando pouco a pouco.

Patrick foi sentar se no sofá e estirou as pernas jogando a cabeça para trás. Charlotte fez restaurar o teto onde estavam pintados uns elegantes personagens tomando um piquenique ao bordo de um rio.

— Por que o fez Alex? Só vi Charlotte duas vezes, mas posso jurar que é totalmente honesta. Além disso, está apaixonada por você. Senti muito por ela quando explodiu o escândalo, mas nunca pude imaginar que você acreditaria que era certo.

— Quando parti para a Itália ela tinha o período — Replicou Alex — Além disso, descobri na noite de núpcias que não era virgem e ela afirmou que foi comigo com quem perdeu a inocência. Eu sabia que isso não era certo de modo que deduzi que foi você. Depois, quando voltei me inteirei de que desmaiou ao vê-lo e que estava grávida.

— É um completo estúpido. E não recorda ter feito o amor com ela?

— Você a viu Patrick, como teria podido esquecê-la?

— Deveria pensar com mais tranquilidade. Não é uma mentirosa.

— E que me diz se o pensasse você?

— Eu conheci muito poucas virgens. Desflorei uma criada na Índia na borda dos Gangs. É uma formosa lembrança, mas não vem ao caso.

— Estamos iguais. Eu só possuí uma mais era ruiva e foi no baile dos trabalhadores.

Patrick tinha fome e nenhuma gana de entrar em detalhes. Quando encontrassem Charlotte todo se esclareceria.

Bateram na porta. Apareceu Cecil visivelmente nervoso com uma bandeja de prata na mão.

— Como demônios conseguiu chamar-se Cecil? — Perguntou Patrick com malícia — Sua mãe tinha delírios de grandeza?

Cecil negou com a cabeça.

— Admirava a nobreza — Respondeu brevemente antes de inclinar-se diante Alex — Uma mensagem para você milorde.

Alex se apoderou do envelope e esteve a ponto de rasgá-lo em sua pressa por abri-lo.

— Meu Deus! — Exclamou — É de Sophie York. Diz que estão em Gales e que se quiser assistir o nascimento de meu filho seria melhor que ande depressa.

— Me alegre por você — Declarou Patrick voltando-se para o criado — E quanto a você, livrou-se por um fio.

Cecil desapareceu. Ele também acreditava assim.

Patrick resmungou enquanto via o jantar lhe escapar; Alex já tinha saído do salão e estava gritando para que preparassem Bucéfalo.

Levantou-se a contra gosto. Em vista da impaciência de seu irmão iam demorar dois dias em chegar a Gales. Dois dias sem uma comida digna desse nome.



Charlotte estava gritando.

— Não, não, não! Ele está aqui para levar meu filho. Tirem-no daqui! — Deixou-se cair de novo contra o traveseiro da cama suportando uma quebra de onda de dor. Só se ouvia no quarto sua respiração ofegante.

Alex estava no fundo. Tinha estado cego? Sob a leve camisola empapada de suor se podia ver claramente seu ventre inchado. Estava mais gorda que a mulher a que tinha visto dar a luz na Itália, pensou repentinamente inquieto. O menino devia ser enorme.

— Tem que abandonar o quarto milorde — Disse alguém cortês, mas firmemente.

O doutor Seedland tinha uma expressão de determinação no rosto.

— Tem que ir — Insistiu ele — O parto esta se desenvolvendo muito bem para tratar-se de um primeiro filho, mas sua esposa deve conservar todas suas forças.

— Por favor, faça que se vá!

Charlotte tinha se levantado, seus olhos pareciam imensos em seu pálido rosto. Estava sofrendo. Alex sentiu uma quebra de onda de ternura e deu um passo para ela. Mas o médico o agarrou de um braço.

— Fora! Não pode ficar aqui!

— Vá — Gemeu Charlotte — Suplico, vá.

Explodiu em soluços.

— Não fique nervosa milady — Disse o médico.

Sophie a agarrou pelos ombros lançando um olhar assassino a Alex quem recuou lentamente até a porta.

— Tudo está bem querida. Não deixarei que tire seu filho. Estou aqui.

Quando a porta se fechou depois dele, Alex ouviu um grito. Charlotte tinha outra contração.

Ficou petrificado no corredor, aniquilado por sua própria estupidez. Sua mulher estava dando a luz ao seu filho e o tinha olhado com os olhos cheios de terror.

Patrick se aproximou para abraçá-lo a sua maneira um pouco brusca. Ficaram assim um momento, dois homens altos e iguais. O silêncio foi quebrado por um grito e depois por outro e outro mais.

— Milady — Estava dizendo o médico — Tem que deixar de gritar. Deve dominar-se.

— Meu Deus! — Exclamou Alex — A está repreendendo. Matarci-o!

Patrick o deteve.

— Viu alguma vez a uma mulher dando a luz?

— Sim, mas foi diferente. Estava tombada e a criança saiu em seguida. Deram um copo de vinho e depois o menino começou a mamar.

— Devia ser o quinto ou o sexto. Sabe que algumas mulheres morrem no parto Alex. Pensa em nossa mãe. Acontece todos os dias e quase sempre com o primeiro filho. Charlotte tem que conservar suas forças, o médico tem razão. Vi morrer uma mulher na Índia. Simplesmente lhe esgotaram as forças.

Alex se apoiou na parede. Estava tremendo da cabeça aos pés. Os gritos voltaram com mais força.

— Vou levar sua filha ao povoado para deixá-la aos cuidados da esposa do pastor — Disse Patrick — Os gritos se ouvem por toda a casa.

Alex não respondeu.

Duas horas mais tarde estava rezando com toda sua alma. Charlotte tinha se calado, mas não sabia se isso era um bom sinal ou não. As contrações continuavam e agora só ouvia gemidos e uma respiração ofegante.

Charlotte era sua alma, estava sofrendo uma tortura e ele nem sequer podia tê-la em seus braços porque a assustava.

As horas passavam, Patrick lhe trouxe um copo de vinho e uma parte de carne, mas ele não tocou nenhuma das duas coisas. Então seu irmão se sentou a seu lado em uma cadeira, mas ele ficou de pé apoiado na parede.

De repente lhes chegou a voz assustada de Sophie através da porta.

— Charlotte aguenta! Desperta! Volta!

Alex se endireitou. Que o médico se fosse ao diabo, ele ia entrar no quarto. Quando o fez, ninguém levantou a vista. Charlotte estava tombada, nua e inerte.

Vai morrer, pensou, vai morrer! Minha formosa e adorável esposa vai morrer.

Aproximou-se da cama onde o médico estava agitando saís sob o nariz de Charlotte, mas ela não reagia.

Agarrou o doutor Seedland pelo braço e o fez afastar-se.

— Fora! — Gritou.

O médico não era da mesma opinião.

— O menino vive ainda milorde. Tenho que tentar salvá-lo.

As palavras ressoaram no silêncio do quarto durante um instante, depois Alex grunhiu:

— Fora!

O médico o olhou com compaixão.

— Dou dez minutos — Disse — Depois será muito tarde para a criança.

Pôs a mão na testa de Charlotte e saiu do quarto acompanhado das três mulheres.

Só ficou Sophie quem não se moveu de seu lugar à cabeceira. O contemplava sem nenhuma simpatia.

— Me deixe. Tenho que dizer — Murmurou ele — Tenho que lhe dizer...

— Já não ouvi nada — Contestou ela secamente.

— Suplico Sophie.

Leu em seus olhos um desprezo que o atravessou.

— Suplico — Repetiu.

Ela se inclinou para depositar um beijo nas pálpebras fechadas de sua amiga. Charlotte mal respirava.

— Até logo — Sussurrou Sophie — Até mais tarde carinho.

Patrick, que tinha entrado atrás de seu irmão, agarrou-a pelos ombros e a empurrou para a porta antes de dirigir-se a Alex:

— Tem que despertá-la. Desperte-a e ajuda-a empurrar. Tem que expulsar o bebê, do contrário morrerão os dois.

Depois saiu com Sophie ao corredor. Ela estava sacudida por uns soluços tão violentos que custava respirar. Ele a levantou em seus braços e a levou a um sofazinho que estava no outro lado do vestibulo. Ali se sentou em uma poltrona lhe acariciando o cabelo.

— Matei-a — Ela disse chorando — Eu a amava e a matei.

— O que?

— Matei-a. Se não tivesse enviado essa mensagem a Alex, ela estaria bem. Queria... Queria que ele soubesse, que não suspeitasse que ela tivesse falsificado a data do nascimento. Disse a mim mesma que se ele estivesse aqui, então entenderia quão estúpido tinha sido.

— Fez bem.

Patrick não deixava de lhe acariciar o cabelo para tranquilizá-la.

— Não, equivoquei-me! Tudo estava sendo normal até que ele chegou. Mas assim que ele apareceu, ela teve medo de que tirasse seu filho como tinha ameaçado, e então se bloqueou. Repeti a Charlotte que não deixaria que ele levasse o bebê, mas não acreditou.

Patrick praguejou entre dentes, tão emocionado como ela.

— Não é culpa de Alex — Disse — Nem sua. Há partos que vão mal, sobretudo quando é o primeiro filho. O menino ou a mãe podem morrer.

— Inclusive os dois gemeu Sophie.

— Inclusive os dois — Esteve de acordo Patrick — Mas você não é responsável. Alex compreendeu sua estupidez e veio porque a ama. Tinha que estar aqui. Na Índia vi uma situação similar.

Sophie o olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Sofreu? Refiro-me a que se sofreu no final.

— Não. Fizeram vir o marido e ele estava no quarto com ela.

Sophie, esgotada, deixou-se cair contra o ombro dele.

— Quanto tempo durou sua agonia? — Sussurrou.

— Uns minutos.

Prestaram atenção, mas não se ouvia nenhum ruído do quarto.

Alex estava sentado na cama ao lado de Charlotte que se refugiou em um mundo onde a dor não existia. Voltou a vê-la, alegre, o olhando com um pincel na mão e manchando sua camisa. Ele tinha fingido zangar-se e a tinha levado a divã. Que estúpido! Por que não tinha sido capaz de ver que um homem e uma mulher não podiam fazer amor com tanta intensidade sem que houvesse entre eles um verdadeiro sentimento? Tinha confundido seus brutais encontros com Maria com a maravilhosa paixão que compartilhava com Charlotte.

Tinha matado Charlotte. Tudo isto era por sua culpa. Tinha aterrorizado sua mulher e ela acreditou que ele vinha tirar seu filho, e então se rendeu. O coração de Alex pesava uma tonelada. Não havia sentido um desespero igual desde a morte de sua mãe quando tinha onze anos. Ela o odiaria se soubesse o que tinha obrigado a suportar a sua mulher.

Algo quente caiu sobre sua mão e se deu conta de que eram suas próprias lágrimas. Não havia tornado a chorar desde que sua mãe... Não! Não podia perder Charlotte!

Gritou seu nome.

Não houve nenhuma reação, só um estremecimento em seu ventre com uma nova contração.

— Não, não! — Gritou angustiado.

Pôs seus lábios no ouvido dela.

— Amo você, te amo. Escute-me, te imploro. Não vá, está me ouvido. Na Itália descobri o muito que te amava. Tinha medo, medo de que você não me amasse. Por Deus Charlotte, desperta!

Ela continuava sem reagir. Ele acariciou suas bochechas e o contato lhe deu novas esperanças. Ainda não tinha morrido.

“Desperte-a, havia disse Patrick, desperti-a e ajuda-a a empurrar”.

Pôs as mãos em cima do ventre e notou a vida sob seus dedos. Seu filho estava aí, disposto a lutar para viver.

Segurou a face entre as mãos.

— Tem que despertar Charlotte. Se não despertar o bebê morrerá. Nosso filho vai morrer.

Pareceu que as pálpebras dela se moviam.

Ela ouvia uma voz ao longe, como se estivesse sonhando. Era Alex. Não estava gritando, suplicava. Por que estava triste? Depois compreendeu o que ele estava dizendo e abriu os olhos com renovada energia. Em seguida se viu assaltada por outra contração e gemeu, desejando voltar para cômodo lugar no que não sentia nada.

Mas Alex a sacudiu.

— Não Charlotte! Nosso filho morrerá!

Ela voltou a abrir os olhos.

— Meu Deus, Charlotte, te amo sabe?

Ela leu em seu olhar uma verdadeira agonia e uma imensa culpa. Assentiu lentamente e depois voltou a face para apoiar a bochecha na palma de sua mão quente e voltar a descansar em seu mundo sem dor.

Alex a levantou energicamente.

— Nosso filho Charlotte!

Seu filho. Onde estava? Depois que pensou nele, teve outra contração e abriu a boca, mas não saiu dela nenhum som. Alex estava dando massagens nos ombros.

— Quando tiver a seguinte contração terá que empurrar para que saia o bebê.

— Tente.

Sua voz só era um sussurro.

— Desta vez empurraremos juntos. Não vê quão forte sou?

Ela se agarrava a sua mão com desespero e ele a apertou com ternura.

A porta se abriu dando passo ao doutor Seedland.

— Esta bem, doutor — Disse Alex sem o olhar — Na seguinte contração Charlotte e eu expulsaremos o bebê. Porque queremos que viva, e se não sair morrerá.

Charlotte respirou profundamente. Já havia retornado em si. Alex havia dito que a ajudaria e ela acreditava.

De modo que com a seguinte contração, em vez de lutar contra a dor, ficou quieta e quando Alex gritou: empurra! Ela pensou em seu filho que podia morrer e no Alex que a estava ajudando, e empurrou.

— Já vejo a cabeça — Anunciou o médico — Uma vez mais milorde.

Charlotte estava apoiada nos travessieiros com o cabelo ensopado de suor e Alex pensou que nunca tinha estado mais formosa. Ao ver que ela novamente não reagia, mordeu-a.

Ela abriu os olhos franzindo o cenho. Agora a maltratava!

— Outra vez Charlotte. Vamos, esta chegando a contração. O bebê está a ponto de sair. Só uma vez mais carinho.

Enquanto a dor aumentava, Charlotte segurava à mão de seu marido, empurrou de novo.

— Tenho-o! — Exclamou o doutor Seedland com voz um pouco rouca.

Um segundo depois a criança lançava seu primeiro grito.

No outro extremo do vestibulo, Patrick e Sophie já tinham abandonado qualquer esperança. Estavam abraçados consolando-se mutuamente. Tinham ouvido Alex gritar “Não, não” e pensaram que tudo tinha terminado. Patrick sofria por seu gêmeo porque sabia que Alex nunca se recuperaria disto.

Depois o fraco grito rompeu o silêncio. Patrick se levantou de um salto e Sophie aterrissou sobre o tapete dando um golpe no ombro direito. Ele a ajudou a levantar-se e ficaram imóveis e em silêncio até que se ouviu outro grito. Não sabiam se o médico

tinha tirado o menino com fórceps ou se Charlotte despertou.

Precipitaram-se ao quarto.

A porta estava aberta e Sophie sentiu mais medo que em toda sua vida. A cama estava coberta de sangue. Mas Alex já estava aproximando deles com um grande sorriso nos lábios. Em seus braços levava um pequeno pacote.

— Olhem — Disse aplastando a manta branca.

O bebê abria e fechava sua diminuta boca.

— Tem fome — Disse Sophie — É menino ou menina?

— Menina.

Alex foi para a cama onde Charlotte, ainda muito pálida estava adormecida. Afastou o lençol com que o médico a tinha cobrindo depois do parto e apoiou à menina contra seu peito.

A pequena olhou um instante a sua mãe com seus enormes olhos escuros e depois abriu a boca. Instintivamente, Charlotte lhe deu o peito.

Seu olhar cruzou com o de Alex e estendeu sua mão livre.

— É preciosa! — Disse — Olha como come!

Então irromperam no quarto a parteira, a nodriza e Mall.

— Vou pegar à menina — Disse a ama de leite dando-se importância.

Por volta de dois dias que estava vivendo na mansão esperando o nascimento.

— Não! — Exclamou Charlotte — Alex!

Alex sentiu uma quebra de onda de orgulho. Ela já não temia que ele arrebatasse a sua filha. Sorriu a nodriza.

— A condessa decidiu que alimentará ela mesma a sua filha — Explicou.

— Milady! — Protestou a ama de leite ofendida. As verdadeiras damas nunca alimentavam a seus filhos. Inclinou-se sobre a cama.

— Danificará seu seio milady

Charlotte a olhava sem entender. Estava aturdida e quão único desejava era ocupar-se da pequena maravilha que estava junto a ela. Como a mulher seguia lhe falando, olhou implorante para Alex e este pegou a mãe de leite pelo braço e a fez sair do quarto lhe prometendo uma justa compensação.

No quarto só ficava a governanta e Alex se deu conta de que a conhecia. Era a jovem a que Charlotte tinha retratado em Londres. Ela aconselhou que pusesse a sua esposa em outro quarto para que desfrutasse de uma cama limpa.

Ele levantou a mãe e à filha nos seus braços e Charlotte apoiou a cabeça em seu ombro com um suspiro de satisfação.

Alex as levou ao quarto que lhe indicou Mall e, quando a donzela de Charlotte entrou com uma bacia de água quente, despediu-a para lavar ele mesmo a sua esposa. Ela apenas se deu conta com o bebê apertado contra seu peito.

Ao final ele soprou as velas. Charlotte entregou a sua filha e depois se aconchegou

contra ele caindo imediatamente em um profundo sono.

Uma hora depois, apareceu Pippa de camisola dando gritos de alegria ao ver seu pai. Alex mostrou a sua irmã e Pippa a olhou com prudência. Nunca tinha visto ninguém tão pequeno.

— Mamãe! — Exclamou.

Subiu em cima de Charlotte para ficar ao outro lado, apoiou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos completamente feliz.

Alex fez gestos a Katy para que se retirasse e se voltou a deitar pensativo. Como tinha podido pensar em separar a família? Se Charlotte era o suficientemente generosa para deixar ocupar um lugar em sua vida, ele ficaria ali para sempre.

Permaneceu imóvel até o amanhecer, reconstruindo o quebra-cabeças no que se transformou sua vida. A jovem do jardim, que tinha levado a casar-se com a Maria e as aventuras desta última, não tinham nada que ver com Charlotte. A ira que tinha sentido com Maria e que Charlotte tinha pago.

Recordou a sua primeira esposa quando encarregou que cuidasse de Pippa e que a amasse. Fossem quais fossem seus defeitos, era uma boa mãe. Já nunca mais sentiria dessa raiva destruidora. A partir deste momento, quando pensasse em Maria, pensaria na moribunda quando lhe confessou com voz rota que tinha proibido a entrada de Pippa ao seu por três semanas para que não se contagiasse da escarlatina.

A recém-nascida abriu a boca e emitiu o típico grito de fome dos recém-nascidos. Charlotte despertou sobressaltada e desorientada. Depois estirou os braços e sorriu quando Alex lhe pôs a menina no peito.

Certamente não houvesse em toda a Inglaterra um homem mais feliz que ele.



Nas semanas seguintes, Charlotte se ocupou unicamente de sua filha, encantada com seus sorrisos e os ruídos que fazia a pequena Sarah ao comer. Só sentia gratidão para com Alex. Ele brincava com a Pippa pela tarde e de noite dormiam um junto ao outro. Quando ela despertava notava o braço dele na cintura ou uma de suas pernas em cima e seu coração saltava de alegria.

Sarah era uma menina pouco exigente e logo Charlotte voltou a ser a mesma de sempre. Uma manhã despertou com o ligeiro movimento do colchão quando seu marido se levantou da cama.

Marie tinha entrado um pouco antes para abrir as cortinas e o sol entrava em torrentes fazendo brilhar os fios de prata do cabelo de Alex. Ele estava completamente nu diante da janela contemplando o jardim. Charlotte pôde admirar com prazer seu corpo perfeito.

— Alex...

Ele deu a volta. Ela estava muito formosa, pensou, ao vê-la apoiada sobre um cotovelo com a escura cabeleira caindo ao redor de sua face e um ombro sem cobrir pela fina camisola. Seu corpo reagiu imediatamente.

Sua mulher, fascinada, notou que se ruborizava.

Ele voltou para a cama.

— Charlotte...

Ela estava tremendo e não podia evitar de olhá-lo. Os olhos dele eram negros como a noite e tinha uma sobrancelha levantada. Ao ver que ela não respondia, sentou-se na cama.

Lentamente acariciou o pescoço e o nascimento dos seios, depois, com infinita doçura para não assustá-la, pôs seus lábios nos dela.

Ela se abriu instintivamente para ele e passou os braços ao redor do pescoço. Quando ele tombou em cima dela, Charlotte se sentiu feliz de sentir seu peso de novo.

Ele levantou a camisola. Nunca haviam tornado a falar do que tinha acontecido antes do nascimento de Sarah, mas Alex temia que ela no fundo o odiasse. Ele tinha estado a ponto das matar às duas. Ele tinha se negado a confiar nela e a tinha abandonado.

Entretanto não tinha deixado de amá-la e desejá-la. Queria ter a sua mulher ao lado durante o resto de sua vida.

Encontrou seu jardim secreto e ela gemeu disposta a abandonar-se.

— Charlotte — Murmurou ele — Está segura? Só faz umas semanas que...

Ela abriu uns olhos velados pelo desejo e se deu conta do olhar preocupado de

Alex.

Como resposta passou a língua pelos lábios. Então, com um grunhido satisfeito, ele entrou nela.

Ao ver que ficava quieto, ela levantou os quadris para ele com o coração pulsando com fúria, concentrando-se nas maravilhosas sensações. Ela desejava que ele retomasse o ritmo implacável com o que sonhava frequentemente e não entendia porque ele permanecia imóvel.

Abriu os olhos confusa.

— Não posso — Disse ele com voz quebrada — Por favor, Charlotte.

Ela não entendia nada, não sabia o que ele estava lhe pedindo. Tentou mover-se de novo mais sem resultado.

Ele a olhava em silêncio, tenso e vulnerável.

— O que aconteceu Alex? Não gosta?

— Meu Deus! — Gemeu ele — Como pode pensar isso?

Retirou-se e voltou a inundar-se nela para lhe demonstrar até que ponto a desejava. Depois, animando-se, voltou a mover-se. Mas de repente se deteve.

— Alex?

Horrorizada viu que ele tinha os olhos brilhantes de lágrimas.

— Alex!

Ele se separou dela e se sentou na borda da cama como se quisesse sair. Ele acariciou o ombro.

— Alex...

Ele agarrou a cabeça com as mãos.

— O que aconteceu? — Insistiu Charlotte colocando a camisola rapidamente antes de sentar-se a seu lado.

Ele levantou a cabeça, entristecido.

— Estive a ponto de matar Sarah e a você. Não posso fazer amor como se nada tivesse ocorrido. Não deveria estar aqui. Teria que me ter jogado desta casa faz tempo. Merecia isso.

Charlotte reprimiu um sorriso ao ver que o passava de um extremo ao outro.

— Ama-me? — Perguntou.

Alex beijou rapidamente seus lábios.

— Sabe bem que sim.

— E acredita que eu te amo?

Ele esboçou um sorriso.

— Quando me sinto otimista.

Ela pôs as mãos nas suas bochechas.

— Não entende Alex? Não compreende a sorte que temos? Ama-me tanto que me

salvou a vida me trazendo de volta quando estava às portas da morte. E eu, te amo o suficiente para me deixar guiar por sua voz quando já tinha renunciado a vida.

Acariciou carinhosamente a boca e depois murmurou:

— “Na riqueza e na pobreza, na saúde e na enfermidade, até que a morte nos separe”.

Ele a atraiu para si e escondeu o rosto entre seus cachos perfumados.

— Não mereço seu amor Charlotte. Estava estupidamente ciumento. Não suportava a ideia de que outro homem te tocasse e isso me deixou louco. Lamento muito. Lamento muito ter sido tão cruel.

Ela esfregou a bochecha contra seu ombro.

— Em efeito, é um estúpido. Por que ia eu a querer que me tocasse outro homem quando nós fazemos tão bem amor?

Mas Alex não tinha terminado.

— Não sabe até onde chega minha estupidez. Coloquei em mim mesmo coroa de louro porque tinha decidido te perdoar, mas é seu quem deve fazê-lo. Se... Se prometer que nunca mais perderei a cabeça confiaria em mim?

— Eu confio em você — Respondeu simplesmente Charlotte.

— Jamais poderei fazer amor com outra mulher.

— Então — Brincou ela mordiscando o ombro — Talvez possa tratar de fazê-lo com sua esposa.

Depositou pequenos beijos em seu pescoço e sua nuca e depois se endireitou para o olhar diretamente aos olhos.

— Te amo Alexander Foakes. Amo tanto que passarei a vida te perdoadando faça o que faça.

— Não pode me amar mais do que eu amo você.

Desta vez foi a ela a quem nublou a vista. Alex lhe beijou a cara recolhendo suas lágrimas e depois caíram os dois na cama.

Charlotte se agarrou nos ombros de Alex quando ele entrou em seu corpo.

— Estamos juntos — Sussurrou ele.

— Juntos.



Agosto 1803

Alex cavalgava acompanhado por Lucien Blanc e Will Holland. O sol estava se pondo lentamente e se viam seus raios entre as árvores. Seus cavalos estavam felizes por voltar para estábulo depois de um comprido passeio.

— Que lugar mais formoso Will!

O aludido sorriu e puxou as rédeas ao chegar à grade da entrada.

— Se me perdoarem um minuto — Disse — A mulher do guarda esteve doente e eu gostaria de saber que tal se encontra.

Saltou ao chão e desapareceu na casinha com o telhado de palha.

Lucien se dirigiu a Alex.

— Não tive tempo de dizer obrigado de maneira apropriada — Disse.

— Não tem que me agradecer nada — Replicou Alex.

— É claro que sim — Insistiu Lucien — Me inteirei do escândalo que pôs em interdição a reputação de sua esposa durante sua ausência. Se não tivesse sido por mim não a teria abandonado, sobretudo em seu estado. Deveria ter me dito que estava grávida.

— Ainda não sabíamos. E, além disso, agora já aconteceu tudo. Ninguém se atreveria agora a insinuar que Sarah não é minha filha.

A menina se parecia com ele de maneira assombrosa.

— Certo, entretanto lamento que...

— Não se preocupe mais Lucien.

Will estava subindo de novo à cadeira e eles deixaram o tema. Alex lançou seu cavalo ao galope. Tinha saído para horas para dar uma volta pela propriedade de Will e sentia falta das meninas e de Charlotte.

Lucien o alcançou.

— Acredito que é seu aniversário — Disse — E me parece que lhe têm uma surpresa preparada.

Mas não foi nenhuma surpresa quando Pippa atravessou a grama para lançar-se a seus braços gritando “papai” com sua aguda vozinha.

Alex desceu do cavalo e a jogou no ombro e disse um segredo ao ouvido sobre os gatos do estábulo e os morangos da horta.

Tampouco teve nenhuma surpresa quando viu o olhar cheio de carinho que lhe lançou sua esposa quando a viu no salão, um olhar tão ardente que se viu obrigado a fingir que estava olhando o gabinete chinês de Chloé Holland para dissimular o desejo

que se apoderou dele. Era como um colegial. A gargalhada alegre de Charlotte tampouco foi uma surpresa embora desse vontade de pegá-la nos braços para levá-la ao dormitório.

O jantar se desenvolveu sem incidentes. Chloé era uma anfitriã de uma simplicidade encantadora. Colocou-se em seu papel de baronesa com a maior facilidade do mundo. Falaram sobre uma possível invasão de Napoleão e da surpreendente morte do bispo de Burnham nos braços de uma mulher de duvidosa moral.

Mas ninguém falou do aniversário de Alex e este se sentiu quase molesto. Possivelmente Charlotte estava reservando uma festa privada em seu quarto. Por exemplo, podia ter colocado um laço na cintura como se fosse um presente.

As damas se retiraram ao salão e Alex, Will e Lucien se sentaram ao redor de uma boa garrafa de uísque.

A porta se abriu pouco depois dando passo ao mordomo de Will, um francês que se orgulhava de não falar nenhuma só palavra de inglês.

— Milorde...

Alex levantou os olhos com uma interrogação no olhar. O homem lhe fez uma cerimoniosa reverência enquanto lhe entregava uma carta.

Lucien exibiu um sorriso conhecedor.

— Meu presente? — Perguntou Alex a seu amigo.

— Exatamente.

Alex abriu o envelope e leu rapidamente a mensagem.

— Ordenam-me que vá vestir apropriadamente — Anunciou.

— Bem, Alex, nós não o impediremos — Disse Will com expressão conspiradora.

— De modo que todo mundo sabe o que esta tramando minha mulher?

Vendo os rostos alegres de seus amigos era evidente.

Subiu as escadas perguntando-se como devia vestir-se e como iria vestida Charlotte.

Mas no quarto só estava Keating. Nada de esposa arrumada ou deliciosamente nua.

O mordomo tinha posto um traje de noite na cama e ele esteve a ponto de protestar, mas se conteve. Não ia levar a contrária Charlotte. De todas as formas franziu o cenho quando Keating lhe pôs uma capa verde escuro nos ombros.

— Vou a um baile de máscaras? Neste lugar retirado?

— Não saberia dizê-lo milorde. Limite-me a seguir as instruções da condessa.

Por fim Keating tirou seu senhor do quarto. O mordomo de Will estava esperando no vestibulo com um diabólico sorriso nos lábios e o acompanhou para uma limusine que estava esperando diante da porta.

Fantástico! Pensou Alex rejeitando o braço que lhe oferecia um laço para ajudá-lo a subir.

Mas o habitáculo estava vazio. Alguém fechou a porta depois dele e a carruagem

arrancou.

— Pelo amor de Deus! — Grunhiu.

O trajeto não durou mais de dez minutos, durante os quais se serviu de champanha da garrafa que se esfriava em um balde. Mas isso não serviu para tranquilizá-lo. Onde estava sua esposa? Por que estava bebendo champanha sozinho? Imaginou frente a ele e sorriu com malícia. Já se vingaria. À volta estaria com ela nessa carruagem.

Quando a limusine se deteve já tinha recuperado o bom humor, em parte devido a que bebeu quase toda a garrafa.

Abriu a porta e se encontrou com Keating na impecável entrada de uma casa de campo.

— Keating?

— Milorde?

Evidentemente tinha viajado ao lado do chofer já que tinha o nariz e as bochechas avermelhadas pelo frio.

— O que você está fazendo aqui? Onde estamos?

Keating vacilou ligeiramente. Tinha na mão um lenço negro.

— Devo lhe pedir que de volta milorde.

Realmente Charlotte estava passando. Obedeceu com um suspiro e Keating lhe tampou os olhos com o lenço. Depois o obrigou a subir novamente na limusine e ficaram em caminho outra vez.

Alex voltou a praguejar. Se sua mulher queria que tivesse os olhos tampados podia ter se encarregado ela mesma. Não entendia o porquê desta cena.

Por fim, o veículo se deteve e Keating tentou lhe agarrar o braço para ajudá-lo a baixar mais ele não o permitiu. Parecia que tinham chegado a uma festa já que podia ouvir as risadas das mulheres e o som de uma orquestra.

— Milorde — Insistiu brandamente Keating.

Desta vez Alex se deixou guiar para as escadas e depois a até um ruidoso vestibulo. Os convidados se surpreendiam ao ver um homem com os olhos tampados; Deu-se conta para ouvir os comentários com que era recebido. Também ouviu sotaques inesperados; não era uma festa da nobreza.

Estava a ponto de arrancar a atadura e exigir explicações quando Keating lhe disse:

— Cuidado milorde. Esta em uma escada.

Então notou que alguém tirava seu lenço.

Permaneceu um momento no alto das escadas de mármore contemplando um salão de baile cheio a transbordar. Para um terrível calor e o aroma não era dos mais agradáveis, entretanto uma longínqua lembrança lhe veio à memória. Ele já tinha estado nesse lugar.

Na pista de dança se viam enrugados vestidos ao lado de túnicas gregas. Algumas mulheres levavam máscaras, mas o disfarce mais corrente parecia ser uma exagerada maquiagem. Franziu o cenho perguntando-se onde demônios estava. Havia umas

cortinas de veludo marrom nas janelas...

Sim! Estava no Stuart Hall, no baile de máscaras dos sábados.

De repente ficou petrificado. Ela estava ali.

Perto da estátua de Narcisista havia uma magra mulher com uma fantasia preta e o cabelo cheio de talco recolhido em um coque. Alex abriu passo entre as pessoas.

Charlotte tinha a sensação de ter esperado este momento toda sua vida. Seu maravilhoso “lacaio” com a capa verde, com seus cabelos prateados, estava se aproximando dela. Ninguém, ao ver sua elegância natural, podia o confundir com um lacaio. Nem sequer com a antiga fantasia. Desprendia classe e inteligência pelos quatro cantos.

Depois de que lhe pareceu uma eternidade chegou diante ela.

Ela tinha o cabelo cheio de talco e sua pele era tão branca que devia ser ruiva, tinha pensado ele anos antes. Era ela, era a jovem do jardim. Era Charlotte.

Rodeou-a com a capa verde e a beijou com uma paixão que a deixou sem forças. Ela deslizou os braços por debaixo de sua jaqueta.

Alex a contemplou através de suas longas pestanas negras.

— Deveria te estrangular para te castigar por esta farsa — Disse com a voz afogada pela emoção.

Ela sorriu travessa.

— Feliz aniversário, meu amor.

— Bruxa! — Grunhiu ele antes de apoderar-se novamente de seus lábios.

Muito mais tarde, durante a noite, o conde e a condessa de Sheffield tiveram o tempo e o fôlego necessários para falar de seu primeiro encontro.

Charlotte tinha a cabeça apoiada no ombro de seu marido e ele depositava pequenos beijos em seu cabelo.

— Como vê, dei-me conta de que se parecia com Maria mas não queria pensar muito nisso. Tinha-me dado conta de que me casei com ela porque se parecia com a jovem do jardim o qual teria querido dizer que você também se parecia com ela e resulta que era ela. Realmente se casou com um estúpido, meu amor — Concluiu fazendo uma careta.

Charlotte lhe beijou a mão e não pôde conter um sorriso.

— Sempre tive debilidade pelos estúpidos.

— Verdadeiramente sou o maior dos idiotas — Insistiu Alex — Não tive em conta todos os indícios. Lembra-se do dia que te pedi que se casasse comigo no salão chinês de seus pais e quando depois te acariciei?

Charlotte assentiu.

— Disse-me “obrigado”; e então eu, tolo, pensei que isso me recordava à garota do jardim, mas não voltei a pensar nisso. E você tinha dado as obrigado no Stuart Hall. Mereceria que me açoitassem até me fazer sangue pela desgraça que te tenho feito.

Charlotte o interrompeu tampando a boca com a mão.

— Não! — Exclamou — Ao contrário não se dá conta do feliz que me faz? Seu foi o único que me importava, se tivesse recordado que me tirou a virgindade, nunca teria podido estar segura de me pedia que me casasse contigo por mim mesma ou por um quixotesco sentido da honra. Sabe o que, mas me impressionou no salão chinês?

Ele negou com a cabeça fascinado por seus luminosos olhos.

— Disse-me que nem queria ir mais longe para não arruinar minha reputação. Então me senti feliz de que não recordasse o que já parecia, porque isso demonstrava que me desejava. E não só para compensar um momento de inconsciência em um jardim, mas sim por mim mesma.

Alex a abraçou mais forte.

Ficaram em silêncio um momento.

— Mas não teria acontecido o que aconteceu se eu tivesse sido um pouco menos estúpido e um pouco mais capaz de pensar — Disse ele — Em muitos sentidos, o curso de minha vida se viu afetado pela jovem do jardim, por você. Sabe que não pude deixar de sonhar contigo durante semanas? Você chorava e eu tentava te consolar, ou você estava descansando sobre meu ombro e eu te beijava. De qualquer forma era um suplício. Obriguei Patrick a voltar comigo para o Stuart Hall à semana seguinte, mas foi em vão. Fui a cinco bailes da alta sociedade nos quinze dias seguintes sem obter resultados. Depois parti para Roma e acreditei encontrar uma pessoa como você, então me casei com ela, mas não era você. Por último conheci a filha de um duque em Londres e, embora não me dava conta de que era a garota do jardim, só a desejava a ela. Decidi me casar contigo dois minutos depois de te conhecer na casa de lady Prestlefield.

Sorriu diante a expressão de assombro de Charlotte e acrescentou:

— Temo, meu amor, que é meu destino.

Ela se aconchegou contra ele. Agora já não havia zonas escuras entre eles.

— Pensei muito pouco de você — Murmurou — Pensei muitíssimo pouco.

— Eu de você também, inclusive quando mais zangado estava. Sempre soube que algum dia voltaríamos a estar juntos, inclusive quando gritava barbaridades. Fosse o que fosse que tivesse feito, queria que voltasse para mim, porque é a parte mais importante de meu coração. Perder-te seria como perder a mim mesmo.

Os olhos de Charlotte brilhavam de carinho.

— Não pode me perder, meu amor. Da próxima vez que saia da casa como um furacão, te seguirei onde quer que vá.

— Não me deixe nunca Charlotte, não poderia suportar.

— Não te deixarei.

— E te juro que te amarei até que tenhamos o cabelo completamente branco e mas lá; para sempre.

Charlotte não respondeu. E as promessas que trocaram depois foram promessas silenciosas, definitivas, das que não se esquecem jamais.

Sobre a Autora

ELOISA JAMES (pseudônimo de Mary Bly) é uma professora universitária especializada em Shakespeare na Fordham University na cidade de Nova Iorque e uma autora de romances de época best-sellers para o 'The New York Times. Visite os sítios da autora: www.parisinlovebook.com e www.eloisajames.com.



Mais Livros Digitais em

<http://starbooksdigital.blogspot.com.br>

{1} Libré (do francês *livrée*: *liberada*, isto é veste entregue a um servo ou criado, do latim *vestis liberu* ou *vestis concessa*) é um tipo de capa sem mangas, com aberturas nas cavas, por onde passam os braços e na frente, onde é presa apenas no colarinho, deixando aparecer a veste inferior, na sua parte do peito.

{2} Sem roupa